

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOEL FERNANDO BORELLA

Um estudo sobre Memória e Consciência Política em diálogos Intergeracionais

Doutorado em Psicologia Social

São Paulo
Julho/2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOEL FERNANDO BORELLA

Um estudo sobre Memória e Consciência Política em diálogos Intergeracionais

Doutorado em Psicologia Social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Doutor em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

São Paulo

Julho/2019

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

“Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito.” (Manoel de Barros)

Dedico esta Tese de Doutorado aos meus pais, Orlando Carlos Borella, Maria Marta Moreira Borella, e meu irmão, Daniel Rodrigo Borella. A todos os amigos(as) que estão junto em minha caminhada e que acreditaram, choraram e sonharam comigo. Somos águas, companheiros...

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento – 88887.149678/2017-00

AGRADECIMENTOS

“Uma cidade é construída por diferentes tipos de homens; pessoas iguais não podem fazê-la existir.” (Aristóteles)

Há uma força que nos guia em silêncio em que muitos chamam de Deus.

Escrever também carrega solidão. Um ato de desafio, desgaste, enfretamentos e afetos; um misto de sensações que nos acompanha de madrugada, ao dormir e quando estamos acordados. A escrita é uma companheira que não sai com a bucha e sabão de banho, precisamos dar um lugar possível para ela dentro da nossa vida. Às vezes, ela nos adocece, mas, nesse adoecimento, também podemos plantar palavras e escritas que curam. Adoeci e hoje saio “curado”. Aprendi com essa solidão de nunca estar sozinho.

Agradeço imensamente ao Professor Doutor Salvador Antonio Mireles Sandoval que me acolheu e me acompanhou nessa jornada de plurais caminhos. Ao seu exemplo intelectual, inspiração e aspirações neste trajeto árduo e prazeroso que é o produzir. Obrigado pela companhia e pelo privilégio de ser seu orientando.

Agradeço aos participantes dos grupos focais, os verdadeiros protagonistas desta pesquisa. Noites de acolhimento, risos, cafés, histórias e muitas potências misturadas. Suas memórias acalentaram e politizaram as minhas memórias.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Bolsa concedida.

Ao acolhimento, trocas, aprendizados e aceite das Professoras Dr^a Soraia Ansara, Dr^a Ruth Gelehrter da Costa Lopes, Dr^a Beltrina da Purificação da Côrte Pereira e do professor Dr^o Fernando César Paulino-Pereira em participarem ativamente, cada um a sua maneira, desta tese, tanto em banca de qualificação como em minha defesa de Doutorado. Parafraseando, Nietzsche: “Odeio quem me rouba a solidão sem em troca me oferecer verdadeira companhia.” Obrigado pela companhia!

Aos professores do Programa de Pós Graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), meu muito obrigado pelo acolhimento e pela aprendizagem.

Agradeço as tardes de quinta ao lado das potentes pessoas do Núcleo de Pesquisa em Psicologia Política e Movimentos Sociais. Vocês fazem a diferença.

À secretária do programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Marlene. Obrigado pelos bate-papos e pela “desburocratização” da vida acadêmica. Você sempre abriu os caminhos com esse seu sorriso.

À Dr^a Maria Silvia Ribeiro e Dr^a Mariana de Oliveira Farias, que me acolheram e me auxiliaram na construção do projeto de pesquisa para a minha entrada no Doutorado. Sou muito grato pela ajuda de vocês. Afetos!

Imensamente grato à Ana Cristina Grynfofiel pela companhia, pelo comprometimento e pelo carinho comigo e para com esta pesquisa. Além de me auxiliar na coleta de dados e transcrições, acompanhou de perto cada linha que produzi neste trabalho. Imenso carinho e afeto.

Muitos estiveram comigo neste caminho da escrita e da produção. Suportaram as minhas reclamações, falta de tempo, e, às vezes, o pouco afeto. Obrigado a todos os amigos que mantive e criei, na vida, e por todas as pessoas que, de alguma forma, passaram por mim e participaram desta minha caminhada até aqui.

“Por tanto Amor, por tanta emoção, a vida me fez assim...” (Milton Nascimento). Aos amigos que se perdem e se perderam comigo, e, mesmo assim, acham graça dos novos caminhos, e a tantos outros que escrevem as reticências necessárias em minha vida.

Agradeço à Mariana Macedo dos Santos Delfino, por estar comigo por grande parte desta minha caminhada no Doutorado. Por ser cuidadosa, carinhosa, por me ouvir e por segurar várias barras enquanto eu cavoucava tempos para escrever e terminar a tese. A você, o meu amor mais genuíno.

À minha mãe, Maria Marta Moreira Borella – guerreira mineira – que me deu exemplos de como conquistar, viver e suportar a vida. Meu pai, Orlando Carlos Borella, pelo apoio reflexivo e pela preocupação – sem asas cortadas – em minhas andanças pela vida. Obrigado por acreditarem e me apoiarem em mais este sonho.

Ao meu irmão, Daniel Rodrigo Borella, pelas idas e vindas até a rodoviária, computadores com problemas e tantos outros afazeres. Reclamações aceitas!

À revisora deste trabalho, Prof^a Me. Berta Beznosai Hechtman que, com seu trabalho sério, sem perder a ternura e a compreensão, auxiliou-me a desorganizar e a organizar este trabalho.

RESUMO

BORELLA, Joel Fernando. **Um estudo sobre memória e consciência política em diálogos intergeracionais**. Tese (Doutorado em Psicologia social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

Esta tese vincula-se ao Núcleo de Pesquisa em Psicologia Política e a movimentos sociais (NUPMOS) do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em uma sociedade na qual a narrativa se apresenta em escasseamento, por um projeto social velado de esquecimento e silenciamento das vozes, trabalhos com memória é um processo necessário de afirmação e de pertencimento dos sujeitos em seus meios. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo, além de aprofundamentos nos estudos sobre memória, memória política e consciência política, utilizar de encontros intergeracionais em grupos focais para fomentar práticas psicopolíticas em Psicologia que potencializem espaços de interações sociais, troca de experiências, afetos e alicerces para a construção de diálogos sobre a história política brasileira e o atual momento político no Brasil. Para esse fim, foram organizados, em uma instituição de ensino superior (ISE), 4 grupos focais entre sujeito de 18 até 76 anos. Foram visitadas 12 salas de aula, totalizando um número de 243 estudantes dos cursos de Psicologia, Direito, Enfermagem, Agronomia, Engenharia Civil, Arquitetura e Administração. Desses, 9 estudantes tiveram interesse e 6, ao final dos trâmites do convite participaram. Cada estudante participante convidaria outro membro (mais jovem ou mais velho) que tivesse proximidade sobre o assunto política no decorrer da história dessa relação. Totalizamos, então, 12 participantes. Dividimos, no primeiro dia, os grupos em: 1ª Grupo focal dos participantes mais novos; 2ª Grupo Focal com os participantes mais velhos, e, no segundo dia 3ª e 4ª encontro intergeracional. Os grupos focais tiveram duração entre 1h30 minutos e 2h e foram gravados em formato audiovisual para facilitar as transcrições. A metodologia a que recorremos transita entre a abordagem qualitativa, Grupos Focais, intergeracionalidade, análises da memória política e as dimensões da consciência política. Dividimos em três grandes macros categorias: Grupo 1 – Mais Novos; Grupo 2 – Mais Velhos; Grupo 3 e 4 – Encontros Intergeracionais; e subcategorias que englobavam assuntos como conflitos geracionais, Fake News, Clima Político, Corrupção, movimentos sociais, memória e esquecimento, ditadura militar, mudanças políticas, memória política, intergeracionalidade e consciência política. Pode-se desenvolver análises psicopolíticas que mostram o poder da memória no trabalho em grupo, a importância de conhecermos a história do Brasil pela fala dos sujeitos e suas vivências e exercitarmos os processos analíticos da consciência política e da memória política em grupos intergeracionais, (re)construindo o passado e fomentando estratégias de enfrentamento para o presente e para um futuro menos ameaçador, mais democrático e com proximidade entre as gerações.

Palavras-chave: Velhice e Memória, Intergeracionalidade, Consciência Política e Memória política, diálogos intergeracionais.

ABSTRACT

BORELLA, Joel Fernando. **A study of memory and political consciousness in intergenerational dialogues.** Dissertation (Doctorate in Social Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2019.

This thesis is linked to the Nucleus of Research in Political Psychology and Social Movements (NUPMOS) of the Post Graduate Studies Program in Social Psychology of the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). In a society in which the narrative presents itself in scarcity, by a veiled social project of forgetting and silencing of voices, works with memory is a necessary process of affirmation and belonging of the subjects in their means. In this sense, this research has as objective, besides deepening studies on memory, political memory and political consciousness, to use intergenerational meetings in focus groups to foment psychopolitical practices in Psychology that potentiate spaces of social interactions, exchange of experiences, affections and foundations for the construction of dialogues on Brazilian political history and the current political moment in Brazil. To this end, 4 focus groups were organized in a higher education institution (ISE) with people between the ages of 18 to 76 years old. Twelve classrooms were visited, totaling 243 students from courses of Psychology, Law, Nursing, Agronomy, Civil Engineering, Architecture and Administration. Of these, 9 students had interest and 6, at the end of the procedures of the invitation participated. Each participating student would invite another member (younger or older) who had proximity to the political issue throughout the history of this relationship. We then totaled 12 participants. We divided the groups on the first day into: On the first day, we divided them into: 1st Focus group of the younger participants; 2nd Focus Group with the older participants. And on the second day 3rd and 4th intergenerational meeting. The focus groups lasted between 90 minutes and 120 minutes and were recorded in audiovisual devices to facilitate transcriptions. The methodology we use transits between the qualitative approach, Focus Groups, intergenerationality, analyzes of political memory and the dimensions of political consciousness. We divided into three macro categories: Group 1 - the younger; Group 2 – older; Group 3 and 4 - Intergenerational meetings; and subcategories containing issues such as generational conflicts, Fake News, Political Climate, Corruption, social movements, memory and forgetfulness, military dictatorship, political changes, political memory, intergenerationality, and political consciousness. It is possible to develop psychopolitical analysis that show the power of memory in group work, the importance of knowing the history of Brazil through the speech of the

subjects and their experiences and exercising the analytical processes of political consciousness and political memory in intergenerational groups, (re)building the past and instigating coping strategies for the present and for a less threatening, more democratic and intergenerational future.

Keyword: Old age and Memory, intergenerationality, political Consciousness and Political memory, Intergenerational dialogues.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo da Consciência Política de Salvador Sandoval (2001)	68
Figura 2 – Modelo da Consciência Política de Salvador Sandoval (2001): Tradução para português .	68
Figura 3 - Modelo da Consciência Política reorganizado por Sandoval e Silva (2016).....	69
Figura 4 - I'm Not a Robot	104
Figura 5 - Ditadura Militar e Sociedade do Esquecimento.	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. A CONSTRUÇÃO DA VELHICE	22
1.1 NATURALIZAÇÃO DO EXISTIR	22
1.2 A APROXIMAÇÃO DA VELHICE COM A MORTE	24
1.3 A CATEGORIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO	27
1.4 NOVOS NOMES PARA A VELHICE	30
1.5 A PRODUÇÃO DAS “NOVAS” VELHICES.....	32
1.6 AS RU(S)GAS DA VELHICE.....	38
1.7 SILENCIAMENTO SOCIAL: A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA	40
1.8 NARRATIVAS E “INSURDESCÊNCIA” SOCIAL.....	41
1.9 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA	42
1.10 MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA.....	45
1.11 VELHICE E AS MEMÓRIAS.....	48
2. INTERGERACIONALIDADE	55
2.1 O ENCONTRO DE CRONOS E KAIRÓS	55
2.2 INTERGERACIONALIDADE: UM DESAFIO NECESSÁRIO	57
3. O MODELO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA DE SALVADOR SANDOVAL	65
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DO MODELO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA.....	65
3.2 IDENTIDADE COLETIVA	69
3.3 CRENÇAS, VALORES E EXPECTATIVAS SOBRE A SOCIEDADE	72
3.4 INTERESSES COLETIVOS	73
3.5 EFICÁCIA POLÍTICA.....	74
3.6 SENTIMENTOS COM RESPEITO AOS ADVERSÁRIOS.....	75
3.7 METAS E REPERTÓRIO DE AÇÕES	76
3.8 VONTADE DE AGIR COLETIVAMENTE	77
3.9 RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA DE SI	78
3.10 CIDADANIA	78
3.11 CONSCIÊNCIA POLÍTICA E SEU PAPEL NA RESPONSABILIDADE E NA CIDADANIA.....	79
4. 4 METODOLOGIA	81
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	82
4.3 VEREDAS METODOLÓGICAS.....	82

4.4	GRUPO FOCAL	83
4.5	CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA	85
4.6	MATERIAL.....	87
4.7	COLETA DE DADOS.....	87
4.8	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	90
5.	ANÁLISE DOS DADOS DOS GRUPOS FOCAIS	94
5.1	GRUPO FOCAL 1 – MAIS NOVOS	94
5.1.1	Encontros geracionais e dialética: “geração Coca-Cola e geração Nutella?”	94
5.1.2	Fake News: Você é um Robô?	104
5.1.3	Clima Político e relações proximais: “Opinião é se eu gosto do feijão por cima ou por baixo do arroz!”	106
5.1.4	Corrupção: “O Pop não poupa ninguém”	111
5.2	GRUPO FOCAL 2 – MAIS VELHOS.....	123
5.2.1	De onde começamos? Política e movimentos sociais.....	123
5.2.2	A memória que não deixa esquecer: Memórias e Ditadura Militar	130
5.2.3	Mudanças políticas: O que há de novo de tão velho?	144
5.3	GRUPO FOCAL – ENCONTROS INTERGERACIONAIS.....	154
5.3.1	Memória política, intergeracionalidade e consciência política: Temas que se conversam.	154
5.3.2	Ditadura Militar: Tempos de chumbo no Brasil ou esquecimento?	158
5.3.3	Ebulições políticas: A democracia em corda bamba?	177
5.3.4	Intergeracionalidade e consciência política: A memória como fio condutor	194
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
	ANEXO I	230
	ANEXO II	231

INTRODUÇÃO

*Não quero adultos nem chatos.
Quero-os metade infância e outra metade velhice!
Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto;
e velhos, para que nunca tenham pressa.
(Oscar Wilde)*

Esta pesquisa de doutoramento traz questões e análises sobre a memória e construção da consciência política em encontros intergeracionais em grupos focais. Além disso, promove a possibilidade de trabalhos que possam implementar e dinamizar a atuação do psicólogo social nos campos da psicopolítica, consciência política, memória e a intergeracionalidade.

A pesquisa surge de inquietações encontradas na construção do meu trabalho de dissertação “Quem conta um conto aumenta um ponto”: Memória Coletiva e Trajetórias de vida de velhos na experiência do uso da música em grupos focais, organizada e apresentada entre 2010 e 2013. Nessa ocasião, utilizei a música como um instrumento da Psicologia Social e um processo de evocação de memória e memórias coletivas e a sua potência na sociedade na manutenção de outra velhice. Por que a música?

Fui acostumado, desde muito cedo, a ouvir músicas. O rádio era um instrumento tão necessário quanto o fogão, a geladeira e a televisão. Minha casa vivia encharcada de músicas, de músicos, de tocadores, de entusiastas... de ritmos e de melodias.

Meu pai sempre foi admirador de boas músicas, e, muito cedo, foi incentivado a ouvir músicas e a tocar instrumentos. Essa prática era comum em minha família, pois meu bisavô tocava acordeon, seu irmão – músico de orquestra – tocava trombone e meu avô era um tocador de bandolim dos bons. Meu pai escolheu o violão como instrumento favorito, e ele, mesmo empoeirado, faz parte não só de uma decoração física de minha casa, mas traz também várias lembranças e sentidos simbólicos. Meu pai ainda “arranha” o seu violão.

Esse espírito musical se refletia, na casa, quase que o tempo todo, haja vista que os programas de rádio e cantorias em casa eram comuns. Tamanho era o envolvimento de meu pai com as músicas, que chegou a formar uma dupla sertaneja com um dos amigos frequentadores de casa.

Meu irmão e eu, influenciados por esse entusiasmo de melodias, dedicamo-nos ao violão como meu pai. Enfim, a música fazia e faz parte de nossa família. Somente minha mãe não toca algum instrumento, mas, quando a família se reúne, ela se arrisca a cantarolar conosco.

Desse modo, a música, então, alargou fronteiras, além da minha família, havia outros tios e primos que enveredaram por esse caminho da música, formaram duplas e constituíram bandas. Lembro-me de um tio, irmão da minha mãe, que, quando a família se reunia, – não eram poucos, minha avó teve 12 filhos – ele alegrava as noites na roça, tocando músicas sertanejas antigas e algumas músicas de sua autoria. Eu não fugi às origens, montei uma banda de Rock, Pop e Flash Back que se apresentou até 2015.

Com o tempo e com meu conhecimento de músicas apurado pelo “DNA” musical passado pelas gerações de minha família (Bisavô, Avô, Pai e tios...), conheci e escutei vários estilos. Eles vão dos clássicos da Música Popular Brasileira dos anos 30, 40, 50, 60, 70... até os clássicos das músicas internacionais do mesmo período. Com essa bagagem e o desejo de caminhar nos estudos, fui me aproximando de algo que hoje também me traz afecções: a Psicologia. Já, na graduação, participei de um processo seletivo de estágio (2006), que tinha como objetivo o trabalho de contar histórias para crianças, e, também, o resgate das memórias sociais em algumas instituições de longa permanência, bem como Centros de Convivência de idosos, todos situados, na cidade de Araras, interior de São Paulo. Costumeiramente, os trabalhos que realizava, na graduação, eram também embebidos por músicas. Eu sempre buscava um “lugarzinho” para essa paixão. A ideia do projeto era que o trabalho de contar histórias para crianças do ensino fundamental pudesse despertar a vontade de uma intergeracionalidade, ou seja, uma aproximação das memórias dos velhos com a vontade de ouvir histórias das crianças. O projeto não foi concluído porque a coordenadora saiu antes de terminá-lo. Mas, o trabalho com o contar histórias utilizando as memórias dos velhos – porque eles que contariam suas histórias para as crianças – despertou em mim inquietações e desejos de trabalhar, com mais afinco e aprofundamento, temáticas que envolviam esse público, os velhos e suas memórias; claro, um “lugarzinho” também para a música.

As agitações – desde cantigas coletivas que as mulheres cantavam ao lavar as roupas, até formas de “tirar” uma dama para dançar que os homens me contavam dos antigos bailes – que experimentei com o contato com os velhos e as instituições de longa permanência, despertaram-me para desenvolver trabalhos com a memória social, utilizando a música como

uma ferramenta da psicologia. Esse contato culminou com a produção do meu trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC) intitulado: “Música e Memória Social: Oficinas de Dinâmica de Grupo com Velhos” – em 2007, que tinha como objetivo lançar mão da técnica de Oficinas de Dinâmica de Grupo de Lúcia Afonso (2002)¹, para, por meio delas², despertar memórias e refletir sobre sua propriedade de restaurar o cotidiano dos velhos.

Por meio desse trabalho, outras questões, como lidar com a Memória Coletiva dos velhos e as potências com que essa se mostra frente ao social, foram surgindo, quiçá, sentia-me incapaz, naquele momento, de pensar com mais afinco e profundidade essas temáticas. Nesse sentido, a Pós Graduação era o caminho natural que me ofereceria novos/outros olhares para essas inquietações e também para almejar uma sociedade mais justa e humana frente aos desafios do envelhecer.

Aprofundar-me frente aos conceitos e às formas de pensar a velhice e a Memória Coletiva fortaleceram-me para abarcar e sustentar outros caminhos na dissertação. O objetivo da pesquisa de mestrado debruça-se em estudar a Memória Coletiva e a velhice e produzir Grupos Focais com a audição de músicas antigas com velhos, para conhecer a sociedade brasileira pela memória de quem as viveu, ou seja, evocar as trajetórias de vida dos velhos pelas músicas, para reconstruir os seus passados. Claro, houve outras questões na coleta de dados no grupo focal – que me auxiliaram a pensar a pesquisa de doutorado – que não consegui, no trabalho de dissertação, abordar com tanta profundidade³, pelo tempo e o recorte que tive, mas, tentei discutir com fidedignidade o que foi proposto estudar.

¹ O processo de oficinas se utiliza de teorias e técnicas sobre grupos, como uma prática de intervenção psicossocial adaptável a diversos contextos, aproximando-se a formas de organização originárias (bases) da pesquisa-ação, grupos operativos e pedagogia da autonomia. AFONSO (2002) sugere uma leitura de vários autores que endossaram seu trabalho com grupos, como, por exemplo, a teoria de campo de Lewin, a teoria psicodinâmica do grupo, como em Freud, Bion, Foulkes e Pichon-Rivière, a pedagogia de Paulo Freire e análise das instituições de Enriquez. AFONSO, L. (org.) Oficinas de dinâmicas de Grupos: Um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Ed. do Campo Social, 2002.

² Foram realizadas dez oficinas de dinâmicas de grupos com os velhos, utilizando como modalidade a oficina de música, tratando de assuntos variados e livres; que possibilitou o contato com o memorar mútuo sem mediação direta do pesquisador. O planejamento das oficinas proporcionava o envolvimento dos indivíduos de maneira livre e espontânea. Isso significa que foi criada uma atmosfera de reflexão grupal, envolvendo questões individuais e grupais. Na etapa posterior, os temas memorados e partilhados foram organizados para a constituição de uma letra coletiva, na qual, posteriormente, foram colocadas melodia e harmonia e gravada em formato de CD pelo pesquisador e utilizada como devolutiva e fechamento do trabalho.

³ No decorrer do processo de coleta de dados e categorização dos discursos para as posteriores análises, observou-se uma diferença importante entre os participantes do interior e os de São Paulo. A potência das memórias dos velhos institucionalizados era menor do que os que gozam de uma vida mais autônoma, ou seja, houve maiores dificuldades para memorar com os velhos nas instituições de longa permanência. Isso levanta questões sobre o desenvolvimento ou a falta dele das memórias em velhos em instituições de longa permanência. Será que a

Nesse sentido, na dissertação de mestrado, discutimos a necessidade de nos preocuparmos com a degradação e com a escassez das experiências, das memórias e das narrativas, pois se vivemos na era da informação excessiva, compartilhar está sempre atrasado. Assim sendo, tão distribuída é a atenção que ela se torna superficial. Além disso, a mídia aposta naquilo que atrai a atenção de forma fugaz, gerando modas que passam assuntos de que as pessoas falam, mas que esquecem muito rapidamente.

Portanto, dentre todos os emaranhados de letras, de sílabas, de frases, de questões e de argumentos, alguns apontamentos se tornam fundamentais para as possíveis contribuições do trabalho de mestrado no campo científico e social. Uma delas é alertar os processos de “desmemoriação” pela qual os sujeitos estão se assujeitando. Enquanto se reservam todas as informações dentro de redes, estamos deixando de exercitar as relações e as outras formas de partilhar as memórias e trajetórias de vida.

Nesse sentido, o trabalho com Grupos Focais com os velhos, tanto em Araras/SP como em São Paulo/SP, foi possível observar que possibilitar esses espaços de partilha, entre os participantes, promove ressignificações e novos olhares frente ao que os velhos vivem no presente. Talvez, um tempo que gera aconchego e afagos, o passado se mostra mais seguro, pois carrega potencialidades que hoje são tidas como retrógradas e fora de moda. Tempos de tecnologias de informações, muitas vezes, afastam as pessoas do convívio social, do convívio frente a frente. Nesse ponto, trabalhar e estudar a memória gera conectividade entre os tempos cronológicos (passado-presente-futuro), rompendo com os processos de esquecimento instaurados nessa sociedade dos excessos de informações e relações cibernéticas.

Dessa forma, discutir o papel da memória, no processo de envelhecimento significa, também, um subterfúgio das normatizações que se instituem sobre o envelhecer. Como colocado, no decorrer do trabalho, o envelhecer é plural e é experimentado de várias formas pelos sujeitos. Nesse ponto, organizar espaços de partilha de memória privilegia (re)construção de identidade do “ser velho” e as estratégias de afirmação, nos espaços sociais, além da possibilidade de rompimento com esta sociedade do esquecimento. Nesse sentido, as identidades dos velhos se afirmam e se nutrem do mundo vivido, do passado; é a (re)significação da sua trajetória que se origina a própria ideia de “eu” singular. Assim, o velho

institucionalização interfere no desenvolvimento das memórias? Não teremos, nesse momento, tempo para podermos aprofundar sobre esta questão, mas, essa diferença será estudada em uma tese de doutorado.

formula seu presente por meio da atuação de seus vários papéis os quais dimensionarão suas identidades.

Portanto, as audições das músicas, no coletivo, promoveram um contato entre os participantes, a ponto de as memórias se misturarem e trocarem umas com as outras. A coletividade, então, mostrou-se um palco fundamental para a partilha e para o processo de rememoração entre os velhos, pois engendrou e deu cor ao que vem se tornando inanimado e monocromático na sociedade.

Essas e outras questões serviram como combustível, na construção do trabalho, utilizando a velhice como comprovação de uma ideia, de uma pesquisa, mas como instrumento de estudo da própria sociedade. Desse modo, lançando mão do instrumento Grupos Focais, com músicas e espaços facilitados para a memoração, o estudo confirmou que a memória é um agente potencializador do velho, na sociedade, gerando espaços para (re)significar e reconstruir seus passados, suas vivências e suas experiências, no cotidiano, rompendo com o signo da velhice passiva.

Dessa forma, a aproximação do velho com as músicas antigas e, em decorrência, de suas memórias, gerou espaços de transformação e pertença, com a possibilidade de o velho caminhar rumo à construção de uma comunidade que favoreça modos de transmissão do saber e da cultura, que inclua a memória. Assim, quando não é possibilitado ao velho cumprir sua função social, não é somente ele quem sofre, mas a sociedade como um todo que adocece.

É preciso clarificar com qual projeto de sociedade e de homem estamos comprometidos; compreende-se a necessidade de concordância com a luta por uma sociedade democrática com qualidade social, que rompe com a visão tradicional adaptacionista. Nessa luta, ter dado voz a essa população, os velhos, por meio da escuta de suas trajetórias de vida, é um modesto, mas importante começo.

Podemos considerar, então, que o trabalho contribuiu para análises de que a velhice pode ser construída socialmente, categorizando indivíduos de ativos e inativos, porém, há outras formas de encará-la e vivê-la e há vários estudos apresentados, no trabalho, que consolidaram essa ideia. A sociedade já não constrói homens apenas para o trabalho e para a produção, pois vem instituindo outras/novas formas mais saudáveis de encarar a velhice e o seu crescimento populacional em todo o mundo.

Cabe a nós, também, o esforço de criar projetos em que o espaço das narrativas seja reinstituído, pois, é a partir dele que se podem tecer os fios da memória, construir vínculos e valorizar os espaços de troca, ou seja, o cuidado com a memória faz dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética e humana para com os velhos e para com toda a sociedade, que contribuirá para a consolidação de uma representação mais positiva da velhice.

Nesse caso, e dando continuidade ao projeto de extensão iniciado, lá atrás em 2006, comecei a me questionar quais as possibilidades de criação de novas formas de atuação em Psicologia que possibilitasse o encontro intergeracional, e, como uma nova proposta de estudo, como a memória em consonância com a consciência política pode ser afetada entre relações de pessoas de diversas gerações em grupos focais?

Essa proposta se dá, pois, além das ebulições políticas as quais o Brasil vem enfrentando, na atualidade e em um passado recente, trabalhos anteriores, como já mostrados, apresentam a potência de encontros de velhos e suas memórias e como elas circulam para uma memória política comprometida com a transformação do *socius*. Como seria então o processo de grupos focais e memórias em um encontro intergeracional? Como que esse processo de encontro poderia construir a consciência política de jovens e de velho? Além disso, sou professor de Psicologia Social e de Ciências Humanas e Sociais em uma instituição de ensino superior em um curso de Psicologia no interior de São Paulo. Em várias aulas, discussões sobre o clima político, sobre as eleições, sobre as propostas de governo, sobre as temáticas e sobre os conceitos em Psicologia Social e Ciências Sociais foram estopim para, em alguns momentos, discussões acaloradas e tentativas de silenciar qualquer tipo de assunto que envolvia o que eles acreditavam ser a política.

Nesses impulsos de ideias e eferescência, principalmente de trabalhos anteriores e em sala de aula, comecei a pensar a proposta desta pesquisa de doutorado e buscar, por meio dos encontros intergeracionais, oxigenação de formas de se estabelecerem ações psicopolíticas para entender as memórias e a construção da consciência política em grupos focais. Nesse sentido, essa pesquisa, além de desbravar campos poucos explorados na academia (mostraremos mais tarde a escassez de trabalhos sobre essa temática), poderá estabelecer análises para entendermos as estruturas da consciência política entre gerações e a memória como um potente instrumento político e social para esta sociedade.

Hoje, lembrando a minha trajetória de vida, minha proximidade com a Psicologia, a música, a memória e, agora, a articulação da intergeracionalidade e da consciência política, dão a este processo de escrita um valor maior, pois, as páginas estão carregadas de minhas experimentações nos coletivos, análises teóricas e possibilidades de atuação do Psicólogo Social e da Psicologia política.

Para aclarar, então, o meu percurso nesta tese, primeiramente discutirei três grandes temas: No primeiro capítulo “A construção da velhice”, que irá fundamentar e estruturar alguns olhares históricos e recentes da velhice na sociedade; no segundo capítulo “A Intergeracionalidade” que será apresentado como uma possibilidade de trabalho do encontro entre as gerações e a potência desse ato, no campo político, e o terceiro “O modelo da Consciência Política” de Salvador Sandoval, teoria utilizada dentro da pesquisa para construir “amarrações” e aclarar análises nas diversas demandas encontradas nos grupos focais feitos no trabalho de campo.

1. A CONSTRUÇÃO DA VELHICE

*A cultura é o melhor conforto para a velhice.
(Aristóteles)*

1.1 NATURALIZAÇÃO DO EXISTIR

Neste capítulo de entrada, discutiremos – como uma forma de localizar o leitor e dar base a esta pesquisa – sobre as formas como a velhice foi sendo construída, no tempo e nas relações, e como ela vem sendo tratada nos dias atuais.

Biologicamente falando, a velhice traz com ela um declínio fisiológico. Isso é fatídico. Todavia, é fatídico também que a velhice não é uma categoria universal, ela se faz dentro de uma sociedade que se experimenta por classificações, como: infância, adolescência, idade adulta e velhice, que se ramificam em: terceira idade, melhor idade, idosos, entre outras⁴. Como uma forma de direcionamento, essas classificações assujeitam os indivíduos e orientam a lucratividade, ajustando e definindo a sociedade da sua melhor maneira. Nesse ponto, entendemos que o envelhecimento, visto como um processo de declínio, abstratamente se refere a um processo natural e biológico; enquanto a fase, o desenvolvimento é visto como uma transformação social que, na maioria das vezes, desconstrói identidades dos sujeitos, retirando-lhe prestígio e espaços de pertencimento.

Contudo, o natural também não seria uma categoria? Nas palavras de Brasil (2002) – que faz um levantamento da dimensão histórico-operativa do termo, advertindo que o natural também é criado pela cultura, pelo social –, tal categoria nunca se mostra sozinha, ou seja, quando nos referimos aos fatos em termos de “natural”, acabamos por colocar os funcionamentos das relações exclusivamente, na ordem da natureza, fornecendo apoio necessário aos temas que não reconhecemos como parte de nós mesmos. Ressalta a autora que:

[...] aí está a eficácia da ideia de natureza: por ser “um nada”, ela é uma inesgotável fonte para a ideologia naturalista, nada mais que a crença na existência da natureza. É fundamental no naturalismo a sua busca por neutralizar a atuação do acaso na gênese das existências (Brasil, 2002, p. 112).

⁴ Utilizaremos no decorrer desse trabalho o termo "velho", pois, acreditamos ser o menos pejorativo, ou seja, entendemos que uma pessoa tem 60 anos em qualquer situação e lugar, porém, ela é considerada velha sobre determinadas condições sociais, históricas, econômicas e culturais.

Dessa forma, podemos destacar que quando enquadramos o envelhecimento, na categoria do natural, não podemos perder de vista essa criticidade e cogitação sobre o termo, ou seja, não o utilizar como uma roupa que rotule e evidencie o envelhecimento como pura e simplesmente uma naturalidade da existência, pois estamos todos à mercê das agruras da vida, expostos às doenças e à finitude.

Opondo-se aos termos que colocam a velhice como próxima da morte e das doenças, podemos encontrar ainda, nas palavras de Brasil (2002), uma busca pela “desnaturalização”, aproximando a natureza de um processo de cultura, diluindo suas características do “divino”, do inevitável, realocando o natural como invenção do homem.

A natureza funciona como uma espécie de cais, “porto seguro” no qual o homem vem recorrendo para se distanciar daquilo que se encontra em dificuldade para definir, ou se defrontar com o caos que também pode ser a existência. Assegurado nos horizontes históricos da natureza, o homem pode ter conforto, aconchego, mas também, a ilusão. (BRASIL, 2002)

Há um discurso organizado sobre a promoção da saúde para as pessoas velhas que configuram uma proximidade com o que Foucault (1999) denominou como biopolítica ou configuração biomédica, que age diretamente nos corpos – docilizando e disciplinando – de populações e assim normatiza o que é saudável e o que é doença; o que é aceito e o que é sinônimo de asco. Nesse cenário, o corpo é uma construção social produzido por uma cultura e é nele que marcamos com rugas as nossas histórias, pertencimento e exclusão.

O argumento da saúde tem ligação direta no embate com a doença e, nesse ínterim, a ideia de doença, estrategicamente, perde seu sentido, fica confusa e volátil. Ter saúde, então, está intimamente ligado a normas e a padrões de vida, o “bem estar adquirido”, consumido e seguido. (BAUMAN, 2003)

Há algo velado, como se houvesse um projeto contemporâneo que organiza uma promoção de saúde e que define como “boa saúde”. Uma relação construída no exercício do biopoder que educa, disciplina e dociliza os sujeitos a adotarem hábitos, comportamentos, formas para sustentar a vida. (GASTALDO, 1997)

Nesse caso, a cultuação ao corpo jovem petrifica a velhice como algo a ser evitado e seguido. Estabelece-se como padrão de beleza tudo aquilo que se mantém sem rugas. O corpo

se torna território, arquiteturas medidas por um poder de “fita métrica” que, politicamente, normaliza e obedece a um mercado (SILVA, 1997). Bordo (1997, p. 169) afirma “que determinados padrões corporais funcionam como texto ou superfície sobre o qual a cultura é simbolizada e descrita”.

De acordo com Michel Foucault (2002, p. 146):

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor.

Podemos considerar, então, a velhice como uma construção social que carrega significados e sentidos diferentes em tempos históricos e de sociedades para sociedades. A sociedade em que vivemos que cultua jovialidade quer viver mais, porém, foge de qualquer ru(s)ga que o envelhecimento possa proporcionar, ou seja, vivemos um projeto do eternamente jovem e na dinâmica do discurso do antienvelhecimento.

1.2 A APROXIMAÇÃO DA VELHICE COM A MORTE

Consideramos, então, nessas culturas que temos, e que talvez o ser humano não esteja preparado para lidar com a velhice, quiçá nem tenha certeza se realmente a almeja, pois, normalmente, ela sempre vem associada à ideia de doenças, de fragilidades, de dificuldades e de morte. Todavia, o envelhecimento é um processo da vida, no qual ganhos, perdas e momentos de estabilidade não só se alternam como podem ser simultâneos. O fato de vivermos – é claro – demarca a brevidade da vida. Viver equivale a sempre estar morrendo; somos provisoriamente deste mundo e isso não marca apenas os velhos, pois estamos todos aí, para a morte. Haja vista que

[...] num movimento lento [da história], a estreita e inseparável relação entre vivos e mortos vai sofrendo mudanças. No conjunto das mutações econômicas, sociais e políticas, operadas a partir do século XII, dá-se aos poucos um processo de transformação, estabelecendo, simultaneamente, a separação entre mortos e vivos, individualizando-os tanto em sua condição de vivos quanto de mortos, numa ruptura que persiste até os dias de hoje [...]

Controlada pelos preceitos religiosos do bem e do mal, a vida é, em seu momento limite, novamente e definitivamente julgada. O medo de não ser eleito por Deus e da condenação ao inferno produz *angústia de morte*. A morte adquire um sentido dramático. (BRASIL, 2002, p. 117-118)

É nesse ponto que a experimentação do declínio biológico – frente à ideia de naturalização da velhice – faz com que a velhice ganhe proximidade com a morte. Não querer envelhecer, então, em muitos momentos, é um processo de fuga da morte. Nunca se falou tanto em qualidade de vida; é quase uma obrigação se manter jovem, pois parece que a jovialidade não tem proximidade com a morte. Assim, encher nossos traços com “*botox*” e cremes de última geração nos deixa distantes do que tememos: a morte.

Eis, então, uma grande percepção desta sociedade. Tem-se medo da morte e, se a jovialidade se distancia desse fenômeno, manter a forma jovem a todo “custo” tem produção e tem lucratividade. O velho, então, é aquele que não goza mais de suas forças e não se desprende de um corpo de rugas e dos cabelos brancos.

Podemos pensar que essa sociedade que, impreterivelmente, maximiza o lucro, exclui o velho, caracteriza-o como improdutivo, isolando-o dos meios que antes o identificavam como parte da sociedade lucrativa. Porém, encaixa-o em novas formas de “gastar”, em novas produções. Nas décadas de 60, 70, como denotado por alguns autores (PEIXOTO, 2000; DEBERT, 2000), a velhice era encarada como uma doença social, porém, hoje, são criados ambientes específicos (salão de jogos, academias nas praças, grupos de convivência) para os velhos e programas de terceira-idade, melhor idade, Feliz idade... que despersonalizam, muitas vezes, suas identidades e limitam espaços para a sua trajetória de vida, todavia, realocam o dinheiro dos velhos para o consumo (viagens, eventos, festas...). Portanto, hoje, vivemos em uma sociedade que, freneticamente, busca o não envelhecimento, utilizando-se de seus ilusórios elixires de jovialidade para afastar o medo que tanto a assola: o envelhecer e a aproximação que fizeram desse fenômeno com a morte.

Pela “natureza” dos fatos, vive-se o envelhecer pelos olhos dos outros, ou seja, o velho é sempre o outro. Porém, acabamos esquecendo que todos nós, se vivos, vamos ficar velhos, embora, cada um à sua maneira.

Esse medo de envelhecer, que cresce a cada dia, faz-nos lembrar de uma obra literária de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray* ([1890] 2006), que conta a história fictícia de um jovem, que vivia, na Inglaterra do século XIX, e tornou-se modelo para uma pintura do artista

Basil Hallward. O retrato fica belíssimo, entretanto, o medo de envelhecer de Dorian faz com que ele troque qualquer coisa pela beleza eterna, doando até sua alma. Seu desejo é atendido. Dorian exprime o desejo de que o quadro pudesse envelhecer e ele continuar eternamente com seu rosto jovem. Desde esse momento, o jovem esteta vive em um estado de terror e termina esfaqueando o quadro, porém, é ele quem morre. Dorian fica de tal forma desfigurado, que só o reconhecem pelos anéis, enquanto o quadro recupera as características iniciais.

A percepção da deterioração do corpo aproxima o velho da incapacidade de produzir e manter o que foi até então. Entretanto, todas as faltas que o tempo e a cultura evidenciam, a dor e as imperfeições insistem em ocupar um lugar no corpo. Como Dorian Gray, presenciamos, impotentes, o envelhecer da nossa imagem. Como diz Dourado (2006), "o velho é sempre o outro, em quem não nos reconhecemos" (p. 12). Portanto, a imagem que temos, no espelho, não corresponde mais à imagem que permanece, na memória, pois antecipa ou confirma a velhice e perde todo o idealismo e toda a jovialidade que queremos.

Hoje, respaldados pela sociedade que categoriza o indivíduo, somos levados a pensar como Dorian Gray, fugindo do processo da vida: o envelhecer. É o olhar e a fala dos outros que definem alguém como mais ou menos velho. Portanto, as construções sociais envolvidas, no envelhecimento, demonstram o quanto não estamos preparados para encarar a velhice e a finitude da vida.

Rendidos por uma indústria de jovialidade e beleza, o corpo velho vai se marginalizando, sendo oposto do idealizado, sem poder e desejo ou cultuação. Entender esses mecanismos nos faz perceber e organizar nossas análises sobre a velhice.

O dar-se conta da própria imagem envelhecida ao espelho pode ser traumático e provocar um estranhamento no indivíduo que se percebe. Quando um velho se olha no espelho, pode se deparar com uma imagem ligada à deterioração biológica, estética, ou seja, uma imagem com a qual ele não se identifica, permanecendo o estranhamento e o medo do envelhecer –“*olha, o meu primeiro fio de cabelo branco*”. (MAGNANI, 2001, p. 18)

Por esses motivos, temos a dificuldade em lidar com o envelhecimento e vamos criando nomenclaturas e eufemismos para “facilitar” a nossa inserção à velhice ou se referir ao outro. Termos como melhor idade, terceira idade, idosos, fortalece uma tentativa de negação e expurgação da velhice. “Ter o espírito jovem”, “faço tudo que os jovens fazem”, além de estruturar uma rivalidade, recusa e incorpora uma necessidade do eternamente jovem.

1.3 A CATEGORIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO

Se pudéssemos admitir a transitoriedade da vida, o envelhecimento não se aliaria com a inquietude, com o desalento, com a dor e com o medo, mas, sim, com a alegria do novo e com a afirmação do múltiplo. A velhice, talvez em função da sua construção social e histórica baseada na austeridade e numa possibilidade íntima com a morte, só pode ser problematizada a partir do momento em que o “problema dos velhos” apresentou-se como não mais passível de esquecimento. Conseqüentemente, pensar na velhice em termos de identidade social possibilita percebê-la como uma classificação, uma vez que há uma atribuição, por parte da sociedade, na construção de categorias, separando e arrumando os indivíduos em parâmetros de idade. Como diz Debert (2000),

as categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos (p. 53).

Ainda, segundo essa autora, a transformação do envelhecimento em objeto de estudo relaciona-se com as diversas dimensões que vão desde o desgaste fisiológico e do prolongamento da vida ao desequilíbrio demográfico e ao custo financeiro das políticas sociais. Assim, a compreensão da velhice, na sociedade contemporânea, implica o reconhecimento da sua dimensão histórica e social. Dessa forma, a transformação do envelhecimento em problema social está envolvida também em novas definições da velhice, como, por exemplo, a “terceira idade”. Por meio da “terceira idade” cria-se uma chance para um novo processo de envelhecimento diluído entre estereótipos. Trata-se de novos olhares sobre o envelhecimento, opondo-se ao antigo modo de tratamento aos mais velhos: “terceira idade” X velhice. Teoricamente, as experiências vividas e os saberes acumulados seriam ganhos que propiciariam a oportunidade de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, além de estabelecer relações mais úteis com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Essas são imagens que acompanham a representação da “terceira idade” e que, atualmente, chega-se ao ponto de identificá-la como “melhor idade”, ou seja, mais uma nomenclatura que busca dar novos sentidos para a velhice ou tenta negar o sofrimento que ela pode acarretar. Por isso, é importante pensarmos sobre o contexto em que a nomenclatura é criada, ou seja, produzir um novo público para o consumo ou uma forma de produzir novos sentidos sobre o fenômeno?

A velhice, para Debert (2000), é construção social – em seus estudos antropológicos, faz um levantamento sobre a construção das faixas etárias e também da velhice – categorizada em subdivisões, no qual o termo “velho” está associado à pobreza, à dependência e à incapacidade que, para as camadas médias e superiores, implica o fato de o velho ser sempre o outro. Já, na noção de “terceira idade”, toma-se como uma imagem de velho “vivo”, inserido em atividades sociais e culturais. O idoso está associado, socialmente, à imagem de “velho respeitado”, ou seja, ao velho bem-sucedido, chamamos de senhor ou idoso, enquanto ao velho malsucedido, chamamos de "velhote", ou pior, de "coitadinhos". Haja vista que a sociedade atual impõe à maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão “velho e pobre” constitui-se quase um pleonasma. Sobre essas questões, podemos encontrar em Bosi (2004) – com seu estudo sobre memória social ancorado em narrativas de velhos residentes em São Paulo – argumentações pertinentes, pois, pensar esse pleonasma nos faz analisar que essa sociedade,

[...] rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor [...] Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim seu próprio futuro (BOSI, 2004, p. 77-78).

A velhice tem sido construída, na sociedade industrial, como relata o último autor citado, de maneira maléfica, pois, “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social” (p. 77). A sociedade passa a propagar a ideia de que a pessoa velha deve ser respeitada, porém, elimina-a da convivência, desconstruindo seus conselhos e limitando sua capacidade de decisão. Cria-se, então, uma padronização nas faixas etárias para poder controlar melhor as ações dos indivíduos. Ocorre o que Debert (2000) intitula de “institucionalização do curso da vida” (p. 53). Dessa maneira, o indivíduo tem uma definição social do envelhecimento que se espalha em todas as dimensões de sua vida, ou seja, a família, o trabalho, o mercado de consumo e as políticas públicas. Essa definição demonstra um ângulo do processo de envelhecimento, ou seja, que destaca o envelhecimento individual, mas coloca em segundo plano a ideia de que o envelhecimento é um fenômeno pertinente também à cultura.

Em uma sociedade que pouco valoriza o envelhecimento – muitas vezes lembrado apenas como um processo de produção de novos consumidores –, não há velhos que reconheçam a sua importância como cidadãos. É necessário que o velho, então, reconheça-se como tal, para fortalecer seus espaços e seus lugares que ocupa, pois:

[...] em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, paciência, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. Uma variante desse comportamento: ouvimos pessoas que não sabem falar aos idosos se não com um tom protetor que mal disfarça a estranheza e a recusa. (BOSI, 2004, p. 76)

Fraiman (1995) ressalta, em seu livro “Coisas da idade”, que a velhice é envolvida por regras e expectativas sociais, atribuindo tarefas a serem desempenhadas de acordo com a idade. Portanto, há uma cronologização da vida, na qual para cada idade está especificada uma ação: criança → brincar e estudar; 18 anos → tirar carta e começar a trabalhar; 40 anos → teto máximo para permanência estável no emprego e, aos 65 anos deverá se aposentar. Nesse contexto, Debert (2000) observa que precisamos analisar as limitações impostas pela sociedade sobre a velhice, ampliando a compreensão dos pressupostos que organizam as representações sobre ela. Assim, é necessário discutir as temáticas que regem os discursos sobre o envelhecimento, almejando elementos para novas políticas e debates, que discutam várias questões que se diluíram na construção social da velhice. A autora descreve que:

[...] a institucionalização do curso da vida, própria da modernidade, não significou apenas a regulamentação das seqüências da vida, mas também, a constituição de perspectivas e projetos de vida, por meio dos quais os indivíduos se orientam e planejam suas ações, individual e coletivamente (DEBERT, 2000, p. 60).

Sobre as discussões desenvolvidas a respeito da construção social e os estereótipos sobre a velhice, Peixoto (2000) dissecou, historicamente, o processo de categorização da velhice. A autora argumenta que, somente no final do século XIX, os franceses passam a dar um tratamento social à velhice, ao distinguirem os velhos dos mendigos, que eram internados nos “depósitos de velhos” e nos asilos públicos. O recorte social foi acompanhado de discursos diferenciados para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se, mais corretamente, como “velho ou velhote”, o indivíduo que não detinha *status* social, lembrando que, nessa época (século XIX), o termo “velhote” não tinha conotação pejorativa, designando também os velhos ricos. Mais tarde, os que possuíam certo reconhecimento financeiro eram, em geral, designados como “idosos”.

A utilização constante do termo “velhinhos” denuncia a “compaixão” que, de um modo ou de outro, segrega e coloca o velho no lugar de submisso, ou seja, no campo da caridade. De acordo com Peixoto (2000), a categoria “idoso” invade os discursos frente a pessoas acima de

60 anos – hoje temos melhor idade, maturidade, quarta idade... – e o termo “velho” passa a ser sinônimo de sujeito debilitado em decadência biológica e, muitas vezes, psíquica, sendo banido dos textos oficiais. Mudam-se apenas as etiquetas e, mascarando o estigma, a sociedade procura formas de categorizar a velhice, produzindo outras e novas nomenclaturas, separando as classes entre os "idosos ricos e velhos pobres".

Podemos observar, em Peixoto (2000), a descrição de que:

a noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho, ou seja, ser velho é pertencer à categoria emblemática dos idosos e pobres (p. 72).

Portanto, podemos ressaltar que apenas as "etiquetas" são trocadas, como se a utilização de algum termo específico fosse suficiente para suprimir positivamente a noção da construção feita sobre o velho. Antes de bons nomes, precisa-se de uma discussão mais aprofundada sobre o fenômeno.

Para isso, questionamos: como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Beauvoir ([1970] 1990) "seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem". (BOSI, 2004, p. 81)

Haja vista que:

[...] além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. (BOSI, 2004, p. 77)

No Brasil, Peixoto (2000) destaca que há certo descaso sobre o assunto da velhice e/ou envelhecimento, argumentando que só recentemente algumas áreas das ciências sociais despertaram o interesse por essa temática. Um mundo permeado pelo novo, estudar a velhice se torna o desvio, em descompasso com o capitalismo que potencializa a lucratividade e a produção, ou seja, o velho colocado à margem desse sistema, sem força do consumo que, em muitas vezes, vê o seu próprio corpo ser consumido sem cerimônia e com poucas análises.

1.4 NOVOS NOMES PARA A VELHICE

A sociedade contemporânea utiliza-se de uma nova categoria, "terceira idade", esperando que haja a “isenção” do velho frente a conotações segregativas e marginalizadas,

como destacou Debert (2000), contextualizando que essa nova categoria teria sido criada para atender a um mercado nascente; o dos cosméticos, espaços de lazer, cursos dos mais variados, baseados na concepção de velhice saudável; atraindo os velhos que ainda não atingiram uma idade mais avançada, incluindo, especificamente, velhos que ainda gozam de boa saúde e com tempo disponível para o lazer e para novas experiências. Ou seja, como pontua a autora,

categorias e grupos de idade implicam, portanto, na imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos. (DEBERT, 2000, p. 53)

Essa normatização sobre a velhice, de acordo com Haddad (1986), estrutura-se em uma ideologia, que se instrumentaliza através de discursos e de representações elaboradas pelos especialistas, conduzindo as pessoas aos interesses econômicos dominantes, homogeneizando um coletivo, cujo único elemento comum é pertencer a uma determinada idade social e culturalmente determinada. Dessa forma, então, "amparando-se no saber científico que, por sua vez, universalizando a velhice, prescreve normas para serem seguidas pelos idosos em geral" (HADDAD, 1986, p. 21). Assim, observa-se que a velhice se encontra em um permanente processo de mudança, diretamente atrelada à realidade socioeconômica que, necessariamente, não implica transformações físicas, ou seja, a velhice é construída através da elaboração de um discurso que tende a modificar-se de acordo com as necessidades econômicas sociais. Isso posto, observa-se que a construção das imagens dominantes sobre a velhice não tem uma relação direta com o processo físico do envelhecimento, e, muito menos, sobre um conceito biológico ou físico; é uma construção social, pois

[...] a representação social da pessoa envelhecida conheceu, assim, uma série de modificações ao longo do tempo, uma vez que as mudanças sociais reclamavam políticas sociais para a velhice, políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como a construção ética do objeto velho. (PEIXOTO, 2000, p. 70)

Bauman (1998) diria que nos tornamos uma “sociedade de consumo”. Na fase industrial, a sociedade era tida como produtora, orientava seus soldados e produtores, marginalizando aqueles que não tinham força para lutar ou produzir. Nessa nossa sociedade, diferente da produção e da luta, somos moldados para poder severamente consumir. E, para se fazer parte desse meio se faz necessário comprar, ou seja, uma aproximação de velhos e de jovens está se dando pelo consumo.

1.5 A PRODUÇÃO DAS “NOVAS” VELHICES

Vemos que nem todas as pessoas consideradas velhas têm acesso a um envelhecimento sadio e aos avanços da medicina. Esse fato já evidencia que o discurso universalista da velhice saudável e produtiva oculta a realidade de grande parte da população determinada como “velha”. Portanto, o discurso que homogeneizava o velho, reconhece-o agora como produtivo e ativo em dadas esferas sociais. Por esse motivo, precisamos ver o sujeito como um ser histórico, resgatando as suas vivências e seus papéis sociais (BOSI, 2003). Entretanto, há de se convir que essa estrutura social que presenciamos pouco nos estimula e nos anima às “portas” da velhice, pois, segundo Fraiman (1995), uma vez que não há condições para viver a velhice de maneira socialmente humana, deterioramo-nos no silêncio e na falta de generatividade e de ação social.

Beauvoir ([1970] 1990), em seu livro sobre a velhice, realiza um levantamento histórico e as análises sobre como a ciência e suas especializações tratam o tema. A autora explana que, embora a velhice tenha sido sempre denotada, a situação dos velhos, em alguns momentos da história e em determinadas culturas, foi mais favorável. Todavia, parece que, nos dias atuais, a velhice tem sido construída em moldes mais positivos, ou seja, as especialidades – levando em consideração que há a possibilidade de consumo dessa população – trabalham para que haja mais saúde e formas de gozar a velhice. Mesmo havendo um público que ainda – pela própria aglutinação social (trabalho, cotidiano frenético...), pela idade avançada pouco consegue se estabelecer como sujeito produtivo – não está inserido em meios produtivos sociais, como grupos de terceira-idade, utilização das tecnologias da saúde e bem-estar, é visível um avanço frente às noções que se têm da velhice. Entretanto, ainda temos assuntos a serem discutidos e revistos, pois, muitos velhos desprovidos de funções sociais – consequência, muitas vezes, de uma aposentadoria sem um trabalho prévio de manutenção da vida sem o trabalho – são considerados inúteis, inativos nas engrenagens produtivas da sociedade, na qual, os olhares já estão embaçados por essa cultura categorial e de lucros.

Nesse sentido, então, Caldas (1997), que debruça seus estudos sobre as configurações do trabalho – ingresso de homens ao mercado econômico – e memória de velhos que, pela aposentadoria foram banidos desse processo, expressa que “se a cultura fosse um saber que renovasse e se, por meio dela, o indivíduo pudesse ter sobre seu meio algum poder, ele seria em todas as idades um cidadão ativo e útil” (p. 129). Podemos pensar, portanto, que a sociedade, como formadora de homens para a produção, coisifica-o em um tempo particular, cuja principal

característica é a inatividade e, nesse momento, a velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações físicas ou biológicas, mas por um advento social ou pela aposentadoria, na qual o indivíduo passa pela transição da categoria de trabalhador para ex-trabalhador; de produtivo para improdutivo.

Ainda segundo a autora, há uma marginalização do adulto dentro do processo de trabalho; levando-o à descartabilidade e à improdutividade nos processos engendrados da sociedade. Esses pensamentos se atrelam às ideias de Haddad (1986), que destaca o vazio que o indivíduo sofre na aposentadoria. O “trabalhador-coisa”, ao se aposentar, perde o valor porque já não produz para a sociedade, recebendo por sua desvalorização uma aposentadoria que impõe sua transformação em velho.

Essa última autora explicita que, em sua análise sobre como é vista e considerada a velhice, na sociedade brasileira, em seu livro *A Ideologia da Velhice*, – a velhice está atrelada à forma de organização da sociedade capitalista que tem a produção como determinação básica – muitos indivíduos demonstraram que a aposentadoria desencadeia o processo de envelhecimento, sendo que isso começa a ocorrer por volta dos 40 anos. Esse fato denota a obsolescência e a dissolução da sociedade para com os homens.

Salgado (1989) traz colocações que redefinem as categorias de idade. A generalização da aposentadoria acabou por criar uma nova etapa, no ciclo de vida, a de não produção. Em épocas anteriores, estavam nitidamente reconhecidas as idades da infância e da adulta. A primeira como tempo de educação e de formação para o trabalho, enquanto a segunda, como tempo de produção. Todavia, mesmo os indivíduos tidos como velhos se ocupavam de algum tipo de trabalho. Dessa forma, havia, na velhice, certa dimensão produtiva. A melhor qualificação para o trabalho determinou a ampliação do tempo de formação escolar, conseqüentemente o surgimento de uma idade intermediária entre a infância e a idade adulta: a adolescência.

Ainda segundo esse autor, a sociedade, como máquina produtiva, propôs novas formas de organização do trabalho, substituindo os velhos por mão de obra mais barata e atualizada, adaptadas às exigências de produção; determinando aí a aposentadoria e, conseqüentemente, a idade social da velhice.

Descreve ele que:

[...] a aposentadoria conferiu o princípio de identidade à velhice, transformando-a em um tempo particular do ciclo de vida, cuja principal característica é a da inatividade profissional [...] parar de trabalhar significa a perda de papéis junto à família e junto à sociedade como um todo. (SALGADO, 1989, p. 5-6)

Coadunando com essa ideia, Motta (1998) destaca que, para os jovens, o primeiro emprego significa o fim de um período de improdutividade social e de dependência.

O que a sociedade, pela voz da família, escola e igreja, espera das crianças é que elas se preparem para que num futuro próximo, se tornem capazes de prover a própria subsistência e orientar os próprios destinos. (MOTTA, 1998, p. 62)

No entanto, a aposentadoria tem significado inverso: retornar, muitas vezes, à situação de improdutividade e de dependência. Ou seja, o ingresso ou a imposição da aposentadoria representa uma ruptura com o mercado produtivo, uma perda do *status* funcional conquistado enquanto se trabalhava. Essa ruptura com o trabalho formal, então, acarreta modificações, nos sistemas de *status*, de papéis, de relações sociais; fabrica um tipo de velhice social, mesmo que o processo de envelhecimento não tenha comprometido física ou psicologicamente o indivíduo.

Beauvoir ([1970] 1990) argumenta que, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido, na vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgota sua força de trabalho, sente-se um pária e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou uma esmola.

A mesma autora aborda a aposentadoria para o homem, como:

[...] ser brutalmente precipitado da categoria de indivíduos ativos para os inativos e classificados como velhos, suportar uma diminuição constrangedora de recursos e de nível de vida é, na imensa maioria dos casos, um drama que acarreta graves conseqüências psicológicas e morais (BEUVOIR, [1970] 1990, p. 324).

Nesse mesmo recorte sobre a aposentadoria, encontramos, nas palavras de Garcia (1999), uma evidência e certo grau de dificuldade não só em definir como também em vivenciar a liberdade na aposentadoria. O sentido de ser livre, numa sociedade cheia de regras, torna-se bastante restrito, e essa restrição não fica apenas no âmbito familiar, mas se estende também à dependência estatal. Esse é outro item de suma importância na vida do aposentado: o domínio do Estado quanto ao recebimento da aposentadoria e o nível de benefícios advindos dela. Ainda são poucos os que recebem integralmente o que recebiam ao deixar a vida profissional.

Geralmente, há um paradoxo, na aposentadoria, ou seja, o indivíduo precisa considerá-la como um tempo de liberdade ou, ao contrário, um tempo de marginalização.

O velho não é destituído só do trabalho. Bosi (2004) enfatiza a falta da relação do adulto com o velho: não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e até mesmo o conflito.

Foucault (1979) já havia alertado que a ciência criou saberes que são disciplinadores, que prendem e arrebanham a vida. Segundo esse autor, cada sociedade desenvolve mecanismos de exclusão e escolhe os seus excluídos. Nessa escrita, está colocada a preocupação desse autor com o instituir da velhice, pois é preciso, antes disso, refletir como esta está sendo (re)criada na contemporaneidade. Vivemos vários assujeitamentos, seguindo modas e formas delimitadas como “corretas” de atuar em nossos cotidianos.

Respectivamente, essa sociedade distancia-se do aposentado, não o convocando para participar de suas produções, não reconhecendo a sua existência social. Assim, a estrutura social também é uma das responsáveis pelo isolamento do velho. Nesse sentido, lembrando as discussões de Haddad (1986), a sociedade como criadora de homens para a produção acaba alienando-os para o trabalho; sendo que, na velhice, quem não acumulou recursos durante a vida encontra a morte social na aposentadoria: torna-se uma espécie de marginalizado ou impossibilitado de transformar o tempo, impostamente livre, em outros projetos de vida.

Dessa forma, pelo que foi descrito até aqui, mesmo havendo uma delimitação do começo da velhice – de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) essa tem seu início aos 60 anos – há de se perceber que outras formas vão ganhando força nessa sociedade, dando ênfase à análise sobre como a velhice é construída socialmente.

[Portanto] [...] podemos concluir que são inúmeras as dificuldades para estabelecer o marco de início do envelhecimento, não só pelo fato de ser variável de indivíduo para indivíduo, mas também porque os primeiros sinais de envelhecimento são quase imperceptíveis. (HADDAD, 1986, p. 26)

Assim sendo, podemos de várias formas negar a velhice, porém, não podemos nos esconder dela por muito tempo, afinal, ela sempre nos encontra quando o “botox” e os “potes” de cremes se acabam (velhice é muito mais que corpo). A visão de velho que temos, hoje, atrela-se ao velho que seremos amanhã. Dessa forma, como tratar das dificuldades que,

provavelmente, estaremos vivendo e enfrentando no decorrer cronológico da vida? Como (des)construiremos essas novas velhices para que, não só no futuro, possamos gozá-la de maneira tranquila, com seus gostos e sabores? Essas questões pedem um pensamento crítico de todos nós. Como iremos viver nossas velhices?

Imprimir espaços para a discussão, alçar outros movimentos que possam olhar para o cuidado com os velhos de maneira diferente, sem invalidá-los ou instituí-los somente como consumidores da medicina e das doenças, é o nosso dever como sujeitos participantes da construção social da realidade e como pesquisadores em Psicologia Social. Precisamos colocar a psicologia social, então, a serviço do desenvolvimento, da resistência, das afetações emancipatórias e da transformação das minorias oprimidas, reconhecendo suas potencialidades negadas, sem recusar o conhecimento popular desses sujeitos; eles também fazem parte da construção do conhecimento (MONTERO, 1996), pois, “reconhecemos também que sempre é possível buscar formas menos desiguais da desigualdade”. (DEMO, 1983, p. 84)

Haja vista que,

Todos temos o firme propósito de assegurar a presença da Psicologia Social na análise das questões sociais como um saber militante em nossas atuações em comunidade, em movimentos sociais, em políticas públicas de saúde e de assistência social, bem como em outras ações de caráter coletivo, e enfrentamos dificuldades geradas pela falta de referencial analítico que oriente as práticas emancipadoras. (SAWAIA, 2009, p. 365)

Afinal, com que tipo de sociedade queremos nos comprometer? Com a mudança ou com a legitimação das relações de dominação e de economia? Especialista, tecnocratas ou agente de mudanças? Acredita-se que essas provocações são fundamentais para que se produzam movimentos nas estruturas que aí estão, pois, como colocado por Sawaia (2009), as ciências sociais – não só – precisam de uma “ação política transformadora” (p. 365).

Nesse caso, é ciente e não podemos negar que o que vemos e vivemos hoje é o culto exacerbado ao corpo, no qual se busca recheiar com elixires que promovem uma juventude, presentemente, quase eterna, já que muitos querem viver mais, mas poucos querem envelhecer.

Nesse ponto, falar e vivenciar a velhice ganha conotações de valores negativos nesta sociedade – diferente no consumo –, tornando-se, muitas vezes, quase um “desviante”⁵. Assim,

[...] a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (DEBERT, 1999, p. 21)

Outros autores diriam que o nosso corpo está sendo habitado por discursos produzidos por uma nova cultura capitalista. Seríamos seres de “*vida nua*” (Agamben) ou, como colocado por Nikolas Rose (1998), que se refere a esse processo como a “*administração do eu contemporâneo*” (p. 31); “*o governo da alma*”, ou, ainda, com o que Habermas coloca como “*Colonização do mundo da vida*”. Algo funcional no interior da cultura que gerencia a diversidade e a controla tornando o consumo algo obrigatoriamente desejável. E mais, o fracasso é visto apenas como esforço – ou falta dele – individual, isentando a culpa do próprio mecanismo que busca o controle social, político e econômico.

Nesse sentido, podemos elencar que as identidades são produzidas pela cultura e pelos mecanismos de controle, definindo quem são os incluídos e os excluídos. Ser velho, então, denota uma proximidade com uma patologia social, um indivíduo desviante que é encarado por uma perspectiva médica que se preocupa em separar e distinguir o “um” de “outro”. (VELHO, 1999)

Pensando, então, sobre os mecanismos e as normalidades contidas nesta cultura de engessamento corpóreo, subjetivo e de consumo, podemos utilizar um autor que discute que a identidade é metamorfose e se produz ao longo da vida do indivíduo, embora colocada, muitas vezes, como pragmática e imutável. Ela, primeiramente, assume o seu papel pelo nome, pois, por meio dele nos diferenciamos das outras pessoas. Posteriormente, ela vai se modificando de acordo com os contextos que vamos experimentando e com os quais vamos interagindo. Assim sendo, o sujeito vai se colocando, no mundo, conforme as suas necessidades. Dessa forma, o autor coloca que a transformação é “uma propriedade da matéria, propriedade que toda e qualquer formação apresenta, como parte da totalidade (matéria)” (CIAMPA, 1986, p. 116). Isso posto, pensar a velhice como algo estático, que já é algo formado, é excluir e esgotar as possibilidades do sujeito velho em transitar e existir socialmente; é colocado apenas como

⁵ De acordo com Howard S. Becker, em seu livro *Outsider: estudos de sociologia do desvio* (2005), o desvio é a infração de uma regra geralmente aceita por um grupo específico e o desviante é a submissão do “rótulo” a uma pessoa que infringe.

sujeito que consome as plurais mercadorias criadas para a sua “idade”. Mercadante (1997) coloca que:

[...] por outro lado, essas mesmas e tantas outras novas particularidades [das velhices] podem ser trabalhadas pelos indivíduos para a produção de um novo sujeito velho. Assim, esse novo sujeito se produz, não se produz na contraposição de uma “alteridade jovem”, mas sim a partir da produção de uma “subjetividade” negadora da identidade estigma (p. 32).

A imposição do jeito “certo” de envelhecer, atrelada à indústria do rejuvenescimento e da juventude vão consumindo o velho e realizando manutenções em seu corpo. Devem se comportar de acordo com o capital e exercer as funções que lhe são dadas, colocando-os em lugares, muitas vezes, não elaborados e de pertencimento, ou seja, ou se ajusta a essa realidade ou será visto com um pária, um problema, um peso social. Essa imposição de discurso e de comportamentos dominantes, os velhos só são incluídos como consumidores e não como sujeitos de direitos. Aqueles que fogem dessa curva/régua podem ser condenados à morte em vida.

Mas, quem são esses velhos? Quais são as suas necessidades? Como eles estão olhando para a realidade? Estamos dando ouvidos a eles? Esta sociedade tenta um adaptar-se a “fórceps”, porém, como estudos, escuta, análises, a velhice pode tornar-se a rebeldia necessária para o próprio pertencimento.

1.6 AS RU(S)GAS DA VELHICE

Talvez, a leitura preliminar desta pesquisa apresente mais reflexões críticas ou aponte questões que potencializam uma reconstrução do pensamento frente às velhices, porém, vale ressaltar, aqui, que existem várias outras configurações de envelhecer e há programas e estudos que norteiam essas outras formas de se viver saudavelmente essa etapa de vida. Nesse trecho da pesquisa, buscam-se, mesmo que sincreticamente, apresentar algumas literaturas que nos possibilitam olhar e estudar essas velhices de outros lugares.

Um das autoras que serão mencionadas, com mais afinco, é a cientista social Elisabeth Frohlich Mercadante (1997) – que tem, em suas ideias e em suas problematizações, grande aproximação com outra autora bastante citada no decorrer desta pesquisa, a antropóloga Guita G. Debert (1999, 2000) –, que realizou um estudo sobre a Construção da Identidade e Subjetividade do Idoso. Partindo de uma visão antropológica, a autora argumenta que não há

uma forma única de envelhecer, mas sim, várias. Reflete a velhice como um conceito estruturado, na natureza, e também na cultura, pois

[...] [A velhice é] apreendida como um fenômeno biológico, mas é também imediatamente um fato cultural na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos, evidenciando formas diversas de ação e representação... (MERCADANTE, 1997, p. 3-4)

Nesse ponto, coaduno ainda mais a postura de repensar a ideia de que a velhice é apenas uma questão biológica, ela também é norteada e concebida por questões da cultura, rompendo, assim, com uma visão universalista que delimita a velhice em um tempo apenas cronológico, sem dar espaço ao tempo subjetivo e singular.

Pensando dessa forma, colocamos a velhice em uma concepção plural, ou seja, sendo vivida de várias maneiras e aumentando as possibilidades de um movimento identitário muito mais potente e significativo. Dizer isso significa colocar a velhice, no mundo de outras formas, recriar e romper, como coloca Mercadante (1997), um modelo estigmatizador do ser velho, mas não para se aproximar a um modelo do ser jovem e, sim, a uma subjetividade que nega a identidade estigma.

Nesse sentido, então, podemos entender que, são nesses contrastes entre a universalidade e a particularidade do ser velho, também são produzidas as subjetividades. Dessa forma, a diversidade deve ser reivindicada para a construção de novas/outras identidades, buscando a inclusão da velhice na sociedade em que vivemos. Talvez esse seja o primeiro passo para que as velhices sejam mais compreendidas, na educação, pautada na realidade e nas exigências da modernidade e nas verdadeiras necessidades dos velhos. (MERCADANTE, 1997)

Os vincos marcando a pele não deveriam ser um sinal de menos valia, de negar a história desse corpo, das rugas, das memórias e negligenciar a história da própria sociedade. Não há um modo único de se viver e nem de viver as velhices. O velho tem o direito de escolher como viver a sua própria velhice, e, isso não é sobre obedecer a regras e a padrões, mas o de ser sujeito das suas histórias e das suas escolhas. Eles têm o direito de ainda contribuir para a manutenção da sociedade sem serem marginalizados pela falta da cultuada jovialidade. Ser velho é muito além do que rugas e padrões.

Podemos utilizar do pensamento de um grande poeta brasileiro para ilustrar todo esse processo da velhice, silenciamentos e aproximação da velhice com as finitudes, Mario Quintana disse: “O tempo é um ponto de vista. Velho é quem é um dia mais velho que a gente... Idades só há duas: ou se está vivo ou morto”. Haja vista, sem depender da idade, “o passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente” e todos temos de nos haver com isso. (QUINTANA, 1973, p. 73)

1.7 SILENCIAMENTO SOCIAL: A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA

Dadas as proporções do mundo *fast* no qual vivemos – coloca-se isso pelo modo acelerado pelo qual não só o corpo, mas as narrativas se apresentam hoje em dia – falar virou quase sinônimo de teclas (conversas pelo computador) e números (conversas pelo celular). Mesmo sendo novas tecnologias da informação, percebe-se, por meio de conversações e teorias de alguns autores (SIMSON, 2003; BENJAMIN, [1935] 1994; BEAUVOIR [1970] 1990), que a sociedade não está proporcionando espaço de escoamento de narrativas. Dessa forma, forçam-se os sujeitos a viver um processo de “silenciamento social”, no qual perder-se nas tecnologias das relações (Whatsapp, Instagram, *Facebook*, *Twiter*...) faz com que se exacerbe a fragmentação dos laços humanos.

Estamos vivendo pelo discurso do outro e perdendo a capacidade de se colocar frente ao frenesi das informações. Calar-se está se tornando uma prática de consumo, no qual, abrir a boca tem a conotação de entrada (mídia, comidas, discursos) e não mais de saída, ou seja, do exercício do narrar. Nesse sentido, são recorrentes as práticas sociais em que se baseiam e desencadeiam o silenciamento das narrativas. Esses jogos de força ocorrem em diversos coletivos e em diversas interações sociais, potencializando as exclusões e as não narrativas. (BORDIEU, 2009)

Nesse caso, então, o silenciamento se estabelece para além das palavras proferidas e dos momentos de silêncio; ele se apresenta como ato do silenciar, do ato de tomar a palavra excluindo o outro e retirando-o prestígio e força das narrativas, manipulando os dizeres possíveis e calando-o em outros momentos. (ORLANDI, 2010)

1.8 NARRATIVAS E “INSURDESCÊNCIA” SOCIAL

Desde criança, ouvem-se os adultos conversarem sobre acontecimentos e experiências passadas de suas vidas; mencionando frases que viraram quase que jargões sobre o lembrar *"como era bom naquele tempo"*, sem concluírem a respeito do *"tempo bom que não volta mais"*, sem lamentarem o fato de que *"nada mais é como antes"* e sem suspirarem de saudade em relação a um *"tempo no qual a vida era mais fácil de viver"*. Não se pode negar que somos seres que memoram, podemos nos recordar de várias situações ao ouvir uma música, um gosto, um cheiro, uma foto, um objeto... Somos cercados por sentimentos e objetos que significam. Assim, a todo tempo, estamos em contato com o passado, possibilitando uma circulação com aquilo que vivíamos e vivemos no presente.

Hoje, no entanto, percebemos que o tempo se tornou escasso para compartilharmos do que se vive ou viveu; com isso, desaprendemos a ouvir. Os discursos resumidos tomam forma individual, promovendo o sufocamento da fala, da narrativa e da memória. Nesse sentido, portanto, podemos dizer que vivemos em uma sociedade do esquecimento⁶. (SIMSON, 2003)

Nesse ponto, é nítido o quanto somos normatizados pela rotina diária e anestesiados pela falta de contato com o outro. Capturados por redes sociais que fortalecem os discursos das narrativas vazias, – talvez esse seja um dos poucos caminhos possíveis, hoje, para trocas –, pouco nos conforta reconhecer a nossa falta de movimento. Como já fora alertado por Walter Benjamin ([1935] 1994), numa sociedade na qual a arte da narração está em extinção, também se perde a capacidade de ouvir, no sentido de experimentar o outro. Nesse contexto, não podemos resumir o ouvir como um processo sincrético e pouco útil. Precisamos pensar o ouvir como um trabalho e um constante processo de aprendizagem, que exige preparação para um desprendimento de si; permitindo um encontro com o outro.

Com essa escassez de contato pelas narrativas com o outro, então, deparamo-nos com discursos resumidos e palavras fragmentadas. Antes, essa, a palavra, assumia um lugar de destaque; gerava encontros com o outro. Todavia, com a exacerbação do corpo e das relações

⁶ Simson (2003) analisa a sociedade ocidental atual, como acelerada e exacerbada; colocando o homem frente a um frenesi de informações, quase o obrigando a consumi-lo de maneira acrítica e sem cuidados seletivos. Essa fragmentação da seleção das lembranças favorece a perda do poder de escolher o que deve ser preservado, levando a sociedade do esquecimento.

sincréticas e cada vez mais eletrônicas, deparamo-nos com o esvaziamento dos discursos dos indivíduos, sendo, em muitas vezes, supridos com obturações⁷ superficiais de prazer.

Dessa forma, em meados de 1930, Benjamin pouco se animou com a ideia de construir sociedades com mais narrativas, pois sentia e presenciava a sua decadência nas sociedades contemporâneas. Via que as trocas de experiências se dissolviam e continuavam a se escassear frente às hipervalorizações do externo, do corpo, do que é rápido e prazeroso. Tornamo-nos objetos ociosos, facilmente devorados pela informação excessiva. Nesse sentido, portanto, há uma perda significativa do interesse pela experiência do contar ou ouvir histórias.

Além dos esquecimentos e da fragmentação das narrativas, outros autores discutem que vivemos em uma era da “caducidade das existências” (GAGNEBIN, 2003) e da falta de sentido, e, para romper com esse processo, são necessárias invenções de mecanismos e estratégias para a conservação das lembranças e não apenas construções de centros de memórias eletrônicas que tanto utilizamos para acessar o passado. A memória precisa ser lembrada e trabalhada, mas não apenas o ato de lembrar por lembrar, cultuando-a. A memória precisa fornecer instrumentos para melhor esclarecer o presente, possibilitando novos arranjos e espaços de socialização.

Nesse caso, o contato com outras lembranças, a memória do outro, para nós, tem uma confirmação e uma continuação das nossas próprias lembranças, pois é inegável que muito do que recordamos está relacionado aos grupos dos quais fizemos ou fazemos parte (HALBWACHS, 1990). Observa-se que a memória é viva, adapta-se, muda e permanece, sendo eminentemente ativa nas relações sociais. Assim, cristalizá-la em centros de memórias pode torná-la estéril. Essas colocações, além de dar sentido ao próximo ponto do capítulo, proporcionará uma clarificação ao leitor sobre os processos de (des)cristalização oral.

1.9 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Em todo esse processo de enrijecimento das memórias, própria da “sociedade do esquecimento”, podemos analisar que a dificuldade em se relacionar com o outro causa obstáculos à possibilidade de construirmos memórias mais duradouras. As palavras rápidas e o frenesi de mudanças de informações aumentam um ponto, mas não contam um conto – como

⁷ Usa-se esse termo – utilizado mais por dentistas – para lograr as formas contemporâneas de dar-se conta dos cotidianos. Tapar um “buraco” da vida com “massas” de várias maneiras; exercícios, consumo, medicamentos...

colocado no ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto –, ou seja, há dificuldades de se ouvir e de registrar novas memórias”. Utilizar as narrativas de maneira pura e simples, ou seja, uma comunicação verbal (conversa) entre duas ou mais pessoas vem se perdendo e dando lugar às redes sociais e aos aparelhos eletrônicos cada vez mais avançados. Essas novas redes e aparelhos de última geração chegam a mostrar um grande pleonasma: aproximam quem está longe e distancia quem está perto.

Hoje, quem conta um conto? Além dos poetas e dos literários modernistas e pós-modernistas, quem conta um conto é a TV, o jornal, e, de maneira mais massiva, as redes sociais. O famoso “*tá calor aqui!*” (Uma frase usada por muitos para começar uma conversa com um estranho) não consegue, talvez, “caçar” mais conversas como antigamente. Todo mundo com pressa, atrasado, cansado e com pouco tempo para novas/outras trocas. Nesse sentido, então, como podemos resgatar a possibilidade de interagir – de uma simples conversa de portão ou outras formas – com o outro?⁸

De acordo com alguns autores (DEBERT, 1999; BOSI, 2004; ANSARA, 2005; BRUNO, SAIMAN, 2004; CALDAS, 1997; GAGNEBIN, 2003, entre outros) lembrar-se do passado possibilita um digerir das agruras dos cotidianos, ressaltando e restaurando os sujeitos frente a novas organizações da vida. Mancuso (2000) coloca que “a memória é a reavaliação, reconstrução da própria vida. É o reencontro, no presente, com amigos, pais, irmãos e mestres” (p. 06). Entretanto, se não pudermos dispor de uma sociedade que olha e aceita as memórias, sem “*guetizá-la*”, lembrar perde sentido e sucumbe-se a se tornar mais uma página eletrônica na internet. É necessário, então, expormos as memórias, “externalizar” as histórias, pois, essa, dentre outras funções, pode se configurar como espaço para a elaboração do passado e (re)construção do presente.

Frank e Landeira-Fernandez (2006) discutem o papel da memória como um processo subjetivo que ativa o substrato neural. Segundo os seus estudos, embasados em autores que estudam a neurociência, a neuropsicologia e a neuroimagem, denota-se que, quando lembramos os detalhes da nossa história pessoal – embebidas por emoções – permitimos a permanência e a continuidade do eu, por meio do tempo, com elementos semânticos, sendo essencial para a

⁸ Lembro-me de que meu avô, residente em uma cidade pacata de 10.000 mil habitantes, no sul de Minas Gerais, vinha passar alguns dias em casa, em uma cidade de 100.000 mil habitantes. Ele dizia que as pessoas – mesmo com algumas tentativas dele – não eram educadas, pois não o cumprimentavam e, muito menos, paravam para conversar. Bem diferente do povo que ele conhecia e experimentava lá em sua cidade de Minas.

evocação autobiográfica, graças à sua propriedade de integrar conhecimentos e formar laços com a simbologia particular. Para eles, a evocação autobiográfica se torna “um processo significativo para a noção de autoidentidade” (FRANK e LANDEIRA-FERNANDEZ, 2006, p.1), permitindo ao sujeito a permanência do “eu” através do tempo.

Esses mesmos autores colocam a memória autobiográfica como uma evocação episódica acompanhada por um estado emocional próprio, no momento em que as informações foram adquiridas. Portanto, para eles, a memória autobiográfica é uma forma complexa de memória com bases neurais próprias e distintas de outros tipos de memória.

Schulkind e Woldorf (2005) coadunam com a “*amalgamação*” (Liga) da memória autobiográfica com as emoções, colocando a valência emocional como uma dimensão primária de organização de memória, ou seja, apontam – por meio dos estudos realizados, com a apresentação de emoções negativas e positivas, com um grupo de jovens de 19 anos de idade e com grupos de velhos de 70 anos de idade – que eventos emocionais são mais fáceis de recordar do que eventos com pouca emoção. Dessa forma, como colocado por Swannisan (2008), qualquer coisa pode ativar a memorização: artigos visuais, auditivos, cheiros, entre outros. Contudo, memorar pode não ser instantâneo, necessita-se de tempo e de encorajamento para evocação, como também tempo para trabalhar o empoeirado das autobiografias. Vale destacar que a expressão de evocação mais relatada, na literatura, é a verbal, mostrando, assim, forte relação entre linguagem e memória.

Isso posto, então, falar do passado é intenso. Falar do passado é, além de trabalho, um processo, como colocado por Reboredo (1995), de “preservação do ‘eu’” (p.31). Pois,

... na medida em que os espaços de compartilhar narrativas vêm sendo suprimidos na sociedade contemporânea, é preciso criar espaços e situações em que as memórias possam emergir. É aí que a memória se exterioriza e passa a se articular às memórias de todos. Na forma de uma roda de conversa, por exemplo, garante-se o espaço de dizer, dividir o que pensa, se sente e se descobre. (KESSEL, 2004, p.58)

Os relatos, por conseguinte, são construções subjetivas e, mesmo sem quadros numéricos ou estudos estatísticos, trazem para o presente uma força vital que pode ser avaliada qualitativamente, ou seja, por meio da linguagem, o homem reconstitui seus passados. (BRANDÃO, 2008)

Essa última autora reforça que as memórias elaboradas são naturalmente incorporadas à construção de sentido. Na medida em que o trabalho com as narrativas ganha espaços de vazão, enceta o processo de ressignificação dos projetos de vida.

1.10 MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA

A memória pode ser uma forma de resistir ao silêncio e à narrativa controlada. Discutir o quanto a conversação das memórias de um indivíduo com o outro e as experiências vividas fazem com que as pessoas construam posições sociais mais propensas a garantirem seus pertencimentos. Dividir, compartilhar e narrar memórias, pode construir no eu e no outro novas/outras formas de existir no mundo e de existir com os outros.

Para isso, faz-se necessário tecer a memória individual, nos fios de um coletivo, que se constrói, como já colocado, nas trocas (HALLBWACHS, 1990). Então:

... a memória coletiva não pode ser entendida apenas como transmissão geracional da experiência ou a guarda das tradições nacionais e sim como estratégia de resistência e luta política, especialmente por aqueles que se vêem excluídos dos direitos à cidadania e que passam a assumir uma cidadania ativa, configurando-se num sujeito que rompe com o fatalismo e que assume seu próprio destino (ANSARA, 2005, p.26).

Dessa forma, podemos nutrir essa cidadania ativa em um processo de memoração coletiva, pois, de acordo com Kessel (2004), a memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada, fortalecendo-se em grupo ao encontro do que Maurice Halbwachs (1990), que teve em seus estudos uma questão central que consistia na afirmação de que a memória individual é tecida nos fios de um coletivo, construída no compartilhar e na troca das memórias inspiradas dentro de um grupo. Concomitantemente, então, podemos ressaltar que a memória não é um fenômeno individual, mas sim, coletivo em constante transformação. Cada relato remete-se ao memorado e a suas interações com outras pessoas, refletindo as crenças que adquiriu em seu grupo, ancorando-se temporalmente nos eventos que fizeram notícia e qualificaram suas experiências, pois as memórias

... se alimentam umas às outras dentro de uma 'comunidade efetiva'. Lembrar e construir a memória são atos possíveis a partir da experiência no (e do) grupo. Por outro lado, é a possibilidade de participar do grupo, da tal

comunidade afetiva, que propicia ao indivíduo o sentimento de pertencer, por compartilhar de um passado comum. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

A memória, portanto, deve ser continuamente construída e dar sentido ao presente de um grupo ou de um indivíduo. Uma vez que a memória não é estática, pois, na base da sua formação, encontra-se a negociação entre as lembranças do sujeito ou grupo e as dos outros grupos ou sujeitos, podemos trabalhá-la, também, no ressoar das narrativas coletivas; o autor aponta essa característica como a condição fundamental para que as lembranças sobrevivam, pois, quando lembramos, mesmo que nos achemos sozinhos, estamos em contato com o memorar de outras pessoas.

Nesse ponto, Halbwachs (1990) argumenta que, para que nossas memórias sejam reconstruídas sobre um fundamento em comum, elas precisam se atrelar com a dos outros, porém não basta que tragam seus sentimentos, é necessário um contato entre uma lembrança e outra. Reconstruir peça por peça não é suficiente, essa precisa se operar a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e, reciprocamente, em “zig-zag”, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser, ao mesmo tempo, reconhecida e construída.

Assim sendo, nas palavras de Nascentes (2004), a memória seria como um mosaico, que fora construído com o tempo vivido de cada um. No entanto, de nada adiantaria construí-la, se os espaços para lembrá-las forem negados. É necessário um contexto para reconstrução e para revivescência da memória; como descrito:

... essa história que está escrita nas lembranças, na memória de cada um, todas as histórias são belíssimas, cada um com sua dose de lirismo, de mesquinhez, de alegria, de tristeza, de dor, de prazer, de conto de fadas ou tragédia, de vontade de lembrar ou desejo de esquecer... todas as histórias e todas as memórias são em si mesmas 'as mais belas histórias', porque são histórias de cada um ... (p. 70).

Diante dessas colocações e formas de se pensar as memórias, é preocupante observar os pequenos recintos que esse tema ganha, nas mídias, na academia e em outros espaços de discussões. As condições de memoração estão escassas – vide ao grande número de centros de memórias em rede (bibliotecas virtuais, catálogos da história, ente outros) e os poucos, ainda,

trabalhos realizados sobre essa temática – como serão, então, as memórias coletivizadas no futuro? Pois,

... memória e História são processos sociais, são construções dos próprios homens - que têm como referências as experiências individuais e coletivas elaboradas na vida em sociedade. Ora, se todos vivemos em sociedade, nossas memórias, assim como as demais construções, têm necessariamente que estar inseridas no engendramento da vida social. (NASCENTES, 2004, p.73)

Devemos acentuar a importância da memória. Pela memória, sentimos, pertencemos e damos continuidade, reconstruindo a vida no presente. Não temos como nos distanciar da memória; ela é uma ferramenta, um recurso que dá sentido à existência humana, cuja história se inscreve no tempo. Lembrar nutre a confluência dos tempos, (re)compondo nossas histórias dia-a-dia.

Desse modo, o exercício de lembrar e memorar em grupo permite múltiplas possibilidades de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Pela memória, no exercício de lembrar, que é parte constituinte fundamental da identidade de cada um, cria-se a ligação de inserção social e histórica de cada sujeito, pois, de acordo com Nascentes (2004):

... o mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos [...] cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, através de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade (p.73).

Então, o liame das memórias se restaura nas possibilidades de contato entre um e outro, que mesmo falando de vários lugares e tempos diferentes, unem-se para conversar e memorar sobre um mesmo tema. Desse modo, aproxima, como uma engrenagem, o recursivo entre as memórias, fortalecendo a coletividade e o conhecimento das histórias um do outro.

Nessa construção e asseguramento da identidade, podemos encontrar em Pollak (1992) três elementos essenciais. O sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo, há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico, e finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. Assim, é importante observar que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos advertir elementos patológicos. Portanto,

podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, sendo um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução.

A valorização social positiva, que enfatiza a norma, alimenta a memória das pessoas dando permanência às construções sociais cômodas, ou seja, às vestimentas corretas, ao como devem agir diante das pessoas, como viver em família, entre outros. Observamos a alienação em relação à legitimidade da memória, pois cada indivíduo pensa que é uma parte, uma unidade, no entanto, acentua sua particularidade, muitas vezes, em discursos, que exaltam o que o alienou: a opinião alheia, o excesso.

Testemunhamos a rapidez das informações, as quais, talvez, já não saibamos como perceber os significados, ou não somos capazes de compreender nenhuma história, sendo elas reais ou fictícias. A modernidade nos impõe o chavão do “não há tempo a perder”: como, então, podemos criar espaços para a memória dos velhos? Pode-se ressaltar que estamos moldados para esquecer a fantasia, enraizando-nos na mesquinhez da realidade.

O que seria das lacunas sociais sem as memórias? O que seria do passado sem as memórias? Que tempo é esse que resume nossas vidas em passado, presente e futuro? O tempo em que vivemos é muito mais do que o tempo social, ele se desenrola no emaranhado das nossas vivências e de nossas experiências. Podemos caminhar por ele a todo o momento, basta que relembremos os espaços e as situações pelas quais já passamos. Significamos e ressignificamos.

1.11 VELHICE E AS MEMÓRIAS

Essas discussões, tão fundamentais para esta pesquisa, afunilaram-se no processo de estudo e de aproximação com os temas memória e velhice. Sabemos que, sem os velhos, não poderíamos reviver de maneira visceral o que se perdeu: as histórias, as tradições, e as lembranças dos que já partiram. O poder que os velhos têm de tornar visível e presente o que já passou possibilita que as histórias se perpetuem. Assim, possibilitar um espaço de narrativas, como já ressaltado anteriormente nesta pesquisa, das memórias para os velhos, facilita a construção imagética dos espaços que ocupamos hoje.

Entretanto, o adulto se embasa em ações presentes, voltando ao passado apenas para buscar subsídios que o auxiliem em suas preocupações cotidianas. Nesse contexto, Bosi (2004) contrapõe o adulto com o velho, apresentando as palavras de Rousseau e destacando a importância do lembrar para os velhos, que foram de alguma maneira, destituídos da possibilidade de engendramento social: "as lembranças se gravaram, na minha memória com traços cujo encanto e força aumentaram dia a dia; como se sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos meus começos" (p.76).

Na velhice, o lembrar um trajeto de vida implica trabalho de seleção e de reconstrução do sujeito, no presente, resgatando as relações, em memória, nos meios sociais em que esteve presente durante sua vida, pois "a memória gosta de caçar na escuridão do tempo" (BRUNO; SAIMAN, 2004, p. 28). Nesse sentido, discutir o papel da memória, no processo de envelhecimento, significa uma construção de identidade do ser velho se reafirmando nos espaços desfigurados, pela construção social da velhice, na sociedade contemporânea.

Isso posto, a memória, na velhice, cumpre um papel de unir o começo e o fim, tranquilizando a marginalização do presente. Com a lembrança, é possível verificar que o sujeito opera, pela memória, uma evocação do que foi, buscando realocar sua identidade, construída socialmente na trajetória de sua vida. Quando os velhos recordam, não são mais o "velhinho" e a "velhinha", são um homem e uma mulher com identidades, sendo reconstruídas pela memória, no sentido de "trabalhar com fragmentos de memória na composição (recomposição) da história de sua vida". (BRUNO; SAIMAN, 2004, p.30)

O ato de relembrar, narrar a sua experiência de vida, portanto, confere um significado pessoal e social que lhes fora retirado com a construção das velhices e no decorrer da sua vida; destituída, hoje, de significados e capacidades. O passado vivido assume, assim, uma enorme importância, assegurando uma função social - quase que extinta - que lhe resta, que é o ato de lembrar e memorar. Para tais colocações, encontramos em Bosi (2004) uma afirmação pertinente. Ela descreve, por meio dos seus estudos com a memória dos velhos, que há

...um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade; neste momento de velhice social resta-lhe uma função própria: a de lembrar. A de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (p.63).

Dessa maneira, trabalhar com as memórias dos velhos é um processo social importante já que nós, enquanto vivemos, também envelheceremos e, cada um à sua maneira, com suas subjetividades e formas de encarar esse processo, ou seja, a velhice é plural e vivida também singularmente. (MERCADANTE, 1997)

Segundo Caldas (1997), as divisões etárias impostas pela sociedade fragilizam tanto o adulto quanto a criança. Entretanto, é sobre o velho que recai toda a problemática social. Em seu corpo, ficam gravadas, para sempre, as condições de produção e de trabalho o que, de certo modo, fragiliza-o. Nesse contexto, é por meio de suas memórias, que podemos ter acesso a essa história gravada, muitas vezes, como cicatrizes sociais.

Ainda segundo a autora, se, durante a vida, o velho foi marcado por sentimentos de impotência e submissão, as memórias se constituem de lamentações. No entanto, se a trajetória de vida foi marcada por relações socialmente afetivas, as memórias tornam-se orgulhosas. A autora completa que:

... é através de suas memórias que os velhos resistem à velhice socialmente imposta. É extremamente importante para o indivíduo provar que através do testemunho de sua vida, [mostre] o que ele foi um dia. É com sua memória que ele diz que aquele velho que hoje está ali e o ao qual é negada a maior participação na sociedade, foi um dia um trabalhador ativo, que tem muito o que contar do que viu e viveu. Todos demonstram prazer em narrar suas memórias embora alguns não reconheçam seu valor testemunhal ou a sabedoria adquirida nestas experiências. (CALDAS, 1997, p.134)

É no contar que podemos trabalhar com as memórias e restituir o velho ocultado socialmente. Próximo a essa ideia, romper com os processos dos frenesis cotidianos e do mundo *fast*, faz com que paremos para observar o que muito nos escapa: a própria vida. Tantos cenários mudam e pouco nos lembraremos, já que nossos olhos e pensamentos estão enrijecidos pelo árido das memórias curtas e sem aprofundamentos.

Testemunhamos, como já descrito, o excesso de informações das quais, talvez, já não saibamos como perceber os significados, ou não somos capazes de compreender nenhuma história, sendo elas reais ou fictícias. A modernidade nos impõe o chavão do “*não há tempo a perder*”. Como, então, podemos criar espaços para a memória dos velhos? Grupos de memórias com velhos seria um caminho? Acreditamos que sim! Devemos relembrar as fantasias e nos desenraizarmos da mesquinhez da realidade, pois,

... a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos [...] desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa [...] em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. (BOSI, 2004, p. 18)

Palavras duras, mas, reais; importante para podermos salientar ainda mais o papel da memória, no processo de envelhecimento, pois ela, como estudo já realizado por Borella (2007), além de possibilitar o realce de novas significações sobre o papel do velho, na sociedade, potencializa a construção de identidade do ser velho, aumentando as estratégias de afirmação nos espaços sociais que ocupa. A intenção, tal como para Bosi (2004), "está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida" (p.37), já que, no que foi lembrado, é possível verificar que o sujeito velho se alimenta do passado e dele compõe o que resta da sua identidade – lembrando-se do processo de construção social dos homens – construída socialmente e ancorada nos espaços físicos e sociais experienciados pelo sujeito ao longo do seu trajeto de vida.

A vida periodizada nos mostra a necessidade de problematizar as dimensões que se operam, especialmente, na velhice, como a não mais produção da vida social. É inegável que a exacerbação da juventude ofusca as possibilidades do velho em exercer alguns papéis sociais, como o de sujeito produtor e reconhecedor de suas identidades. Nesse sentido, precisamos olhar o velho não apenas como consumidor dessa juventude imposta pelo cotidiano, mas como representante de uma história que muito contribuiu para as pilastras sociais, pois, "...sem a memória, a cidade seria apenas construções físicas, mas não seria história". (DÖPPENSCHMITT, 2005, p. 65)

A mídia cultua a imagem da juventude: moda, corpo e sexualidade, colocando o velho em uma situação dicotômica, ou seja, mesmo estando preso a uma das etapas da vida, ele se sente estimulado e compelido a desenvolver e exercer a juventude e o consumismo, muitas vezes para se integrar nas redes sociais das quais fora segregado pela periodização da vida. Nesse ponto, como descreve Bosi (2003), nossa sociedade está marcada pela descontinuidade, sendo a narrativa uma escavação constante do velho contra o tempo organizado do sistema. Nesse sentido, podemos entender que a memória passa de um caráter de restauração para geradora de futuro e resistência.

Entretanto, como já indicamos, a velhice também gera mercado, pois, essa busca do não envelhecimento faz com que novas cultuações e denominações surjam, como produtos

estéticos, cirurgias plásticas, cursos superiores para "terceira Idade" ou "melhor Idade", que propiciam lazer, arte e sociabilidade. Todavia, podemos pensar que essa realidade só se mostra às pessoas que, no decorrer da sua vida, puderam exercer funções que as gratificaram financeiramente bem, restando para a maioria dos velhos – se não sufocados e assujeitados pelo ostracismo social – o espaço de memorar.

Mesmo assim, levantando algumas bandeiras sobre o processo de trabalho da memória, é comum as pessoas se referirem aos velhos como aqueles que gostam de viver do passado. Essa imagem, muitas vezes, denota certa negatividade da função da memória, na velhice, aprisionando o velho numa vivência que teve significado, no passado, ignorando a possibilidade de memorá-las é representá-las no presente. O velho memorioso passa a ser visto como aquele que, algum dia, foi feliz, restando, hoje, as lembranças e a espera pela morte. Bosi (2004) reafirma essa colocação quando argumenta que "Os preconceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira" (p. 19).

Todavia, esquecemos que a memória dos fatos vividos faz parte do cotidiano, não somente de pessoas mais velhas, mas de todo o ser humano. No entanto, para o velho, o lembrar cria novos espaços para a socialização e (re)construção das identidades, fazendo-o a se tornar sujeito. Portanto, enquanto os jovens esquecem, e os velhos são levados a esse mesmo fim, as transformações sociais e espaciais acontecem e, se não nos agarrarmos em estruturas que fortaleçam o lembrar, logo seremos seres do esquecimento, sem sentidos e poucas coisas para partilhar e dividir. Memorar, então, é um dos instrumentos mais preciosos que o velho – e não só – dispõe em seu envelhecer, transformando seu presente em um momento de real envolvimento com a vida.

Parece ser de suma importância que se configure um delinear crítico sobre a problemática das estruturas que oferecem penhor ao "homem" velho, e à própria velhice, pois, será a velhice ou as condições sociais dadas a ela, que, por vezes, incapacitam, adoecem e levam à infelicidade dos sujeitos? É comum o velho ser responsabilizado por sua situação, mas reconheçamos que suas identidades e papéis sociais, foram, e muito, fragmentados e se formou, nos estudos de Ecléa Bosi (2003), "uma história tecida de silêncios, uma vez que sempre pertenceu [em sua maioria] às classes dominadas" (p. 64).

Assim, não podemos resumir a memória ao simples lembrar-se das situações e histórias. Temos que visualizá-la e trabalhá-la no campo da (re)significação do homem, identidade e

papéis, para que não ancoremos a memória no estático “abismo” do passado, “aquele tempo”, simples saudosismo sem significação, apenas como forma de resistência ao que os velhos vivem. Bastide (1999) observa que muitos velhos se apegam ao tempo construído socialmente, “esse do relógio”, de tal modo que se “enrosca” na avidez do lembrar o passado como sendo o seu único tempo. Esse mesmo autor coloca que:

... o homem que envelhece se refere, de bom grado, a “seu” tempo. Ele gosta de destacá-lo como sua propriedade. É curioso constatar que o que ele chama “seu” tempo é o de sua juventude, como se o tempo que está vivendo não seja mais dele, não seja mais “seu” tempo [...] ele não se identifica no tempo, e evoca sua juventude como, “seu tempo”, para levar vantagem junto aos jovens, confrontando-os com um modelo no qual eles não foram capazes de se inspirar. (p. 07)

E mais:

... de outra parte, o homem que envelhece gosta de recordar. Por um estranho paradoxo, o envelhecimento, às vezes tão nefasto para a memória, parece favorecer a conservação das lembranças no que ela tem de mais pessoal e de mais particular. (p. 07)

Debruçados em um tempo no qual eram valorizados, é mais confortável do que viver consumindo uma jovialidade constante e ilusória. Talvez, o passado seja o espaço pelo qual se sentem seguros, homens e produtores de suas próprias vidas. Dessa forma – mesmo entendendo a configuração perversa dessa sociedade em tornar a idade da velhice como consumidora, apenas, exercitar essa memória como trabalho é uma função social, principalmente dos profissionais que atuam na área dos estudos e políticas da e na velhice. São os vínculos sociais das lembranças que permitem a sua durabilidade e, por isso, é necessário “fixar a pertinência dos quadros sociais e das instituições e das redes de convenção verbal no processo que conduz à lembrança” (BOSI, 2004, p. 64), pois,

... por meio da memória não só se constrói o passado, como também se criam novos cenários e novas condições para fazer memória e para empreender outras ações. A memória concebida desta maneira está sempre aberta a novas interpretações, propiciando novos pontos de partida que podem modificar o significado do passado, do presente e do futuro, podendo dar lugar a novas ações e projetos a partir da vinculação com o imaginário social. (ANSARA, 2005, p.81)

A memória, então, é um discurso identitário que dá contorno ao vivido ao experienciado; traz a visceralidade de tempos que não tivemos contatos, mas se entrelaçam no fio das nossas

memórias. Ela, a memória, cria identidade e é muito usada para nortear nossas ações e participações coletivas. Instituições e culturas tentam manipular essas memórias para poder melhor teleguiar a nossa consciência. Ou seja, a memória é um processo de legitimação e de afirmação de pertencimento e espaços de construção de resistência do vivido e do memorado. (FERREIRA, 1998)

2. INTERGERACIONALIDADE

2.1 O ENCONTRO DE CRONOS⁹ E KAIRÓS

Relógio, ponteiro, tic tac, segundos, minutos, horas, dias, meses, décadas... temos uma dívida com o tempo, uma dívida de corpo, pensamento, pele, rugas... olhamos para o envelhecer com receio e com distanciamento, parece que o velho é sempre o outro, o que se apresenta, escrito em corpo, com as características e padrões criados para o que se é velho, talvez aí mora também o abandono. O tempo não para e continuamos em dívida com o ele. Viver o Kairós vai além do tempo estabelecido, vai além do que se escreve em medidas. Kairós apresenta uma oxigenação frente ao domínio incessante que queremos ter com o tempo, sem saber que nos tornamos escravos do mesmo.

Geração tem diversos conceitos polêmicos que se atravessam e se debatem. Atribuir essa temática como algo meramente cronológico é resumir e simplificar todos os contextos que se envolvem sobre as gerações. Nesse sentido, podemos elucidar que há dinamismo, continuidades e rupturas nas relações entre indivíduos e coletivos e vice e versa. Símbolos, afetos, solidariedade, confusões, choques de cultura, memória, constroem o que chamamos de intergeracional.

A intergeracionalidade ainda é um campo a ser desbravado dentro das áreas acadêmicas. Encontramos poucas pesquisas e poucos trabalhos referentes a essa temática. Assim sendo, esse também será um ponto relevante desta pesquisa, ou seja, poder construir estruturas de trabalhos, nesse caso, utilizando a técnica de Grupos Focais embasados no encontro e na circulação das memórias individuais e coletivas para analisar a consciência política.

⁹ Na mitologia grega, Cronos era a principal divindade da primeira geração de titãs. Estava relacionado com a agricultura e também ao tempo. Esse titã serviu como inspiração para a criação da figura de *Chronos*, na seita órfica, ao qual chamava de “o deus primordial do tempo”

Já Kairós era retratado como sendo o oposto de Cronos. Isso porque ele era despreocupado e não dava atenção para o tempo cronológico, para calendários ou mesmo para o relógio. Por isso, era considerado como o **deus do tempo oportuno**.

Ele era representado sempre como uma figura jovem que andava nu, possuía asas nos tornozelos e nos ombros. Uma curiosidade é que Kairós só tinha uma mecha de cabelo que caía sobre sua testa ao passo que a sua nuca era calva. Isso se torna incrivelmente interessante quando analisamos o motivo de esse personagem ser representado dessa forma.

O fato de Kairós só ter cabelo na frente faz uma analogia ao caráter instantâneo do tempo, ou seja, ele só pode ser pego (agarrado pelos cabelos) quando está vindo para nós. Depois que já tiver passado, não há mais como agarrá-lo, assim como o tempo.

<https://mitologiagrega.net.br/cronos-e-kairos-personificacoes-do-tempo/> Acesso em 13 de Fev. de 2019

Como descrevemos, no primeiro capítulo desta pesquisa, a construção social da velhice vem se modificando ao longo da história, adquirindo diferentes concepções socioculturais. No século XVII, por exemplo, uma pessoa com mais de 40 anos era considerada velha e a tal concepção variava de acordo com o gênero. Aos homens velhos, cabiam os atributos de ordem moral, e às mulheres, os elementos associados ao aspecto físico e postura corporal. Como o passar de um século, XVIII, uma nova imagem da velhice surge, trazendo expressões positivas de simpatia e de sabedoria, induzindo o respeito e a legitimação da autoridade, e defendendo que, em nível científico, o cuidado com o corpo era essencial para a manutenção de uma velhice ativa e plena. No século XIX, por conta da revolução industrial, o êxodo rural e a necessidade de classes operárias ativas há uma emersão da velhice abandonada, e assim, a economia sente o impacto da população envelhecida, sem rendimentos próprios e sem proteção familiar, fazendo com que o Estado e associações filantrópicas institucionalizem pessoas velhas e deem um suporte assistencialista. (TEIGA, 2012)

As instituições e as culturas escreveram em nós, em nossa pele, o tempo. É nesse tempo em que residimos, em que vivemos e em que sobrevivemos, mas, parece que esse tempo sempre é muito curto. Ao se aproximar daquilo que se estabelece como velho, esforçamo-nos para que a esteira do tempo diminua ou pare, pois, além do envelhecer, virão novas nomenclaturas, desfazeres, e distanciamento com a vida. Como romper com esse ciclo? A intergeracionalidade pode ser uma possibilidade de vivermos muito mais o *Kairós* do que o *Cronos*.

As gerações mais velhas têm, desde sempre, ensinado as gerações mais novas e também, aprendido com elas, levando a educação entre gerações uma condição essencial para a existência e para o desenvolvimento da humanidade, com a aprendizagem por meio da comunicação entre semelhantes e a transmissão deliberada de critérios, técnicas, valores e memórias que a humanidade tem evoluído. Porém, nas sociedades contemporâneas, sejam elas desenvolvidas ou em desenvolvimento, os encontros intergeracionais têm se tornado mais escassos, diminuindo, assim, as oportunidades de educação entre diferentes idades, causando sérios prejuízos para a sociedade atual e para as gerações futuras. (VILLAS-BOAS *et al.* 2015)

Desde os tempos mais imemoriais que as gerações mais velhas ensinam as gerações mais novas e vice-versa, sendo a educação entre gerações a condição sine qua non para a existência da humanidade. (VILLAS-BOAS *et al.* 2015, p.35)

Teiga (2012) questiona se a sociedade está capacitada para encarar o envelhecimento humano de uma forma natural e se consegue reconhecer as diferentes necessidades e competências relacionadas à idade. Também defende que as sociedades contemporâneas vivenciam ritmos alucinantes e impérios de produção humana que vão cada vez mais fundo numa falta de tempo para as relações sociais. Dessa forma, há um imperativo emergente na capacitação de diferentes gerações para a promoção da solidariedade, do cooperativismo e do respeito em relação a diferentes necessidades e potencialidades associadas a diferentes idades, gerando, assim, uma nova forma de construção social da velhice e do envelhecimento.

2.2 INTERGERACIONALIDADE: UM DESAFIO NECESSÁRIO

Como já descrito anteriormente, a intergeracionalidade além de ser um desafio social, também se mostra escassa, enquanto estudos e pesquisas, no meio acadêmico. Apresenta-se como uma temática ainda recente, cheia de questionamentos e potencializadora para trabalhos e discussões futuros.

Mesmo a história nos dizendo o quanto o encontro intergeracional foi produtivo e profícuo, vemos e vivenciamos espaços de trocas de idades cada vez mais escassos e fragmentados. Após delinear e delimitar padrões para cada faixa etária, muito perdemos com a potência de encontros intergeracionais. Nesse contexto, o distanciamento entre as gerações se torna natural e amargo, pois, apresenta-se agora como um desafio de criarmos espaços que pulverize o contato entre as gerações, lembrando que a cultuação da jovialidade coloca os velhos sempre à margem, e, nesse caso, trabalhar a juventude e a velhice desconstruindo esses modelos e padrões sociais sobre o envelhecimento e a juventude é um início promissor para os encontros intergeracionais.

Devido ao crescente envelhecimento da população em países desenvolvidos e em desenvolvimento, devido a uma baixa natalidade e avanços, na medicina, que levam a um aumento, na expectativa de vida, há cada vez menos jovens e adultos, com um número crescente de trabalhadores mais velhos, aposentados e pessoas com idade extremamente avançada. No Brasil, tal envelhecimento teve um grande aumento, sendo que há uma estimativa, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) de que o país será o sexto em número de idosos em 2025. Com isso, surge uma necessidade de criação de novas vias que valorizem o potencial de crescimento tanto das gerações novas quanto dos cidadãos mais velhos, visando

não apenas à longevidade, mas sim o bem-estar e a qualidade de vida (Comissão das Comunidades Europeias. [CCE], 2005: 6; TEIGA, 2012)

Os velhos podem ser encarados como capital social e força motriz dos territórios onde se inserem, levando a uma emergente interpretação semântica, que defende que essa é uma fase da vida que deve ser vivida de forma livre, democrata, participativa, participada, ativa e produtiva. Com isso, a sociedade apenas se beneficia, pois todas as gerações, de novos e velhos, sentirão vontade de estabelecer relações baseadas no respeito mútuo sobre necessidades e potencialidades. Porém, as relações intergeracionais apenas serão criadas e mantidas de forma espontânea se houver uma vontade civil, institucional e governamental que acredite na práxis dos valores de respeito, de solidariedade, de cooperação, de participação e de valorização das competências individuais. (TEIGA, 2012)

A partilha de conhecimentos, de narrativas e de afetos, entre as gerações, impulsiona o enriquecimento da socialização e da fragmentação do processo de marginalização do velho, bem como a proposta de potencializar a juventude e as gerações futuras a pensarem a velhice diferente do que está aí. Nesse caso, essas ações podem ser fios condutores para a ruptura de preconceitos (ageísmo) e promoção de efeitos positivos para a saúde mental dos indivíduos e da sociedade como um todo. (ANTONUCCI, 2007)

Essa troca de experiência e de memórias fortalece as bases da sociedade, não apenas de um lado, ou seja, dos velhos, mas em todas as gerações, uma troca de sujeitos históricos em relação a consigo mesmo e também com os coletivos. Uma construção eficaz intra e intergeracional entre todas as faixas etárias, gerando proximidades e também distanciamentos, afinal, o encontro intergeracional não acontece sem conflitos, há negociações, debates e divergências que podem ou não dar bases à solidariedade. Assim sendo, a maior longevidade, fruto também das tecnologias médicas, favorece um prolongamento da convivência entre as gerações, mudando a estrutura hierárquica e dinâmica das famílias. Essas mudanças de *status* e papéis favorecem o papel da intergeracionalidade e dos velhos nessa sociedade (Lopes & Santos, 2009)

Bengtson, Giarrusso, Mabry, & Silverstein, (2002) dizem que conflitos geracionais e solidariedade eram o ponto chave, nas literaturas sobre intergeracionalidade até a década de 90. Os pesquisadores isolavam as características positivas e negativas, não abrangendo todo o processo que envolve o encontro entre gerações.

Há estudos recentes que vêm problematizando outro período da vida, a meia idade. Um período geracional longo entre os 40 e 60 anos, um processo de transição entre a vida adulta para a velhice. Autores como Ferrigno (2009) enfatizam que essa meia idade é marcada culturalmente por possíveis crises de identidade, conflitos com filhos e filhas adolescentes – aqueles que foram mães e pais – e normas e condutas padronizadas para cada sexo, como por exemplo: a roupa que usa, o carro que dirige, a forma que fala, entre outras. Ou seja, há um processo civilizador que categoriza as idades e os costumes.

Portanto, encontramos, nesse período geracional, como, na adolescência e também na velhice, crises identitárias e de ciclos geracionais que enfraquecem os campos transitórios e dificultam os processos intergeracionais, assim como crianças precisam ficar com crianças, adolescentes, com adolescentes, adultos, com adultos, meia idade com meia idade e velhos com velhos. Tornamo-nos cerceados cronologicamente, e isso escasseia os encontros geracionais.

Nesse sentido, faz-se mister pensar em quais circunstâncias e parâmetros devem ser potencializadas as interações entre os jovens e as pessoas maduras. Ferrigno (2009) coloca que, em atividades intergeracionais, há uma intensificação na relação entre jovens e pessoas maduras na perspectiva do aumento das trocas de experiências e do fortalecimento dos laços afetivos; estabelecimento de comuns interesses, prazeres compartilhados pelas experiências, nivelamento de concepções geracionais entre os mais velhos e mais jovens, convívio de laços de amizade e a aproximação dos mais jovens na participação democrática coletiva sobre formas de planejar, avaliar e executar as tarefas. Mas, para isso, o autor coloca a necessidade de pessoal preparado para o trato com essas demandas. Esse é um dos desafios.

Isso posto, estudos dos anos 90 para cá vem clarificando e fomentando a importância da aproximação das gerações para o desenvolvimento de solidárias relações, que tragam uma proximidade menos conflituosas e competitivas; e que possam atuar juntas para a transformação do *socius*, permitindo a ampliação do universo cultural daqueles que se envolvem em todas essas trocas geracionais. (FERRIGNO, 2010)

Para os mais velhos, o convívio com gente mais jovem propicia a oportunidade de revisitarem suas formas de olhar a juventude, seus conceitos e pré conceitos, estilos de vida, fazendo com que eles compreendam os novos comportamentos sociais e as mudanças ocorridas em sociedade no processo geracional.

Dessa forma, trabalhar com a integração entre faixas etárias diferentes viabiliza para os mais velhos e para os mais jovens a troca de experiências, o autoconhecimento e laços afetivos mais fortes. Entretanto, o que vemos em trabalhos com velhos é uma guetização da idade, ou seja, trabalhos em grupos que não propiciam a interação do velho com outras faixas etárias, fechando em si mesmo. Isso engendra menos possibilidades de potencialização política e de memórias partilhadas para a reconstrução do presente e do futuro. (FERIGNO, 2009)

Nesse ínterim, como o próprio nome diz, a intergeracionalidade é a relação entre distintas gerações, e, inicialmente, tem suas raízes na família. Nesse meio em que se estabelecem os afetos entre filho(a)s, pais, mães, avós e neto(a)s, entre tantas outras configurações de família. Nesse meio, Bengtson e Kuypers (1971) apresentam a teoria da solidariedade, que consiste em analisar os níveis de solidariedade afetiva entre pais e filhos. Descrevem que o conceito de intergeracionalidade surgiu da solidariedade, e, nesse ínterim, sugerem que os mais velhos invistam emocionalmente em suas relações com os mais novos.

No Brasil, na França, Silva e Barreto (2010) abordam a solidariedade intergeracional, discutem que a relação entre gerações colabora para restaurar a ideia da memória como um campo de ensino e de aprendizagem, e que os mais velhos podem contribuir com a sociedade, inseridos dentro dela, e não na marginalidade. A comunicação também alicerçada nas memórias potencializa a relação entre as idades e realça a positividade dos velhos em qualquer contexto em que queira estar inserido. Não é uma tarefa fácil, porém, com análises profundas sobre o território que jovens e velhos estão inseridos, a intergeracionalidade pode ser um instrumento para a integração e para o mantimento de alicerces sociais fortes. (Hogerbrugge e Kornter, 2012; Goerres, e Tepe, 2010)

Entretanto, o conceito de intergeracionalidade não se restringe apenas a pessoas velhas e jovens, mas sim a uma relação de pessoas de diversas idades que são unidas de alguma forma, como em um ambiente de trabalho, no ambiente familiar ou em centros de convivência. As relações fazem parte do bem-estar humano, além de estimularem a mente e o pensamento, acarretando a múltiplos efeitos positivos na terceira idade. Segundo a perspectiva psicológica do envelhecimento, há um impulso natural do ser humano para manter e desenvolver relações sociais. (TEIGA, 2012)

Estimular a participação dos velhos, na sociedade, é uma das bases do envelhecimento saudável, portanto, a inclusão social dessa categoria é bem vista, além da promoção de

atividades de lazer, de esporte e de estudos, pois levam energia e força de superação, sendo fatores que auxiliam na autoestima. Atualmente, há uma necessidade de formalizar os encontros intergeracionais, práticas espontâneas, no passado, a fim de compactuar com o efeito da ausência de tempo que alimenta as relações entre diferentes gerações. (LEITE e FRANÇA, 2016; TEIGA, 2012)

Nesse sentido, vemos, na memória, uma ferramenta extremamente importante para a mediação entre as gerações. Kessel (2004, p. 55) argumenta que: “A memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada. Ela se fortalece quando cultivada em grupo”. Haja vista que: “Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração com um valor. As ideias de memória e conselho são afins [...]” (BOSI, 1994, p. 481). Isso posto, demonstra o quanto os alicerces das narrativas e das memórias de velhos podem arejar e ativar conexões sociais fortes e resistentes a sociedades adoecidas pela insurdescência.

Assim sendo, a transmissão intergeracional, por meio de saberes e ofícios, permite que haja um processo recíproco de aprendizagens com base no respeito e na compreensão entre as gerações, levando a uma troca de memórias e de experiências que cada geração compreende sua linguagem e simbologia, levando a uma atenuação de divergências. (TEIGA, 2012)

Porém, as relações entre as gerações vão se tornando escassas, devido às mudanças sociais, como da estrutura familiar e econômica, bem como o avanço tecnológico, as políticas e o mercado de consumo, que é direcionado a diferentes grupos etários. Dessa forma, há um pequeno número de espaços que visam promover os encontros intergeracionais, levando a um crescimento de preconceitos sociais e de criação de estereótipos, gerando, dessa forma, segregação e discriminação pela idade, impossibilitando a concretização de macropolíticas que visam a uma sociedade ampla e abrangente para todas as idades, e com um relacionamento entre gerações que sirvam como possíveis estratégias para o envelhecimento demográfico e suas consequências sociais. (VILLAS-BOAS, *et al.* 2015)

Com essas estratégias, o velho pode romper com os isolamentos e com as marginalizações sociais e valorizar sua autoestima, bem como os mais jovens podem compartilhar o mundo também pela sua ótica. Ou seja, reconhecer o processo da intergeracionalidade como uma temática multidirecionado e plural, que envolve muito mais que

forças e vontades individuais, mas, políticas sociais e culturais condizentes com a realidade e com os territórios, viabilizando uma concretude nas ações entre as gerações.

Villas-Boas e colaboradores (2015) propõem uma intervenção cuja base se dá na educação intergeracional a fim de fomentar as relações entre indivíduos em idades diferentes. Tais programas, quando bem formulados e implementados, promovem a convivência intergeracional e a colaboração entre as gerações, demonstrando-se benéficos em relação ao auxílio da criação de novas formas de solidariedade entre as gerações, à preservação da reciprocidade do cuidado e da atenção, à promoção da coesão social, transmissão da cultura e da discussão de assuntos públicos. Além de que esses programas visam a uma estruturação de vínculos sociais para a recuperação e para o aumento de confiança mútua, assim desenvolvendo o capital social e a promoção do envelhecimento ativo e da educação ao longo da vida.

A educação é um instrumento fundamental para a inclusão social. Além de dar bases também para a sociedade, a educação leva ao cidadão o sentimento de plenitude quanto à capacidade de se expressar e de exercer seus direitos. Quando compartilham estudos e experiências com indivíduos mais jovens, as pessoas de idade avançada adquirem um enriquecimento, reavaliam seus conceitos e seus preconceitos, facilitando assim a socialização. Tal relação é reconhecida como solidariedade intergeracional, que pode auxiliar no regresso de determinados valores, dessa forma, contribuindo para a quebra de paradigmas e de preconceitos, levando a um efeito positivo para a saúde e para o bem estar dos velhos, bem como a circulação das suas memórias e de suas narrativas. (LEITE e FRANÇA, 2016)

...ao mesmo tempo em que temos cada vez mais meios tecnológicos para registrar o que quisermos, inclusive as nossas memórias, temos menos espaços para compartilhar as nossas memórias/experiências com as outras pessoas. (KESSEL, 2004 p.55)

Nesse caso, apesar de a solidariedade intergeracional ser um processo que contribui para modificar a ideia de que os cidadãos velhos são incapazes por conta da idade avançada, além de ajudar na inclusão e na reinserção, também por meio das narrativas e das memórias dessas pessoas, no trabalho, esse processo exige um amplo planejamento, com interesses, com alternativas e com contextos da relação entre pessoas mais velhas e mais novas. (LEITE e FRANÇA, 2016)

Sáez (2002) define a educação intergeracional como processos e como procedimentos que se apoiam e legitimam, ressaltando a cooperação e a interação entre duas ou mais gerações,

garantindo o compartilhamento de experiências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, a fim de atingir o aumento dos respectivos níveis de autoestima e autorrealização pessoal. Dessa forma, a educação intergeracional auxilia na superação de estereótipos e de preconceitos em relação à idade, fomentando o respeito pela diversidade e pela diferença, a pluralidade de valores, costumes e identidades coletivas e individuais, além de promover a ajuda mútua e o desenvolvimento pessoal.

Contemplando um objetivo educativo, os programas intergeracionais criados, nos Estados Unidos, no final da década de 60, alternativas interessantes a fim de promover uma percepção positiva acerca do envelhecimento, possuem três características básicas, sendo elas, a reunião de pessoas de diferentes gerações, no mesmo espaço, realizando a mesma atividade, o favorecimento de todos seus participantes e a comunidade e a utilização da educação intergeracional como básico. (MANNION, 2002; LIMA, 2007)

Com os programas intergeracionais, jovens e idosos são beneficiados, mutuamente, com ou sem laços familiares, pois abre um espaço para discussões, para os preconceitos existentes entre as faixas etárias, para os problemas nacionais e locais, além de gerar um bem-estar coletivo. (FRANCA e SILVA, 2010)

Kessel (2004) comenta que a memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada, fortalecendo-se em espaços grupais. Dessa forma, o lembrar do passado possibilita digerir as agruras do cotidiano, ressaltando e restaurando o sujeito que antes era visto como produtivo e parte da esfera socialmente ativa, como coloca Mancuso (2000): “a memória é a reavaliação, reconstrução da própria vida. É o reencontro, no presente, com amigos, pais, irmãos e mestres” (p.06). Entretanto, se não pudermos dispor de uma sociedade que olha e aceita o velho como parte integral, o memorar acaba por restaurar lugares, espaços e não ideologias, “guetizando” a memória, mesmo que em coletivo, no convívio dos centros e asilos. É necessário expormos as memórias para fora das instituições, externalizando as histórias que acabam por criar contorno também nas redes sociais, pois, sem as memórias, as histórias seriam apenas histórias, perdendo seu contexto de fidedignidade e encanto.

Como nos lembra Bosi (2003), a narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em conflito imutável contra o tempo organizado pelo contemporâneo. Desse modo, o tempo interior de cada sujeito que memora é uma das resistências que possibilita espaços para

inserção, no cotidiano, pois, “o passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar”. (p.66)

Entretanto, além de olharmos a velhice como uma potencialidade individual e coletiva para a (re)construção de sociedade, temos que pensar a intergeracionalidade como um projeto social que necessita olhar para as todas gerações, criar um acordo intergeracional e estabelecer conexões profícuas e não colocar uma geração contra a outra como a cultuação à jovialidade vem colocando. Assim sendo, é nítido que há desafios preeminentes, no processo da intergeracionalidade, todavia, para conquistarmos uma práxis dentro da Psicologia social e da psicologia política, faz-se necessário um trabalho psicossocial e político para aumentar os trabalhos, nesse campo, bem como pesquisas teórico-práticas, ampliando as possibilidades de ações entre as gerações.

3. O MODELO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA DE SALVADOR SANDOVAL

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DO MODELO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA.

Neste capítulo, e, dando continuidade aos eixos principais e centrais desta pesquisa, apresentaremos e elucidaremos a construção, a organização e as sete dimensões da consciência política teorizada pelo Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval (2001), bem como a discussão sobre responsividade da consciência política e cidadania política.

O autor se baseia nos aportes de Berger e Luckmann (1985) para trazer a concepção de que a consciência é um dos componentes da realidade e essa existe para além do indivíduo, todavia, não se restringe a isso. Interpretar a realidade, atribuir significados auxiliam na construção da consciência. Nesse sentido, há uma relação dialética entre a realidade externa e a consciência do indivíduo, ou a sua subjetividade nessa interação que a consciência se apresenta.

Nesse íterim, então, deve se considerar esta relação dialética (objetividade e subjetividade). Sandoval (1994) aponta que a consciência não é um aglomerado de elementos, trata-se de uma associação de percepções possíveis de análises e de entendimento. A consciência deve ser analisada com especificidade, levando em consideração as várias esferas da vida, seus significados atribuídos e vividos nas experiências cotidianas. Entende-se que, para apreender a realidade, as pessoas recorrem à interpretação do vivido, do geral para poder dar vazão e espaço ao particular.

Para analisar a consciência política se faz necessário entender as relações do indivíduo com a sua cultura e com as suas formas de interpretação da realidade, pois essas são produções simbólicas para além das condições objetivas. Sandoval (1994) descreve que, nas análises da consciência política, faz-se necessário entender a intervenção dos indivíduos na realidade social.

Originalmente introduzido num artigo publicado, no ano de 2000, na Revista de Psicologia Política, o modelo de consciência política foi desenvolvido com a contribuição de diversos autores e correntes teóricas, dando foco à formação do pensamento do indivíduo na

intersecção com o ordinário, com a realidade social (ANSARA, 2008). Para Sandoval (1994, p. 59), “consciência é um conceito psicossociológico referente aos significados que os indivíduos atribuem às interações diárias e acontecimentos em suas vidas”.

Esse modelo analítico é inspirado no conceito de consciência operária, de Touraine (1966). Nesse conceito de consciência operária, promulgam três modelos de dimensões básicas: **identidade** (o reconhecimento e entendimento da classe), **oposição** (como o indivíduo se percebe em relação ao seu grupo e a grupos externos e distintos ao seu) e **totalidade** (como o indivíduo se percebe, na totalidade social, dominação, distribuição de bens, as dinâmicas e seu funcionamento).

Sandoval (2001), em seus estudos sobre a consciência operária, construiu mais uma dimensão: **predisposição para intervenção**. Para o autor, consciência política se inter-relaciona entre significados e informações dentro de um conjunto de dimensões psicológicas sociais, orientando o sujeito a tomar decisões que concebam o melhor curso de ação dentro de contextos específicos.

Sandoval (2001) desenvolveu, então, – por meio da contribuição de vários autores – o modelo psicopolítico de análise da consciência. Esse modelo permite-nos encontrar as influências sobre a consciência dos sujeitos e como os acontecimentos transformam os pensamentos e a participação política na cena pública. Além das análises, esse modelo possibilita a construção de propostas de intervenção e de mobilização no fomento à conscientização dos sujeitos frente às organizações populares e outros coletivos.

O Modelo de Consciência Política é um construto multidimensional que abrange sete dimensões analiticamente distintas, que ao se unirem formam um conjunto de representações que configuram a predisposição de envolvimento de uma pessoa em sua sociedade de forma política. Tais dimensões são: identidade coletiva, crenças e valores sociais, identificação de adversários e interesses antagônicos, eficácia política, sentimento de injustiça, metas de ações coletivas e vontade de agir coletivamente. De acordo com o autor, a análise dessas dimensões possibilita um olhar mais ampliado sobre os movimentos de pensamento e de consciência dos sujeitos para agir individual ou coletivamente e como essa dicotomia se afeta. (SANDOVAL, 2001)

Todas essas dimensões podem permitir observar e analisar as bases e as estruturas das relações sociais e como elas afetam o engajamento das pessoas em defesa dos seus interesses (PALASSI, 2011). Elas têm potência para orientar o indivíduo a participar ou não de uma ação individual ou coletiva.

Segundo o autor, examinar os conteúdos dessas dimensões oferece “insights” sobre como as mudanças, nas estruturas sociais e, nas relações sociais, afetam as predisposições das pessoas para agir em seus próprios interesses e interesses comuns, pressupondo, então, processos de conscientização que determinarão possibilidades de ações.

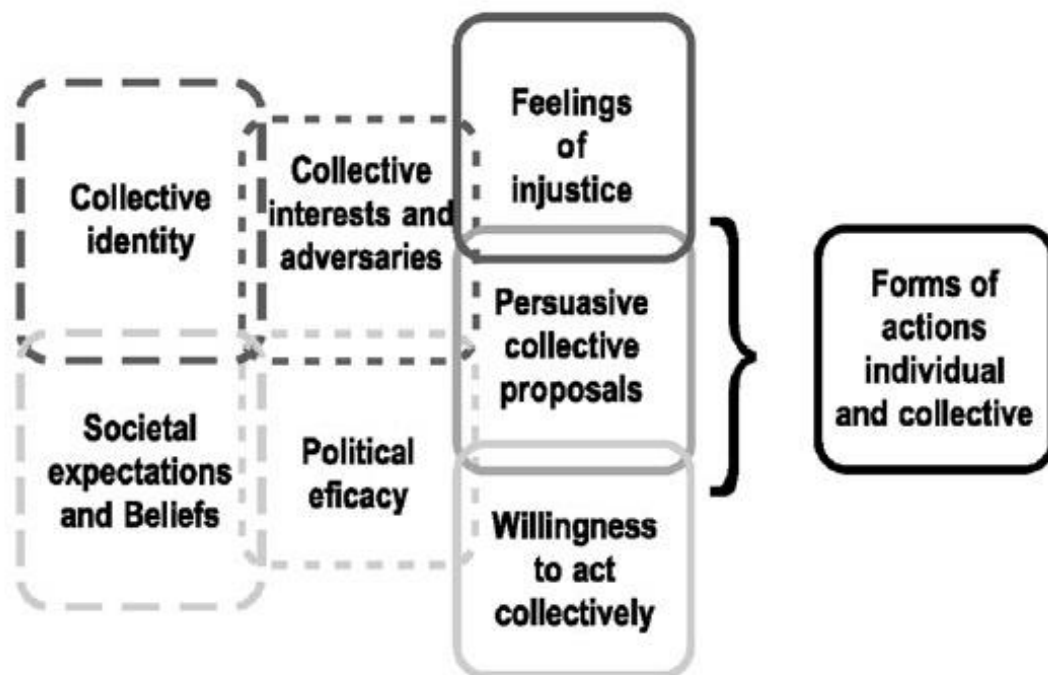
Entretanto, essas sete dimensões receberam reformulações e reorganizações recentemente pelo próprio Sandoval e outro autor Silva (2016). As emoções da dimensão que discutia tomada de decisões foram estudadas de maneira mais aprofundada, e, então, decidiram modificar. Nesse caso, os autores citados decidiram excluir do modelo das dimensões da consciência política *sentimentos de justiça e injustiça*, pois seus componentes emotivos – um forte sentimento de injustiça – perpassam por todas as dimensões e potencializam ou não a participação política. (VAN STEKELENBURG; KLANDERMANS, 2014)

Os autores Sandoval e Silva (2016) analisaram situações como mobilizações, manifestações coletivas geram diversos tipos de emoções, e a memória ganha também um aspecto importante nesse processo, pois carrega lembranças e experiências que podem potencializar a emoção e aumentar a construção da consciência política ao tempo que essas emoções vão ganhando significados (SANDOVAL; SILVA, 2016). Nesse caso, os autores preferiram reorganizar e dividir a dimensão *sentimento de justiça e injustiça* em *interesses coletivos e adversários antagônicos*.

O Modelo da Consciência Política, então, tem agora a seguinte configuração: *identidade coletiva; crenças, valores e expectativas sobre a sociedade; interesses coletivos; eficácia política; sentimentos com respeito aos adversários; metas e repertórios de ações; e vontade de agir coletivamente*. (SANDOVAL e SILVA, 2016)

Abaixo, seguem os primeiros modelos conceituais da consciência política:

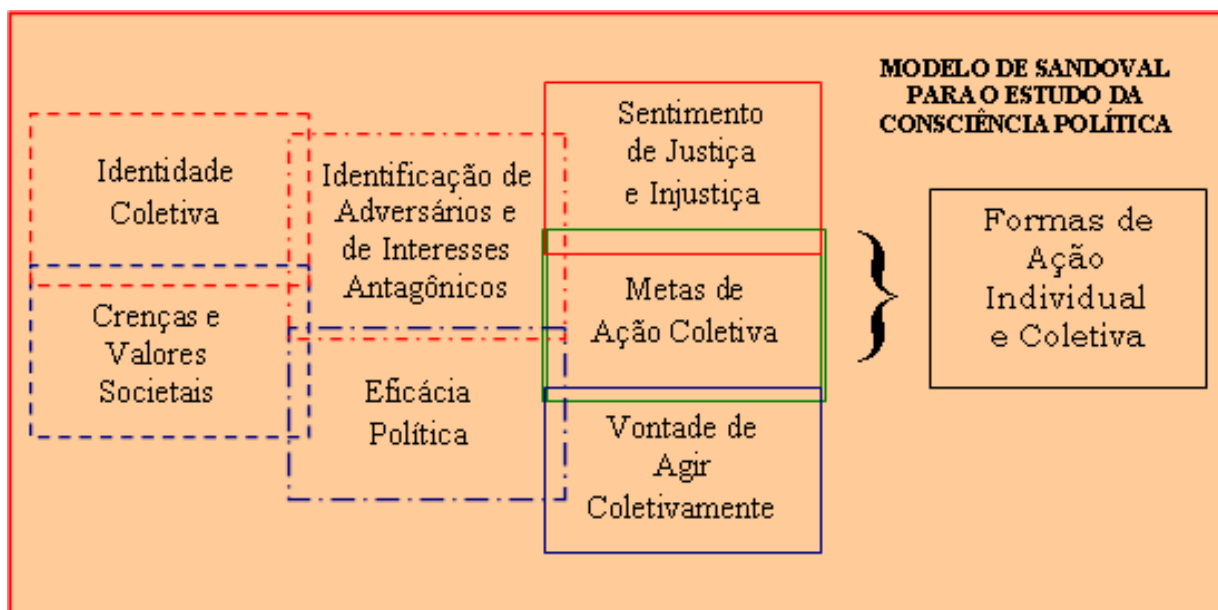
Figura 1 - Modelo da Consciência Política de Salvador Sandoval (2001)



Fonte: Sandoval (2001:186).

Em tradução, essa era a configuração das sete dimensões antes da reorganização. (SANDOVAL, 2001):

Figura 2 – Modelo da Consciência Política de Salvador Sandoval (2001): Tradução para português



Modelo de Consciência Política com a sua reorganização. (SALVADOR e SILVA, 2016):

Figura 3 - Modelo da Consciência Política reorganizado por Sandoval e Silva (2016)



Os quadros acima ajudarão a descrever e apresentar as sete dimensões do modelo conceitual da consciência política. Vamos a eles:

3.2 IDENTIDADE COLETIVA

Os indivíduos, no decorrer dos seus cotidianos, vão se entrelaçando e conectando a várias experiências culturais, institucionais e coletivas. Nesse processo, eles vão se constituindo como sujeitos identitários, identificam-se, auto definem-se. É uma relação constantemente dialética, plural e reorganizadora. Nessa dinâmica, há uma contínua relação entre o que “eu” sou e o que “eu quero ser”, individual e coletivo vão se construindo e se distanciando.

Alguns autores se debruçaram a estudar as identidades, dentre eles, podemos destacar o psicólogo George H. Mead e o seu conceito de *self*. O autor propõe que há dois elementos fundamentais no self: o “eu” e o “mim”, e a sua inter-relação está em constante diálogo. Mas, o que seria o “eu” e o “mim” nesse processo? O “eu” se refere ao particular, criações próprias com as relações que o indivíduo tem com o “mim”. O “mim” seria a internalização do indivíduo com o seu meio, as reações sociais dos outros sujeitos; o outro e sua relação com o mundo. (SOUZA, 2011)

A relação dinâmica do “eu” e “mim” trará, nas inter-relações, uma dialética constante que provoca a modificação do “eu” no outro pelo meu “mim” e do “mim” do outro em meu “eu”. Ou seja, a identidade é movimento transitório de constante transformação e relação, impulsionando os indivíduos à continuidade da vida e às relações; o Self, então, organiza-se no cerne desses processos sociais. (SILVA, 2011)

De acordo com Ciampa (2001), as identidades não são uma essência inata ou pré-concebida, são construções sociais. São as identidades metamórficas, em constantes transformações produzidas nas relações e nas coletividades.

Ciampa (2001, p. 163),

Daí a expectativa generalizada de que alguém deve agir de acordo com suas predicções e, conseqüentemente, ser tratado como tal. De certa forma, reatualizamos através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não como se dando continuamente através da reposição). Com isso retira-se o caráter de historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social.

Nessa linha, encontramos em Pollak (1992) – que faz uma leitura da identidade coletiva e a assimila a imagem de si, para si e para os outros – que há um elemento dessas definições da memória que necessariamente escapam ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, esse elemento obviamente é o outro. O autor afirma que ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de transação, de mutação em função dos outros. A constituição da identidade é um elemento que se lança em referência aos outros, em menção aos critérios de aceitação, de admissão, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Nessa construção e asseguramento da identidade, podemos encontrar, nesse último autor, três elementos essenciais. O sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. Assim, é importante observar que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos advertir elementos patológicos.

Podemos destacar, então, a importância do conceito de identidade coletiva para a formação da consciência política, por meio do pertencimento que os indivíduos podem ou não se engajarem, as ações coletivas e a construção da ideia de justiça e injustiça. (MALDONADO e OLIVA, 2010)

No Modelo da consciência política, a primeira dimensão – *Identidade Coletiva* – então, diz respeito aos sentimentos de pertinência de uma pessoa ou de identificação com um ou mais grupos e categorias sociais. Há grande importância nos atributos de identificação de grupo como sustentação do incentivo para a participação política, desempenhando um significativo papel na determinação da participação do movimento social. Essa dimensão nos traz elementos sobre como os indivíduos irão estabelecer uma identificação coletiva a partir de interesses e sentimentos de solidariedade e sentimentos de pertencimento a grupos no cenário da política. Esse conceito funda-se ao conceito de identidade coletiva da teoria psicossocial de ação coletiva, construída por Melucci (1995). Nessa relação entre sujeitos e instituições, produzem negociações de significados, avaliam o que há de comum nas decisões. Para alguns autores, como Palassi (2011), na consciência política, a identidade coletiva é um dos pontos de partida, pois se caracteriza por sentimentos de pertencimento psicológicos e de reciprocidade.

Nos campos das memórias e das velhices, é nítido que, com o tempo, as posturas frente a várias situações do cotidiano vão se modificando, inclusive as identidades se metamorfoseiam. Isso faz parte das relações humanas. Nesse caso, discutir o presente pela ótica dos velhos, ou seja, pelas suas memórias e pelas suas narrativas, possibilita um avanço para o firmamento de identidades e pertença, já que, ao memorar, o velho também se ressignifica no presente. Nesse ponto, abrir espaços em grupo para as narrativas das trajetórias de vida gera potência, reconstrução e reelaboração dos passados. Além disso, o debate entre as memórias oficiais (catalogadas e escritas) e as subterrâneas (história oral da população) é uma luta pela afirmação, acima de tudo, de uma identidade que se encontra marginalizada. (POLLAK, 1992).

Portanto, lembrar, também, constitui-se como um instrumento de trabalho para o “eu” velho, reconstituindo sua existência e suas identidades, nos cotidianos, gerando participação política, pois:

... a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento

de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p.71)

3.3 CRENÇAS, VALORES E EXPECTATIVAS SOBRE A SOCIEDADE

A forma como uma pessoa desenvolve *Crenças, valores e expectativas sobre a sociedade* e como expressam suas noções de ideologia política diz respeito à segunda dimensão. As avaliações societárias podem ser entendidas como representações sociais sobre a natureza, as práticas e finalidades das relações sociais que constituem a sociedade na qual a pessoa habita. Essas avaliações variam de acordo com os significados que os indivíduos dão para a estrutura social e para as instituições e a inserção em relações políticas entre categorias sociais e intenções das pessoas dentro de tais categorias. Essas representações são concebidas, individualmente, porém não deixam de ser produto das interações e experiências sociais.

Essa dimensão apresenta as diversas representações sociais compartilhadas na vida em comunidade. Uma realidade que é interpretada pelos indivíduos por meio das suas relações e pelas conexões com os conhecimentos experimentados e vividos em comunidade. São nessas relações que o indivíduo faz suas trocas e objetiva e subjetiva o mundo do qual ele participa. Isso também acontece, nos contextos políticos, seu envolvimento com o Estado, problemas sociais, escolha de candidatos, manifestações, pertencimento e ações populares, entendimentos dos significados das relações de poder, isso se denomina socialização política.

A política faz parte do cotidiano dos indivíduos, e nela interpretamos e reinterpretamos. Exemplos de relações de socialização política são: família, escola, comunidade, entre tantos outros coletivos. Essas instituições, de maneira ideológica, vão compartilhando os funcionamentos da política, as hierarquias e as relações de poder. Esses compartilhamentos vão acobertando situações de dominação e assujeitando os indivíduos sem que esses percebam. Para a fragmentação dessas dominações, faz-se necessário criar bases e potência, introduzir novos significados e relações para a superação dessa manutenção ideológica de dominação (MACHADO, 1980). São, nos cotidianos, que os indivíduos organizam as suas rotinas, e, se essas se mantêm intactas, os cotidianos se mostram estáveis, pouco profícuos para transformações e ações sobre os fenômenos de dominação social. A espontaneidade é um fator que mantém certa coesão social, mantém o funcionamento; como também o economicismo, que se apresenta como um esforço mínimo do indivíduo em reproduzir outros significados

procurando sustentar e naturalizar o cotidiano com poucas movimentações anestesiando-se socialmente. Isso é arriscado, pois abre caminhos para a alienação. Nesse caso, se houver acontecimentos que fragilizam essa estabilidade dos cotidianos, podem alterar a consciência e as reflexões e gerar novos significados e participações políticas. (SANDOVAL, 1994)

Nesse sentido, a dimensão: Crenças, valores e expectativas sobre a sociedade, apoiado, na teoria de Heller (1972), Sandoval (2001) apresenta que esses sentimentos se apoiam no cotidiano espontâneo. Faz com que o indivíduo assimile fatos, comportamentos e crenças sem haver uma submissão a reflexões. Padece o indivíduo e o cristaliza-o, ou seja, acomoda-o em elementos que manipulam e alienam. (ANSARA, 2008). É a dimensão que envolve o indivíduo em seu dia-a-dia, constrói a sua forma de olhar e viver a realidade na sociedade. É por essa lente que ele guia a sua prática e seus cotidianos. (SANDOVAL, 2001)

3.4 INTERESSES COLETIVOS

Como já apresentado, neste capítulo, anteriormente, a terceira dimensão do modelo da consciência política era a *Identificação de adversários e de interesses antagônicos*, que se referiam aos sentimentos individuais, interesses simbólicos e materiais dos indivíduos que são vistos como opostos aos interesses de outros grupos e também a extensão de interesses antagônicos, que geram uma concepção de existência de adversários coletivos na sociedade (SANDOVAL, 2001). Nessa dimensão, faz-se necessário um adversário visível, mobilizando indivíduos, de maneira coordenada e por um objetivo em comum para ações contra um alvo específico. Essa mobilização se apresenta necessária para que as ações se tornem possíveis. (SANDOVAL, 2001; SILVA, 2007)

Entretanto, após as reanálises, como já descrito, chegamos ao termo dimensional *Interesses coletivos*.

O que poderia mobilizar a participação política? Os *Interesses coletivos*, terceira dimensão do modelo de consciência política, apresentam alguns pontos importantes para respondermos a essa pergunta e a outras perguntas.

Os interesses comuns e interesses contrários aos comuns podem mobilizar e potencializar a participação política. É uma construção de diversos atores e instituições

envolvidas que se relacionam e interpretam situações cotidianas, nesses casos, identificação com os discursos oferecidos de grupos, *Frames* – situações e quadros que ilustram entendimentos coletivos de uma situação – e instituições, interfere e mobiliza nas decisões dos indivíduos para a sua ou não participação política. Ou seja, os grupos se articulam para construir *frames* e bases para que o coletivo interprete e se engajem nas ações dos movimentos. Se não houver um alinhamento desses frames, a ação política se enfraquece e gera menos engajamento e participação. (VAN STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2014)

Outros fatores para os interesses coletivos são as temáticas que mobilizam e geram simpatia entre os indivíduos. Para essas análises, precisamos estar atentos aos contextos geográficos, sociodemográficos, idade, etnias, gêneros, religião, políticas, ideológicas, entre outros, pois, esses podem gerar maior ou menor mobilização e participação política.

Os *interesses coletivos*, então, relacionam-se intimamente com a identidade coletiva, ou seja, se questões institucionais e ou individuais ameaçam os interesses que são compartilhados por um grupo identitário, maior será a motivação dos indivíduos do grupo para a sua mobilização, sua participação em manifestações, movimentos sociais e ações políticas.

3.5 EFICÁCIA POLÍTICA

A *Eficácia política*, quarta dimensão da Consciência Política, é caracterizada pelos sentimentos de uma pessoa sobre sua capacidade de intervir numa situação política. Nessa dimensão, Sandoval (2001) utiliza, como manejo teórico, na teoria da atribuição de Hewstone (1992), que traz em suas interpretações a impotência percebida diante de fenômenos naturais e transcendentais; a busca por soluções individuais para problemas sociais; e soluções conjuntas sobre aflições que envolvem o grupo a que o indivíduo pertence. Por essa dimensão que os indivíduos se potencializam e se tornam propensos à ação e para a mudança em suas próprias vidas, internaliza sentimentos de conformidade. (SANDOVAL, 2001; SILVA, 2007)

A participação política se dá também pelas compreensões, causalidades e explicações que damos aos eventos cotidianos. Essas causalidades são construídas, nas relações coletivas, na partilha de valores, crenças e ideias. Os indivíduos e instituições criam o comum para poderem representar as realidades e a sua relação experiencial com elas e compartilham o que criam com os seus coletivos como formas de representações sociais do cotidiano

(MOSCOVICI, 2003). Essas representações vão contribuir para a formação e para a potencialização da consciência política e eficácia política, e, também, para a participação ou não dos indivíduos, das ações e em movimentos sociais.

3.6 SENTIMENTOS COM RESPEITO AOS ADVERSÁRIOS

Anteriormente, a quinta dimensão da consciência política englobava *Sentimentos de justiça e injustiça* do indivíduo. Essa dimensão dizia respeito a como a pessoa identifica qualquer arranjo social e como ele é representado no nível de reciprocidade social, o que é considerado justo. Ao perceber que o equilíbrio, nas relações recíprocas, vai contra a pessoa em questão, é identificado o conceito de injustiça. Sandoval (2001) utiliza-se do conceito de justiça social de Moore (1978), que se baseia na concordância entre obrigações e recompensas na qual o indivíduo entende as injustiça quando essa concordância não está em equilíbrio. Os descontentamentos coletivos vêm da falta da reciprocidade, e, nesse caso, busca reivindicações e responsabilização dos adversários. (SANDOVAL, 2001; PALASSI, 2011; SOUZA, PALASSI e LEITE DA SILVA, 2015)

Após as modificações feitas, em 2016, por Sandoval e Silva, a dimensão passou a chamar de *sentimentos com respeito aos adversários* que remete, então, ao conhecimento dos indivíduos e grupos sobre política como campo necessariamente adversarial, repleta de conflitos, negociações, utopias e diversas reivindicações. Quando grupos e indivíduos perfilham os interesses coletivos, há uma direção para diferenciar-se de outros grupos e indivíduos que não partilham desses mesmos interesses, os antagônicos. Essas identificações potencializam os movimentos e as lutas, porém, decidir pelo que se decide lutar, determina contra quem iremos lutar; isso faz com que tenhamos a percepção quanto aos *sentimentos com respeito aos adversários*.

Todavia, quando essa percepção dos *sentimentos com respeito aos adversários* é rasa e pouco conhecida, as mobilizações perdem forças. Nesse sentido, analisar profundamente essa dimensão do conceito de consciência política torna-se essencial, como também a atribuição das responsabilidades para os membros do grupo, frente às significações e às interpretações dos discursos e de ações dos adversários. Isso gera potência ao próprio discurso do grupo, fazendo

os integrantes se apropriarem dos significados e seguirem para as movimentações e para as ações. (SANDOVAL, 2001)

Os adversários têm simbolismos e formas plurais de existir. Eles podem ser sistemas ideológicos, de crenças, econômicos, indivíduos, entre outros, como podem ser também a junção de vários desses mesmos sistemas. Nesse sentido, identificar os adversários se torna uma dimensão importante dentro do modelo da consciência política.

3.7 METAS E REPERTÓRIO DE AÇÕES

Encontramos, a partir do quadro das dimensões da consciência política, a sexta dimensão, *Metas de Ação Coletiva* (As metas e ações do movimento social) que agora se reorganiza com o nome ***Metas e repertório de ações***. Essa dimensão apresenta-se como a percepção e ação dos indivíduos frente a estratégias, a objetivos e à atuação nos movimentos sociais. Sentimentos de injustiça e eficácia política, nas ações coletivas, baseiam o movimento de pacto do indivíduo com os seus interesses, levando em consideração os aspectos ideológicos, materiais e simbólicos. Centram-se, na *expertise*, as ações do movimento e se esse está condizente originalmente com a ação coletiva (SANDOVAL, 2001). Essa percepção do movimento que garantirá o sentimento de pertença do indivíduo a algum tipo de organização participativa. A dimensão de Metas de ações coletiva carrega outros componentes da consciência política, e, também, a dimensão da vontade de agir coletivamente. (SANDOVAL, 2001; PALASSI, 2011)

Essa dimensão além as observações e as percepções que os indivíduos entendem como capazes de gerar mudança, escolhendo e traçando as estratégias para as suas participações políticas. Eles se organizam por seus símbolos (arte, música, pinturas, poesias, entre outras), interpretações e formas de chegar à mudança, elencando o que desejam. Nesse caso, as conexões coletivas dos indivíduos, os afetos, os símbolos fazem com que eles se organizem e se comprometam com a sua comunidade, aumentando os repertórios de ação.

Nesse sentido, essa dimensão aumenta nosso contexto de análise, levando-nos a entender que os indivíduos e os grupos utilizam de repertórios de ação e se engajam nas atividades dos movimentos e das manifestações para atingir as suas metas, seguindo os seus líderes.

3.8 VONTADE DE AGIR COLETIVAMENTE

A *Vontade de agir coletivamente*, considerada a sétima dimensão na Teoria da Consciência Política, refere-se a uma dimensão mais instrumental da predisposição do indivíduo para assumir conjuntos de ações coletivas como uma forma de reparar as injustiças cometidas contra ele. Sandoval (2001) baseia-se nos estudos de Klandermans (1992) que destaca três aspectos de situações que condicionam a participação coletiva e são aqui identificadas: custos e benefícios atrelados à lealdade e laços interpessoais que podem ou não ser afetados devido à participação ou não no movimento; ganhos ou perdas de benefícios materiais percebidos, levando ao envolvimento no movimento social; e riscos físicos percebidos no engajamento em ações coletivas dadas a uma situação específica. O objetivo dessa dimensão é analisar as percepções e as análises racionais do indivíduo sobre o seu engajamento às ações coletivas. (PALASSI, MARTINS e PAES DE PAULA, 2016)

Os indivíduos são levados a tomar decisões mediante as análises dos custos e dos benefícios do que há por vir, nesse caso, o engajar politicamente. Ou seja, os indivíduos entendendo que os custos são maiores que os benefícios, eles podem não participar das ações políticas, se for ao contrário, a possibilidade de engajamento é muito maior. Nesse sentido, A *vontade de agir coletivamente* vai sendo construída conforme as relações vão se estabelecendo ou são estabelecidas, levando os indivíduos a aumentar seus interesses, entre uns e outros, a participar politicamente. (KLANDERMANS, 1992)

Portanto, entendendo todas as complexidades das sete dimensões, a identificação entre os indivíduos estabelecem as ações e os objetivos para os movimentos sociais. Os afetos e os laços construídos definem o engajamento ou não a ações políticas, são eles que se fixam em malhas de metas e determinam os elementos das decisões. Maiores os laços estabelecidos, maiores serão os indivíduos em aliança com a ação política, pois, mesmo com símbolos, cotidianos e realidades, efetivamente, uma pequena proporção se engaja nos objetivos coletivos. (PASSY; GIUGNI, 2001)

Segundo Klandermans (1992), os objetivos coletivos podem ser divididos em: expectativas sobre o número de participantes; expectativas sobre sua própria contribuição, na probabilidade do sucesso; e expectativas sobre a probabilidade de sucesso se houver

participação de várias pessoas. Nesse sentido, os movimentos sociais precisam criar estratégias para levar os indivíduos a acreditarem em sua contribuição para com o coletivo, esperando sempre números satisfatórios ao alcance das metas.

3.9 RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA DE SI

A responsividade é um processo dinâmico e contínuo de construção da consciência de si mesmo e definido pela Organização Mundial da Saúde como as respostas que ocorrem, nos sistemas de saúde, que são projetadas para atingir as expectativas de seus usuários ao realizar suas devidas funções. Tal conceito engloba o caráter de resposta responsável, gerando a ideia de que o indivíduo interage com seu meio, visando a direitos e a garantias individuais que o tornam uma pessoa consciente em seu papel político. (PANHOCA & BONINI, 2014)

A responsividade pública leva a uma grande motivação dos políticos que representam o povo, gerando inputs públicos, no processo político mais significativo, pois abordam as necessidades e as demandas do cidadão, fazendo então com que as respostas de tais necessidades de bem-estar partam de pressões públicas e de governos. (PANHOCA & BONINI, 2014)

Lindaman (2011) defende que a responsividade governamental é a chave de uma democracia saudável a partir dos anseios da população. Porém, é necessário saber se há resposta do povo e como é feita essa resposta em relação às ações do governo na forma de participação das arenas de decisões e composição das agendas políticas sociais.

O indivíduo atribui à realidade a sua volta significações que se constroem, entretencem e se recortam a partir de valores individuais, que são resultados da vivência de tal personagem no meio social e nas suas formas de lidar com a diversidade. (PANHOCA & BONINI, 2014)

3.10 CIDADANIA

Cidadania é um conceito que engloba diversas definições que variam de acordo com o tempo e com o espaço, mas que pode ser resumida como um conjunto de direitos civis, políticos e sociais. No Brasil, de acordo com SAES (2001), há duas grandes anomalias, no processo de

implantação e de desenvolvimento da cidadania, sendo, então, a defasagem dos direitos declarados e dos direitos exercidos e a inversão constante da ordem normal de implantação de diversos elencos de direitos.

Silva (2008) relata em sua pesquisa acerca da consciência política de jovens em Curitiba em que eles apresentam interesse em temas políticos, porém não sabe como se engajar no assunto. As informações, majoritariamente, chegam a esses indivíduos através da televisão e da internet, e menos frequentemente através de conversas realizadas nas escolas ou em casa. Há um pequeno conhecimento sobre as Leis Brasileiras e quase nenhum conhecimento sobre os políticos envolvidos na região. Atos esses preocupantes, uma vez que a participação política é importante e não se trata apenas de eleger candidatos através do voto.

A política parece ser algo distante da sociedade, sendo considerada atividade de especialistas e de profissionais que se ocupam exclusivamente com o Estado e com o Poder, e mesmo que os políticos sejam representantes da democracia, apresentam-se como um poder distante, cujas práticas parecem beneficiar apenas o grupo ao qual pertencem. Esse distanciamento dificulta o engajamento e a participação, pois, sem os símbolos e as lideranças que constroem as representações sociais, pouca inspiração se estabelece nos coletivos. (CHAUI, 2000)

3.11 CONSCIÊNCIA POLÍTICA E SEU PAPEL NA RESPONSABILIDADE E NA CIDADANIA

O processo de conscientização política começa, desde a nossa interação com outros indivíduos e grupos, por meio de processos identificatórios e está regido por condições históricas e culturais da sociedade. Quer dizer, então, que, no processo de identificação, estamos intimamente ligados e condicionados pela atribuição de sentidos pela cultura. Ações e acontecimentos exigem a construção de sentidos e significados, orienta-nos a fazermos conexões com as nossas relações com o outro e as intempéries do movimento.

No processo de responsividade e de cidadania, individual e coletivo, é evidenciado o processo de conscientização que se dá na elaboração das diferentes esferas que compõem esse cenário. Esse clima permite a elaboração dos sentimentos provocados pelos acontecimentos e define nosso engajamento ou não ao que analisamos como justiça e injustiças sociais.

Isso significa que as consciências de um indivíduo podem operar de maneiras distintas quando comparadas entre aspectos de sua vida, pois os processos identificatórios podem se dar em diferentes planos. Nesse caso, estudar a consciência política e suas dimensões nos dão bases para construir um panorama de como os movimentos sociais são criados e como os indivíduos vão se responsabilizando com as suas funções como cidadãos dentro de uma sociedade. A consciência política tem potência agregadora, faz conexões, independentemente de com quem exista a identidade coletiva, está regulada pelos diferentes momentos históricos, melhor dizendo, diferentes momentos produzem diferentes consciências que podem nos agregar.

A consciência política se faz com uma composição de dimensões sócio psicológicas de significados e de informações inter-relacionadas que consentem ao indivíduo assegurar suas decisões e suas ações da melhor maneira possível em contextos políticos específicos. Todas as dimensões sociopsicológicas que constituem a consciência política de um indivíduo sobre a sociedade e sobre si mesmo/mesma como um membro dessa sociedade e, conseqüentemente, representa sua disposição em agir de acordo com tal consciência. (SANDOVAL, 2001)

Logo, a consciência política é abrangida por uma combinação de aspectos identitários, que se articulam diretamente com as crenças e com as relações dos indivíduos com a sociedade na qual vivem. O diálogo faz emergir a consciência política, a interação entre cognição e cultura, entre o mundo social e a opinião pessoal, juízos sobre sistemas de ideologias, sejam instituições, símbolos, locais e códigos culturais (ANSARA, 2008). A consciência política está em constante mudança e se altera a cada nova experiência, os significados que os indivíduos atribuem à realidade social é que molda e dá base a sua construção.

4. 4 METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseei as análises desta pesquisa na análise de conteúdo de Minayo (1999), conceito de memória coletiva e de memória política em diversos autores (Halbwachs, 1950, 1975, Ansara, 2005, Lowenthal, 1998, Kessel, 2004, Pollak, 1992, entre outros) discussão sobre intergeracionalidade em grupos focais e o modelo de consciência política de Sandoval (2001 e 2016) que serão exemplificados mais à frente. É importante ressaltar que o pesquisador é percebido como um sujeito ativo que se aproxima do fenômeno para, assim, tentar melhor compreendê-lo. Sua subjetividade, então, participa, inevitavelmente, das atividades de seleção e de interpretação dos dados. Nesse sentido, a análise não é imparcial e neutra, aquém daquele que a elaborou, mas, necessita de distanciamentos para melhores análises e apreensões.

Sobre o assunto de distanciamento do pesquisador e, também, a relação subjetividade e objetividade, em pesquisa, encontramos em Fernando González Rey (1997) algumas indagações importantes e pertinentes, além da sua utilização da Epistemologia Qualitativa como uma das possibilidades de construção transdisciplinar em pesquisas. Sua contribuição se debruça no debate entre o sentido pessoal e sua relação com as dimensões sociais e coletivas e a dimensão subjetiva do sentido nos aspectos interconstitutivos das múltiplas dimensões - singular e coletiva, subjetiva e objetiva, biológica e cultural, histórica e dialética.

O autor busca compreender as múltiplas noções de sujeitos e a produção dos sentidos entre eles, ou seja, para ele, a subjetividade é a construção da psique no sujeito individual e é interligada e interpenetrada permanentemente as suas ações em ação social, portanto, são inseparáveis do sentido subjetivo que o sujeito constituirá dialeticamente nos lugares que esse ocupa em sociedade de classes sociais adversas. Nesse ínterim, há complexidade, contradições, desafios que precisam ser auto-organizados, na subjetividade, às necessidades do sujeito, pois, “o sentido é uma verdadeira produção subjetiva, uma vez que não se define pela ação direta de um evento social”. (González Rey, 2005, p. 45)

Nesse sentido, essa pesquisa se debruçou nessa conexão subjetiva individual e social e procurou, nas análises e na coleta de dados, uma distância ótima¹⁰ para a produção de sentidos e diagnósticos frente ao apresentado nos grupos focais intergeracionais.

4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Primeiramente, vale ressaltar que esta tese obedeceu às questões éticas envolvidas em pesquisas com seres humanos, de acordo com a legislação de Saúde. Fica assegurado total sigilo das informações prestadas, assim como o esclarecimento a todos que as informações obtidas serão divulgadas nos meios acadêmicos e científicos, com o devido resguardo das identidades dos participantes. Ademais, quando consentida a participação, o pesquisador deverá ressaltar que os grupos focais (método utilizado para a coleta de dados o qual explicarei mais a frente) serão gravados (audiovisual) para manter a fidelidade dos dados fornecidos e o colaborador pode, em qualquer tempo, interromper sua participação na pesquisa. Portanto, consideramos todos os aspectos vigentes e solicitados do comitê de ética e pesquisa.

No decorrer da coleta de dados nos encontros de grupos focais, foi pensado, para manter o sigilo dos sujeitos, nomes fictícios para a identificação dos participantes do trabalho. Os próprios participantes escolheram os seus respectivos nomes fictícios. São Eles: Larissa (18 anos); Lina (21 anos); Tatiana (26 anos); Caio (29 anos); Ruti (38 anos); Anita (43 anos); Simone (46 anos); Yael (55 Anos); Eunice (56 anos); Clarice (63 anos); Bouvary (73 anos); Livia (78 anos)

4.3 VEREDAS METODOLÓGICAS

Após as necessárias elucidações sobre as questões éticas desta pesquisa, algumas outras colocações e esclarecimentos se fazem necessários neste trabalho; em especial, uma preocupação – com certos cuidados – com a compilação e aclarações sobre a metodologia de pesquisa. Era sabido que a nossa proposta de trabalho enveredaria para caminhos poucos explorados e discutidos pela Psicologia Social, como a análise da memória e a consciência política em encontros intergeracionais, ou seja, há uma escassez de trabalhos abordando a

¹⁰ O psicanalista argentino José Bleger sugere a necessidade de uma distância necessária para a atuação do psicólogo (consultor) com o seu objeto de pesquisa, mantendo um pensamento crítico com o seu trabalho, a sua tarefa, pois, em coletivo, ele não é um sujeito neutro, ele também faz parte do grupo e também se faz possível na formulação de pactos. Mais informações em: BLEGER, J. Psico-higiene e psicologia institucional. Porto Alegre: Artmed, 1984. 138p.

temática intergeracionalidade, e queremos, aqui, trazer a possibilidade de aprofundarmos sobre esse assunto dentro da psicologia social. Nesse ponto, portanto, a utilização de Grupos Focais em encontros intergeracionais, tendo, como pano de fundo, memórias e a construção da consciência política, é um importante passo para outras formas de se explorar, analisar e pesquisar em Psicologia.

A pesquisa apresenta-se com vários desafios ao pesquisador, principalmente na aquisição e no levantamento de bibliografias sobre o assunto, pois, por se tratar de olhares escassos na Psicologia Social em pesquisas de campo (grupos focais, memória e memória política, intergeracionalidade e análise da consciência política), a produção de pesquisas, no levantamento bibliográfico, mostraram-se econômicas. Entretanto, é importante colocar que esse termo “novo” que utilizamos – exposto entre aspas em alguns momentos da escrita – mostra que, mesmo com essa dificuldade ressaltada, há alguns trabalhos – nacionais e internacionais, já citados no decorrer do texto desta pesquisa – que utilizam a aproximação das velhices com a memória e o encontro intergeracional como um instrumento metodológico, provocativo e evocativo; direcionando, em muitos momentos, as formas de se olhar, pensar e trabalhar na pesquisa.

4.4 GRUPO FOCAL

Utilizamos, na coleta de dados desta pesquisa, a metodologia de Grupo Focal, que consiste, de acordo com Aschidamini e Saupe (2004), no entrelaçamento entre pesquisador e participantes, com a intenção de coleta de dados por meio da discussão de foco, com tópicos específicos e diretivos, por isso é chamado de grupo focal.

O grupo focal é formado por 6 a 12 pessoas, há um observador e um mediador, no caso desta pesquisa, o mediador é o próprio pesquisador. Segundo Borges e Santos (2005), o Grupo Focal é um dos métodos dentre as plurais formas de entrevista em grupo que se estrutura a partir de temas sobre os quais as pessoas se manifestam. Outros autores, como Perosa e Pedro (2009), discutem que é uma forma de coletar dados – por meio da fala de um grupo – diretamente. O grupo focal é uma técnica que explora temas específicos (sentidos e significados) propendendo a pesquisas futuras, pois está alicerçado na produção de hipóteses e no desenvolvimento de teorias e formas de se lidar com o fenômeno em si. Além disso, é um instrumento que possibilita

ao pesquisador ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo e suas interações, obtendo, assim, uma variedade de informações e expressões sobre um determinado tema (KIND, 2004). Esse último autor afirma que as interações dos participantes, no grupo focal, produz *insights* que, fora do grupo, seriam difíceis, pois faz parte do próprio processo grupal, ponto importante dentro dessa metodologia. Baseia-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos, chamando-os a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. O exercício de ouvir opiniões de outras pessoas pode fortalecer a melhora na formulação das opiniões próprias, mudar de opinião e aumentar as discussões. Esse é o processo que o grupo focal busca captar, e para isso, o moderador, no caso o pesquisador, precisa criar um ambiente propício para que diferentes visões tenham espaço dentro do grupo, precisa conduzir para que haja a troca de experiências produtivas.

Para outro autor, Gibbs (1997), o objetivo da metodologia dos grupos focais é poder revelar as percepções e as atitudes dos participantes sobre os tópicos da discussão. É possível ao pesquisador detectar os assuntos mais relevantes da população estudada e ressaltar os motivos dessa relevância. Desse modo, o autor salienta que o espaço entre o que as pessoas dizem e aquilo que fazem pode ser mais bem compreendido. A metodologia do grupo focal, então, possibilita a contribuição dos participantes com a pesquisa e com o pesquisador. O papel do moderador é importante, no grupo focal, cabe a ele garantir, por meio de intervenções pontuais, que o grupo discuta e aborde os assuntos referentes à pesquisa da maneira menos diretiva possível.

Ao começar o grupo, cabe ao moderador apresentar-se e apresentar os objetivos do grupo. Discutir que o grupo todo pode contribuir e construir juntos, mesmo com as divergências e que o moderador também está lá para aprender. Após isso, apresentar o funcionamento do grupo e as regras gerais e potencializar as divergências tanto quanto o consenso. (MORGAM, 1988)

Há também, de acordo com Kitzinger (1994), algo a ser ressaltado no grupo focal. Por exemplo, quando o Grupo Focal é realizado com familiares, permite que eles ajam de forma mais “natural”, pois, por essa proximidade, eles já discutem algumas questões fora do contexto de pesquisa. O fato de os participantes já se conhecerem possibilita uma mistura das falas e fatos com o seu cotidiano, apontando contradições, muitas vezes, entre os discursos e as ações. Nesse ponto, então, entendemos que a seleção de participantes, no qual eles mesmos puderam

escolher a pessoa de outra geração para a participação dos grupos focais, possibilitou um esclarecimento dos temas da pesquisa para esse trabalho, pois, de acordo com Iervolino e Pelicioni (2001) e Gatti (2005), o arranjo do grupo deve estar baseado em algumas características parecidas, porém, com variações entre elas, para que haja alterações nas opiniões. Isso posto, entendemos que a formação do grupo irá depender do problema da pesquisa, nesse caso, a consciência política de jovens universitários em encontros intergeracionais, poupando adicionar, no grupo, participantes que se sintam desvalorizados e excluídos em decorrência das diferenças. O agrupamento e a escolha dos participantes acontecem em função do grupo social a ser pesquisado (GATTI, 2005; IERVOLINO e PELICIONE, 2001). Dessa forma, então, são necessárias uma preocupação e uma delicadeza ao se formar os grupos, pois isso evita que as opiniões e as expressões de ideias sejam prejudicadas pelo impacto que elas podem causar em participantes com relações próximas. (BORGES E SANTOS, 2005)

4.5 CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

Outro ponto a ser discutido e enfatizado é a construção da escolha da faixa etária dos participantes desta pesquisa. Em nosso caso, selecionamos pessoas entre 18 e 78 anos no qual um desse deveria estar cursando ensino superior. Essa questão foi mantida, pois entendemos que pelo contato do pesquisador com esse campo e as possibilidades de discussões já pulsantes, em sala de aula, bem como trabalhos anteriores já feitos e aqui apresentados, na introdução dessa pesquisa, poderia aumentar as probabilidades das narrativas e dos encontros geracionais em grupos focais. Nesse sentido, para cada participante cursando ensino superior, esse escolheria outra pessoa, mais velha ou mais nova, para poder participar dos encontros de Grupo Focal e assim acontecer o processo da intergeracionalidade.

Ao todo, realizamos quatro grupos focais para obtermos o maior número de narrativas e temas de análises possíveis. Nesse ponto, então, podemos enfatizar que o objetivo central desta pesquisa se dá, além de um campo em ebulição que a política brasileira enfrentou e vem enfrentando, propício para análises, e os motes já levantados de estudos em trabalhos anteriores como já mostrado, na introdução, discutir e apresentar a potência de encontros de velhos e de jovens e como suas memórias circulam para a construção de consciência política e uma memória política comprometida com a transformação do socius. Como seria, então, o processo de grupos focais e de memórias em um encontro intergeracional? Como que esse processo de

encontro poderia construir a consciência política de jovens e de velhos? Além disso, o pesquisador é professor de Psicologia Social e Ciências Humanas e Sociais em uma instituição de ensino superior em um curso de Psicologia no interior de São Paulo. Em várias aulas, discussões sobre o clima político, sobre as eleições, sobre as propostas de governo, sobre as temáticas e sobre conceitos em Psicologia Social e sobre as Ciências Sociais foram estopim para, em alguns momentos, discussões acaloradas e tentativas de silenciar qualquer tipo de assunto que envolvia o que eles acreditavam ser a política.

Para participar deste trabalho, foram convidados estudantes dos cursos de Psicologia, Direito, Enfermagem, Agronomia, Engenharia Civil, Arquitetura e Administração de um Centro Universitário do interior de São Paulo. Essa escolha se deu pela proximidade do pesquisador com o campo e por observar em aulas de Psicologia Social, no curso de Psicologia desta unidade, como se estabeleciam as conversas e trocas sobre política entre diferentes gerações, como a memória dos mais velhos faz conexões com os mais jovens e como os mais jovens lidam com essas informações e experiências transmitidas. Nesse sentido, trabalhar a construção da consciência política, memória e o fatídico distanciamento entre as gerações – como já demonstrado no capítulo sobre intergeracionalidade – seria um palco importante para trabalhar os grupos focais e as análises dos seus conteúdos. Visitaram-se, explanando sobre a ideia do projeto de pesquisa, as formas de coletas de dados e análises de dados e os possíveis objetivos, 12 salas de aulas, totalizando um número de 243 estudantes. Após as explicações e respostas às dúvidas, foi deixado um formulário de inscrição (VIDE ANEXO), solicitando aos interessados: nome completo, e-mail e telefone para contato.

Teve-se o retorno de nove estudantes, e, desses, foi solicitado, como continuidade do projeto de pesquisa, trazer consigo, no dia dos encontros, pessoas mais velhas ou mais jovens que entendiam que havia influência em suas memórias e construção da consciência política. Nesse sentido, eram os próprios sujeitos que pré-determinavam se havia ou não essa relação entre as gerações e a consciência política. Isso foi importante para podermos entender e, posteriormente, analisar as relações intergeracionais e o contexto da consciência política. Veremos, mais à frente, nas análises dos conteúdos, essas análises. Dos 9 (nove) estudantes,

apenas 6 (seis), com seus respectivos convidados, compareceram aos encontros organizados, totalizando 12 participantes finais¹¹.

Para facilitar a comunicação e a organização dos dias e horários dos encontros, foi construído um grupo de Whatsapp com os estudantes interessados em participar da pesquisa e com aqueles que eles escolheram para também participarem.

4.6 MATERIAL

Utilizou-se um Smartphone Iphone 7 plus e uma câmera fotográfica Canon Semiprofissional, caderno para anotações e canetas. Os dados foram coletados por meio de registro audiovisuais, auxiliando na coleta dos dados do trabalho com os grupos. Observações e conversas informais também foram utilizadas. Posteriormente, os documentos audiovisuais foram transcritos e organizados, conforme metodologia de categorias de Minayo (1999). Explicaremos mais à frente como dividimos e construímos essas categorias.

4.7 COLETA DE DADOS

Foram realizados quatro grupos focais. Os encontros ocorreram em um Campus de um Centro Universitário, no interior de São Paulo, em datas e horários previamente estabelecidos. Os encontros foram divididos em duas partes, explicadas abaixo.

A primeira parte da coleta de dados consistiu em dois Grupos Focais elaborados com base na idade dos participantes: Um grupo de sujeitos mais jovens e um grupo de sujeitos mais velhos.

O grupo dos mais novos continha sete membros com idade entre 18 e 55 anos (nesse grupo já havia um encontro entre gerações, entretanto, eram os mais jovens dentre os que foram convidados a serem sujeitos das pesquisas, ou seja, a mulher de 55 anos desse grupo convidou uma outra mulher com idade de 76 anos e a mulher de 18 anos foi convidada por uma mulher que aceitou o convite de participar da pesquisa com idade de 38 anos – abaixo discutirei um pouco mais o conceito de geração). Quatro dos seis eram graduandos em cursos do Ensino

¹¹ Nesse primeiro grupo, aconteceu uma situação inusitada. Uma das participantes solicitou e fez questão que o seu namorado participasse do grupo focal. Em primeiro momento fiquei sem saber se isso atrapalharia ou não o andamento do grupo, mas, no final, ele ficou todo tempo ao lado da namorada, e, mesmo algumas vezes solicitado a participar, em nenhum momento fez alguma fala. O chamamos de **Lucas** (18 anos)

Superior. Já o grupo dos sujeitos mais velhos continha seis membros, com idade entre 38 e 76 anos. Ao todo, foram 11 mulheres e 1 homem.

Mas, como podem perceber, nos grupos dos “mais jovens”, já há um encontro de gerações, e o que seria geração? Vemos, no decorrer dos tempos, a queda na taxa de natalidade e o aumento na expectativa de vida, esses processos trazem consigo novas desigualdades, entre elas, as geracionais. Neste ínterim, como aponta Alessandro Cavalli (1994), os conflitos tendem a ser potencializados de várias formas, destacam-se as diferentes oportunidades que as gerações têm no presente - e, provavelmente, terão no futuro.

Há um processo de categorização das faixas etárias: infância, juventude, maturidade e velhice, que atravessaram o imaginário dos últimos séculos e são tratadas como "gerações", principalmente na atualidade. O sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico - *geração*, propriamente dita - indica um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal. As gerações, como as classes sociais, não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição ou até oposição umas às outras. Uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder ensaia nas relações com as outras. (MOTTA, 2010)

Em um sentido mais amplo, o mesmo autor aborda que a geração representa o arranjo e atuação dos sujeitos em seus grupos de idade e/ou de socialização no tempo. Em verdade, significa o fazer-se estrutural de uma dimensão da vida social, que é, contraditoriamente, tecida com afetividade e relações de poder, e, ao mesmo tempo, complexamente entrelaçada com outros sistemas de relações, expressões das dimensões de gênero e classe social. Essa mudança, das idades e de gerações, em suas posições e também conflitos, no tempo, são temas importantes a serem estudados.

A partir de algumas noções teóricas sobre o conceito de geração, até como uma forma de nortear o leitor nas veredas metodológicas, podemos destacar que, como disse Bauman (1997), as fronteiras que separam as gerações não são tão claras, entretanto, elas se atravessam e não podem ser ignoradas. Nesse sentido, como um conceito metafórico de tribo e de noção de hospitalidade, podemos entender as gerações como um estreitamento da convivência entre anfitriões e convidados e nela pode haver conflitos, afetos e convergências.

O conceito de geração, em termos sociológicos, é apresentado por estudos de dois autores do século XIX (Comte e Dilthey). Posteriormente, considerado à luz do pensamento de Mannheim, que é visto como o fundador da abordagem moderna do tema gerações. Já, no século XX, podemos encontrar Ortega y Gasset e Gramsci e, finalmente, pela teoria apresentada por Abrams (1982). As duas primeiras teorias - uma positivista (Comte), outra histórico-romântica (Dilthey) - são as que Mannheim (1928) usou como base para as suas reflexões sobre gerações. (FEIXA e LECCARDI, 2010)

Os mesmos autores acima citados trazem para a discussão sobre gerações o conceito de consciência geracional que diz respeito, em primeiro ponto, à habilidade de situar entre a consciência de que existe um passado e um futuro que vai além da sua experiência, que sua vida se relaciona com gerações anteriores e gerações que virão, pois, gerações diferentes personificam coletivamente o passado, o presente e o futuro. Essas conexões, também subjetivas, produzem efeitos sobre os vínculos e no próprio alargamento da história, levando os sujeitos de gerações diferentes a escreverem as suas próprias, com se construíssem uma ponte para um contato profundo com o tempo da vida. Assim sendo, quando essa consciência está presente, as relações intergeracionais tornam-se comando da elaboração subjetiva e a história torna-se memória coletiva (Halbwachs, 1950, 1975), e a memória coletiva sustenta e cria a memória pessoal.

Voltando à coleta de dados da pesquisa, já, na segunda parte dos grupos focais, foram dois grupos, no qual consistia na junção dos sujeitos mais jovens com os mais velhos (encontro intergeracional). Esses encontros foram organizados em um grupo de whatsapp, criado anteriormente para facilitar a comunicação, com a disponibilidade dos sujeitos participantes da pesquisa. Foram decididos, coletivamente, os dias para a coleta de dados e a divisão de maneira igual dos sujeitos. Ambos os grupos, no final dessa organização, ficaram com seis participantes cada.

O pesquisador, previamente ao início do grupo, apresentou os objetivos gerais e específicos da pesquisa e as orientações necessárias para o funcionamento do Grupo Focal. Em seguida, seguiu-se a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Vide Apêndice I) – declaração que continha os dados relevantes à pesquisa, por meio do qual os participantes aceitariam tomar parte dela – e as respectivas assinaturas, permitindo a utilização das informações coletadas para a pesquisa e explicitando seu compromisso ético, garantindo

anonimato e a participação voluntária dos participantes, bem como a eventual possibilidade de desistência da parte deles ou de um pedido de esclarecimento sobre a pesquisa.

Foram realizados 04 encontros (01 por grupo), com um tempo médio de duração de 1h30m (uma hora e meia) a 2h (Duas horas). Durante a primeira parte do trabalho, nos grupos focais, foram abordados temas relacionados à política brasileira atual, ao clima político, à história da política brasileira e à consciência política dos participantes bem com seus envolvimento ou não com movimentos políticos e com alguns movimentos sociais (Ditadura Militar, greves do ABC, Diretas já, Impeachment, movimentos sociais de 2013 e outros que foram surgindo no decorrer dos grupos focais). Esses temas foram elaborados de acordo com as orientações da pesquisa já citada. Na segunda parte, com o intuito do encontro intergeracional, os participantes do grupo foram indagados sobre a relação da consciência política com as memórias, com os participantes que convidaram e os eventos políticos pelos quais participaram ou vivenciaram, como por exemplo, golpe de 1964, ditadura militar, greve, no ABC, diretas já, eleições, impeachment de Fernando Collor de Mello, manifestações de 2013, eleições 2014, Lava-jato, manifestações pró e contra o Impeachment da Presidenta Dilma, manifestações “Fora Temer”, eleições 2018, entre outros, ou seja, essas relações entre gerações e suas memórias potencializaram ou não a consciência política dos participantes dos grupos focais.

Os quatro encontros foram gravados em formato audiovisual e transcritos para posterior análise. Vale advertir que, pelo pouco contato com os participantes, foi definido, após discussões e orientações, que os grupos focais seriam gravados em formato audiovisual, pois, guardaria a fidedignidade das informações dos discursos de cada participante. Foi observado que, no começo, essa forma de registro gerava um desconforto entre os sujeitos, no entanto, com o fluir dos assuntos eles iam se soltando e participando ativamente dos grupos.

O planejamento dos encontros teve, como intenção, o envolvimento dos indivíduos de maneira livre e espontânea, numa atmosfera de reflexão grupal, que envolveu questões individuais e coletivas.

4.8 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

O grupo focal e sua metodologia são de caráter qualitativo. Dessa maneira, suas análises giram em torno de análises qualitativas. Mostra-se como um conjunto de procedimentos que

procuram organizar os dados e como o grupo se comunica e se relaciona com o foco do estudo. (CARLINI-COTRIM, 1996)

Morgan (1988) apresenta duas maneiras básicas de se proceder à análise: a primeira delas seria o sumário etnográfico, e a segunda, codificação dos dados via análise de conteúdo. O que podemos apresentar como diferença principal entre esses procedimentos é que o primeiro vai debruçar nas menções textuais dos participantes do grupo e suas principais análises; o segundo ressalta a descrição numérica de como algumas categorias explicativas aparecem ou estão ausentes das discussões, e, em qual contexto isso aparece. Importante destacar que um procedimento não elimina o outro, eles podem ser combinados na análise.

Após o acesso aos conteúdos expostos pelos participantes do grupo focal, foi feita uma análise qualitativa dos dados coletados que, de acordo com Minayo (1999), consiste na busca de se compreender significados e características contextuais oferecidos pelas pessoas, ao invés de se produzirem medidas quantitativas das condutas delas. Considera-se que as subjetividades dos entrevistados oferecem primazia na reflexão quando comparada à informação teórica possuída pelo pesquisador, de modo que, posteriormente, fez-se uma categorização dos conteúdos explicitados nos grupos focais. Todos os encontros foram gravados e transcritos, na íntegra, e, depois, organizados e compilados para construirmos categorias de análise. Dividimos os grupos em: 1ª Grupo focal dos participantes mais novos; 2ª Grupo Focal com os participantes mais velhos e 3ª e 4ª encontro intergeracional.

Minayo (1999) considera os sujeitos das ciências sociais como “*não neutros*”, de forma que há intensa imbricação entre pesquisador e pesquisado. Nesse sentido, o discurso da neutralidade é colocado à margem, embora seja necessária uma crítica constante à possibilidade de “excesso de valorização” por parte do investigador. Assim, os métodos empregados, na coleta e na análise dos dados, precisaram fornecer ao investigador um olhar crítico sobre seu trabalho para categorizar e discutir os conteúdos.

Para Gomes (1994), autor que também trabalha com a pesquisa qualitativa e a categorização dos dados de pesquisa, ‘categoria’ refere-se a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Isso pode ser visto nos grupos focais em encontros intergeracionais, nos quais notamos aproximações em assuntos relacionados à pesquisa e também relacionados a diferentes olhares de diferentes gerações sobre o mesmo tema. Desse modo, trabalhar com categorias significa congrega ideias ou expressões

em torno de um conceito capaz de compreendê-las e analisá-las. É um caminho possível para se obter uma apreciação menos eivada e mais clara.

Essa tese se estruturou em sete partes: Introdução, na segunda parte, trazemos o capítulo sobre a construção social da velhice e o avanços nos processos de pertencimento do velho em sociedade, na terceira parte, trouxemos o conceito de Intergeracionalidade, buscando tratar o tema como um processo potente para a construção da memória política, na quarta parte, trouxemos explicações sobre as sete dimensões da consciência política de Sandoval (2001 [2016]), na quinta parte, essa que estamos descrevendo, expõe a metodologia de pesquisa utilizada, que recorri a uma abordagem qualitativa com Grupos Focais intergeracionais que puderam trazer questões importantes sobre memória política e consciência política, na sexta parte, trouxemos as análises dos resultados obtidos por meios das categorias criadas a partir das transcrições dos grupos focais, que foram: 5.1 Grupo Focal 1 – Mais Novos; **5.1.1 Encontros geracionais e dialética: “geração Coca-Cola e geração Nutella?”**; **5.1.2 Fake News: Você é um Robô?**; **5.1.3 Clima Político e relações proximais: “Opinião é se eu gosto do feijão por cima ou por baixo do arroz!”**; **5.1.4 Corrupção: “O Pop não poupa ninguém”**; 5.2 Grupo Focal 2 – Mais Velhos; **5.2.1 De onde começamos? Política e movimentos sociais**; **5.2.2 A memória que não deixa esquecer: Memórias e Ditadura Militar**; **5.2.3 Mudanças políticas: O que há de novo de tão velho?**; 5.3 Grupo Focal – Encontros Intergeracionais; **5.3.1 Memória política, intergeracionalidade e consciência política: Temas que se conversam**; **5.3.2 Ditadura militar: Tempos de chumbo no Brasil**; **5.3.3 Ebulições políticas: A democracia em corda bamba?**; **5.3.4 Intergeracionalidade e consciência política: A memória como fio condutor**. Na sétima parte, tecemos as considerações finais da pesquisa e, na oitava, trazemos todo o conteúdo bibliográfico que estudamos e por onde navegamos.

De acordo Minayo (1999), a categorização das informações é a técnica mais utilizada para examinar e discorrer a respeito dos dados de uma pesquisa qualitativa. Esse termo cria, para além de um mero procedimento técnico, uma procura teórico-prática no interior das investigações sociais. Consiste numa interpretação calcada em dedução/interferência, que vai ao encontro, como técnica científica, ao tratamento de dados em metodologias quantitativas, procurando sua razão de ser na tradução do material de propriedade qualitativa.

Ainda segundo a autora, a análise de conteúdo busca ultrapassar os significados manifestos dos dados. Dessa maneira, a técnica liga composições significativas a composições

sociológicas, ou seja: “articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem” (p.203).

Para explicar a forma pela qual estruturamos as nossas categorias, Gomes (1994) apresenta três etapas que seguem: a) *Pré-análise*: na qual se separa e organiza o material a ser analisado de acordo com os objetivos da pesquisa. Define os trechos significativos e as categorias, reformando-as por meio dos documentos e preparando-se para a interpretação final. Nessa primeira etapa, é necessário que se faça uma leitura esmiuçada dos dados obtidos, para que se obtenha um conhecimento aprofundado do seu conteúdo; b) *Exploração do material*: é a fase mais longa, em que se aplica o que foi definido na pré-análise. É o momento em que se busca obter uma melhor compreensão dos dados coletados; c) *Tratamento dos resultados obtidos e relato de interpretação*: nessa fase, deve, primeiro, tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está aparente, em seguida, voltar-se para tendências e para outras determinações características dos conteúdos que estão sendo analisados. Por fim, realizam-se discussões, inferências e interpretações do material obtido, propondo conclusões e considerações a partir de seus conceitos teóricos.

Esses processos referem-se aos procedimentos de análise que realizamos, na fase de exploração do material, auxiliando-nos a organizar as categorias. Elas já foram apresentadas, aqui e no capítulo seguinte, trabalham somente para o seu desenvolvimento e para a sua discutibilidade.

5. ANÁLISE DOS DADOS DOS GRUPOS FOCALIS

5.1 GRUPO FOCAL 1 – MAIS NOVOS

5.1.1 Encontros geracionais e dialética: “geração Coca-Cola e geração Nutella?”

*...desde pequenos nós comemos lixo
comercial e industrial
mas agora chegou a nossa vez
vamos cuspir de volta todo o lixo
em cima de vocês!
(Renato Russo)*

Participantes: **Lina** (21 anos); **Yael** (55 anos); **Eunice** (56 anos); **Larissa** (18 anos); **Tatiana** (26 Anos); **Lucas** (18 anos)

No dia e local marcados, recebi os participantes para os primeiros grupos focais da pesquisa da tese, e, buscando construir um ambiente de aconchego e possível cumplicidade, enquanto um grupo começava as atividades de pesquisa, outro grupo esperava, em outra sala, com ar condicionado, café e pão de queijo. Aconcheguei, previamente, as cadeiras em círculos e convidei, primeiramente, os sujeitos mais jovens que os seus respectivos convidados para entrarem e sentarem da maneira que melhor os acolhia. De maneira ética e organizativa, disse novamente sobre os objetivos da pesquisa e como funcionaria o grupo focal, bem como os pontos provocativos que traria para potencializarmos as discussões e participações.

Pesquisador: Boa noite! Discutiremos aqui questões voltadas sobre o clima político que nós vivemos, no Brasil, suas posições e opiniões sobre a política brasileira, movimentos sociais e suas perspectivas antes e após as eleições e a construção da consciência política. Preciso que vocês comentem, falem, discutam, ou seja, fazer circular o que vocês têm em mente. Ressalto, aqui, que não há o certo ou o errado, mas sim, o que vocês querem falar. Chamarei vocês pelos nomes, mas, na construção do texto da pesquisa, usarei nomes fictícios, mantendo o sigilo de vocês.

Sobre o grupo focal, é um instrumento metodológico que está pautado na construção de assuntos direcionados pelo pesquisador, nesse caso, quando o assunto começar a sair do eixo da pesquisa proposta, eu retomarei o assunto, interrompendo as falas e voltando ao tema inicial. Vamos começar, de maneira mais livre agora, com o clima da política brasileira, as manifestações sociais ocorridas antes, durante e depois de 2013 ou sobre algo nesse seguimento.

Yael: Acho que se você voltasse antes de 2013, era mais fácil de fazer uma comparação, porque, em minha opinião, teve uma pseudo- esperança, de que o mundo teria uma grande melhora, acho que veio de uma situação meio salvadora da pátria, que se teria uma grande melhoria na parte de que talvez a política ajudasse para melhorar a qualidade de vida, mas que, na realidade, a gente acabou constatando que foi um tiro no pé. Acho que eu, como funcionária pública, eu vi, na minha função, eu vi coisas meio “cabulosas”, meio estranhas, então, que não foi com aquela esperança que o povo viu, uma esperança, uma melhoria.

Pesquisador: Você fala de que época?

Yael: de 2013 pra frente.

Pesquisador: você gostaria de falar de antes?

Yael: sim, porque, na realidade, eu venho passando por vários períodos políticos, quando a gente estava à mercê do governo, da forma de governo, quando a gente, classe média, teve muito sofrimento. Eu acho que esses últimos anos, não consigo expressar o número de anos, mas de 2013, ou um pouco antes, quando a esperança na mudança, na entrada da esquerda, da entrada do PT teve uma modificação, na realidade acho que, no começo, vislumbrou-se uma esperança que, na prática, foi outra, então aquela ilusão, na minha visão, foi muito diferente. Não foi daquela forma que se esperava. No começo, abriu-se demais, eu vejo os programas governamentais, o povo vivia, que eu vi passar pelas minhas mãos, com o que trabalho, e você começou a ver que não era bem aquela situação, então, essa é a visão que eu tenho dos últimos anos. Então, o que era o horizonte maravilhoso, era o “Shangrila¹²”, na realidade, acabou caindo na caatinga mesmo e não tinha jeito.

Yael, no começo do grupo, mostrava-se mais ativa para apresentar seus argumentos e formas de pensar a política nacional. Trazia as suas experiências pessoais por ser funcionária pública em uma cidade do interior paulista. Era nítido um afastamento e críticas aos governos anteriores no Brasil. Nesse caso, as suas consonâncias com o passado e pés, no presente,

¹² É um lugar fictício do livro *Horizonte Perdido*, escrito pelo inglês James Hilton em 1933.

A cidade seria um paraíso pacífico e escondido nas montanhas do Tibete. O autor não explica o significado de *shang* – que, coincidentemente ou não, é o nome de uma região no oeste do país. Em tibetano, contudo, *ri* significa “montanha” e *la* quer dizer “passagem”. Assim, Shangri-lá significaria algo como “passagem da montanha na região de Shang”. Em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/o-que-e-e-o-que-significa-shangri-la/> Acesso em 27 de Abril de 2019.

reconstrói e dá base para os seus significados apresentados. Dá forma a uma memória positiva ancorada em representações que aprendeu sem seus coletivos e na sociedade. Seus lampejos de emoções e de memórias ressignificam e abrem “picadas” no tempo e nas suas experiências vividas.

Lina: Você pode repetir a pergunta, por favor?

Pesquisador: Como vocês sentem o clima político? Como vocês experimentam e experimentaram? Como estão pensando a política nacional nesse momento?

Lina: (Silêncio)

Larissa: Eu acho que, desde o início, desde 2013, o governo que estava, aconteceram tantas coisas, tantos roubos, que o Brasil meio que se, como posso dizer, acordou e quis se proteger de tudo isso, então, a maioria dos brasileiros quiseram uma diferença, quiseram algo diferente achando que tudo iria melhorar. E isso aconteceu com alguns, que queriam essa melhoria, entrassem em guerra, com outros que também queriam uma melhoria, mas que não queriam a melhoria que os outros queriam. Não sei se deu pra entender, mas acho que, tipo assim, uns queriam uma melhoria radical e os outros, também queriam uma melhoria, mas não queriam da forma que alguns queriam, então aconteceu uma, como posso dizer, uma guerra entre pessoas, entre brasileiros. Uns querendo de um jeito, outros querendo de outro, mas todos os brasileiros queriam algo melhor. Só que talvez nem todos pensassem da mesma forma.

Lina: É porque, o que é melhor pra um, talvez não seja melhor para o outro.

Yael: E a gente está revendo esse filme, a gente que tem um pouco mais de idade, a gente está revendo isso aí, porque a gente já passou pelas Diretas Já, a gente já viu esse nível de insatisfação tão grande, só que, em 2013, que você fala seria a entrada do último governo, né? Então, na realidade, ali, você estava na onde, você teve uma esperança, uma esperança na época do Lula, esperança no PT, eu digo, e bem depois, quando chegou na crista da onda, você se deparou com essa insatisfação, eu acho que a partir da aí você começou a ver tanta coisa que culminou acho que nessa última eleição.

Larissa: É, eu acho que as pessoas tiveram tanta insatisfação que acabaram acreditando em algo que aos olhos parecia absurdo, mas que talvez seria melhor do que a gente está vivendo hoje.

Lina: falando de 2013, né? Eu me lembro que 2012, um ano antes, eu fui numa reunião em São Paulo, que teve ali alguns coletivos de luta, uma reunião da liga nacional, tinha gente do RS, do RJ, de SP, tinha gente do Uruguai, inclusive estrangeiros, então, não era só nacional. Nessa reunião, o pessoal me falou uma frase de filme que me marcou muito, ele disse, não vou lembrar exatamente as palavras, mas ele disse: “ia se abrir uma lacuna, no país, e que se, as pessoas que lutavam pelo povo ou que tinham, como vou explicar, que eram envolvidas politicamente, lutavam mais, enfim, não conseguissem ocupar esse espaço que ia ficar, ia vir um conservadorismo muito forte. Ele disse exatamente assim: “Tempos sombrios virão”. E isso me marcou muito. Eu fiquei assustada, mas duvidando. E um ano depois começam aqueles protestos gigantes, que teve em SP, no Rio, Porto Alegre, Recife também, PE. Foram coisas que foram marcando o país. Eu acredito em primeiro momento, essas manifestações que tiveram foram muito genuínas, elas representavam muito daquilo que o povo ansiava naquele momento, muitas dificuldades. Enfim, naquele momento eu acho que elas eram genuínas. Mas, com o passar dos anos, algumas manifestações se mantiveram, só que elas não tinham a mesma essência das primeiras. Não sei se tô sendo clara, tinha uma pegada mais manipuladora. As que vieram depois, e depois e depois não tinham mais aquela autenticidade. E aquela lacuna que ele tinha comentado ela realmente apareceu, e aqueles coletivos de luta que estavam lá, aquela palestra, eles não conseguiram ocupar esse espaço, que foi ocupado por outros coletivos conservadores, se é que a gente pode chamar assim, porque cabe esse movimento de coletivo de luta. Porque quando a gente está num coletivo de luta, é tão diferente estar dentro de um coletivo e sentir o que é estar naquele lugar, que você tem um ideal e não porque você está sendo influenciado para estar ali, então, eu não sei podemos chamar aqueles outros movimentos de coletivo de luta. Então, eu sinto que essa lacuna foi preenchida estrategicamente por pessoas, ou grupos, que viram, nessa lacuna, uma grande oportunidade de poder.

Eunice: Eu me lembro dessa época que a **Lina** está falando, eu me lembro que eu estava em Muzambinho, e estava passando as manifestações na TV e eu me lembro de ter comentado com o meu filho que eles não estava focando numa coisa só, eles estão dissipando pra vários campos, deixando uma abertura muito grande, e eu não sei o que faço, não sei o que defendo e isso não é bom, porque enquanto não focarem num pedido só, numa luta só e não lutar por isso, como a gente lutou, no passado, na minha época, de 70 até 85, se eles não tiverem foco para algo que vá melhorar o país, mas que seja um foco certo, enquanto não estiverem pedindo por algo, eu me lembro, eles estavam pedindo a passagem de ônibus. Começou com a passagem de ônibus, a redução da passagem de ônibus, e ali foi o primeiro momento que eu acho que essa juventude

viu que o Brasil podia se unir pra reivindicar uma coisa e que daria muito certo, porque começou dar. Só que dali o foco saiu da passagem de ônibus e abriu pra um leque muito grande de pedidos, então aquilo...

Yael: o povo se fortaleceu

Os silêncios dão espaço para o circular de falas. Há estranhamentos, claro, são pessoas que estão se vendo pela primeira vez, e o clima político bipolarizado é um “prato cheio” para gerar disputas e medir forças argumentativas. Entretanto, a narrativa e o circular das memórias passam por um processo, de acordo com Iamamoto (2017), de seleção e de esquecimento, e se mostra de modo particular nas argumentações. É possibilidade revisitar o passado e trazê-lo para o debate com os acontecimentos presentes, isso nos ajuda a entender melhor o papel de memórias coletivas e impulsiona o processo de mobilização social, pois as narrativas buscam exemplos históricos e projeta, no presente, um movimento que alinha a temporalidade consigo mesma e com o encontro com o outro.

Há um encontro de histórias, de argumentos e de memórias que se estabelece em etapas, época diferentes, na política brasileira, movimentos sociais anteriores a 2013, e ditadura militar, movimento catraca livre; os discursos, mesmo se conectando, também se desconecta, é um misto de (in)conformismo, (des)ilusão e militância. Há uma tendência das gerações, mesmo sendo mais jovens nesse primeiro grupo, de se distanciar da verdade de um e de outro. Yael, de outra geração, por exemplo, utiliza das memórias e das emoções que experimentou e experimenta sobre a política de maneira efetiva, colocando a sua posição como uma verdade incontestável. Nas próximas falas, veremos como as faixas etárias estão de distanciando; um incômodo com a juventude e com a preocupação com o futuro, como seguem os relatos a seguir:

Eunice: é, aí fez o pessoal entrar de fora como quem diz “eles nem sabem o que estão pedindo”, virou um misto de pedidos, eles nem sabem o que estão pedindo. Eu me lembro disso direitinho, eu estava lá em Muzambinho, e ainda falei pro meu filho: pena que eles não estão focando numa coisa só. É o que está faltando pra essa geração agora, o foco em uma coisa só. Se eles continuassem focando na passagem, eles iam conseguir a passagem, depois de conseguido isso, foca em outra coisa, e consegue outra coisa, porque a juventude é muito poderosa. Do mesmo jeito que nós conseguimos ali, na época de 70 até 85, nós contando com um foco só, era o que eles precisavam manter agora. Então, é onde que a **Lina** fala que eles aproveitaram vindo,

porque essa juventude está sem foco e estão tomando conta, infelizmente, você que está todo mundo aí, com o queijo e a faca na mão, mas não está sabendo usar.

Yael: eu acho que mudou muito a visão, eu sei o que você está falando, mas acho que mudou muito a visão da nossa juventude, das limitações de liberdade que nós tínhamos, com o que eles têm hoje.

Eunice: eles não acreditam

Yael: Eu acho que não é só isso não, eu acho que virou muito mais cômodo ser jovem hoje do que quando a gente era jovem. Para pra você pensar, era como é hoje ser jovem? Se você quisesse alguma coisa você tinha que ir embora de casa, você tinha que ir embora, se quisesse liberdade, tinha que ir embora, tinha que se sustentar. Hoje você vê o jovem, muito encostados, na família, muitos ficam em casa, que nem sempre colabora nas despesas e fica, mora com pai e com mãe, 40 anos, não vai embora porque é mais cômodo, tem meu quarto, os pais se esfolando, e a gente sabia que não era isso, na nossa época não fazia, então é essa a questão de visão, hoje é muito mais cômodo, e até numa questão política é muito mais cômodo, porque, vai ter aquela empolgação? Você conta nos dedos, a gente que está, no ambiente universitário, tudo bem, você conta nos dedos numa classe quem é mais ativo politicamente. Vocês estão na universidade. Então, na minha classe, eu sou a mais velha, sou a segunda mais velha do curso, então você ouve politicamente que não há envolvimento. Houve uma questão que não foi política, mas que tem tudo a ver, da mentalidade do jovem. Eles estavam reivindicando, na nossa classe, a questão das aulas EAD, os alunos reivindicando que não queriam EAD e então eu falei o seguinte, vamos nos manifestar, junto a faculdade, ao MP, ao MEC, mas se vocês querem a gente senta e redige uma solicitação, tudo bonitinho, tudo dentro dos meios legais. Aí o professor ouviu isso e falou assim: mas pensem bem, vocês estão reivindicando, mas vocês vão ter que estudar mais. É uma resposta muito justa, eu estou reivindicando qualidade de ensino, eu vou ter que estudar mais. E o que aconteceu? A partir do momento que o professor falou isso, só fiquei eu em pé. Ninguém quis mais, então, na verdade, é essa questão do envolvimento, é uma coisa passageira.

“Eu me lembro disso direitinho, eu estava lá em Muzambinho, e ainda falei pro meu filho: pena que eles não estão focando numa coisa só.” (Sic) **Eunice**, traz uma questão de preocupação com a juventude. É observável que os discursos carregam altos valores sobre cuidado e preocupação com o momento atual brasileiro. Desse modo, ao narrar as trajetórias e

organizar esses paralelos entre o passado e o presente, faz com que olhemos para os “fios” dessas narrativas com detalhes, pois “a memória é a reavaliação, reconstrução da própria vida” (MANCUSO, 2000, p. 6). Memorar é como reler um livro, não lembramos todos os personagens e nem de todos os assuntos, mas temos a oportunidade de recriar e (re)construir novas histórias e/ou interpretações, pois; “ao encetar a releitura, esperamos que voltem, com toda a sua força e cor, aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com a obra”. (BOSI, 2004, p. 57)

Eunice, por meio de suas memórias e trajetórias, traz uma inquietação para com os rumos que os movimentos sociais foram tomando; uma preocupação que envolve também a sua família. Ela estrutura seus alertas por meio de situações pelas quais também já passou em outros movimentos sociais. Isso seria uma oportunidade para que os jovens do grupo pudessem pensar e discutir maneiras de atuar, no presente, consolidar identidades com as memórias ali ouvidas e projetar outras formas de participação social.

Desse modo, o exercício de lembrar e memorar permite múltiplas possibilidades de elaboração das representações e de reafirmação das identidades. A memória é parte constituinte fundamental da identidade de cada um, cria-se a ligação de inserção social e histórica de cada sujeito, pois, de acordo com Nascentes (2004),

... o mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos. A história, como processo cognitivo, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, através de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade (p.73).

Isso posto, dá-nos fundamentos para continuar a trabalhar as memórias e memórias políticas e sustentá-la em um mundo organizado em “gigas” de memórias e poucas narrativas das trajetórias de vida.

Eunice: você acha que eles estão mais cômodos?

Yael: eu acho que é muito pouco que está voltado para o lado político. Como o próprio governo que chegou. Cada um quer o seu lado e o resto que se dane. Poucos têm envolvimento político nessa questão do guiar.

Eunice: eu acho que é o ciclo. O ciclo nosso passou, nós fechamos aquele ciclo e abriu um novo ciclo agora.

Yael: mas não tem aquele interesse sobre liberdade

Eunice: eles já têm. Essa liberdade entre aspas. Eles têm a liberdade sexual, mas não têm liberdade para pensar.

Yael: não, não é só isso. É a liberdade de pensar, de votar. De pensar que tem um país livre e que pode fazer, essa visão de que na frente a gente pode fazer qualquer coisa. São muito poucos os mais novos que têm essa consciência.

Pesquisador: Então, nós temos os mais novos aqui, no grupo, o que vocês pensam?

Yael: Vocês se envolvem na parte política? Vocês não só reclamam que o governo está uma droga, mas também tomam alguma atitude?

Larissa: é porque eu acho que para o jovem, hoje em dia, tudo é mais fácil, tem o pai, tem a mãe, tem a escola que é pública e você vai e xinga Professor e você faz o que quer então, é tudo mais fácil de antigamente eu sei porque meu pai fala que se ele fosse, na escola, e brigasse com o professor, ele apanhava. Eu trabalho durante o dia, estudo durante a noite e já vi aluno falando besteiras horríveis com professor, dentro da minha própria sala, e é coisa que a gente fala assim, meu Deus os outros dão risada, o aluno xinga professor, desmoraliza ele e ainda por cima Professor sai da sala e o professor não dá mais aula porque o professor sente medo do aluno e não é assim que tem que funcionar, não é desse jeito que tem que funcionar, é o aluno que tem que ser sujeito ao professor, é o professor que manda na sala de aula. Então, eu acho que é tudo muito mais fácil hoje em dia pra gente. Se eu quero um celular de R\$ 2000 meu pai e minha mãe podem ir lá comprar em 10x, né, então, se eu quero isso ou quero aquilo, quero uma roupa de marca ou um tênis ou uma coisa de marca, meu pai e minha mãe vão lá e compram. E por que o pai e a mãe fazem isso? Por medo. Já vi muita mãe e pai falando que tem medo do filho vender droga ou se prostituir para poder comprar coisas, então ele vai lá e compra. Então, eu acho que o jovem é igual ela falou, que estava muito disperso, é porque essa geração não aprendeu a ser organizada então, eu quero isso agora depois eu quero isso depois eu quero isso é tudo num bolo só, quer fazer tudo de uma vez só e, no final, não acaba fazendo nada. Não consegue.

Yael: liberdade de se organizar. Então, por que ele vai se preocupar com política se ele consegue as coisas de uma forma ou de outra?

Larissa: é tudo mais fácil, hoje, então as pessoas, os jovens acabaram perdendo a vontade de lutar pelos direitos que ele tem, porque ele acha que tudo está bom tudo do jeito que tá é bom para ele.

Eunice: Por isso que eu acho que eu digo. Você acha que eles precisam fechar esse ciclo para aprender algo bom, algo novo? É isso que eu penso? Você não acha que é hora de fechar isso, essa facilidade deles, para começarem num ciclo novo, começarem a lutar? Porque o ciclo está fechando.

Larissa: Acho que sim, eu acho que sim. O jovem tem muito direito e pouco dever. Eu acho.

É fatídico que há mudanças entre gerações, isso é natural. No entanto, estudos mostram que esses distanciamentos entre as gerações podem gerar conflitos ainda maiores. Os valores, as crenças e as formas de olhar o tempo e a cultura modificam, e, logo, o convívio pode gerar disputas maniqueístas e pouco produtivas para o campo político e tantos outros campos. Há uma expectativa e um descontentamento dos mais velhos nessa juventude, e isso também aparece na crença do próprio jovem em entender e sentir que ele não se compromete, tem facilidades, “*muito direito e pouco dever*” (SIC) e poucas movimentações, inclusive no campo político, como vemos na fala da participante:

Tatiana: Eu acho que o jovem é acomodado, sim, mas eu também acho que ele tem essa gana de tentar mudar as coisas. Eu acho que o problema dele ser acomodado é um efeito em cadeia, que vem antes dele ser adolescente, antes dele se tornar um jovem adulto. Por vários fatores. Professor mal pago. Educação sucateada, que mais parece uma cadeia do que escola (?). A gente ouve desde sempre, desde pequeno, que político é uma merda, político só rouba, político é ladrão, e a gente não tem que discutir sobre isso, só tem que ouvir “ah não, não vou discutir política, porque política é coisa de bandido.” É uma coisa meio que cultural, no brasileiro, que ensinar, falar isso para as crianças (...). Então, eu acho que o fato do jovem ser acomodado é uma série de fatores, que resulta no que está acontecendo hoje. Tanto o fato de o jovem demorar pra sair de casa que tem a ver com o machismo, porque, na maioria das vezes, os jovens que saem mais cedo de casa são as mulheres, porque elas não têm tanta liberdade na casa dos pais, já os meninos ficam até os 40, 50, ou moram para sempre com os pais porque eles podem trazer

namorada, transar em casa, chegar às 6h da manhã, no outro dia, e tudo bem porque eles são meninos. Então, eu acho que tem uma série de fatores que tornam o jovem assim hoje.

Ou seja, vivemos conflitos e confusões entre as gerações, gerações, muitas vezes, não muito distantes, como no caso desse primeiro grupo focal. Nesse sentido, desenvolver ações que possam interagir as faixas etárias possibilita a desconstrução e minimização de preconceitos relacionados à idade. Essa troca de experiências gera laços afetivos, entendimentos de questões, como colocadas nas falas das participantes mais velhas, ações significativas e reciprocidade entre os participantes, aproximando-os em suas diferenças de consciências e de argumentações. Quando se cria um ambiente de convivência com respeito a diversidades de cada faixa etária, bem como as necessidades e os saberes de cada geração, há um clima possível de se estabelecer a solidariedade intergeracional. (TARALLO, NERI, CACHIONI, 2017)

Mannheim (1964 [1928]) denota que a geração não se estabelece a partir do fato do nascimento, da jovialidade, da vida adulta e da velhice, no mesmo tempo cronológico, mas, da possibilidade das gerações viverem e participarem dos mesmos acontecimentos e dos mesmos conteúdos dos cotidianos, e, especialmente, partir do mesmo padrão de estratificação de consciência.

A Sociologia e Antropologia vêm se debruçando e sendo confrontadas cada vez mais para discutir as questões da construção e dos conflitos das faixas etárias, todavia, há ainda uma escassez de estudos, na área da intergeracionalidade, como já descrito nessa pesquisa. Há uma necessidade latente em estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude. Como já apresentado anteriormente, construiu-se um culto a uma juventude padronizada, isso em comportamentos e também em consciência. A sociologia explora não apenas as relativas similaridades, mas também, as diferenças sociais existentes entre elas. Entretanto, muitos estudos ainda são estabelecidos pensando a juventude como uma fase da vida, olhando os aspectos uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase, esquecendo, muitas vezes, da pluralidade e da diversidade que se estabelece. As juventudes também são representações que carregam paradoxos, ou seja, a juventude também é uma construção social. (PAIS, 1990)

Assim sendo, é notório e fatídico que a idade é um dos aspectos mais imediatos que se vê nos outros, por isso, de forma mais ou menos consciente, determina a interação, pois, por meio dela, inferem-se competências sociais e cognitivas, crenças religiosas e capacidades funcionais. (CUDDY E FISKE, 2002)

O conflito pode ter óbvias consequências negativas no funcionamento do grupo. Desacordos e rivalidades podem prejudicar o grupo quando desviam os esforços dos membros da realização dos seus objetivos para a tentativa de resolver as diferenças. Em casos extremos, o conflito pode gerar descontentamento, dissolver laços comuns e resultar no colapso final do grupo. Mas nem todos os conflitos grupais são ruins! Níveis baixos e moderados de conflito têm evidenciado influências positivas no desempenho dos grupos. (ROBBINS, 2005, p. 269)

Essa periodização da vida, os grupos etários e as categorias dentro de uma sociedade é um material elevado para pensarmos na produção e na reprodução da vida social em diferentes contextos culturais. Na antropologia, os estudos das faixas etárias vêm se mostrando significativos entre os anos 50 e 70, e os conflitos geracionais já se estabeleciam nas relações etárias da época. Com o aumento do número de velhos, no mundo, e a mudança prevista e recorrente, na pirâmide etária, forçou-nos a lidar com essa temática que ainda trabalha para mostrar-nos respostas suficientes em nosso modo de pensar e de agir frente à sacrossanta jovialidade (RIFIOTIS, 1995). Nesse sentido, os conflitos geracionais são, ao mesmo tempo, a ferida e o bálsamo, pois, mesmo reconhecendo nos discursos dos participantes uma maior facilidade, na vida, e na falta de comprometimento social e político, na juventude de hoje, espaços como o grupo focal coloca-os frente a frente para poderem estreitar as relações e as formas de (re)pensar a velhice e a juventude; essas, talvez sejam, também, as contribuições de diferente ordens nos estudos e análises das faixas etárias.

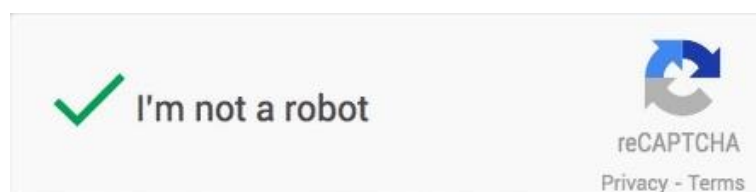
Outro momento nesse primeiro grupo que apareceu, com muita força, foi uma grande desconfiança dos jovens de hoje e o processo de distanciamento das gerações, foi quando os participantes discutiram brevemente sobre as “Fake News”:

5.1.2 Fake News: Você é um Robô?

As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.

(Friedrich Nietzsche)

Figura 4 - I'm Not a Robot



Tatiana: Todo mundo. E é igual fazer trabalhinho de escola, não é? Você começa desde pequeno: “aluno, tem que pôr a fonte”; “de onde você tirou isso aqui?”. Estava lá, copiei e coleí. Só vai.

Yael: É outra geração, não é?

Tatiana: É outra geração, do copiou e colou. Mas eu acho que a que está vindo agora é pior do que a nossa.

Larissa: a de hoje em dia nem faz.

Eunice: não querem nem saber se na internet... A pessoa não vai mais lá, buscar de onde vem, fonte, autor.

Yael: Como é que você certifica que determinado... Eu também acho uma dificuldade. Como é que você certifica, no meio acadêmico, que determinada informação é real ou não? Vou procurar um artigo, por exemplo, tem que levantar vários artigos. É difícil pra gente também dentro do contexto acadêmico saber se aquele pesquisador é bom ou não. Às vezes, ele tem trabalho publicado, na mídia, ou sei lá onde, mas às vezes ele não tem. Como é que você consegue ver se em uma publicação internacional a verdade dele é a mesma?

“*Fake News*”, pelas falas dos participantes, criou um conflito etário que aumenta ainda mais o distanciamento e julgamentos da geração mais velha com a geração mais velha, entretanto, a possibilidade de convívio se tornou fundamental para que juntos pudessem pensar, concordar com algumas posições frente à forma como se lida com as informações nos dias atuais. Nesse caso, o convívio, a escuta (ou não), que valoriza (ou não) torna o grupo parte importante na construção de pontes entre as faixas etárias, permanecendo vivas as falas de hoje, rotinas e cotidianos, sempre ligados com fios de memórias e de significações que aquele determinado tema tem para a época atual.

É claro que as tecnologias fazem parte das relações e das construções humanas, e, com elas, altera-se a nossa forma de olhar e perceber o mundo, ou seja, vivemos uma era tecnologizada. O mundo *fast* e o excesso, profundidade e teor das informações são permeadas por formas miniaturizadas de tecnologias que se acoplam facilmente ao nosso, nesse sentido, a intimidade com essa geração de *softwares* compõe com a construção das gerações e as suas

possíveis aproximações e distanciamentos, uma vida que se inova em uma velocidade muito maior do que estávamos acostumados. (CORTE e COUTO, 1999)

Entretanto, como diz Mannheim (1964 [1928]), um fato histórico-social não se mostra suficientemente potente para o partilhar de visões de mundo em comum entre os indivíduos e as gerações. É preciso existir uma aproximação e entrelaçamento geracional, participando de práticas coletivas, concreta ou virtual, produzindo vínculos e resistência. Nesse caso, grupos focais intergeracionais é uma forma de resistir e possibilitar um estreitamento entre as gerações.

Seguindo com as questões nos grupos focais, indaguei sobre as relações sobre o tema político que os participantes nutriam em seu meio e fora dele:

5.1.3 Clima Político e relações proximais: “Opinião é se eu gosto do feijão por cima ou por baixo do arroz!”

Nunca discuta, não convencerá ninguém. As opiniões são como pregos; quanto mais se martelam, mais se enterram.
(Alexandre Dumas)

Pesquisador: Como são as conversas sobre política na casa de vocês?

Nesse trecho do grupo focal, podemos reconhecer as confusões, os conflitos e os distanciamentos que o clima político brasileiro traz dentro das relações familiares e nas articulações no contexto do grupo focal. Em vários momentos das falas, podemos perceber rivalizações e um empenho em estabelecer a opinião como um processo político que dá bases para o coletivo.

Larissa: Na minha casa, tem bastante conversa sobre política.

Pesquisador: Como são?

Larissa: Como assim? tipo assim, se é um debate? Se é uma conversa?

Pesquisador: Como é quando vocês falam de política? Me fale mais sobre o que lembra, o que seria esse “bastante”?

Larissa: na minha casa, cada um dá sua opinião.

Pesquisador: Mas quando vocês estão jantando, assistindo...? Quando estão fazendo o quê?

Larissa: geralmente quando a gente está comendo quando a gente está assistindo algo que fala sobre a política a gente debate, quando a gente vê algo pela internet a gente debate também fala olha isso, porque minha mãe, meu pai sempre foram muito ativos em relação à política, então, eles sempre dão a opinião deles e eu e o meu irmão também. Nem sempre é igual a mesma opinião mas a maioria das vezes sim,

Pesquisador: E quando vocês divergem dessa opinião, como é?

Larissa: cada um tem a sua opinião, tipo assim, meu pai fala “essa é minha opinião”, aí ele já começa a querer que eu tenha a opinião dele, e eu falo “Não, a sua opinião é sua opinião, e eu tenho a minha”. Então, essa é a minha opinião, mas a maioria das vezes a gente concorda nas opiniões.

Pesquisador: E a conversa termina quando você fala “essa é a minha opinião, essa é a minha opinião” é isso?

Larissa: sim... não. Maioria das vezes não.

Pesquisador: Vocês têm essa mesma relação na casa de vocês?

Lina: Na minha casa tem um erro muito grande, na conversa sobre política, porque, a gente só conversa sobre política assim, se está todo mundo sentado, na sala, e passou alguma coisa, na televisão, ou em época de eleição, sendo que essa consciência política tem que acontecer desde sempre. Entendeu? As minhas irmãs, eu tenho uma mais velha e uma mais nova, elas não têm (entendem?) nada. Se você perguntar para elas o que é, elas não sabem dizer, entendeu? Aí, pra debate assim, eu... sinceramente, não faz muito tempo que eu sou envolvida com isso, é mais quando eu entrei para a faculdade... tem sempre uma época que a gente acorda para a vida. Mas o meu pai e a minha mãe sempre foram mais envolvidos com a política. Em questão de conversa assim, normalmente, eu com meu pai, a gente tem opiniões totalmente opostas. Totalmente opostas, só que não é de discutir também. Eu sou mais difícil pra falar a verdade, você pensa de um jeito e acha que só aquilo tá certo. Isso é do ser humano. Mas ele não discute, é cada um com sua opinião. A minha mãe já ouve de todos os lados, eu já nem sei o que ela pensa mais, para falar a verdade, de certa forma. Mas eu acho, em minha opinião, que o erro de casa era isso, a gente não. Porque não se fala. Esse ano não tinha quem não falasse sobre isso,

entendendo ou não estava todo mundo falando. Mas eu acho que isso dentro de casa é essencial, como na escola.

Pesquisador: Então, na sua casa, quando conversavam sobre política, um tinha uma opinião, outro tinha outra, e ficava nisso?

Lina: é

Pesquisador: pelo que eu entendi, cada um tinha uma posição que não chegaria a outro lugar. Vocês entendem isso como diálogo ou não?

Lina: eu acho que não, na verdade.

Larissa: ah, eu acho que sim, não sei. Porque, eu acho que errado seria se um quisesse impor a opinião dele no outro. “Não a minha opinião é a certa e você tem que acreditar no que eu estou falando”. Isso pra mim é errado. Se essa pessoa entende o que eu estou falando, mesmo não aceitando, pra mim, isso acaba sendo um diálogo.

Pesquisador: Vocês se sentem compreendidas? Mesmo tendo opiniões divergentes?

Larissa: eu sinto. Sim.

Lina: eu penso que depende, eu acho.

Pesquisador: E quando a opinião é divergente de vocês. Vocês aceitam, compreendem?

Lina: Não, não.

Larissa: a maioria das vezes não, mas tem que aceitar. Já ouvi muito minha mãe falando: Se você quer que eu aceite a sua opinião, você tem que aceitar a minha. Mas o jovem, hoje em dia, ele não quer ser contrariado. Eu acho que a minha opinião é certa e se a pessoa fala o contrário, eu fico meio assim, mas não é certo o que você está pensando. Mas não pode, claro que não pode. Mas a maioria das vezes a gente não gosta de ser contrariado, né?

Eunice: e você quer tenta mudar a opinião do seu pai e da sua mãe, por exemplo?

Larissa: não, eu sempre falo a minha opinião e tento dar todos os lados bons da minha opinião, que eu penso, para ver se eles concordam.

Eunice: alguma vez já concordaram?

Larissa: Sobre política?

Eunice: Já mudaram de opinião?

Larissa: Não, eu mudei de opinião por causa deles. Mas eles nunca mudaram por causa de mim.

Pesquisador: Quando o assunto é política em sua casa, Tatiana, como é?

Tatiana: em casa, a gente discute bastante sobre política, mas é bem divergente. Porque minha mãe é Geógrafa de formação e meu pai estudou até a quarta-série, então são dois lados bem opostos. Mas meu pai apesar de ter estudado só até a quarta série, tem muita experiência, muita vivência. Ele tem uma visão muito crítica da política, apesar de não saber se expressar de uma maneira tão polida como minha mãe que é uma pessoa que estudou mais, que tem mais conhecimento, mais acesso a algumas informações. Apesar disso, a gente diverge bastante, mas eu acho saudável várias discussões que a gente tem em casa. Porque, apesar da gente brigar um pouco, porque a gente pensa diferente, a gente sempre tenta entrar num consenso. Às vezes um pouco acalorado, mas eu acho saudável, porque a gente tenta entender um pouco o lado um do outro. Mas tem bastantes atritos, não tem como não ter, a gente pensa bastante diferente dentro de casa.

Eunice: Mas é uma troca, não é?

Tatiana: minha mãe mudou bastante a visão dela quanto algumas coisas, eu mudei a minha visão de outras coisas, meu pai também. Porque são pessoas mais velhas, meu pai tem 65 anos, minha mãe tem 63, eu sou a filha mais nova de três irmãs, então acho que tá tudo dentro da normalidade.

Os conflitos geracionais dão cor aos discursos dos participantes, em alguns momentos, vemos que um e outro vão entendendo as falas e se aproximando e algumas vezes se distanciando. A palavra de ordem é o que parece, é a de ter razão ou falar a coisa certa, nesse caso, começam minimamente a trocar as falas e interagir em tempos que podemos reconhecer com escassez de diálogos e de produção de novos sentidos.

Corroborando essa ideia, Benjamin ([1935] 1994) indica a decadência da narrativa, na sociedade contemporânea, na qual as trocas de experiências se diluem em meio a esta hipervalorização do externo, do corpo, tornando-o um objeto oco, facilmente devorado pela informação excessiva. Há uma perda do interesse pela experiência, do contar ou ouvir histórias do outro, sendo esse fundamental para a constituição das subjetividades. Atrelada a essa ideia, Matos (2001) salienta que a "subjetividade é essencialmente social, cultural, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares" (p. 261). Entretanto, presenciamos a ascensão da narrativa escrita, sufocando a narrativa oral, dando espaço ao silêncio e à individualização humana. Então, com a escassez das relações sociais com o outro, englobando os espaços de fala e de escuta, a palavra mostra-se fragmentada e silenciada, perdendo o seu lugar, antes de destaque.

Com a exacerbação do corpo e o sufocamento da fala, deparamo-nos com o esvaziamento dos discursos dos indivíduos, sendo eles supridos, muitas vezes, com obturações de prazer. Dessa forma, como a música, então, inserida, no contexto social contemporâneo, pode possibilitar vivências e experimentações nessa sociedade? Tentaremos, neste capítulo, aprofundarmos essas questões.

As opiniões não surgem de maneira intrínseca, nas relações sociais, elas se estabelecem pelos processos de cultura, o surgimento das grandes cidades e o clima dos consensos, ou seja, para a formação de opiniões públicas, precisa ser considerado o sujeito pessoal ou coletivo que se deseja comunicar e disseminar articulações em espaços que sejam compreendidos como públicos, haja vista que se faz necessário que essas articulações se pulverizem o mais rápido a uma massa de pessoas que são o alvo público dessa comunicação. Podemos dizer, então, que é nesse processo que se constroem as teorias sobre os formadores de opinião, trazendo juízos sobre temas e fatos para a grande maioria da população. Nesse sentido, os meios de comunicação têm grande poder em determinar e impor informações, e, com o afrouxamento dos filtros, advindo da própria confusão proposital de informações, enquadram os sujeitos e os determina a emitir opiniões muito concentradas e pouco flexíveis. (FIGUEIREDO, 2000)

[...] é impossível, também em princípio, para um usuário saber de tudo ou pelo menos ter acesso a todo o conhecimento. Mas esta epistemologia primitiva, reconhecidamente descrita de modo primitivo, não conseguirá executar o trabalho de intelectual ou transportar a carga argumentativa colocada sobre ela. O conhecimento ao final das contas é paradigmático. Ele não surge da experiência em forma de dados. Não existe uma coisa chamada A mídia e os formadores de opinião no processo democrático "informação" sobre o mundo

fora dos sistemas conceituais que criam e definem o mundo no próprio ato de conhecê-lo. (Lima, 1998, p. 29)

Nesse sentido, além dos processos de rusgas entre as gerações, o processo de formar opinião aumenta a distância entre os mais jovens e os mais velhos. É comum ouvirmos que a geração de um é melhor que a do outro, ou que, “*na minha época*” fazíamos assim ou tínhamos comportamentos “*assado*”. Ou seja, a opinião que um sujeito emite está calcada em sua realidade, seus grupos e em seus juízos de valores, muitas vezes, distante e diferentes da realidade e opinião do outro, nesse caso, podemos chamar de opinião pessoal, carregada de sentidos do seu meio e suas relações. (BOURDIEU, 2007)

Encontramos em Sandoval (1994) a defesa de que as realidades possuem componentes de consciência. O autor diz que nossas relações com o meio acontece com a articulação dos nossos significados sobre ele, há um processo da construção da realidade do sujeito em consonância com o contexto que ele está inserido, como uma relação dialética entre dados objetivos e significados subjetivos. Nesse processo, então, podemos pensar que a distância entre as realidades promulga uma organização de opiniões que enfraquece o encontro intergeracional e a possibilidade de usar esses encontros como potência da construção da consciência política? Acredito que esse seja um dos elementos cruciais para estudarmos.

Assim sendo, trechos como esses apresentados, nas falas do encontro focal, mostram a valorização da opinião pessoal como sendo a vigente e a verdadeira realidade, afastando e colocando o jovem como alguém que não está pronto, e há uma preocupação que não esteja para qualquer tipo de enfrentamento social e/ou político. Nesse caso, aliar a opinião ao juízo faz com que os cotidianos mostrem uma separação cada vez mais viril entre as gerações.

Em seguida, veremos como esse primeiro grupo estabeleceu diálogos sobre os processos de corrupção.

5.1.4 Corrupção: “O Pop não poupa ninguém”

A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa.
(Jô Soares)

Pesquisador: Outro ponto: corrupção. O que vocês podem falar sobre corrupção?

Tatiana: corrupção é cultural nosso, dos brasileiros. Brasil nasceu de um estupro, com o perdão da palavra. Brasil nasceu da corrupção, né? Então, é meio cultural o Brasileiro ser corrupto. A

gente gostando ou não da cultura brasileira. Cortar fila, passar no radar a 150 por hora, estacionar na vaga do idoso. Isso é corrupção.

Larissa: Eu trabalho em um lugar onde vai todo tipo de gente, e eu já vi muitas pessoas, e não há nada que me irrita mais do que uma pessoa falar que é idosa e, na verdade, não ser. E acontece. “Ai, eu quero fila preferencial”. “Por quê?”. “Porque eu sou idosa”. Aí a gente vai ver o documento e, na verdade, não é. Então, é igual ela falou, a corrupção é cultural. Eu escuto as pessoas falando de longe que os políticos são corruptos, que é isso e aquilo, só que a corrupção já vem da pessoa, a pessoa já aprendeu a ser assim, então, querendo ou não, quando as pessoas, quando um pai ou uma mãe ensina a criança a fazer coisas erradas, a criança já vem de pequeno. Se a criança vê o pai ou mãe pegando algo de alguém, vê o pai ou a mãe fazendo algo que não é certo, a criança aprende aquilo como uma ideologia. Então, aquilo é certo. Eu já vi criança roubando bala, já vi crianças fazendo tanta coisa, já vi criança, idosos, pessoas mais velhas falando o que não é, pra pegar preferência sobre uma pessoa. Então eu acho que a corrupção não é só dos políticos, mas sim, o brasileiro é assim, o brasileiro sempre quer tirar uma casquinha em cima do outro. Então, se alguma pessoa tá fazendo alguma coisa e eu posso pegar algum privilégio em cima dela, eu vou lá e eu posso, eu consigo fazer isso. Já vi filho pegando dinheiro de pai e mãe escondido, já vi tanta coisa que...

Yael: tem o colega da classe querendo entrar no trabalho e não fazer nada

Larissa: Exatamente. Na maioria das vezes, o brasileiro quer assim, eu quero me dar bem, é pessoa passando a perna na outra em sociedade. Isso tudo é uma corrupção. Então, querendo ou não, o brasileiro é corrupto, ele vai reclamar de um presidente que está lá em cima? Ele só está representando o Brasil. E querendo ou não, o Brasil é dessa forma. A maioria dos brasileiros é assim.

Eunice: eu penso que o acesso ao que é corrupção começa a chegar agora na mente, com esse novo modelo político. Porque antes, o que a gente só achava o “jeitinho brasileiro”, ninguém dava o nome desse jeitinho brasileiro de corrupção.

Yael: não conseguia também provar. Hoje se prova.

Eunice: Não, a gente convivia com isso como se fosse uma coisa normal isso, e não é, nunca foi.

Yael: A época que a gente viveu, achava que tinha corrupção, mas não tinha prova que realmente era.

Eunice: nosso modelo de corrupção antes desse mundo da internet, esse mundo de políticos, nossos pensamentos sobre corrupção eram de grandes corrupções, grandes roubos, era tudo isso.

Yael: mas não uma corrupção diária.

Eunice: é, mas, por exemplo, aquele troquinho que o rapaz te dava em balinha a gente nunca achou que era corrupção.

Yael: ou aquele lugar que a pessoa te atendeu bem e aí você vai lá e dá uma caixa de bombom e fura a fila.

Eunice: é, a caixa de bombom nunca foi pensada como corrupção. Era uma gentileza.

Larissa: Aquele troco que a pessoa dá errado, que a pessoa deu a mais...

Eunice: Não, isso aí já era corrupção. Na nossa época, a gente já sabia que era errado, mas, por exemplo, na nossa época, por exemplo, “fulano conseguiu uma vaga, no médico”, a gente leva uma caixa de bombom pra ela. E isso era feito naturalmente, ninguém falava que isso era uma corrupção.

Yael: Mas eu também não sei se hoje as pessoas se tocam dessas pequenas coisas.

Eunice: Ah, eu acho que hoje as pessoas se tocam que isso é uma corrupção, mas antes isso aí não era corrupção, corrupção eram aqueles grandes políticos que davam desfalque, eram aqueles marajás, aquela mulher que deu um puta desfalque, no INSS, mas esses eram os grandes corruptores do país, agora essa troca de favores em si não era (...). Mas isso vem de lá, de muito longe, muito antes.

Larissa: Sempre existiu, né?

Eunice: A gente tinha pouco acesso ao que era realmente.

Yael: Hoje em dia, a gente tem muito.

Eunice: Eu penso assim: Corrupção mudou o jeito de olhar o que é corrupção. Sempre houve, mas a gente tinha muita coisa que não via, que não enxergava a corrupção. A gente achava que era uma troca de favores. “Ah, que legal, fulano fez isso pra mim, eu vou fazer isso pra ele”. O bombonzinho, a flor, e fazia isso naturalmente, sem ter a noção de que isso era corrupção. Hoje em dia, a gente não faz mais, a gente se envergonha de fazer isso. Se uma pessoa faz isso, a gente fala que é corrupção, que é corrupto.

É nítida a descrença frente às ações dos sujeitos perante a honestidade e também perante o papel do Estado como espelho e vice-versa da corrupção, pois, em uma sociedade em que o Estado é cotidianamente desmascarado por atos de desonestidade e de corrupção, construir possibilidades de criar uma cultura menos corrupta é um grande desafio a ser enfrentado.

Nesse ínterim, estudar, de acordo com Sandoval (1994), a consciência política que é considerada um conceito psicossociológico no qual os indivíduos em sua relação diária e acontecimentos em suas vidas criam significados, é uma possibilidade de aclararmos como enfrentamos o desafio da corrupção.

Sandoval (1994) recorre a Berger & Lukman (1967) para construir bases de compreensão para trazer a dialética da sociedade entre o dado objetivo e os significados subjetivos. De acordo com os autores, essa construção de significados são como guias para consciência, para a construção da realidade, nesse caso, a descrença de governos, políticos e pessoas sérias e honestas, na sociedade, trarão relações que edificarão formas de consciência estruturadas nessas experiências, como o próprio autor diz quando “Argumentamos neste estudo que é precisamente esse tipo de interrupção da estabilidade da vida rotineira no trabalho, na vizinhança, e nas instituições, provocada pela crise econômica e pelo desgoverno político, que aciona a mudança da consciência política”. (SANDOVAL, 1994, p. 63)

A tarefa do viver, dos cotidianos, das experiências diárias faz com que o sujeito naturalize as relações de poder, aceitando, além da corrupção, todos os emaranhados de conflitos e de desigualdades que dela surgem. Essas forças capilares vão minando suas potências de reação frente às mazelas, assim, permitem serem determinadas pelas estruturas sociais vigentes. Esses poderes capilares vão fragmentando e amolecendo a imaginação e a consciência, perdendo a força de questionar sua rotina e naturalizando as normas sociais e as estruturas de classe, gerando, em muitas vezes, a submissão política e até a naturalização da

corrupção, nesse sentido, essa fragmentação e naturalização são os principais adversários à consciência política. Entretanto, é nesse mesmo ambiente de submissão que reside a libertação.

Silva (2008) traz em Heller (1972) as potências dos cotidianos, as quais a superação da alienação pode também acontecer. Nesse caso, é também, nas experiências cotidianas, que podemos construir a emancipação e a libertação, ou seja, podemos destacar, então, que não há liberdade e consciência se não for dentro dos cotidianos.

O processo de superação e de potencialização da consciência não faz com que nos afastemos dos cotidianos, pelo contrário, é dentro dele que fazemos a vida e a sociedade ser possível e romper com estruturas cristalizadas pelas rotinas, pois “[...] a consciência truncada do indivíduo não resulta apenas de atividades quotidianas. Em geral, o indivíduo entra em contato com as instituições políticas que o ligam à sociedade mais ampla” (SANDOVAL, 1994, p. 66). Assim sendo, é no processo relacional dos cotidianos que podemos ampliar nosso campo psíquico acendendo a potência da consciência coletiva.

E, no seguimento do grupo focal, continuamos a discutir a temática corrupção:

Pesquisador: vocês acreditam no fim da corrupção?

Yael: Não, só se acabar o mundo, matar todo mundo, aí vai acabar. Porque não é só no Brasil.

Larissa: Eu acho que assim, tem tantos países lá fora que não existe tanta corrupção assim, por que, no Brasil, justo, no Brasil, tem tanta assim?

Yael: Existe sim. Talvez não seja como aqui, talvez a gente não saiba, mas existe sim.

Larissa: Mas acho que existe menos que aqui. Porque aqui é algo assim, anormal...

Yael: Aqui é normal.

Eunice: É aqui é cultural.

Yael: Mas existe sim.

Eunice: Mas a cura tá sendo implantado aos poucos. A gente vai melhorar, mas demora.

Yael: Eu acho que o problema não é o país, mas é o ser-humano. Eu não acho que é só uma questão cultural. É cultural, mas eu acho que, na realidade, é do ser humano, no geral, ele quer ganhar, quer se dar bem, acho que não é só o presidente, é todo mundo.

Larissa: O ser humano, quando nasce, já é corrompido.

Tatiana: Mas o que você precisa? É só essa pergunta. O que você precisa pra se corromper? Para eu te comprar, você precisa saber do que você precisa.

Yael: Mas isso é geral, você vê em outros países as notícias aí, mas eles têm um nível de vergonha maior, maior que o nosso. Eles se matam, eles ficam com vergonha, a gente não. Fico imaginando aí esses caras aí da lava-jato, a cara que eles voltam pra casa, que ele olha pro filho com tanto dinheiro, então acho que com a capacidade de subverter a história, de montar a história a favor dele, é estranho, não é? Distorce totalmente a situação da família, imagina. Vamos dar exemplo do Pallocci¹³, que veio aqui na minha cabeça. Então, ele, lá em Ribeirão Preto, ele voltar pra lá, foi prefeito, foi votado, mas o cara fez tanta caca, imagina quando ele olha para o filho dele, saber que o garoto vai na escola, na rua.

Larissa: Tá todo mundo falando mal do pai dele.

Yael: Falando que ele é ladrão... Isso tudo é muito estranho para a gente. Talvez a gente aceite melhor essa situação, mas eu acho que, no mundo inteiro, tem corrupção.

Larissa: é que o ser humano nasce querendo crescer, então, tipo assim, eu nasci, eu não tenho sapato, eu não tenho isso e não tenho aquilo, eu não tenho a casa do meu sonho, então eu vou lutar pra conseguir isso e, na maioria das vezes, o ser humano luta, luta, e luta e ultrapassa o outro, então acaba fazendo corrupção para chegar lá no topo. A maioria das vezes é assim.

O grupo apresentou uma aura de descontentamento e de desgaste com a política e com a população brasileira. Vemos palavras e discursos que desqualificam as ações humanas, e isso

¹³ **Antonio Palocci Filho** (Ribeirão Preto, 4 de outubro de 1960) é um médico e político brasileiro, ex-membro do Partido dos Trabalhadores, nacionalmente famoso por ter ocupado o cargo de ministro da Fazenda no governo Lula até 27 de março de 2006. Exerceu, desde 1 de janeiro até 7 de junho de 2011, o cargo de Ministro-chefe da Casa Civil do Brasil, escolhido pela Presidente Dilma Rousseff, quando pediu demissão por denúncias de improbidade administrativa, tendo sido, mais tarde, condenado. Tornou-se réu em novembro de 2016, após o juiz federal Sérgio Moro aceitar a denúncia do Ministério Público Federal no âmbito da Operação Lava Jato, sendo condenado em junho de 2017 a 12 anos de prisão. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-palocci-filho> acesso em 10 de maio de 2019

me faz lembrar: “O homem é o lobo do homem” frase do célebre filósofo político Thomas Hobbes em seu livro “Leviatã” (1651). Essa declaração expõe a transfiguração do homem como um animal selvagem, uma metáfora que coloca o homem como um ser para a guerra. Coloca que o homem não nasceu com seus instintos morais e sociais, por isso, tem comportamentos de sobrevivência e não civilizados. Nesse sentido, declara que a paz só seria possível quando estabelecido um contrato social, elegendo uma autoridade absoluta para a proteção da sociedade e a civilidade da comunidade; “o Soberano”.

Para o autor, o estado de natureza se mostra pré-político, ou seja, sem relações políticas em uma comunidade primitiva, sem poder superior e sem autoridade, é um estado sem ordem política que se mostra regido pelas paixões naturais do homem, e, nesse estado, o homem tende a desejar ser melhor que os outros instalando uma aura de medo, de insegurança e de desorganização cívica, gerando a possibilidade de guerra. Nesse sentido, o surgimento do soberano é a probabilidade de garantia de civilidade e de corpo artificial, no qual os homens tendem a viver sob a ótica da moral e da ética.

Os participantes do grupo focal descrevem o que veem de descaso e de cultura de corrupção, as gerações, nesse caso, concordam com essa temática e colocam essas posições como de extrema necessidade de mudança, dando voz à população e criando possibilidades de romper com esse ciclo de corrupção. Entretanto, para isso, faz-se necessário entendermos os processos de interdição a teses, a opiniões, a posicionamentos, mas, para isso, precisamos dar também ouvidos não só a gerações diferentes das nossas, mas potencializar e defendê-las, fazendo- as públicas e de acesso, como nos coloca Foucault (1999):

[...] por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (p. 10)

Nesse caso, grupos focais intergeracionais em análises da consciência política podem ser um instrumento de resistência, de articulação e de emancipação dos discursos, mesmo eles sendo antagônicos, como argumenta Riba-Hernandez e Chicareli (2011) que é a partir da consciência política que se criam novos sujeitos sociais inseridos em projetos de luta e de

resistência política. Isso nos dá margem para avançarmos nas análises dos discursos dos participantes com a seguinte questão:

Pesquisador: Vocês acreditam em que tipo de mudanças políticas do Brasil?

Tatiana: Em que sentido? Como assim mudança?

Pesquisador: Tivemos as eleições há pouco tempo (eleições de 2018). Há uma esperança pela mudança da política brasileira, tivemos uma renovação do congresso. Vocês acreditam que após as eleições, haverá que tipo de mudança política no Brasil? Essa mudança colocará o Brasil nos “eixos”, sim, não...?

Larissa: Eu acredito que sim.

Eunice: Mudança política depende do sentido, mas acho que mudança vai haver.

Yael: Eu acho que mudança vai ter que fazer, mas ele vai pegar o barco afundando, então, na realidade, ele não vai conseguir...

Larissa: Fazer muito.

Yael: É, o barco tá furado. Ele não vai mudar, provavelmente mude a consciência daqui pra frente. Se mudar a consciência de que possa ser diferente, porque, na realidade, eu acho muito mais complexo do que a gente imagina. Então, dentro da política, todo esse antro, na política, aquela colcha de retalho, ele tá se propondo a não fazer isso dentro dos partidos... Eu acho que ele vai encontrar tanta oposição pela frente e se ele conseguir se manter até o fim do mandato e conseguir se organizar no que está bagunçado e consertar, acho que não 100%, porque não vai consertar, mas se ele conseguir dar um passo acima dos 50%, eu acho que já é um futuro, porque do jeito que está, tá tudo muito ruim. Porque mudança é utopia. A política, historicamente, no papel, é tudo muito lindo e maravilhoso, mas eu acho que o grande problema está aí, em você ter uma visão, ou quem é muito engajado. As pessoas muito engajadas, eu trabalho com pessoas que são engajadas politicamente. Na realidade, é super bonita a teoria do partidário, é muito lindo... Só que, quando bota o ser humano pra atuar, vira uma zona. O que era lindo vira uma porcária. Eles já jogam uma série de sentimentos deles naquilo ali. Então, eu acho que isso vai se corrompendo. Quando o jovem tá muito exposto, aquele sonho, aquela ideia assim sabe, mas tem um cabeção lá que vai virar black block, tem o outro que vai fazer

outra coisa, que não tem aquela visão. Vai querer se dar bem (...). Então, se o atual presidente eleito conseguir segurar essa onda, não só de corrupção, mas tentar organizar o que estava bagunçado, aquela divisão, gente levando dinheiro aqui de propina etc, vai existir, provavelmente vai, mas se ele conseguir segurar, eu acho que ele vai. Você pode ver que tudo que é novo é difícil. As propostas que ele está fazendo é difícil, você ter um chefe novo é difícil...

Pesquisador: Então, você acredita na mudança política em um sentido de o Brasil mudar para a melhor?

Yael: eu acho, eu acredito sim, eu acredito na mudança, que não vai ser desse governo. Vão ser subsequentes à mudança, à capacidade do povo de entender isso. Você não ser só apaixonado, mas precisar ter realidade, acho que ele consegue sim uma mudança. Não é o Bolsonaro, é qualquer ator que estivesse lá.

Larissa: eu acredito, porque, o que aconteceu? O brasileiro votou nele porque foi a única esperança, querendo ou não, não sendo uma esperança boa, porque eu não acho que ele é a melhor pessoa para ser presidente, mas eu acho que em relação a ele e o PT, eu prefiro ele, porque o PT, desde 2003 está, no Brasil, e só afundou. Então, teve momentos bons? Teve, tiveram momentos bons no PT, eu não vou negar, porque eu vivi momentos bons quando o PT estava no governo, só que eu acho que a única pessoa que poderia derrubar o PT era ele, porque o brasileiro estava depositando uma confiança muito grande nele. E os outros candidatos não estavam tendo tanta, como posso dizer... não estava conseguindo se igualar ao PT, porque, querendo ou não, o PT ainda é forte.

Lina: não, não concordo, mas estou entendendo o que ela está falando, mas eu não sei se eu acredito. Eu também acho que esse governo não vai arrumar nada. Talvez dê um “up” Eu não sei, porque como ela disse, eu particularmente não concordo com isso, mas como ela disse, muita gente fez isso: “eu não quero PT, então vou votar no Bolsonaro.” Eu não levei esse critério em conta na hora da votação, mas quem sabe dá uma acordada no povo, né? E mais pra frente... ah, não sei. Sinceramente eu não sei se mais pra frente melhora. De verdade.

Eunice: Eu acredito na mudança política sim. Nós vamos sair do que a gente devia, o que a gente conquistou muito e infelizmente o PT teve a oportunidade e não fez, né? Que ela falou, era a grande esperança e o PT mancou muito nesse ponto, deixou a gente a ver navios, então,

ele jogou a gente nesse barco e foi culpa do PT? Foi. A gente tinha um ideal de política que pensamos neles e eles não fizeram, né? Mas mesmo assim, eu ainda preferia ter a minha liberdade do que Bolsonaro, no poder, porque eu acho que a mudança política vai ser para pior.

Yael: Eu não vejo dessa forma.

Larissa: Eu também não.

Eunice: Eu acho que vai aliciar sim, não vejo nele uma pessoa que quer lutar por um bem, como ele fez. Eu não consigo ver nele o defensor da classe menos favorecida, eu não consigo, não consigo. Ele não gosta... tudo que eu vejo ele fazendo não é pra classe menos favorecida. Eu acho que ele tá fazendo alianças com aqueles que são donos da bola... o pobre não tem vez, a minoria, ali, com ele, não tem vez. Tanto é que, ele tá, por mim, tá piorando. Nós vamos regredir muito no que nós conseguimos, né? Nós aprendemos muito com corrupção, aprendemos com dinheiro, acho que se o povo estivesse unido ele conseguiria acabar com essa corrupção sem acabar com a nossa liberdade. Que eu acho que se for acabar com essa corrupção camuflada, não é, vai camuflar a corrupção, eu acho, e não vai acabar e nós vamos perder a nossa liberdade. Muita coisa levou aí 100 anos para conquistar e vai cair por água abaixo e nós vamos ter que retornar, se conseguir e se ele conseguir chegar até o final do governo.

Pesquisador: E você, **Tatiana**?

Tatiana: Também não concordo, porque ele se vendeu muito como a nova política, mas eu não consigo enxergar num cara que foi deputado do RJ várias vezes e não fez nada pelo RJ seja a cara da nova política. Como essa é a cara da nova política se ele já praticou politicagem então fez nada pelo estado? O que ele vai poder proporcionar para o Brasil? Não consigo enxergar essa mudança nele, não consigo. E pelas alianças que ele está fazendo agora, como plano de governo, a gente já tem um horizonte de que ele realmente não vai governar pelos pobres, ele vai governar para quem tem dinheiro e eu não consigo enxergar nele essa mudança. Inclusive, eu discordo que ele vai enfrentar muita resistência, no governo, acho que ele vai conseguir governar tranquilamente, em relação aos deputados, senadores, porque o país elegeu muitos políticos conservadores, assim como ele, não é? Eu acho que ele vai conseguir governar com tranquilidade...

Pesquisador: Então, você acha que é um modo conservador de governar?

Tatiana: Eu acho.

Larissa: Eu acho que nem ela falou, em questão de que ele não vai lutar pelo pobre, só que o PT nunca lutou pelo pobre... Ele dá bolsa-família...

Eunice: Ninguém disse que o PT não errou.

Larissa: Não, sim, só que, igual você falou que entre ele e o PT, você preferiria o PT, só que o PT dá bolsa-família de 80 reais para um pobre, mas tira o emprego dele.

Eunice: Não, eu não preferi o PT do que o Bolsonaro.

Eunice: Eu não queria o PT, mas eu não queria ele. Eu não tinha outra escolha.

Larissa: É, então era o PT, igual a maioria dos brasileiros pensou. Não queria o PT, nem queria ele.

Pesquisador: Algum de vocês entende que é o governo que entra como conservador e alguns entendem que não é um governo conservador? É isso?

Yael: Eu não acho que seja conservador.

Pesquisador: Então a **Yael** não acha que seja conservador, e você também não?

Tatiana: Sim, ele é um governo que é liberal, mas ao mesmo tempo ele é ultraconservador, ele é liberal para vendermos o que temos aqui e por lá fora, a preço de banana. E conservador para segurar as massas.

Pesquisador: E você, **Lina**?

Lina: Eu também acho que é conservador.

Um misto de descrença e esperança que circula pelas falas. Um desejo messiânico de novas estruturas que possam levar o Brasil e sua população a ter sonhos reais e acreditar em futuros melhores, e, ao mesmo tempo, ouvimos discursos de asco, desgosto, tristeza em possibilidades tiradas, sonhos esfacelados e futuros incertos. O processo de bipolarização política que o Brasil enfrenta faz com que o ar do grupo focal tenha cheiro de tensão: palavras tentando se respeitar e brigando ao se tocarem no ar.

As memórias, as experiências e a consciência política se conversavam no contratempo do pensamento e da argumentação. É nesses espaços que também fazemos política, discutimos e construímos consciência. Como diz Sandoval (1989), nesse processo de interseção entre fatores estruturais, os cotidianos, as relações sociais que se interagem, as reflexões dando norte às participações políticas ou não. O processo de internalização do que se é construído socialmente com base no diálogo do sujeito com ele mesmo é que se forjam os processos de consciência e conhecimento. Nesse sentido, a consciência política é o entrelaço dos processos relacionais entre o sujeito e o meio no qual ele está inserido, sua história e suas experiências. (SANDOVAL, 2001)

O que os discursos dos participantes mostram é certo distanciamento do que acreditam e do que esperam do governo eleito. Nesse caso, essa relação não está sendo compartilhada e nem despertando coesão social e pertencimento, pelo contrário, o processo de bipolaridade política na qual estamos vivendo faz com que as pessoas com ideias diferentes se mobilizem menos, entretanto, com seus pares eles podem construir reivindicações coletivas, como vivemos e muito no processo eleitoral de 2018.

Sandoval(1989) destaca pontos que obstaculizariam o processo de formação da consciência política, entre eles, ele aponta os mecanismos de controle social que apresentam maneiras pouco reflexivas e críticas e que permeiam as relações sociais, como vemos nessa frase de Tatiana: *“Sim, ele é um governo que é liberal, mas ao mesmo tempo ele é ultraconservador, ele é liberal para vendermos o que temos aqui e por lá fora, a preço de banana. E conservador para segurar as massas.” (sic)*. Mecanismos que procuram gerar grupos como massa, prejudicam as ações dos sujeitos em participação política e restringe os cotidianos.

Os interesses antagônicos e adversários, uma das dimensões da consciência política, mostram-se como os indivíduos se aproximam dos interesses materiais e simbólicos e como esses criam tensões e se opõem a interesses de outros grupos, identificando rivais e o que precisa ser combatido com resistência, como apresenta a participante Eunice: *“Muita coisa levou aí 100 anos para conquistar e vai cair por água abaixo e nós vamos ter que retornar, se conseguir e se ele conseguir chegar até o final do governo.” (Sic)*. Isso posto, podemos compreender que já há um sentimento adversário e uma mobilização posta frente a um objetivo em comum, ou

seja, estar no frente para garantir resistência frente a possíveis flagelos a conquistas feitas com sangue.

Isso posto, encontramos, nos sentimentos de justiça e de injustiça, a percepção de ruptura dos vínculos de reciprocidade e do descontentamento político. Questões como essas mobilizam as pessoas coletivamente, colocam-nas a participarem de ações coletivas intervindo, na sociedade, engajando-as em ações coletivas, referindo-se à vontade de agir coletivamente. (ANSARA, 2008; SANDOVAL, 2001)

Portanto, a participação política está imersa nesses processos objetivos e subjetivos. Ou seja, a forma como significamos e somos orientados pelas formas que interpretamos a realidade é que nos coloca a frente do participar ou não de lutas. Entretanto, para análises da consciência política e da participação política, não podemos nos limitar nas objetividades, mas sim, buscar compreender os processos subjetivos dos indivíduos.

Abaixo, discutiremos e analisaremos como se apresentaram e discursaram, no segundo grupo focal, os integrantes mais velhos.

5.2 GRUPO FOCAL 2 – MAIS VELHOS

5.2.1 De onde começamos? Política e movimentos sociais

*Para quem tem uma boa posição social, falar de comida é coisa baixa.
É compreensível: eles já comeram.
(Bertolt Brecht)*

Anita (43 anos); **Bouvary** (73 anos); **Lívia** (78 anos); **Simone** (46 anos); Ruti (38 anos); **Clarice** (63 Anos)

Os participantes desse segundo grupo aguardavam o primeiro grupo em outro ambiente. Para melhor recebê-los, havia, nessa outra sala, pão de queijo e café. Assim sendo, quando fui convidá-las para a formação do segundo grupo, algumas relações já estavam sendo criadas, porém, da “maneira antiga”, com um “cafezinho”.

A pergunta de abertura tinha parencas com o grupo anterior. Trazia, além da possibilidade de circulação de histórias e de experiências vividas, a possibilidade de aprofundamento em temas importantes que estamos discutindo aqui na pesquisa.

Pesquisador: Boa noite! Comeram pão de queijo e tomaram café? Hoje, como já discutido previamente, em sala de aula, quando convidei alguns de vocês, e um pouco antes do início dos trabalhos, na sala de espera, discutiremos questões voltadas sobre o clima político que nós vivemos, no Brasil, suas posições e opiniões sobre a política brasileira, movimentos sociais e suas perspectivas antes e após as eleições e a construção da consciência política. Preciso que vocês comentem, falem, discutam, ou seja, fazer circular o que vocês têm em mente. Ressalto, aqui, que não há o certo ou o errado, mas sim o que vocês querem falar. Chamarei vocês pelos nomes, mas, na construção do texto da pesquisa, usarei nomes fictícios mantendo o devido sigilo. Sobre o grupo focal, é um instrumento metodológico que está pautado na construção de assuntos direcionados pelo pesquisador, nesse caso, quando o assunto começar a sair do eixo da pesquisa proposta, eu retomarei o assunto interrompendo as falas e voltando ao tema inicial. Alguma dúvida? Vamos começar, de maneira mais livre agora, com o clima da política brasileira, manifestações sociais ou algo que vocês gostariam de trazer sobre a relação de vocês com a política.

Anita: O café estava ótimo! Sobre o que você perguntou, eu percebi que o pessoal se empenhou mais a falar de política, discutir política de 2010 pra cá. Eu percebi que de 2010, mais 2014, que houve aquela divisão entre PSDB e PT, aí ficou assim, mais dividido, eu acho que o povo quase deu empate. Então, de lá pra cá o pessoal que votou e não ficou satisfeito com o resultado da pessoa que foi eleita, eles vieram já com outra mentalidade para essa eleição de 2018.

Pesquisador: E o que você sente com isso?

Anita: Eu sinto que isso também com a possibilidade de discutir, nas redes sociais, a política, e aí, um vai, dá palpite, outro também, e isso acabou despertando o interesse das pessoas.

Pesquisador: Despertou o seu interesse?

Anita: Eu sempre estive interessada em política.

Anita: Desde criança praticamente. Mas ainda a minha família, o pessoal com quem convivo começou, em 2010, aí aumentou em 2014 e 2018 virou praticamente torcida de time.

Bovary: Eu concordo com ela, que a partir do descontentamento do governo do PT, do governo Dilma, que acabou com o impeachment, que se criou uma ajuda a meu ver, na minha opinião, a mídia contribuiu para isso. Os jornais, a globo... Então se criou praticamente uma comoção,

um ódio. Começou ali aquele ódio contra o PT, do governo. Enquanto estava o Lula teve o episódio do mensalão, então já tinha, né? Mas foi com a eleição da Dilma, né? Que começou a discutir tanto jogo de cintura, como tinha o Lula pra fazer as alianças, contornar as situações. Ele era um líder né? Que era motivo desse jogo todo, né? E se criou então aquela comoção nacional com esse ódio em que as pessoas cada vez mais queriam partir para o impeachment da Dilma aquele envolvimento/movimento todo. O presidente da câmara preso, os deputados, então, apoiado por esses políticos que estão aí... Temer e Bolsonaro que, na época, era Deputado Federal, foi por 27 anos e não se sabe de nada de bom, que projeto que ele fez para o povo e os pobres, mas ele foi ele, né? Por quê? Como o próprio nome dele diz, Jair Messias Bolsonaro. Ele veio como um messias mesmo, o salvador da pátria, o anti-PT. Ele surgiu como o salvador da pátria, aquilo que correspondia ao que o povo não queria mais. Não queria mais o PT, achando que era a palavra corrupção virou sinônimo de Petismo. Corrupção e Petismo. Eles esqueciam os outros partidos. Eduardo Cunha, pessoal do PSDB, os outros... nada disso contava. Contava que tinha que fazer alguma coisa. O antipetismo. O povo não queria mais, e se agarrou então e elegeu sem saber praticamente quais eram as plataformas de governo do candidato, que nem do debate participou, nada, né? Ele fazia o sinal de arma, e o povo, ansioso por segurança. O povo quer saber de segurança e até agora eu só vi ele se preocupar com a segurança dele mesmo. E de 25 parece que aumentou para 50 o número de carros blindados, para melhorar a segurança dele e dos filhos. Não vejo ele falar de melhoria para o povo, salário... só vejo falar da Previdência. Falar da idade, de estabelecer a idade de aposentar e tenho visto, nas redes sociais, agora e nos jornais que a preocupação dele, diz que é muito difícil nesse país ser empregador, ser empresa. Eu falei: “e ser trabalhador, não é difícil, não? Viver de um salário mínimo, pagar aluguel, água, luz, telefone, gás, transporte, com um salário mínimo?” E ele está preocupado em como é difícil ser empresa, ele está preocupado com o empresário e o que o empresário faz. Então, foi já foi extinto, foi decretado, né? Não há mais Ministério do Trabalho. Eu acho que deveria ter Ministério do trabalho. Do trabalhador não. Mas Ministério do Empresário, do empregador, vai ter um ministério pra tratar disso.

Há um receio latente nas falas do que aconteceu e do que está por vir. Algo como se a memória gritasse que “está acontecendo de novo! Vocês estão surdos?!” Muitos narram intimidar-se com o momento político brasileiro e outros se mostram com esperanças em que dias melhores virão. Ambos os lados trazem o passado para conversar, alguns de maneira segura e outros com dores e sofrimentos.

As lembranças individuais, quando se encontram com as lembranças dos outros, acabam por expandir as percepções que o sujeito tem do passado. Essa elaboração em grupo, como coloca Halbwachs (1990), fomenta a importância de darmos espaço para novas formas de lembrar e a oportunidade de esquecer. Afinal, é no encontro com o outro que potencializamos nossas construções enquanto sujeitos sociais. Portanto, essas memórias silenciadas, subterrâneas e esquecidas pelo declínio das narrativas, no mundo contemporâneo, são capazes de emergir e sustentar histórias que não estão cravadas em formas escritas, existem, nas memórias e nas trajetórias dos velhos. (POLLAK, 1992)

Lívia: Bem, eu não entendo muito de política, nem gosto. Mas como eu fui convidada...Eu acho que o povo começou a despertar a partir da lava-jato. Até então, estava tudo escondido, de baixo dos panos e através da lava jato foi descoberta muita podridão. Aí eu acho que o povo brasileiro, aqueles que têm um pouco mais de entendimento, de cultura, foi despertando, porque é uma vergonha nacional essa história de política, entendeu? Porque a gente não tem aquela segurança, não tem em quem se apoiar em quem confiar. Então, o povo, com tudo que estava passando, por todas essas coisas, vem o Bolsonaro e o povo se agarrou a ele, com esperança de dias melhores, não é? Mas, eu não estou também sentindo firmeza nele, entendeu? Pode ser que depois que ele tomar a posse, que ele mude a atitude dele, mas acho que, no fundo, eles são todos amigos, esses políticos. Eles todos se entendem, a panelinha. Mas agora a gente está com outra esperança, de dias melhores para o Brasil. Porque é uma pessoa diferente, é muito franco, franco demais, fala muita bobagem, muita besteira. Não sei, mas a gente está confiante que vai dar certo.

Bovary: Dá muito tiro no pé, mesmo antes da posse.

Lívia: Então, a gente tem que estar confiante, tem que estar atento a tudo isso. Porque no Collor¹⁴ os mais jovens agiram, fizeram aquilo tudo pra tirar o presidente e nós não sentimos

¹⁴ Um dos assuntos abordados entre os participantes do grupo, nessa análise entre as diferenças entre os tempos na política, foi a das memórias de Fernando Collor de Melo um dos presidentes do Brasil Pós-ditadura. Na história, após o período ditatorial e os movimentos das diretas já, em 1989 o povo finalmente pode eleger por voto direto o Presidente da República. Esse processo eleitoral teve, como resultado, a eleição de Fernando Collor de Melo. É importante destacar que a eleição teve grande influência e manipulação dos meios de comunicação. Collor foi eleito como presidente do Brasil, no segundo turno, com apenas 5,71% de votos a mais que seu adversário, Luiz Inácio Lula da Silva. Em seu governo, implantou o Plano Collor que, na verdade, se chamava Plano Brasil Novo. O principal objetivo do plano era de estabilizar a inflação. Fernando Collor de Mello foi afastado do governo, dois anos depois, com um inédito, no Brasil, processo de impeachment, conduzido pelo Congresso Nacional e acompanhado por uma forte mobilização popular e movimentos de rua que foram denominados de “caras pintadas”, liderado pelo movimento estudantil e fortalecido pelos meios de comunicação social. (ANSARA, 2005)

isso com o Lula. Os jovens se omitiram, não é? E olha que vem aparecendo um monte de coisas e os jovens não estão participando, porque eu acho que a maioria dos jovens, pelo próprio fato das universidades, eles são Petistas doentes, que é muito pregado nas faculdades sobre o PT. São adeptos e os adeptos são de tal maneira que chegam a ficar ensandecidos pelo líder, que é o Lula, entendeu? Eu não entendo nada, isso é o que eu vejo, na televisão, eu não tenho nem tempo pra me dedicar a isso de política, mas a gente está com esperança agora no Bolsonaro, ver se ele pode fazer alguma coisa agora, tirar o nosso país dessa lama em que ele se encontra. É isso meu ponto de vista, vamos aguardar.

Encontramos pareências sobre a tensão geracional entre o primeiro e o segundo grupos, há uma posição em algumas falas que consolidam o jovem como uma força confusa, perdida e volátil, em alguns momentos, insinuando a sua falta de capacidade de consciência política em entender os fatos e as questões sociais brasileiras.

Novamente, a questão de opinião está pautada no seu saber pelo outro. Um entendimento da conjuntura atual brasileira tendo como base a sua forma de pensar. Como vimos em algumas frases, há um processo midiático que também corrobora com essa intensidade de entender a diferença como a falta de consciência ou de intelectualidade.

O projeto de opinião pessoal está ajustado às pretensões da igreja ao monopólio da produção legítima dos julgamentos e da tolerância. Expressam os interesses dos intelectuais, da mídia, pequenos produtores de opiniões cujo papel está evidenciando um campo de produção especializado em produtos culturais e posições políticas. Funciona como uma fábrica de formas de pensar, falar e construir pensamentos. (BOURDIEU, 2007)

O momento bilateral político envolve as pessoas em um processo maniqueísta do que se estabelece certo ou errado; partido A ou partido B, entretanto, Sandoval (1989) traz colocações importantes sobre o processo de participação política e a identidade coletiva. As atividades de jovens com a política pode estar relacionado às suas crenças, a valores e a expectativas sociais, acomodadas a seus interesses, ou seja, eles podem considerar sua participação política necessária e efetiva à esfera pública, defendendo os seus interesses em situações de conflitos, dizer que há um processo de doutrinação marxista “do PT” é encarcerar as possibilidades de envolvimento político dos jovens. Eles também consideram adversários,

estão em contato com o meio e entendem o processo de justiça e injustiça social, e, assim, agem. Nesse sentido, há uma eficácia política envolvida dentro dos movimentos sociais de A, B ou C, os jovens tão atuam como agentes de transformação em uma sociedade de estratos, e, dentro dela, constroem a consciência política aumentando a sua participação social. Ou seja, a constituição de vínculos e o sentimento de pertencimento fazem com que o processo de identidade coletiva se potencialize e influencie a vontade de agir.

Esse processo pode ser visto nas falas a seguir:

Cecília: a minha maneira de ver a situação sobre a partir de quando começou esse movimento, deve primeiramente às tecnologias da informação. Se não fosse essa possibilidade de acesso, tudo continuaria do mesmo jeito. A gente teve esse recurso que é a tecnologia. E começou com aqueles 30 centavos do aumento da gasolina, que começaram aquelas grandes manifestações, no país todo, que a meu ver é um despautério e assim, discordando um pouquinho da **Lívia**, eu vejo que a corrupção não é uma coisa de um partido, porque ela está disseminada por todos eles. A gente tem, por exemplo, a educação, no estado de SP, que está a cargo do PSDB há tantos anos e está com o pior índice de aproveitamento do país. Então, eu acredito que o PT em si ou o Lula não são responsáveis por isso, por esse fracasso. Eu vejo até que, de acordo com as estatísticas, durante o governo do PT, muita gente passou a ter acesso a coisas que nunca sonhou. Então, melhorou a qualidade de vida dos mais pobres, talvez seja isso que cause certo incômodo, a classe média não se conforma e o que entristece é perceber que muitos que eram pobres, quando melhoraram um pouquinho de situação, passaram a se sentir classe média e se posicionaram contra um governo que os favoreceu de muitas formas. Então, eu acredito que essa questão da corrupção é, por exemplo, é como um hospital. Você não pode fechar um hospital porque tem um médico ruim, ou porque o diretor não é legal, tá? Então, você tira o diretor, substitui o diretor e dá prosseguimento ao trabalho que está dando certo e não joga tudo fora, e não faz um retrocesso tão grande quanto esse de incentivar crianças, inclusive, a fazer movimentos com armas, que eu acho, assim, inadmissível para um Presidente da República. Incentivar o uso de armas com crianças, com fotos que foram divulgadas à vontade nas redes sociais. Então, é um absurdo que é muito questionável, inclusive internacionalmente, essa postura desse presidente que não me representa. E, por outro lado também, além disso, nós temos jovens que são trabalhadores, que ganham pouco, que não têm possibilidade, assim, que o sonho deles é terminar o ensino médio, entrar numa empresa que tem em Porto Ferreira, comprar um celular, uma moto e casar. E aí a vida acaba para esse cidadão. Ele não tem sonhos.

E esse cidadão está fazendo apologia a esse Messias, que a primeira coisa que ele fez foi cortar o Ministério do Trabalho. Tirou o direito do trabalhador. Então, todos, na verdade, somos os trabalhadores. Aquele que não é o proprietário, aí entra na questão da sociedade clássica e as grandes universidades defendem e que é verdade, não adianta falar que não é, porque é. Eu sou professora, sou trabalhador. O arquiteto é trabalhador, enfim, todo mundo trabalha, a não ser que ele tenha a propriedade desses meios de produção. Então, como trabalhador, eu não vejo em que momento alguém deve apoiar um cidadão que revoga direitos conquistados com lutas sangrentas desde o século XVIII e XIX, na Europa, pra gente conseguir ter uma liberdade pelo menos de expressão, que está tentando ser tirada da gente, que são conquistas sociais que mataram muita gente e isso é inquestionável. Aí chega um cidadão, faz menção, apologia à arma, fala que vai governar para os empresários, que todos têm que se adaptar à maioria. Que minorias não existem, que reservas de índios são zoológicos, ignora as questões ambientais que assolam, que preocupam o mundo inteiro e fala muita coisa que envergonha. Eu tenho vergonha de ver esse cidadão falar, na televisão, está certo? E me representar como cidadão brasileiro. Eu me envergonho. Porque não tem cabimento as coisas que eu ouço esse homem falar. Ele não respeita o ser humano. Ele não...sabe, é alguém que não me representa. E eu digo mais, falando sobre a questão partidária, eu não fui PT, em nenhum momento saí à rua defendendo esse partido ou aquele, certo. Eu me considero uma pessoa que tem liberdade pra pensar aquilo que eu acho que é mais correto e que nesse momento, o que é mais correto, no meu ponto de vista, jamais poderia ser o Bolsonaro, nesse momento histórico, que é um momento de transformação, de muito conhecimento, em que se deve valorizar a educação em primeiro lugar e a gente pode ver assim como exemplo, a maioria dos países do mundo que deram certo foram aqueles que investiram pesadamente em educação e ele está tirando esse direito também! Como é que alguém que tem o mínimo de bom senso pode apoiar um cidadão desse? Isso me entristece profundamente como brasileira e não tinha só PT como opção. Tinham várias opções, e as pessoas escolheram o pior. Isso, em minha opinião, a falta de investimento em educação pública, principalmente em SP, nos últimos 30 anos, tem reflexo que a gente está vendo agora nas urnas. Pessoas analfabetas políticas que elegem canalhas que não têm a menor condição de ser um presidente de um país como o Brasil.

Falas críticas, rememorando, nem sempre como o fato realmente aconteceu, mas, com potências de se pensar o passado no presente. Então, podemos nos aproximar da ideia de que o tempo lembrado faz confluir o passado e o presente num único tempo, o do sujeito, aquele que contém a matéria constitutiva de uma identidade social, promovendo um reencontro, nem

que seja momentâneo, com suas identidades. O memorar é suporte da identidade individual e coletiva, sendo impossível construir uma sociedade sem que se acione, sem que ela, a memória, fertilize cada possibilidade de realização no presente e no futuro.

O passado significa de formas diferentes para as pessoas. Cada um traz lacunas ou ênfases com relação a alguns eventos, apagando o que fez sofrer em certos momentos, repetindo alguma situação de muita felicidade ou de muito sofrimento, apagando ou repetindo situações que tenham rompido bruscamente com o cotidiano. Assim sendo, lembrar constitui-se como um instrumento potencializador do velho e necessário para os jovens, restaurando sua existência, no cotidiano, e fomentando encontros para a construção de novas identidades no trabalho em grupo, pois,

...a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK 1992, p.71)

E as falas continuam se conectando e se desconectando:

5.2.2 A memória que não deixa esquecer: Memórias e Ditadura Militar

*Todo o homem luta com mais bravura pelos seus interesses do que pelos seus direitos.
(Napoleão Bonaparte)*

Simone: eu penso que a política sempre foi discutida, não é? Em algum momento, não é? Eu acredito que, nos últimos anos, tem uma discussão mais intensa sobre. Penso também que parte disso somos nós né? Não vou generalizar, porque sei que tem gente que discute muito, pesquisa muito, estuda muito, mas muitos ainda não fazem essa discussão. Eu tenho esse pensamento. Eu mesma sempre votei por uma questão de geração familiar. Eu passei a ser mais criteriosa nessa questão de política partidária quando eu vim estudar, quando comecei a faculdade. Então eu, a política de certa forma, hoje, eu consigo ver, olhando algumas questões sempre precisou despertar o povo pra alguma coisa, né? Ela sempre foi discutida de alguma forma, nós que não nos envolvemos, não pesquisamos, não somos criteriosos, e digo, não estou generalizando, mas acredito que a grande maioria é assim ainda, mas, nos últimos anos pra cá, acho que a gente teve um ganho, teve um salto, mas sempre em algum momento teve que ter esse despertar. Como exemplo, teve o impeachment, assim, na época do Collor, mobilizou muita gente. Na época da Dilma, despertou, mobilizou muita gente, teve a questão aí do aumento do

combustível. Despertou o povo e aí o povo vem despertando de alguma forma. Essa última eleição foi muito tensa, foi muito questionada, as redes sociais estavam praticamente voltadas para isso. Mas eu acredito assim, que ainda falta muito questionamento da nossa parte. Eu pude fazer muitos questionamentos... eu acredito que uma das eleições mais conscientes que eu votei, e eu já votei muito, foi essa. Mas isso foi devido a conhecimento. Eu acho que falta muito conhecimento, apesar da rede divulgar muita coisa, fazer muita coisa, ainda o povo é muito fechado, não quer discutir, não quer falar... eu particularmente, nunca gostei de política, partidos, nunca gostei nem de discutir. Há uns anos atrás, eu nem viria aqui. Mas aí, vim fazer o curso e me despertou pra vida. O conhecimento traz muitas coisas pra gente, né? Então, acredito que a política sempre foi discutida de uma forma, no meu ponto de vista, mas nós é que ficamos sempre um pouquinho “ah, não quero saber, não ligo” e tem essa questão da família. Minha família foi falando: “faz assim” e eu fui fazendo. Então, hoje, é outra visão, outro conhecimento e acredito que ela está sendo mais discutida sim, hoje, mas eu acredito que há muito tempo já é discutido, esse é meu ponto de vista.

Anita: Só acrescentando ao que você está dizendo, eu acho que a primeira coisa que deveria ser feita para a política ser levada a sério é tirar a obrigatoriedade do voto, porque aí o voto ficaria pra quem se interessa, porque se eu não estou nem aí, porque eu vou lá e dar um voto meu pra quem? Então, se eu sou interessada, se eu quero, eu já vou por mim mesma e não porque alguém está me obrigando. Então, tirar essa obrigatoriedade acho que ajudaria muito.

Riba-Hernandez, Chicareli (2011) apresentam, em seus estudos, algo importante para discutirmos, nesse trecho do grupo focal, elas ressaltam a existência da memória coletiva da repressão e da atuação em movimentos sociais. As autoras observam que essa memória tecia fios capilares pelo tempo, atravessa as gerações e interage e modifica as identidades daqueles que não viveram certos períodos históricos. Esse processo pode inspirar novos movimentos sociais. Entretanto, alguns terão inspiração em alguns fios de memórias e outros terão em outros fios de memória, ou seja, a luta pelos direitos e pela democracia parece-me, nos discursos até aqui apresentados, não ser uma luta coletiva em sua maioria, pois, dentro desse processo, outras pessoas viveram de outras formas os processos democráticos ou não, e essa capilarização das memórias também atravessa os jovens.

A memória está em constante processo de potencialização, e, ao mesmo tempo, resistindo a políticas de esquecimento. A autora Ansara (2008) lembra principalmente alguns

conteúdos da memória que dizem respeito ao quanto foram eficazes os papéis da memória oficial e das políticas de esquecimento, que enfraqueceram a memória do povo brasileiro ou que acreditam que a ditadura foi necessária e que trouxe uma melhora econômica milagrosa além da sensação de segurança que este foi o tempo do "milagre econômico" e de muita "segurança". Ou seja, a memória oficial, ou, a memória nas mãos de alguns que buscam controlá-la, em escolas, em igrejas, oficializa e cristaliza o que, pelas relações sociais, chamamos de memória coletiva. Nesse sentido, a memória toma um papel importante na (re)construção no processo de transição democrática e no desenraizamento de ideologias falseadoras e alienantes. Isso posto, dizer que os jovens, estudantes não têm uma participação política efetiva, nos dias atuais, ou que elas não têm uma memória política de entendimento e de reconhecimento de fases da história brasileira como a ditadura militar é negar toda uma estrutura de resistência e tentativa de controle frente a uma democracia falseada.

Portanto, grupos intergeracionais mantêm e potencializam o processo dialético da memória entre a auto rememoração e a rememoração com o outro, faz com que as memórias, mesmo que divergentes, se mantenham vivas e pulsantes, e a rede e as tecnologias vêm para somar a esse processo. Valorizar a experiência vivida e a memória, além de preservar o passado, projeta os movimentos necessários para o futuro e coloca as pessoas mais velhas como também sujeitos políticos de direitos, como parte da transformação do socius. Nesse caso, conflitos são reais e pulsantes em qualquer relação, isso não foge das relações intergeracionais, entretanto, trabalhá-los também em grupos converge com a garantia de uma democracia possível para todos. Entretanto, nas falas dos participantes, vemos muitas disputas e posições contrárias ao novo governo, porém, mostram-se “entusiasmadas” e também receosas com as possibilidades da população acordar ou sucumbir no atual momento brasileiro:

Bovary: aquele que ele escolheu (Ministro da saúde), que disse que Marx nasceu, na época da revolução francesa, ele nasceu bem depois, 1818/1819. São todos marxistas, não é? Então, quer dizer, fala um monte de besteiras, asneiras.

Clarice: envergonha!

Bovary: eu sinto vergonha alheia, eu estou sentindo vergonha alheia cada vez que ele abre a boca pra se manifestar sobre alguma coisa. O tal ministro da Saúde, esse aí das relações exteriores, que criou... ele gosta de imitar o Trump, quer mudar lá a capital de Jerusalém pra

Israel, não é? O que é bom para os EUA, é bom para o Brasil, não é? Inclusive bater continência para a bandeira norte-americana.

Ruth: eu acho que a gente viveu uma das melhores fases políticas no sentido de despertar para a discussão. Porque antes era uma informação pronta, que vinha numa tela quadrada na tua sala e você não tinha como questionar aquilo. O máximo que você faria era ligar lá no 0800 de algum jornal e reclamar. E hoje, nas redes sociais, enquanto está sendo discutido em tempo real, um debate ou um político se pronunciando, a gente está na hashtag, a gente está se pronunciando, se aceita aquilo ou não. E eu vejo assim, devido às redes sociais, a minha opinião, muitos jovens buscando, então, meu menino chamou muita atenção quando ele veio perguntar pra mim, assim, antes, muito antes da votação, se eu já tinha candidato e eu disse que não. Ele falou que era Bolsonaro e foi passando um monte de informações que ele leu. Não estou questionando se as informações eram verídicas ou não, fonte, enfim. Mas o que me despertou foi o interesse dele. Porque ele entendeu que ler tinha que se posicionar. E eu também entendi e todo mundo entendeu que tem que se posicionar. Então, acho que a gente está vivendo um momento muito bom da política, no sentido social, no sentido que as pessoas estão se levantando, não estão com vergonha de dizer: “olha, esse não me representa” ou “esse me representa” ou “eu não me identifico com esse movimento”. Então, as pessoas estão tomando partido, elas estão tendo opinião. Porque quando eu era adolescente, eu não lembro disso, eu lembro que ninguém sabia de nada e hoje todo mundo que você conversa, por mais leigo que seja, todo mundo é claro, pessoas alfabetizadas, que tenham acesso à educação, ela tem uma informação pra te dar. Ela diz: “olha, eu li isso, eu acredito nisso, eu acredito nesse projeto, eu não acredito nisso”. Então, eu acho que estamos vivendo um momento muito bom, um momento de discussão, um momento que as pessoas estão acordando, acho que devido às saias da nossa nação, que têm sido levantadas. Porque, por mais que a gente sempre saiba que houve corrupção no país, eu sinto que as saias da nação foram levantadas. Acho que a vergonha nacional para mim foi essa corrupção, uma corrupção deslavada e absurda, em que o mundo viu as saias da nossa nação, do nosso Brasil levantadas. Então, acho que a vergonha nacional foi exposta. Acho isso muito bom, a gente está discutindo, achando pontos e vamos que vamos.

Cecilia: Eu queria complementar o seu pensamento, que eu achei muito interessante, e que eu fui criança na época da ditadura militar e o que eu me lembro sobre o poder de se expressar ou não, é que não podia se expressar, então, a minha mãe e o meu pai eram pessoas extremamente humildes, mas a minha mãe lia muito, e ela não vestia eu e a minha irmã com roupa vermelha

de jeito nenhum, porque qualquer um que saísse com roupa vermelha, na rua, era chamado de comunista. E muita gente sumiu, entendeu? Então, o que eu sentia quando era criança é que meus pais tinham muito medo e preocupação. Outra coisa que eu sempre me recordo quando eu ia pra escola é que as carteiras eram perfiladas, alfabetizado com caneta tinteiro, pena e escrever e tal o quadro do presidente da república, as bandeiras, cantar o hino nacional certinho todo dia, aquela coisa quadrada, certo? Que eu, em nenhum momento acho que isso significa alguma coisa pra crescimento intelectual, ou pra melhorar aprendizagem de aluno de hoje, pegar aquele modelo e colocar hoje não funciona. Eu em minha opinião não. E eu era uma pessoa, quando criança, eu falava muito e a professora vivia me colocando de castigo atrás do armário, porque eu era muito pequena, então, eu não podia falar o que eu achava que fosse certo, entendeu? E apanhava com régua, porque não podia abrir a boca e, normalmente, eu percebia que era assim, algumas pessoas, alunos, filhos de pessoas importantes da cidade podiam falar, mas eu não e aquilo me incomodava e eu falava assim mesmo e ia pro castigo, então, isso daí foi uma vivência que eu tive de ditadura militar. Então, qualquer um que fale que ditadura militar é legal, eu tenho medo de uma pessoa dessa, porque, bom, enfim.

Pesquisador: Medo da ditadura militar e os que a defendem? O que pensam sobre isso?

Ruth: o que eu conheço é que foi muito ruim, né? Claro que tinha muita violência, mas eu analiso assim. Eu procuro entender os jovens de hoje. Porque os jovens de hoje, em algumas comunidades, eles vivem uma ditadura. Hoje é o traficante que bate com a régua, é o traficantes que dá toque de recolher e tem que fechar comércio. Assim como os militares faziam. Então, eles já estão em uma ditadura. Muitas comunidades já vivem uma ditadura. Então, talvez, essa ilusão, é claro que eu sou contra a ditadura, até porque, nós saímos da caverna, não é? Como diz Platão, nós saímos da caverna, impossível nos aprisionar novamente na caverna. O povo da Coreia do Norte está porque está na caverna. Mas a partir do momento que você experimenta, é impossível a nação toda, a gente já derrubou presidente, a gente derruba, como a revolução francesa, que eles arrancaram as pedras do castelo com as mãos, eu sou uma que vou pra Brasília e arranco o tijolo com as mãos. Se cortar meu Iphone, minha internet, né? Então eu acho que nós já saímos da caverna, porém eu vejo esses jovens como prisioneiros de uma ditadura, então, talvez, eles veem a ditadura militar, aquela que você sofreu, que eles não viveram na pele como uma ditadura do bem. Eu me sinto um pouco refém dessa ditadura, porque eu sou mãe de adolescente e eu tenho medo dos meus filhos ficarem na rua. Porque antes, os jovens, pelo pouco que eu conheço, mas não vivi, eu acho que a gente só conhece de fato quando, como

você, que viveu. Mas eles tomavam geral de militar. Hoje eles tomam geral de traficante. Eles tomam geral de bandidinho. Meu filho foi assaltado, indo pra escola, ao meio dia, saindo do dentista. Eu deixei meu filho no dentista, eram quatro quarteirões pra ir pra escola, ele foi assaltado e perdeu o celular. Então, você entende que é uma ditadura, então, talvez por isso que as pessoas vejam que no Bolsonaro, por estar tão importante a segurança.

Quando os pontos de divergência começam a aparecer, além de aumentar a tensão, no ar, proporciona outros olhares, histórias e memórias que envolvem o processo de ditadura militar. O processo geracional também é uma questão que se apresenta, nas falas, ou seja, algo como: *“você não sabe o que está falando”* de maneira velada, mas, aparece. Seguimos com as falas:

Cecilia: então, mas, nesse caso, eu não concordo com você, pelo seguinte: no período da ditadura, também existia esse tipo de violência que você fala. Você tinha a violência do próprio regime e mais a violência do povo que era descontente com o sistema, dos traficantes e tudo. É claro que por vários motivos a gente não tem esse conhecimento de quantidade como a gente tem hoje. Porque hoje você tem a rede social, a comunicação é muito rápida. Naquele tempo, se você morasse numa cidade como eu, em Porto Ferreira, que era muito pequena, certas coisas que aconteciam na grande SP, no RJ etc demoravam anos para chegar essa informação. Então, essa ideia de violência ligada a traficante não era uma preocupação, porque em centros menores não era uma realidade, mas ela existia e quem morava na grande cidade, vivia isso. Ele vivia a violência de todos os jeitos possíveis, inclusive militar, tá certo? Então, eu acho assim, que quando... eu conheço professoras de literatura, que não é caso de **Bovary**, tem professores de literatura que ensinam os alunos, olha a barbaridade, que nunca houve ditadura militar no Brasil, que era um regime que era completamente legalizado, mas quem legalizou foi o próprio ditador, como que pode? “Eu mesmo me auto proclamo imperador?” Napoleão fez isso, mas eu não posso fazer, então aí está tudo certo? Então, esse questionamento precisa ficar muito claro e precisa se pegar estatísticas de vários lugares para mostrar que essa ditadura militar jamais poderá ser a solução, esse modelo que já existiu, porque a violência ela vem acompanhando a história do Brasil em todo seu desenrolar. Ela não é um fenômeno atual. Ela está mais disseminada, até porque as cidades cresceram mais, aumentou o número de população, enfim, tudo isso contribui pra que a gente sinta mais fácil a situação, mas dizer que naquele tempo ela não existia não é verdade. Ela sempre existiu.

Pesquisador: e você, **Lívia**, o que tem pra dizer sobre Ditadura Militar?

Lívia: Tô fora, eu peguei, no tempo, já no final da ditadura, eu estava dando aula ainda...

Pesquisador: Você dava aulas?

Lívia: Eu dava aula para o primário e era tudo respeito. As turmas antes de entrarem cantavam o hino nacional, tudo formadinho, bonitinho, iam pra sala. Nunca, no colégio que eu lecionei, houve nenhum dissabor. A diretora impunha as normas e nós aceitávamos numa boa e a educação era completamente diferente. Isso em 85, final, era outra coisa, um respeito aos professores. Eu tinha um aluno, na minha sala, que era terrível, ele cismou comigo. E eu tinha toda a didática pra lidar com ele, mas a coisa estava tão insuportável que a diretora chamou a mãe do menino e pediu que retirasse o garoto da escola. Ele perturbava o tempo todo, não obedecia, inteligente, extremamente inteligente, mas completamente desobediente. Então, a diretora pediu que o tirasse do colégio, ele ficou afastado. Eu acho que o respeito era outro.

Pesquisador: Na Ditadura Militar, você acha que o respeito era outro?

Lívia: Acho. Porque eu não posso falar nada da ditadura militar porque nossa família, pessoas de bem, nunca foram agastadas com essa situação. Agora, todos aqueles que foram aleijados, que foram mortos, ali tinha algum fundamento. Eles não iam matar à toa, entendeu? Havia algo errado ali, agora eu, também fui mãe cedo, nessa época tinha meus dois filhos, me preocupava também com essas coisas, então fiquei muito ligada, entendeu? Mas eu não tenho nada contra a ditadura.

Pesquisador: Você escutava alguma sobre a ditadura?

Lívia: tudo, mas não via nenhuma anormalidade com relação aos meus familiares. Agora, dos demais, eu não sei, entendeu? Como eu falei com vocês, eu nunca fui ligada a essa coisa de política. Mas, na minha família, não houve nada. As pessoas de bem que eu conhecia nunca foram agastados com essa situação. Eu não tenho nada contra, eu achava que o respeito era outro. Porque hoje em dia você ser professora é uma barra, porque o aluno vem e te bate, te chuta e você não pode falar nada, tem que aceitar aquilo, não pode nem encostar a mão no indivíduo. Eu acho que o respeito era outro. Agora ninguém respeita mais ninguém. Está de tal maneira que esse mundo está conturbado, tá tudo errado. Mas isso já vem, esse mundinho assim, desde o tempo do Cristo. Isso não é de agora, sempre existiu.

Bovary: é, aluno indisciplinado qualquer época pode ser difícil.

Lívia: sempre existiu, então, eu não tenho nada contra a ditadura. Não afetou meus familiares, meus amigos, ninguém. Não afetou nenhum de nós. Agora aqueles que estavam andando fora da linha eu não sei.

Anita: isso que é o complicado. Tem uma linha a se seguir e a linha é deles, desde que você não saia da linha, tudo bem. Eu tenho um filho que tem apenas oito anos e ele estuda, no colégio SESI, que não é uma escola de periferia, nem de elite, mas eu já fui chamada várias vezes porque ele é genioso, ele bate de frente com muita gente, com oito anos, apenas. Então, imagina, eu tenho medo do Brasil Militar, no estado de Ditadura, porque eu vejo meu filho sofrendo. Eu fico angustiada só de pensar. Com esse jeito dele. Então, você tem que concordar sempre? Eu morro de medo.

Livia: Porque, com licença, eu vivi, no Rio de Janeiro, sou carioca e nos anos de 50, eu estava fazendo meu primário. Nunca vi professora botar ninguém de cara pra parede, ajoelhado no milho, levar reguada. Nunca vi isso, não senti isso, na pele, nunca meus colegas sofreram com isso, nunca vi isso, entendeu? E o máximo que acontecia era chamar os pais para explicar a situação daquele aluno. Eu não peguei essa fase de milho. Estou com 76 anos, viu? E nunca vi nada disso. Fui nascida e criada, na Ilha do Governador, onde tem o aeroporto Tom Jobim, vivi lá muitos anos, saí de lá com quase 50 anos e, nas escolas, nada disso acontecia. Como nossa amiga lá falou de palmatória.

As narrativas promovem uma evasão de memórias muitas vezes conflitantes. Lowenthal (1998) diz que as problematizações das nostalgias exercem grande influência, na classificação do conservar, e esquecer o passado ou apenas lembrar algumas partes. As complexidades do mundo contemporâneo fazem com que a produção das nostalgias se exacerbe, aumentando a sensação de perda, alienando também o tempo presente. Dessa forma, como descreve o autor, a nostalgia pode gerar paralisia para com as memórias, pois não abre espaços para suas evasões implicando, muitas vezes, um desraizamento e uma desmobilização frente às questões do passado e do presente; gera alienação, pois mantém os sujeitos em tempo confortável e em memórias congeladas.

Isso posto, pode-se pensar que o processo de globalização é parte indissociável ao homem que procura compreender seu tempo, seus passados. Trabalhar com memórias fomenta

novas lutas e novas formas de exercer a cidadania, implementando e sustentando as identidades dos sujeitos. Assim sendo, a memória, hoje, alcança status de trabalho e não apenas processos vazios de significados e sentidos. Dessa forma,

... não podemos deixar de assinalar que, diante do perigo da perda definitiva do passado, esses movimentos começam a recriar lugares da memória, visto ser esta uma reivindicação dos grupos populares pelo direito ao passado. Nesse sentido, trava-se uma luta política, o confronto entre memória contra memória, em que se disputa os sentidos daquilo que ocorreu no passado. Em outras palavras é um confronto entre distintas memórias antagônicas e diferentes versões do passado. (ANSARA, 2005, p.357)

Essas análises vão ao encontro do que alguns participantes dos Grupos Focais também estão observando em suas trajetórias de vida. É possível afirmar que há, ainda, um processo de silenciamento, próprio da modernidade, das memórias, tendo sentido, apenas o que está escrito nos livros e nas redes de comunicação.

Reconstruir o passado pelas memórias e trajetórias de vida dos velhos e trabalhá-las em encontros geracionais é um processo necessário e ardiloso, pois, possibilitando espaços de lembrar, potencializa também o transformar e o esquecer. Halbwachs (1990) diz que a lembrança subsiste, transforma-se, apaga e se escreve; dessa forma, fixá-la por escrito, apenas, seria inútil.

Cecília: Então, a gente viveu, Não, eu não falei de palmatória, falei de reguada.

Lívia: é, régua, eu nunca vi isso.

As divergências fazem o clima ficar tenso. Corpos se mexem, nas cadeiras, incômodo no ar, olhos fixos e cabeças se balançam discordando veementemente. Quase não se conseguem esperar o outro terminar a sua fala, tentam interromper com argumentos de indignação e descrença por ouvir posições diferentes e tão distantes das próprias.

Pesquisador: Vamos deixar todo mundo falar, porque senão o debate não acontece. Eu sei que cada um tem convergências e divergências.

Lívia: eu estranhei, não sei...

Cecília: eu tive sim, eu tô falando que eu vivi isso, na cidade de Porto Ferreira. A gente tinha uma professora que quando o aluno não conseguia aprender matemática, ela batia com o braço

e colocava de castigo. Isso foi vivência minha. Você foi feliz. Eu tenho 63 anos e eu vivi isso e não estou inventando. E isso foi nos anos 65 mais ou menos. E foi assim, um período que eu não entendia, porque eu era muito criança, e os meus sempre davam muito conselho para a gente, nunca briguei com coleguinha, nunca tive problema com ninguém. O grande problema que eu tive é que eu gostava de falar o que eu pensava e isso não podia, certo? Isso é verdade porque eu vivi isso. Agora, eu acho que tem escolas e escolas, enfim. E essa foi a minha vivência.

Pesquisador: Vamos deixar um terminar de falar para o outro começar!

Bovary: ela mencionou que quem foi perseguido pelo regime militar da ditadura eram talvez pessoas que tivessem algum comprometimento, que devesse, então, eu gostaria de falar a minha vivência. Porque, eu fui pra Santo André em 68, o ano quente da ditadura, eu estava fazendo cursinho para a faculdade. Meus professores eram todos da USP, que vinham lá do curso Singular, José Miguel, que ainda dá aula, na pós graduação, a professora de francês com quem ele se casou, a Lúcia. Um deles que dava aula de Português e Gramática, S¹⁵, tinha o pseudônimo de M.J. Ele também está citado, no “Brasil nunca mais”. Ele fazia filosofia, na USP, e inteligentíssimo, o irmão dele, J, era de Santo André, também. E ele foi deportado do Brasil quando eles sequestraram o cônsul japonês pra libertarem ele, o S, porque ele foi preso por engano e não sabiam quem que ele era. No entanto, ele foi libertado depois que o cônsul japonês e ele foi deportado pra Argélia e banido do Brasil. Ele é vivo ainda. Eu estava vendo, na internet, pra ver a biografia e ver também se ele estava vivo ainda. Ele está casado, a esposa dele chama Lia, tem uma filha. E a entrevista que ele dá a um jornalista, falando desse tempo da ditadura. Ele veio da lavoura, dessa região de Ribeirão Preto, Guaíra... Os pais dele foram pra Santo André, foi onde nós nos conhecemos, ele como professor de português. Eu achava muito interessante os exemplos que ele dava pra ensinar análise sintática. Ele fazia praticamente uma história. Ele dizia assim: “o pagamento deixou o operário quase contente.”. O predicativo do objeto direto – deixou o operário quase contente. Então, ele fazia as frases dando uma conotação política das desigualdades sociais. Foi nessa época também, 68, o Geraldo Vandré, com a música “Pra não dizer que eu não falei das flores”, o grande hino contra a ditadura, que os soldados ficavam indignados com a letra. Principalmente, aquele trecho que fala: “há soldados amados, armados ou não, quase todos perdidos de armas na mão. Os quartéis lhes

¹⁵ A participante pediu para que não fosse colocado o nome do sujeito.

ensinam antigas lições, de morrer pela pátria e viver sem razões” e aquele outro trecho que fala “na frente a liberdade, a história na mão”. E aí, eu vejo, teve uma manifestação, na época das manifestações contra os combustíveis etc, lá em Minas Gerais, o povo cantando essa música não sabendo que aquilo era contra a ditadura militar. Cantando numa passeata como se fosse uma música qualquer. Eu imagino o Vandrê vendo a música dele naquela manifestação, eles cantando, como se fosse uma escola de samba. Assisti também, acho que em 75, vi, enquanto morava em Santo André a morte de Vladimir Herzog, o jornalista que foi preso, no DOPS, e, no dia seguinte, apareceu enforcado há meio metro, onde todo mundo vê aquela famosa foto que diz que ele se suicidou. Seria impossível ele se enforcar naquela altura, ele mesmo. Então, a ditadura militar já reconheceu a morte de Vladimir Herzog. Então, quem que era perseguido na época? Os professores que davam aula na USP. Fernando Henrique Cardoso mesmo foi pra França e depois foi aposentado, não tinha nem 40 anos, e foi sua primeira aposentadoria. José Serra foi pro Chile, onde ele casou com a filha de Salvador Allende. Então, foram pedir asilo político. Artistas, professores, os intelectuais, jornalistas, o Henfil do Jornal Pasquim, que era o único jornal que se podia ler. Eu me lembro perfeitamente do jornal Pasquim, que se você queria realmente saber o que se passava, na política, era ler o Pasquim. Porque, nos outros jornais, Folha de SP, o Estado de SP, no lugar das notícias saíam receitas de bolo. No lugar de alguma notícia importante, não tinha notícias da política brasileira, o que aconteceu. Era cheio de receitas. Então, pra você ler alguma coisa, saber alguma coisa você tinha que ler o Pasquim. Então, era o pessoal que detinha o conhecimento, professores das universidades, principalmente da USP. Eles invadiam as universidades. Meu marido, que era professor de Geografia, na época ele era estudante, ele morava no CRUSP. Então, os militares chegavam lá, entravam à noite no CRUSP, procurando os livros vermelhos. Então, tudo quanto era livro de capa vermelha era livro comunista, era de Marx. Então, ele tinha um amigo jornalista, o Mozart Benedito, que já catava logo um livro preto e começava a rezar. Ele falava: “eu não me separo da minha Bíblia”. Minha Bíblia vocês vão me desculpar, mas livro vermelho não tem aqui não. Mas a minha Bíblia é sagrada. Ele já tirava um sarro dos militares que invadiam os alojamentos dos estudantes, procurando livro do Marx. E livros vermelhos, para eles, eram, literalmente, vermelhos. De capa vermelha. Não podiam ver um livro de capa vermelha, que era um livro Marxista. Tenho a impressão que eles têm o mesmo nível de inteligência do Bolsonaro. Ele não pode ver um livro vermelho na frente, que ele já pensa que é de Marx.

Lívia: Fazendo um adendo aí, os integralistas¹⁶... Que eu me lembro quando eu era criança, o meu padrinho era integralista. Ele andava de camisa verde, naquela época. E ele fugia, entendeu? Vivia sempre fugindo, porque se ele fosse pego, ele seria morto. Eles perseguiram os integralistas. Então, quando ele botava aquela camisa verde, ele ficava apavorado. Ele usava aquilo pra provar que ele fazia parte do integralismo. Mas ele vivia apavorado. Ele andava sempre com medo. Era o caso dos livros de capas vermelhas.

Bovary: Os livros de capa vermelha que seriam livros Marxistas. Eles estavam então condenados, missão deles era essa, caçar quem tinha esses livros. Aprender livros vermelhos de Marx, da filosofia Marxista. Então, eu tive professores, depois eu fui pra USP. Eu entrei na faculdade de Santo André, depois eu fui convidada para dar aula, no cursinho, mesmo cursinho que frequentei e de 71 a 74 eu quis estudar, na USP mesmo, eu fiz curso de Letras – Português e Francês, na USP. Fui aluna de Alfredo Bozzi. Estava falando pra ela de um português, Vitor Ramos, que veio pra cá, no regime de Salazar e, infelizmente, a Revolução dos Cravos, acabou o regime de Salazar em 25 de abril de 1974, mas o professor Vitor já tinha falecido. Ele sempre falava da ditadura de Salazar, em Portugal, por isso, ele veio pra cá. Ele era professor de literatura francesa. E então, a minha vivência era essa. O cursinho, o diretor já falava: “Olha, aqui tem espões, tem pessoas matriculadas aqui que não estão aqui pra entrar em nenhuma faculdade. Vocês não falem nada contra o governo. Não abram a boca pra falar contra a ditadura, contra o regime militar. Não falem nada, porque aqui tem espões. Tem muita pessoa matriculada e nós não sabemos quem são.” Então, era mesmo uma época em que não se podia abrir a boca. Os professores eram vigiados, artistas, as letras de música não eram liberadas. Chico Buarque foi pra Itália, Caetano e Gil para Londres, o Vandrê foi banido. Quando ele voltou, de tanta tortura, voltou completamente abilolado. Então, as pessoas pensantes, que eram contra o governo, contra a ditadura militar, contra a censura, contra a falta de liberdade de expressão, elas eram banidas, torturadas, como o jornalista Vladimir Herzog, que aparece na música “O bêbado e o equilibrista”, que é uma metáfora que a Elis Regina canta: “choram Clarices e Marias”. Clarice Herzog era mulher de Vladimir Herzog.

Quantas histórias, experiências e vivências ricas estão sendo trazidas e discutidas nesse grupo. Mesmo com as divergências e com os conflitos pairando, no ar, podemos tirar boas

¹⁶ Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político brasileiro ultranacionalista, corporativista, conservador e tradicionalista católico de extrema-direita.

questões para análises. Primeiro, como a música fez parte de um processo de resistência importante dentro do período ditatorial brasileiro.

Temos alguns exemplos de músicas como forma de resistência no Brasil. De acordo com Groppo (2002), a canção de protesto e de resistência atingiu sua significância na música "Caminhando" (1968), de Geraldo Vandré, que movimentava pessoas contra a repressão que sofriam da ditadura, expressando seus anseios político-sociais. Endossando esse contexto da música como resistência, Suzigan (1989) faz uma construção histórico-teórica, sobre a música popular brasileira. O autor ressalta que é no momento da reforma contracultural brasileira que nasce um estilo de música, "Bossa Nova"¹⁷, que canta em verso uma crítica as relações sociais pautadas na violência e na autoridade inquestionável, além de sonhos, desejos e ideologias socialmente emancipadoras, que colocavam em crise a hegemonia das forças do poder. Levava críticas ao regime e ao estado, mantendo vivas as ideias de mudanças sociais. Para o autor,

...a Bossa Nova, na linguagem musical e literária é um meio inteligente e crítico das relações sociais dos anos sessenta [...] uma música que virou movimento, foi altamente punida pelo regime ditatorial que se instalou no Brasil e, por isso, virou um tipo de movimento de resistência. (p.12, 14)

Ainda segundo esse autor, a música, como a "Bossa Nova", denunciava toda a opressão dos anos 60 e 70, pois era preciso que o movimento se fortalecesse. Muitos músicos da época buscaram, nos versos e na canção, uma forma de resistir e criticar toda a opressão sofrida na ditadura. Entretanto, essa mesma repressão que cerceava a canção também ajudou a consolidá-la como espaço de resistência cultural e política. A música era um elemento de troca de mensagens e de afirmação de valores, na qual a palavra, mesmo com forte opressão, conseguia circular. Nesse contexto, o autor comenta sobre a era dos festivais que criavam espaços, nos quais se construía um "nós", desafiando a cultura e a ideologia militar que tentava, de várias formas, como, por exemplo, "o exílio" de muitos músicos, para diluir as coletividades e as formações políticas.

Nesse sentido, a música tem papel fundamental, na história, na cultura, na política e na economia, e concomitantemente, na vida do sujeito; promovendo a evasão do reprimido, a vazão de sentimentos, vontades, gostos e formas de existência; alicerçando modos de resistir à opressão e à censura da sociedade contemporânea, quiçá também na (re)construção de

¹⁷ O autor, especificamente, ressalta a "Bossa Nova" como a música que, em versos, canta a resistência, porém, comenta sobre o Rock, a Jovem Guarda e o Tropicalismo, como forma de movimentos dos quais emana a liberdade de expressão e resistência.

identidades. A música é um poderoso instrumento de luta e de organização dos significados da experiência vivida, da realidade em construção, (des)territorializando o indivíduo no cotidiano. Portanto, é um espaço de interação e ideologia, que representa uma ameaça a um sistema que explora todas as formas de poder e prazer dos indivíduos, direcionando-os aos trilhos da repressão.

Em momentos de crise, no Brasil, a música foi um caminho para conexões e formas de resistir à ditadura. Hoje, nessas falas, podemos entender a memória como um processo de resistência política e de pertencimento social. Ouvir os participantes, mesmo com pontos de vista diferentes, sobre o mesmo tema, faz com que possam respirar um pouco do que eles viveram, às vezes, dá medo, raiva, curiosidade...entretanto são nesses lugares que vamos entendendo os discursos e também criando memórias coletivas.

Discursos que se misturam, às vezes, confusos para quem escuta. Entretanto, a memória não tem um fio organizado, não se apresenta cronologicamente em uma tabela. A memória circula, vai e volta e se embarça e desembarça. O interessante disso é buscar, em suas frestas, as trajetórias de vida dos participantes, pois, afinal, entre as poeiras que se debruçam, nas memórias, há mais que uma história fixa, escrita, há histórias para se compor e se recompor. Há vida e há trabalho, mesmo que seja contrária às ideologias e aos sentidos positivistas, que encontramos muito em livros. Memória cria identidade, pertencimento. Dessa forma, memorar não é um cronograma exato, muito menos precisa ser. Têm-se formas estéticas e organizadas demais, hoje em dia, para o armazenamento das memórias.

Nesse sentido, reviver a política, os políticos e as formas de governos existentes, no Brasil, cria contorno aos sujeitos, ou seja, (re)constrói identidades. Nessa linha, encontramos em Pollak (1992) – que faz uma leitura da identidade coletiva e a assimila à imagem de si, para si e para os outros – que há um elemento dessas definições da memória que, necessariamente, escapam ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, esse elemento obviamente é o outro. O autor afirma que ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de transação, de mutação em função dos outros. A constituição da identidade é um elemento que se lança em referência aos outros, em menção aos critérios de aceitação, de admissão, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale ressaltar que memória e identidade podem perfeitamente ser agenciadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como

essências de uma pessoa ou de um grupo. No entanto, o grupo precisa possibilitar a cada membro o sentimento de unidade, continuidade e de conexão. Pollak (1992) afirma que:

...a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (p.71)

Ansara (2008) analisa que existir memória política não é uma garantia de se ter consciência política e participação efetiva. A autora diz que essa memória pode potencializar, motivar e revisar comportamentos políticos, na sociedade, gerando, possivelmente, transformações sociais e sujeitos como atores políticos que se veem engajados na construção de sua consciência frente a sua condição, no mundo, rompendo com cotidianos, como disse Heller (2008), e se enveredando do universo privado para o público.

5.2.3 Mudanças políticas: O que há de novo de tão velho?

*As pessoas têm medo das mudanças. Eu tenho medo que as coisas nunca mudem.
(Chico Buarque)*

Pesquisador: Ótimas memórias e diálogos, abro para outro tema, começo com você, **Simone**, sobre mudança política. Vocês viveram alguns governos, no Brasil, como que vocês observam essa sequência de governos e agora com esse governo que vai se aproximar, que é o governo do Bolsonaro. Como que vocês veem a questão da mudança política?

Simone: Ah, eu acredito que é difícil de falar, porque algumas propostas que ele tem colocado, que ele tem falado deixam muito a desejar. A gente não tem uma confiança, né? No presidente que vai presidir esse governo. Muita coisa contrária que a gente pensa, que a gente idealiza. Essa mudança de governo, acredito que vai ser pra dar uma chacoalhada mesmo. Mas vem na contramão de muita coisa que a gente acredita. Eu não sei te dizer assim, eu não boto muita fé. Eu espero, mesmo contrariada, mesmo sendo contra algumas colocações, algumas imposições, eu espero de verdade que venha fazer algo pelo povo, colocar alguma coisa pra funcionar. Mas diante de algumas coisas que a gente tem visto, ouvido, eu não acredito muito nessa mudança de governo. Acredito que vai ficar... que vai caminhar igual. Que não vai ter muita mudança, não.

Pesquisador: Anita?

Anita: Eu também não acredito muito nas ideias do Bolsonaro, porque eu acho que é difícil botar tudo em prática tudo que ele pregou na campanha. A minha esperança é que ele se cerque de pessoas inteligentes e capacitadas, porque ele não demonstra ser. Bolsonaro também não me representa. Eu não votei nele, também não sou Petista, então, eu fico nessa, na esperança que ele se cerque de pessoas capacitadas, porque na minha opinião, ele não é.

Pesquisador: Você, **Ruth**?

Ruth: Eu vejo a nação indo mais para a direita, para um lado conservador. Tanto o conhecimento é tão libertador que a ditadura tentou esconder tantas obras de Marx e a própria população rejeita, rejeita a ideia dele, rejeita o comunismo. Liga as ideias dele com Cuba, certas ou não. Não sou especialista nisso. Por isso, eu digo que o conhecimento é libertador. Nós saímos da caverna, então a gente viu a luz e cada um tomou sua posição. Então, eu acho que eu vejo mais assim, indo pro capitalismo, pra direita, um regime mais conservador e eu confesso que de muitos, eu gosto. De muitas coisas eu gosto.

Bovary: o que você acha da escola sem partido?

Ruth: então, eu gosto do lado conservador, sou da direita e não tenho problema de dizer isso. Aliás, acho que “sou da direita” é muito prematuro da minha parte, porque eu estudo ainda sobre isso, tenho muito que aprender, mas eu acho que como a nossa querida colega citou, eu acho que falta um pouquinho mais de regras. Porque eu amo me expressar, tanto é que eu tô me expressando, eu falo o que eu sou, eu falo o que eu acho e eu sou livre pra isso, criei meus filhos para se expressarem, tanto é que minha filha está aqui, né? Sou professora também, monitora, na verdade, amo que meus alunos se manifestem, porém eu fui criada com muitas regras, criei meus filhos com regras e, na minha sala de aula, tem regras. Eu acho que tá tudo muito bagunçado, então, eu acho que esse... eu acho que é por isso que, voltando ao tópico anterior, acho que essa ignorância das pessoas traz essa sede da ditadura, porque não conhece a fundo, concorda plenamente, não conhece a dor, o sofrimento, o tanto de sangue, mas eu acho que é essa sede das regras, de viver em sociedade. Porque eu sou livre pra me expressar, porém meu espaço termina onde o seu começa. Porém, tá muito bagunçado, um invadindo o espaço que é do outro. Então, eu acho também que o Bolsonaro traz umas ideias um pouco conturbadas, não é tudo que eu acredito nele, não é tudo que apoio, mas me alegra, sim, eu gosto desse lado mais conservador, do lado honesto, porque me envergonhava muito um presidente tão corrupto, de umas linguagens chulas. Os áudios que vazaram do Lula era vergonhoso, que ofendia mulher,

de corrupção, que tudo isso parece que foi um pouco esquecido. Então, eu vejo isso, e como a nossa colega diz, eu tenho fé, não tenho certeza. Mas eu tenho fé, que eu espero melhorar, as empresas já estão investindo, o mercado financeiro reagiu muito bem. Porque eu sou pobre, acredito, no social, defendo as causas sociais, porém, o pobre, no nosso país, ele trabalha numa empresa. Então, o regime capitalista tem que fluir. Todo mundo tem Smart Phone, todo mundo vem de uma família tradicional. Muitos mamam nas tetas de uma família tradicional e, muitas vezes, ainda a crítica. Então comem do capitalismo e são contra o capitalismo. Então, eu acho assim, não tenho Iphone, não gosto de marcas, tudo isso que o capitalismo traz, mas eu vivo, no capitalismo, eu preciso de uma empresa, eu preciso do meu salário e os meus filhos também. Então, esse olhar pro capitalismo, esse olhar pra direita, pro conservador me agrada e me traz esperanças de dias melhores. Até porque, eu olho para os EUA com muitos pontos que eu discordo. Olho pra Cuba, pra Venezuela, para países da Europa, que são mais pra direita, por isso que me dá mais esperanças para o Brasil.

Simone: Eu penso que também, diante do que você falou, o que chama atenção, no Bolsonaro, pelo menos eu, que não tive muita informação sobre a Ditadura Militar, sempre o que eu ouvi sobre, o pouco que eu ouvi, que foi o que eu não respondi antes, é aquela coisa de perseguição, de liberdade de expressão, de toque de recolher, de matança, mas sempre muito vago. Eu acredito que o que chama atenção nele é essa questão de regras. Talvez a população confunda essa questão. “ah, a ditadura militar”, mas, na verdade, quer dizer que precisam de regras. Eu gosto de algumas regras também, apesar de eu ser muito questionadora com essa coisa de regras, mas eu acredito que algumas regras, como você disse, são importantes. E eu acredito que o que chama atenção nele é isso. Essa confusão das pessoas não terem essa informação do que foi mesmo essa ditadura militar, mais violenta, porque eu acho que concordo com você que a gente também vive alguma espécie de ditadura no dia-a-dia, as pessoas tiveram pouco conhecimento. Então, talvez, o que chame a atenção é essa questão de ter um pouco mais de regras.

Pesquisador: Mudança política. Esse é o foco, mudança política.

Cecília: É bom lembrar a pergunta, porque a gente vai viajando na discussão. Rapidinho, então, com relação à mudança política, eu acredito que o nome certo pra isso, em minha opinião, que as colegas estão chamando de regras, eu chamo de ética. Eu acho que está faltando ética, não é o fato de eu ter um crucifixo na parede que vai tornar as pessoas melhores. Eu não

acredito, por exemplo, que nessa mudança política que eu ouço falar muito, de volta de educação moral e cívica e não sei o que, e umas disciplinas extremamente ultrapassadas, elas devem ser substituídas por aulas de ética, porque, o que a gente percebe nesse decorrer da história política do Brasil? Falta de ética. Não é o fato de eu bater continência ou cantar o hino nacional que vai fazer com que eu olho meu semelhante com mais respeito. Isso mostra, no meu modo de ver, um pouco de medo, então, a pessoa tem medo de uma punição, mas ela não tem dentro dela aquilo que é transformador e eu entendo que é isso que está faltando. Porque, nós tivemos uma sucessão de presidentes em toda a história republicana e quando a gente vai examinar o perfil deles, a gente vai perceber, no decorrer da história, que o que está faltando, desde o princípio, é ética. Então, eu não posso fazer alguma coisa errada. Por exemplo, eu não posso pegar um documento por brincadeira e rasgar que eu vou prejudicar um colega, mesmo que ele não esteja vendo. Eu não posso, se eu trabalho numa padaria, colocar um besouro dentro do pão e ninguém viu e dar risada quando o cidadão for comer. Isso é falta de ética. Então, a corrupção, ao meu modo de ver é uma grande falta de ética que tem acompanhado todo o desenrolar da história do Brasil. E isso, está embutido nas questões políticas, está presente, na escola, falta de ética. “Passa o aluno lá, dá uma notinha pra ele “é falta de ética. Falta de ética em todos os protocolos de educação, saúde que deveriam funcionar e você vê o cidadão que é responsável a alguma coisa ser bem feita, ele se mascara e ainda, muitas vezes, recebe elogio. E é uma pessoa fraudulenta e eu sou contra qualquer tipo de fraude ou corrupção, independentemente de partido, como eu disse no início. E acredito muito, na ética, essa que é transformadora, aquela que muda o ser humano. Com relação às questões econômicas ligadas à política, eu acho que a gente faz parte de um planeta que está globalizado, e essa globalização, a gente tem consciência de todas essas informações em tempo real, então, a gente vê, por exemplo, que os países da Europa, a maioria deles são social-democrata e se você falar que o Brasil não é comunista e sim foi social-democrata, todo mundo confunde com comunismo, que não tem nada a ver, que é um absurdo, é uma ideia muito tortuosa. Então, nós temos um modelo de assistência médica que é o SUS dos melhores do mundo, que já ganhou prêmio, e que não é valorizado, então, nesse percurso desse dinheiro, ele é desviado pro bolso de vários partidos políticos: PT, PSDB, enfim, todos os Ps quase que possíveis, mas aí as pessoas falam que é porque o cara é de esquerda ou direita, mas o Brasil nunca teve comunismo, sabe? O Brasil é um país que nunca teve comunismo.

Bovary: Sempre foi capitalista.

Cecília: Sempre foi capitalista ao extremo. Ao extremo, certo? E a gente almeja uma qualidade de vida europeia, onde a maioria dos países é social-democratas. Eles recolhem o dinheiro dos impostos, esse dinheiro retorna em benefício à população. Quando esse dinheiro não é redistribuído, não é utilizado, ele volta pra pessoa de alguma forma. Então, o que está faltando no Brasil? Ética, só. Não está faltando religião. Porque é assim, se eu me matriculo numa escola e se lá eu concordo no ato da assinatura da matrícula que eu tenho que obedecer às regras daquela escola, eu estou afirmando um compromisso. Mas aí, você tem uma instituição que está estragada de dentro pra fora. Por quê? Vem ordens não sei de onde pra falar: “olha, tantos por cento dos alunos têm que ser promovidos de qualquer forma”. Você é obrigado a promover o aluno. E isso é falta de ética, até porque, as condições para que o trabalho seja realizado com dignidade não são oferecidas. A realidade da escola pública, em alguns casos, que eu vivenciei um pouco antes de aposentar do Estado, eram 70 alunos na sala de aula. Como você vai manter 70 adolescentes sentados completamente parados, no mundo de hoje, sem um recurso audiovisual nenhum, só o professor falando 50 minutos quando eles têm, no celular, um monte de informação que é muito mais atraente. Então, a gente tem que viver, no mundo de hoje, e em qualquer época da história, quando você usa a ética, esse tempo histórico vai funcionar.

Pesquisador: então, você acredita em ética nessa mudança política atual ou não?

Cecília: eu não acredito que tenha ética nessa mudança política atual. Até porque a gente tem esse projeto de escola sem partido, que é um absurdo. Não é que nenhum professor ensina comunismo em sala de aula. O professor tem a obrigação de mostrar todas as correntes de pensamento, a história do pensamento todo mundo tem que conhecer.

Ruti: Mas as correntes são mostradas?

Cecília: Olha, todas são. É raciocínio dialético. São mostradas.

Bovary: eu estudei, na USP, lá não era. Eu não aprendi visão de esquerda. Eu aprendi todas as linhas.

Ruti: Tanto é que eu fiz uma pesquisa recentemente, nas bibliotecas, a diferença de conteúdo do socialista-comunista para um conteúdo capitalista, até o conteúdo da biblioteca é desfavorecido.

Lívia: Se eles seguirem o exemplo da revolução de 64. Por que aconteceu isso? Porque o Joao Goulart¹⁸, no governo, ele estava tombando para o comunismo, por isso que houve. Se eu estou errada, alguém aqui pode me contestar, ele estava querendo o comunismo, então houve essa revolução de 64; foi um dos motivos. Os militares tomarem conta e você tem que notar que todos os presidentes desse período morreram pobres, dos cinco morreram pobres. Agora, daí pra frente, a coisa degradingolou de tal forma maneira, que eles só pensam no dinheiro. É uma coisa horrível. Esse é meu pensamento, por isso, eu acho que a ditadura, a meu ver, pela minha ignorância talvez, foi uma medida certa, correta. Porque havia mais respeito, o que não há hoje. Ninguém respeita mais ninguém. Haja vista, quando uma senhora ou uma mãe com uma criança, no colo, vai pegar uma condução, eles ficam fingindo que estão dormindo para não dar o lugar. Lá, no Rio, os metrô têm um lugar específico para os idosos e gestantes. Eles sentam ali, fingem que estão dormindo e a gente vai de pé, naquela loucura. Ninguém respeita mais ninguém, não há respeito. E, naquela época, eu senti isso. Muito respeito. Como eu disse, ninguém dos que eu conheci e vivi sofreram nenhum ataque. Esse é meu pensamento.

Bovary: Eu não acredito na mudança com esse governo. Não acredito pelo histórico de vida do nosso presidente. Ele mesmo deixou claro, não somos nós que estamos inventando. Ele mesmo falou nas entrevistas, quando ele agrediu aquela deputada, Maria do Rosário, disse que não a estupraria porque ela era muito feia. Se ele tivesse um filho gay, o preferia morto. Essas coisas não fomos nós que inventamos, ele mesmo que falou. Ele deixou claro. E nós vimos, inclusive, entrevistas dele, na faculdade do RJ, no grupo de estudantes de direito, no tempo que ele era deputado e ele já falando essas coisas. Tanto que o cara vai saindo e ele fala: “ah, vai mesmo,

¹⁸ Em 1964, ano do golpe. À frente do governo está João Goulart, do PTB, que assumira a presidência com a renúncia de Jânio Quadros sete meses depois de eleito. No dia 3 de março João Goulart faz um comício onde promete Reformas de Base, onde tem destaque a reforma agrária. Ao final do mês os militares, apoiados pela burguesia brasileira, uma parte expressiva das classes médias, pelos políticos da UDN e muitos do PSD, implantam uma ditadura que vai durar até 1985. O presidente João Goulart é deposto em um golpe militar, iniciando 21 anos de ditadura militar no Brasil; o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco é empossado como o primeiro presidente pós Golpe de 64; os ex-presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart têm os direitos políticos cassados, junto com mais 37 pessoas; é criado o SNI; a UNE é extinta. Em 1966 é fundado o partido governista, Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o partido opositorista, Movimento Democrático Nacional (MDB). Em 1967 é promulgada a nova Constituição que é aprovada pelo Congresso Nacional, sob protesto do MDB. Por quê? A Constituição incorpora as alterações dos AI's (atos institucionais) e dos Atos Complementares: confere mais poder ao Executivo; restringe a autonomia dos estados, a liberdade dos partidos, o direito de greve, a imunidade parlamentar, a autonomia do judiciário. Em 1968 a ditadura decreta a imobilidade política brasileira à cidadania. O presidente de então, o Marechal Costa e Silva, anuncia o AI-5 e assim são suspensas as garantias constitucionais: são suspensos os direitos políticos por 10 anos e muitos mandatos são cassados. O AI-5 dá poderes ditatoriais ao Chefe da Nação. E isso é representado pelo fechamento do Congresso Nacional. As informações apresentadas nessa tabela de cronologia política estão contidas em: <<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo>,> Acesso em: 22 de maio de 2019, em <www.ufrgs.br/laviecs/edu02022/portifolios.../LinhadoTempo.doc,> acesso em: 14 nov. 2012 e no artigo de: CODATO, A. N. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Em: Revista de Sociologia e Política. no.25 Curitiba Nov. 2005.

você não é meu tipo”, ele sempre foi... Isso aí que ele é, não é máscara. Não é um personagem que ele criou para ser candidato. Ele é isso mesmo. Com 27 anos de mandato como deputado federal, não apresentou nenhum projeto para o RJ. A cidade dele, uma cidade violenta. Ele arrumou a vida dele, dos filhos, da família. Isso é um nepotismo. A equipe dele, que ele falou que ia combater os corruptos, na verdade, ele foi atrás de alguns corruptos para trazer para o lado dele. O próprio Onix Lorenzoni recebeu dinheiro da JBS, ele confessou. Os jornais televisivos estão falando. Ele convidou o Moro para ser ministro da justiça, e ele pediu desculpas e se pediu desculpas, está tudo bem. Ele fez, mas pediu desculpas. Não tem crime nisso. Então, eu não acredito no governo dele, pelas pessoas que ele escolheu pra assessorá-lo, o tal do Paulo Guedes, banqueiro e está em todos os jornais, ele não está preocupado com o trabalhador, mas sim com o empregador. Ser empregador, nesse país, é muito difícil, é duro demais ser empregador. Bom é ser empregado, ganhar salário mínimo. E a primeira coisa que ele vai fazer é tratar da Previdência, estabelecer primeiro a idade, depois as regras. Ele vai tratar do problema da Previdência, nos seis primeiros meses. Extinguir o ministério do trabalho e provavelmente teremos o ministério do empresário. Ou do empregador, porque ele está mais preocupado com o empregador. Então, em minha opinião, pelo histórico dos meus quase 73 anos, tendo vivido nove anos, em Santo André, quatro anos, na USP, pela minha vivência e histórico do Bolsonaro, eu não acredito, embora, não que eu torça contra, porque eu não torço contra, o povo brasileiro vai ser muito massacrado se ele se preocupar mais com o empresário. Eu tenho dó do povo brasileiro. Eu já sou aposentada, já garanti minhas duas aposentadorias pelo Estado e pelas escolas particulares. Então, o que me preocupa é isso, são os pobres, a pobreza. E só pra concluir, no Brasil, nunca houve comunismo nem socialismo. Nós sempre fomos um regime democrático. É uma República Federativa. Todo mundo tem direito de comprar o que quiser, viajar, tem acesso ao dólar. Nunca foi uma Cuba ou Venezuela, nem no tempo do PT, Lula e Dilma. Todo mundo teve direito a comprar o que quiser, carro no ano de 72, no governo Médici, comprei meu primeiro Fusca em 36 vezes para ir à USP. De 71 a 74 eram chamados os anos do Milagre Brasileiro. Era uma falsa ideia de que tudo estava bem no governo Médici.

O grupo foi se soltando e construindo argumentos e diálogos dentro da temática da proposta. Não negaram as divergências e tentaram conversar com elas, mesmo que, em alguns momentos, o incômodo era nítido e pulsante. Posições pró e contra o governo, pró e contra a ditadura, escola sem partido. Foi um exercício de memória, de consciência, e, em muitos momentos, de estômago.

É nítido que mesmo com todas as transformações políticas ocorridas, no Brasil, no decorrer dos anos, fica claro – pelos discursos dos participantes dos grupos focais – que ainda há incertezas e pouca crença frente à política brasileira. Isso, talvez, se dê pelos escândalos e mais escândalos políticos que ocorreram e ocorrem em nosso país.

Algumas das participantes experimentaram a política com as unhas, ou seja, sentindo as mudanças e as dificuldades em diversas épocas do Brasil, outras, tinham as memórias e as memórias coletivas para dar contornos as suas formas de pensar, de analisar e de ter posições políticas.

Discursos que se misturam, às vezes, confusos para quem escuta. Entretanto, a memória não tem um fio organizado, não se apresenta cronologicamente em uma tabela. A memória circula, vai e volta e se embarça e se desembaraça. O interessante disso é buscar, em suas frestas, as trajetórias de vida dos participantes, pois, afinal, entre as poeiras que se debruçam, nas memórias, há mais que uma história fixa, escrita, há histórias para se compor e se recompor. Memória cria identidade, pertencimento. Dessa forma, memorar não é um cronograma exato, muito menos precisa ser.

Nesse sentido, reviver a política, os políticos e as formas de governos existentes, no Brasil, cria contorno aos sujeitos, ou seja, (re)constrói identidades. Nessa linha, encontramos em Pollak (1992) – que faz uma leitura da identidade coletiva e a assimila à imagem de si, para si e para os outros – que há um elemento dessas definições da memória que necessariamente escapam ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, esse elemento obviamente é o outro. O autor afirma que ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de transação, de mutação em função dos outros. A constituição da identidade é um elemento que se lança em referência aos outros, em menção aos critérios de aceitação, de admissão, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale ressaltar que memória e identidade podem perfeitamente ser agenciadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. No entanto, o grupo precisa possibilitar a cada membro o sentimento de unidade, continuidade e de conexão. Pollak (1992) afirma que:

... a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (p.71)

Assim, mesmo com as divergências entre os discursos sobre a política e a ditadura, podemos entender que o passado significa de formas diferentes para as pessoas. Cada um traz lacunas ou ênfases com relação a alguns eventos, apagando o que fez sofrer em certos momentos, repetindo alguma situação de muita felicidade ou de muito sofrimento, apagando ou repetindo situações que tenham rompido bruscamente com o cotidiano.

Outro autor que coaduna com essas ideias de Pollak (1992) é o Geógrafo David Lowenthal (1998) que fez um trabalho extraordinário sobre memória em seu livro “El pasado es un país extraño”. Nesse, o autor coloca que o passado é um elemento essencial e inevitável; sem ele, não haveria qualquer identidade ou sentidos. Entretanto, ao mesmo tempo em que o passado potencializa, ele também pode ser um fardo pesado que pode incapacitar as inovações e bloquear o caminho para o futuro. Dessa forma, ele ressalta a importância de articular as memórias com as dos outros de modo narrativo, pois a memória é, além de tudo, uma garantia de experimentação do passado.

Lowenthal (1998), então, considera que o passado se encontra para as sociedades contemporâneas, dirigido e distante do presente, ou seja, “um país estrangeiro”, consumindo e vivendo de maneira romantizada e neutralizada na história.

Isso posto, então, credencia-nos a pensar a memória, como já colocado, como um processo coletivo que não nega as “poeiras” que se instalam nas memorações, pois, é essa mesma “poeira” que nos fornece informações para o trabalho com as memórias. É importante ressaltar que a memória existe nas plurais etapas da vida. Ela resguarda as experimentações que vivemos; cheiros, lugares, gostos, sorrisos e lágrimas. Entretanto, pelos mecanismos fugazes e excessivos de novas informações e de novas memórias, nos enrijece e desconstrói a ponte que liga as nossas memórias com a dos outros. Somos suprimidos e obrigados a viver numa época de crise da memória, pois:

...ao mesmo tempo em que temos cada vez mais meios tecnológicos para registrar o que quisermos, inclusive as nossas memórias, temos menos espaços para compartilhar as nossas memórias/experiências com as outras pessoas. (KESSEL, 2004: 55)

Há um desejo, uma energia que os sujeitos se desprendem para empreender a sua memória. Jelin (2003) sustenta que, nesse caso, há uma aspiração para o reconhecimento social e a legitimidade política de uma interpretação ou narrativa sobre o passado. O autor corrobora com a ideia de que as ações dos sujeitos precisam superar as memórias literais que são marcadas

por traumas e repetições e substituí-las pelas memórias exemplares que são memórias que guiam ética e politicamente ações futuras, engajamento e participação política. Dessa forma, torna-se necessário apurar como as memórias operam em mobilizações e em enfrentamentos, como vimos em partes do grupo focal, e, como elas podem atuar para a construção da consciência política em encontros intergeracionais, vimos que o processo de identidade coletiva, como já apresentamos em partes por aqui, é um ponto importante para ser fortalecido e trabalhado.

Esse entendimento faz com que tenhamos mais clareza nas veredas as quais os indivíduos vão construindo suas argumentações e suas ações políticas, fazendo da memória uma possibilidade de permitir aos sujeitos terem mais potência em exprimir suas memórias e formas de expressar sua consciência política. Halbwachs (1992) traz que as memórias estariam conectadas aos imperativos contemporâneos. Ele diz que: “o passado não é preservado, mas reconstruído com base no presente” (p. 40), ou seja, o passado presentifica o presente e dá margem para discutir e até conflitar situações e ações divergentes frente aos assuntos levantados no grupo.

Pensando a memória em consonância com o modelo de consciência política de Sandoval (2001), podemos dizer que as articulações e divergências frente aos discursos dos participantes do grupo é uma forma de resistir e se impor como sujeitos políticos, mostrando em que momento suas memórias se “amarram” e como participam em ações frente as suas insatisfações com o momento político atual. É visto também certa aura de esperança em alguns momentos e, em outros, grande preocupação com o futuro, tais percepções evidenciam as *crenças, os valores e as expectativas sociais* que se entrelaçam com os sentimentos de *eficácia política*, considerando as mudanças políticas como necessárias para almejar uma melhora nos país. Podemos levantar também o sentimento de injustiça que impera nos discursos e nas memórias dos sujeitos, aumentando a potência na crença da necessidade de mudança política e social.

Nos dois próximos grupos, fizemos encontros intergeracionais – como já apontado na metodologia – entre os participantes do primeiro e do segundo grupo. Para melhor leitura dos dados e das articulações das análises, os grupos foram divididos. A seguir, leremos o conteúdo e as apreciações teóricas feitas.

5.3 GRUPO FOCAL – ENCONTROS INTERGERACIONAIS

5.3.1 Memória política, intergeracionalidade e consciência política: Temas que se conversam.

*E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer. A memória é uma vasta ferida
(Chico Buarque)*

Grupo 3 = Larissa (18 anos); Tatiana (26 anos); Ruti (38 anos); Eunice (56 anos); Clarice (63 anos); Bouvary (73 anos)

Grupo 4 = Lina (21 anos); Simone (46 anos); Anita (43 anos); Yael (55 Anos); Caio (29 anos)

Pesquisador: Primeiramente, boa noite. Quero agradecer pelo retorno de vocês e pelo comprometimento com a pesquisa. Relembro que a proposta base desse trabalho é poder analisar a consciência política em encontros intergeracionais. Como já dito, no primeiro grupo, essas conversas serão gravadas e, posteriormente, transcritas e trabalhadas em categorias. Na semana passada, discutimos alguns pontos, clima político, mudança política, encontro geracional, futuro político, eleições, manifestações, memórias, ditadura militar, entre outros. Hoje, retomaremos algumas questões, mas, teremos um foco maior em como vocês foram adquirindo consciência política, no decorrer da vida de vocês, e, se a relação com quem convidou ou foi convidado teve influência nesse processo. Então, a primeira pergunta é: Vocês conversavam ou conversam sobre questões políticas na casa de vocês e como são essas conversas? Como se davam as conversas sobre política entre pessoas de idades diferentes?

Eunice: No meu caso, eu não moro com a **Bovary**, mas sempre ela está em casa, só rola política. Então, na realidade, começamos, na minha introdução, com a política começou com o cunhado dela, na época, eu ainda nem conhecia a Maria Inês. Foi o cunhado dela, marido da irmã, que, na época, também não eram namorados, mas começou com Valério, meus irmãos...

Bovary: Bom, acho que você conheceu o Valério antes de mim. Eu fui conhecer o Valério depois.

Eunice: eu fui conhecer o Valério desde que eu tinha meus oito ou nove anos. Ele era amigo dos meus irmãos. Ele ia pra casa e era plena ditadura, e ia pra casa e fazia reuniões. Eles faziam e eu sempre ficava ali perto escutando, vendo.

Pesquisador: Quantos anos mais ou menos?

Eunice: eu tinha por volta de 10 anos.

Pesquisador: E já participava dessas reuniões?

Eunice: Já participava.

Eunice: Eram 73, né **Bovary**?

Bovary: É, eu morava em Santo André nessa época.

Eunice: eu tinha 10 anos, era 72.

Pesquisador: Essas reuniões eram onde?

Eunice: quando eu mudei para Porto Ferreira. Nós saímos de Santos, fomos para Porto Ferreira e tinha essas reuniões.

Pesquisador: E ela (**Bovary**) morava em Santo André?

Bovary: Eu sou de Pirassununga, mas sempre morei em Porto Ferreira. Me formei Professora primária e fui escolher meu cargo, em 68, em Santo André. Porque não tinha vagas por aqui, né? Primeiro, eu fui sozinha, depois eu levei minha mãe e irmã pra morarem lá. Foi onde eu conheci o Valério, que tinha sido amigos de escola da minha irmã. Ele soube que ela estava morando em Santo André, então ele apareceu por lá. Tinham sido namorados muito antes. Ela estava fazendo curso normal, ela tinha se formado Professora. Então, daí que eu fui conhecer o Valério, namorado da minha irmã, que veio a se casar com ela, depois que nós voltamos de Santo André. Nós ficamos lá de 68 a 77. Me casei lá em 75 com o meu marido, que era estudante também da USP, professor de Geografia. E eu estudei Português-Francês na USP. Ele já tinha se formado e eu estudando.

Pesquisador: e você aqui em Porto Ferreira?

Eunice: É, nós acabamos nos conhecendo. Aí eu conheci, antes de conhecer a **Bovary**, eu conheci a irmã dela, que casou com o Valério e foram padrinhos do meu primeiro casamento. O Valério e a irmã dela.

Bovary: É, o casamento foi na minha casa.

Eunice: É, mas a gente ainda não tinha contato. Depois, quando eu fui fazer magistério, a **Bovary** fazia teatro, dirigia...

O processo intergeracional se torna um instrumento para acharmos lacunas importantes para entendermos os processos de classe, de lutas e de participação política. Não podemos nos distanciar dos conflitos reais das gerações. Esses conflitos criam buracos, nos processos de memória e na memória política, construindo, assim, dificuldade em edificarmos modelos sociais que potencializam a velhice, sua história vivida, o jovem e suas novas formas de atuação dentro do tempo.

Essa separação geracional já nos é naturalizada, desde muito cedo, a sociedade nos coloca em estantes, como se fôssemos gavetas, ou seja, crianças têm contatos com crianças, adolescentes têm contatos com adolescentes e adultos, contatos com adultos. Não nos estranha que quando juntamos as gerações, as proximidades se dão por esse intermédio cultural; em muitas vezes, os velhos acabam ficando em processo de isolamento, e, em muitos momentos, perdem a voz dentro de grupos e culturas.

Como podemos exercitar a memória política em encontros intergeracionais em locais pouco profícuos a potencializar esse espaço? De onde os jovens extraem seus ideais e seus posicionamentos políticos? O que pensam sobre a democracia? Liberdade? Como elege os políticos? Qual o contato com as informações, e que tipos de informações chegam a seu conhecimento? Será possível compararmos os jovens das décadas 60, 70 e 80 com os jovens de hoje? Entender a juventude hoje como apática politicamente? De acordo com Sandoval (2001), podemos estar em processo de relação, de crenças e de valores sociais, identificação de adversários e de interesses antagônicos, como apontam algumas das dimensões da consciência política, ou seja, outras formas de concretizar a realidade, o cotidiano e buscar com que todos possam exercer essa identidade e construir processos de pertencimento e de mobilização social.

As famílias, que atuam com a socialização primária, desempenham um papel fundamental na construção da distância geracional e a potencialização dos processos de consciência política. Claro, não podemos cravar que a visão política dos mais velhos pode se repetir nos mais novos, e que apenas, na escola, que os jovens podem aprender a discutir e entender a política, pois, há um processo político pedagógico que tende a construir estudantes

e cidadãos críticos e participativos. Entretanto, na prática, isso seria real? Vemos que alguns dos mais velhos pedem, veementemente, a volta dessa firmeza e desse respeito que se tinha, na ditadura militar, e isso, de certa forma, interfere e produz a juventude uma ideia de um tempo de paz e prosperidade entre 1964 e 1985.

O calor político que vimos vivendo, nos últimos anos, culminando nas eleições de 2018, fez com que grande parte da população pudesse colocar o rosto e a voz ao sol, e, talvez a falta de letramento político, ou, o cansaço com a política brasileira, fez com que, de maneira polarizada, o Brasil se dividisse em defesa de muitas bandeiras e pautas de ordem e contra corrupção generalizada das instituições. Ou seja, o Brasil, nos últimos anos, vem vivendo uma efervescência política que confunde, e, ao mesmo tempo, traz-nos dificuldades em explicar. A história terá muita dificuldade em relatar esse momento em que vivemos. Onde estavam as crianças e os adolescentes nesse momento do Brasil? Entendo que o processo de absorver as informações é diferente em cada faixa etária, ou seja, vemos o cotidiano com a nossa ótica. Nesse caso, o processo intergeracional se torna um campo profícuo para essa troca de experiências e de reflexões sobre o atual momento político brasileiro.

Reconhecendo que a política, no Brasil, é vista como um tabu, ou seja, algo que devemos ter receio de falar e de discutir como religião, e, às vezes, futebol, é fato, então, o seu repúdio, e, nas falas dos sujeitos do grupo focal, político são corruptos, a população é corrupta e o sistema é corrompido. Todos esses aparatos são um “prato cheio” para o processo de despolitização.

Nesse caso, a memória política se torna ferramenta indispensável para uma sociedade que prega o esquecimento, as informações excessivas e flerta com os processos de despolitização que atinge principalmente os mais jovens, já que o acesso às memórias dos mais velhos fica escasseado, pois o silenciamento também gera o distanciamento geracional. Isso posto, abre margem para que as informações distorcidas venham à tona e construa consciência política pautada em formas errôneas e manipuladoras e autoritárias, ou seja, memórias construídas para confundir e governar, nas entrelinhas, secretamente. Não podemos negar que essas entrelinhas também afetam os mais velhos, então, a sociedade do esquecimento e da despolitização atinge gêneros variáveis, e, a memória política torna-se uma possibilidade de alento e de respiros mais claros e empoderados. Os cotidianos, nesse sentido, é um palco

importante para podermos exercitar as memórias políticas e os encontros intergeracionais, penetra pensamentos e cria conexões populares, como nos diz Heller (1972)

A ciência goza, na consciência cotidiana, de um crédito tão elevado que até mesmo ideologias completamente não-científicas (isso é, com conteúdo de valor negativo) esforçam-se para deter uma base "científica" e, assim, legitimarem-se (como é o caso, por exemplo, das teorias raciais e outras idiotices biológicas geradas sob o fascismo). Na consciência cotidiana atual, a ciência - tanto a natural como a social - é a autoridade máxima. (p. 202)

A memória, nos cotidianos, então, é uma forma de reconstruir o passado e ampliar os horizontes do presente. A memória está, no grupo, está, no trabalho, nas falas, e, só em conexões entre pessoas que podemos estabelecer formas potentes em utilizá-las de maneira também política. Não deixar circular ou dar as costas para essa ferramenta é esterilizar o passado, as experiências e facilitar o processo de silenciamento e de esquecimento. Isso posto, mostra o quanto importante é a memória, na produção de cotidianos e de identidades, aumentando as tomadas de decisão e de eficácia política, proporcionando que as perspectivas analíticas articuladas em grupos intergeracionais possam mudar o projeto para futuras participações e mobilizações.

O enfrentamento individualizado, visto em algumas falas dos participantes, demonstra uma falta de percepção da atual conjuntura e de um visão mais ampliada da sociedade em contextos de macro relações sociais. Isso escasseia as identidades coletivas e a participação coletiva, prejudicando o desenvolvimento da consciência política (SANDOVAL, 2001). Há um conformismo já não tão velado com a juventude e as formas de atuação política, demonstrando sentimentos de ineficácia para a transformação da sociedade, aceitando a realidade imposta e se capacitando menos para enfrentamentos e agruras coletivas.

Sujeitos integrados à realidade dos cotidianos, com interesses coletivos, baseando-se em valores e em expectativas sociais têm mais sentimento de pertença e de eficácia política, marcando a sua consciência e percebendo-se agentes de mudanças e de transformação social em uma sociedade estratificada. Realizam-se em combater as injustiças e aceitam o conflito. (SANDOVAL, 1989)

5.3.2 Ditadura Militar: Tempos de chumbo no Brasil ou esquecimento?

Você que inventou a tristeza... Ora, tenha a fineza de desinventar.
(Chico Buarque)

O assunto ditadura militar sempre fez parte dos grupos focais. Antes ele apareceu no grupo de sujeitos mais jovens e no grupo de sujeitos mais velhos. Entretanto, no encontro intergeracional, ele criou força, trouxe cheiros, lágrimas, poeiras, conflitos e dor. A todo o momento, esse tema vinha à tona. Deixei circular e pudemos fazer uma grande conversa sobre o que os jovens entendem por ditadura e o que os mais velhos viveram da ditadura militar.

Bovary: Eu era professora do grupo de jovens e de teatro.

Eunice: aí eu fui participar do teatro. Foi aí que eu a conheci. Ela já era da família, digamos assim, mas eu não tinha contato direto com ela. Na época da escola, ela era diretora de teatro, dava aulas pra mim de português. Aí, eu entrei no teatro junto com ela e aí ficou o Ricardo, também muito politizado.

Bovary: sim, o Ricardo ajudava muito. Quando eu montei o Auto da Compadecida, por exemplo, eu escolhi um menino lá pra fazer o Severino. Ele só queria fazer o palhaço, que não tinha importância nenhuma, só fazia a introdução. Eu falei: “você tem barba, você tem o perfil certinho do Severino”. Que é um nordestino, da época de lampião, o chapéu, cearense. Então, estava ali, as músicas, então, ele ajudava a compor os personagens.

Eunice: e as peças eram todas assim, era raro uma peça que não tinha cunho político.

Bovary: Sim, a segunda parte da peça foi indicada lá, na TV Cultura, e eu não sabia que não tinha o Certificado de Censura Federal e nem o organizador do Festival de Tatuí avisou.

Pesquisador: Então, vocês foram apresentar na TV Cultura?

Eunice: Nós fomos apresentar um festival em Tatuí

Pesquisador: E precisava desse documento?

Eunice: Foi barrado pela censura.

Pesquisador: Isso foi em?

Bovary: 83. O organizador do festival me avisou na véspera: “A apresentação de vocês seria amanhã, mas antes, por favor, vocês têm que ir à rua Antonio de Godoy, em SP, perto da Consolação, conversar com a Dra. Arlete e obter o Certificado de Censura Federal da peça que vocês vão apresentar”. Fui eu e a mulher, orientadora do Centro Cívico. Eu levei fotos da peça, todo mundo foi, Brasil né? O texto da peça a gente tinha que mandar em março, a apresentação foi em outubro. Mas pra inscrever o grupo, tinha que ser de escola, o Festival Estudantil do Estado de SP, que não tem mais. Eu tinha que mandar três cópias do texto. É claro que quando a gente começa a ensaiar, a gente vai fazendo modificações, tinha muitos personagens, ator que fazia dois ou três personagens, não deu tempo de mandar... a inscrição foi feita naquela época lá, em meados de Março. Falei pra ela lá. Falei: “olha, eu mandei copiar o texto aí como está”. As modificações nem tinham começado. Foram nove meses ensaiando. Contexto político. Eu mandei o texto original, de Ricardo Meirelles. O Barão que tomou banho e você acha que eu ia apresentar, em um teatro de escola, alguém iria tomar banho nu? No palco lá da escola? Não. A cena do banho ele usava uma sunga cor de pele com bastante espuma de barbear em volta. Ninguém iria ver nada que fosse escandaloso.

Eunice: Nós passamos pela censura.

Bovary: Passamos pela censura. O personagem Alfredo fala um palavrão, “merda”, mas em teatro de escola não falava.

Pesquisador: Você já sabia que se tivesse o “merda” na peça, isso te impediria de apresentar?

Bovary: Então, mas não dava tempo de corrigir nada, gente. Eu peguei o livro e mandei três cópias datilografadas, naquele tempo, tinha que datilografar, em três vias e mandar. É claro que, durante os ensaios, nós fomos mudando. A cena da cama, do rei, na cama, a boneca do S. Augustinho. Uma boneca de plástico, né? Inflável, que a D. Elza emprestou a boneca do S. Augustinho para usarem na cena do Rei na cama.

Pesquisador: E você, **Eunice**, você entende que a **Bovary** te impulsionou a pensar mais em política? Te adentrou ainda mais nas questões políticas, mesmo nas reuniões que você fazia com 10 anos de idade, com o pré-cunhado?

Eunice: Sim. Tudo que eu entendo, que a gente ia para as festas muito politizadas e participativas. Nós fizemos a Constituinte de 86.

Bovary: Foi escrito por um aluno.

Eunice: e passou por todo o sistema. Nós fizemos também A Operária, Comédia Atômica. Todas as peças de consciência política. E todas elas a **Bovary** dava textos para a gente ler e falava sobre a situação do país na época...

Bovary: as músicas na época falavam do Brasil de uma forma errada. Você fazia inclusive parte das militâncias quando americano vem visitar o Brasil eu não coloquei baianas. Eu coloquei Havaianas. Não podia ter baianas. O único que estava de verde e amarelo lá foi o que ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante. Ele foi indicado e ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante.

Eunice: Quando nós fomos para uma constituinte, já era 86. Já tinha acabado a censura.

Bovary: Estava se preparando para a Constituinte. Era Padre Geraldo que queria que fizesse o teatro.

Eunice: Aí já não teve mais a censura. Nós falamos de todas as constituições.

Bovary: só que ele me deu o texto e eu falei: Geraldo, isso aqui precisa ser transformado em linguagem teatral. Precisa ter diálogo, só tem personagens. “Eu vou pedir pra uma pessoa, que é aluno meu que escreve muito bem, pra transformar isso aqui em diálogo”. Então, apresentamos lá em Tatuí, no festival. Pra não ficar uma coisa cansativa, nós pusemos música, roupa de época, músicas da época. Então, teve a constituição de Dom Pedro, a república, depois as outras, tempo de Getúlio. Vimos, na época, quais eram as músicas, influências. A de 34, quando mulher começou a votar, e faziam parte do grupo uma operária, estudante, não me lembro mais dos outros, que discutiam as constituições, eles falavam sobre.

Eunice: Mas eu me lembro de política, Pesquisador, um caso interessante aqui. Eles dizem: “ah, porque quando é criança não percebem a ditadura”. Mas eu me lembro que quando eu morava, em Santos, a minha tia ia me buscar na escola. Eu tinha seis anos. E eu me lembro que um dia ela foi me buscar e ela saiu um pouco antes e, nesse dia, ela foi conversar com uma senhora conhecida da família e deixou pendurado o guarda-chuva dela. Na intenção da minha tia, seria para que eu visse o guarda-chuva e soubesse que ela voltaria logo. Isso ela me contou depois. Mas quando eu saí da escola e vi o guarda-chuva lá, a gente estava num meio de presos políticos, então, eu achava ali, que a gente conversava entre minha família, eu achava que

tinham pegado a minha tia e levado pra tortura. Eu tinha seis anos. Como que diz que as crianças não passaram por isso. Lógico que passaram. Eu fico pensando, eu tinha seis anos e eu ficava pensando que minha tia tinha sido levada para ser torturada. Porque ela não apareceu na escola. Em Santos, os movimentos ali eram fortes, Santos era uma cidade grande. Então, eu sempre ouvia. Então, eu devo participar dessas reuniões políticas com o pessoal há muito tempo. Porque, com seis anos, eu achava que a minha tia foi levada para a tortura. Alguma coisa já tinha muito antes disso. Eu não me lembro bem, só me lembro do fato de chorar muito, abraçada à sombrinha da minha tia, tia Adelina, e que tinham levado ela pra ser torturada.

Pesquisador: e você, **Yael**? Quando você começou a escutar sobre política? A pensar sobre política?

Yael: na minha geração, não escutava, porque criança era colocada de lado. Arena e PMDB naquela época, preso político, então, a gente se orgulhava de não ter nenhum preso político, na família, porque não se metia com política. Política era uma coisa que estava fora do padrão. Então, eu cresci sem esse padrão de política. Nunca... sempre de direita, mas nunca influenciada, porque eu via, na minha família, que ninguém ligava pra política. Era uma coisa que para nós foi sem importância nenhuma. Então, o tempo foi passando e passando. Nunca gostei de movimento estudantil, nada disso. Eu não acreditava porque acho que isso era muita baderna. Eu estudei em universidade do governo, federal, e viviam fazendo baderna. A galera gostava... não procurava direitos, eles procuram só... eles procuram os direitos, mas eles não têm os deveres. Não querem cumprir os deveres. Então, pra mim, isso não estava correto. Então, nunca participei desses movimentos sociais. Aí o tempo foi passando e tal. Eu tentei entrar na política, me filiei ao PSDB, na última eleição pra vereador, mas eu fui coagida a não me... na véspera de lançamento da candidatura, eu fui coagida a não lançar minha candidatura, senão eu ia perder o meu trabalho, uns rolos sei lá, da prefeitura. E aí, foi o único momento da minha vida que eu até comecei a pensar de ter uma ideia diferente, porque eu entendo que o Brasil tem capacidade de mudar, eu tenho minha veia de formação em saúde pública, então, o Brasil tem capacidade de mudar, precisa de muito pouco dinheiro e muita boa vontade. Então, eu acho que o cara que tem essa questão política de ter boas ideias, porque tem gente que tem criatividade, quem tem as boas ideias, acho que pode mudar uma coisa. Mas se ficar esse “brigueiro” que eles ficam brigando, esses rolos que saem. Então, eu nunca fui muito ligada à política. Eu fui policial, fui do esquadrão dos oficiais, então, tomei... a gente tinha que ficar o mais apolítico, nunca curti, na minha área de gosto, discussão. Em casa, nunca teve muita discussão de política

brasileira. A gente respeita a opinião de cada um, nossas questões eram mais ligadas ao nazismo, outros tipos de segregações, mas que não eram relacionados ao nosso dia-a-dia. Eu nunca fui muito ligada em política. Eu te falei, o tempo passa e eu sempre fiquei mais longe. Eu vi acontecer as “diretas já”, não participei. Vi acontecer o “caras pintadas”, o “panelaço”, mas eu nunca me toquei. Nunca me interessei...

Muitos escândalos ocorridos, no Brasil, estão, de várias formas, contidos nas memórias dos participantes. Coletivamente, eles se lembram e inserem os acontecimentos políticos do país em suas trajetórias de vida. Números, nomes, Governos e falcatruas não passam despercebidos. Analisam a situação do Brasil com as suas experiências do passado, ou seja, um paralelo do que viveram antes (ARENA – PMDB) que existiam na época da ditadura para os (PT – PSDB) que, para eles, dominam o cenário político brasileiro.

Percebemos que todas essas memórias estão fundamentadas na experiência vivida por seus autores. São trajetórias individuais que revelam um posicionamento político: uma preocupação em denunciar a repressão e afirmar a legitimidade dos grupos revolucionários ou de reafirmar o poder e justificar os atos do governo militar. Embora essas memórias reflitam as contradições vividas pela sociedade brasileira, essas são autobiografias que não têm a preocupação de ser um estudo científico sobre a memória coletiva da repressão. (ANSARA, 2005, p.143)

Pesquisador: Nunca se interessava por esses assuntos?

Yael: Não, não era meu objeto de desejo.

Pesquisador: E o que você escutava dos seus pais, dos seus próximos?

Yael: Não ouvia. Não se ouvia. É que aqueles que trabalham, alcançam. Entendeu? Aqueles que trabalham alcançam...

Pesquisador: Se meter com política era perigoso...

Yael: Era o pessoal perseguido dos anos 60, o pessoal que sumiu, então, tinha toda aquela cultura de que a gente fazia o nosso. É a boiada e vai bonitinho na boiada, que não tem perigo. Agora, o cara que se metia, na política, com certeza ele era...

Pesquisador: Sumia?

Yael: Sumia.

Pesquisador: então, a ideia que tinha naquela época, era de que se meter com política era perigoso?

Yael: Era década de 70. E era perigoso. Ainda, eu me lembro, eu sou de 63. Tinha 7 ou 10 anos, nessa época, era um assunto que não era discutido, então, pra mim, não teve importância. Juro pra você, não teve importância na época da faculdade, a federal entrou em greve e eu nunca participei, em nada. Não me interessei porque era aquela mesma história. Não quero me meter nisso aí porque eu achava que não ia ter resolução. Não ia ter solução. E agora, nessa última eleição que, na realidade, acho que era o menos pior, não é? Bolsonaro de todos era o menos pior. Também tenho certa aversão ao PT, né? Já trabalhei com eles e não gostei do que vi. Então, eu achei que o que teria de opção seria o menos pior. As ideias dele, eu acho que a gente fica ansiando pelo novo, mas eu acho que em casa não teve discussão nenhuma entre nós. Minha mãe também é da mesma linha. Conversava com o meu padrasto. Mas nada de outro mundo...

Pesquisador: vocês fazem outros tipos de encontros intergeracionais? Ou seja, vocês acham que os jovens estão conversando mais com os velhos sobre política ou não?

Caio: sim.

Pesquisador: estão sentindo isso? E como que vocês veem esse processo?

Caio: é necessário, natural, porque eu não posso falar de ditadura, se é bom se é ruim, se é necessário ou desnecessário. Eu não vivi a ditadura. Eu posso pesquisar, mas eu vou ter uma noção extremamente superficial do que é ditadura. Não sei o que foi. Quem viveu que pode falar. Por isso que a gente consulta quem viveu.

Pesquisador: quando você consulta quem viveu, o que você ouviu?

Caio: Não sei, eu tenho uma sensação de quem é do interior não foi tão afetado. O nosso nível mesmo. Leme. Parece que não teve a mesma afetação dos grandes centros.

Yael: Não era. A gente vivia. Era assim, era uma vida difícil. Difícil. Você não podia ter carro zero, era muito caro. Você tinha uma série de coisas... Não podia comprar carro zero, nada, como é hoje. Você não tinha o país, não tinha...

Caio: isso é verdade, meu sogro, na época fez consórcio pra comprar um fusca. Um consórcio.

Yael: então, não existia essa facilidade de você ter as coisas como você tem hoje. Você quer uma televisão, então você vai lá e paga em 12 parcelas de não sei quanto pra poder ter. Então, não existia crediário, não existiam os produtos. O mercado era fechado. Então, isso era uma coisa. Mas, a gente que trabalhava, acordava e ia à escola, fazia o dever e voltava pra casa, não tinha esse monte de ladrão, não tinha tráfico, não tinha droga. A polícia era respeitada. Então, quem era do interior, a vida fluía. Na cidade, também fluía. Mas tinha gente que achava que tinha a liberdade alicerçada, ou seja, eu acho que quem não aceita o limite, penso que foi isso, quem não aceitava limite, porque você tem limites pra viver em sociedade. Por exemplo, você trabalha, não vai lá xingar seu patrão? Não vai, você tem limite. Quem tem filho também tem que dar limite, não vai deixar fazer o que quer. E aí, naquela época, o pessoal que não queria limite começou com essa história da censura, a tal da censura. Foi uma fase que a gente viveu, mas quem era normal, trabalhava, voltava, tinha seu dinheirinho, no final do mês, não tinha aquela inflação alucinada. Você comprava o que o país oferecia. Quando o Collor... Aí veio o governo militar, veio tudo funcionando. Aí quando começou o governo das Diretas Já, quando o Tancredo bateu a caçoleta, aí foi aquela esperança. Um tempo depois foi o Collor, aí quando o Collor entrou foi a mesma coisa do Bolsonaro, além de ser bonito, era um cara que ia salvar a pátria. Realmente, ele fez uma “caca” lá de bloquear as poupanças, mas, na realidade, ele abriu o Brasil, abriu os portos do Brasil. Então tudo que aquilo que a gente via fora do Brasil... Vocês não podem imaginar, pra gente comprar uma sandália de plástico da Melissa tinha que ir pra fora do país, era uma nota, então, a gente quando queria alguma coisa, era tudo no contrabando. Contrabando de coisas importadas. Um tênis, você só tinha Bamba, Kichute. Se você queria um tênis melhorzinho, você até podia ter dinheiro, mas não tinha onde comprar, então tinha que depender de alguém... ninguém ia pro exterior como vai hoje, Paraguai, Argentina, não ia. Então, você tinha que depender de alguém que ia viajar, ou na Zona Franca de Manaus, então era um inferno. Quando o Collor entrou, ele abriu os portos. E aí o que aconteceu? O desenvolvimento começou a chegar, então, na realidade, o país foi chegando perto, eu vejo assim, perto de outros continentes. Começou a ter abertura, começou a ter um pouco mais de expectativa. Aí o pessoal que queria ter direito de se expressar, aí foi... a ditadura

morreu aí, todo mundo teve direito de se expressar, e começa essa briga de partido, vai dividindo tudo, porque antes tinha dois partidos, agora tem 500 mil partidos, cada um com uma ideia e assim a história foi passando. Mas eu entendo que quem viveu, na ditadura, era ruim pra quem era baderneiro, pra quem era inconformado, pra quem sabe? Esses realmente tomaram na tarraqueta, mas quem tinha uma vida normal... No interior e pode ver, na cidade, naquela época, quantas pessoas sumiram? Leme, quantas pessoas sumiram naquela época? Pessoal que tinha a vidinha... a capital do Algodão, ganhava dinheiro, tinha dinheiro... não era assim que falava? Eu não conheci essa época, eu vim muito depois. Depois era a cana. Então, a gente tinha um padrão. Não acho que tenha sido tão ruim a ditadura. Tinha limite, mas o problema é que as pessoas, hoje, não aceitam limites. Você estuda aqui?

Caio: Não

Yael: Você não consegue dar limites na sala de aula. Então se você fala assim: “tira o celular pra fazer a prova”. O pessoal só faltava estrebuchar. Estou falando mentira? Eles se estrebucham que não vai tirar, entendeu? Então, as pessoas não tem limite. Esse que eu acho que é o grande problema. Eu acho que se a gente.... Então, a partir daí, quando se torna político, a gente tem que aprender a respeitar o próximo, né?

Caio: mas a situação está bem desenfreada. Eu defendo, a única coisa que eu defendo, na questão militar, é a questão militar nas escolas e universidades se possível. Eu defendo isso ferrenhamente. Porque o que professores, eu não sou professor nem nada, mas o que os professores vêm sofrendo não são agressões só verbais, mas são físicas também. Da pior espécie. Eu defendo intervenção militar nas escolas sim.

Figura 5 - Ditadura Militar e Sociedade do Esquecimento.



Yael: Mas por que isso? Pela falta do limite. O próprio governo pra copiar padrões internacionais de educação, que não se adequam a nossa realidade, eles trazem educação continuada, para poder o BNDS lá, o banco mundial dar o financiamento tem que ter um nível de alfabetizado, que eles são funcionários, na verdade, então pra progressão, pra não ficar fila, na escola, o que eles fazem? Eles fazem a educação continuada. E isso vem vindo, vem chegando nas universidades e chega aqui.

Caio: Porque ao andar da coisa a pessoa vai piorando. Não é mais... 1999 a 2000 eu fazia PROERD e todo mundo, inclusive de medo da Branca. Morria de medo

Yale: mas hoje se você não souber, você vai passar do mesmo jeito, então o limite do professor...

Caio: mas a cultura de 20 anos atrás não vai mais se recuperar, então, por isso eu defendo a intervenção militar nas escolas. Não tem outra saída, porque senão, professor vai começar a morrer.

Yael: Mas acho que a grande mudança, não nas escolas, mas no próprio Ministério da Educação, outras diretrizes, então, se esse governo parar e pensar, de repente é aquela história... quando Bolsonaro falava algumas coisas, as pessoas não conseguem entender. Primeiro porque ele fala como a gente lá no Rio, ele tem um linguajar carioca e um espírito muito carioca que nem todo mundo entende. Então, quando ele fala determinadas coisas, como ele falava da escola militar, ele não falava que ia militarizar a escola, mas é o mesmo princípio de dar limites, para que se possa a partir daí, se reestruturar a educação. Mas essa questão da educação é desde pequenininho. Isso acontece com criança pequena também, não pensa que tem negócio não. Eles não obedecem, sabe? Chegou no quinto ano, no ginásio, no sexto ano agora... aqui eles ainda vêm bonitinho, mas já vão ficando insuportáveis. Aí quando chega no sexto e vai pra escola, que eles viram gente, aí que o negócio pega feio.

Anita: será que a questão da educação em escola não tem muito mais a ver com a família do que a sala de aula, porque eu quando entrei aqui na faculdade, no curso de Psicologia, eu estranhei muito porque eu fazia ETEC e na ETEC é tudo muito regrado. Você não sai da sala de aula sem que o professor autorize. Eu fiz ETEC e eu tinha 32 pra 33 anos e eu cheguei aqui e achei muito bagunçado...

Yael: sim, mas a escola técnica hoje tem um sistema diferenciado, por ser escola técnica, mas o que acontece? O próprio pai, nesse ritmo de liberdade, os próprios pais eles não aceitam a reprimenda, eles não aceitam o limite. Eles dão limite em casa. Acho que o grande problema é a falta de limite dentro de casa. E aí, o que acontece, eles têm que chamar a atenção de algum aluno, não tem negócio. Porque, na realidade, na educação você vai ensinar, mas aí coube a responsabilidade da escola de ensinar o que é pedagógico mas também educação do dia a dia. Então, é porque faltou em casa também, mas a gente já é uma geração que também já veio degradingando por aí.

Pesquisador: E você, **Lina**, sobre a questão dessa geração, das gerações, escutando o que está sendo falado aqui?

Lina: eu acho interessante você conversar com alguém mais velho pelo conhecimento, como ele disse. Se eu vou ler da ditadura, não é nada do que ela falou aqui. Pra mim, foi até “oi?”, sabe? O fim do mundo, entendeu? Se eu for ler, na internet, a ditadura. É a primeira vez que eu tô ouvindo a ditadura desse jeito, pra falar a verdade.

Pesquisador: Você já escutou sobre ditadura em outros lugares ou não?

Lina: ah, pouco, bem pouco.

Pesquisador: mas quando você escutava da ditadura, era sempre de cunho ruim?

Lina: coisa ruim mesmo, tortura. Pra mim, era só isso, entendeu? Era só isso que eu escutava.

Anita: Em Pernambuco, estudava lá, no sertão de Pernambuco, ela apanhava na escola. Minha mãe estudou poucos anos. Acho que até a quarta série. Ela apanhava, ficava de castigo. Então, assim, meus pais não lidavam muito bem com o nosso erro. Se a gente quebrasse um copo, a gente escondia, mentia, a gente ficava acuado porque sabia que ia apanhar porque quebrou um copo. Porque minha mãe e meu pai cresceram nesse sistema, então acho que isso prejudicou muito. Eu não crio meu filho assim, quero ele longe desse sistema.

Pesquisador: e você ouviu falar sobre ditadura quando?

Anita: quando eu ouvi falar? Mais na escola mesmo. Não sei quando acabou a ditadura...

Pesquisador: 1985

Anita: eu tinha nove anos.

Pesquisador: Quando você escutou? Na escola?

Anita: na escola, contando a história e assim, conversando com mais velhos. Alguns falam de problemas, na escola, que era muito rígido, que não podia errar. Era explicada a matéria uma vez e se você não conseguisse acompanhar, tinha aquela divisão de colocar fraco com fraco, e acho que isso não acrescenta na vida de ninguém. Sala A B e C, o mais fraquinho vai lá pra... então, não tem aquilo de crescer junto, você vê que você faz um trabalho em grupo hoje que aquela pessoa que tem mais dificuldade, se ele está num grupo mais avançado, funciona. Então, imagino se o meu filho estivesse numa escola dessas hoje, que tem A, B e C, do mais forte ao mais fraco, aquela criança que é mais fraquinha não tem chance de progredir. Eu não vejo isso, que é coisa da ditadura, como vantagem não.

Simone: eu penso que nós viemos, pessoas da minha geração, a gente veio de uma geração com tantas regras, tantos limites, que essa questão da ditadura passou batido. Eu ouvi falar de uma ditadura, porque a escola é uma forma de... se eu pensar na época que eu estudei, era uma forma de ditadura, entre aspas. Mas como a gente veio da cultura de tantos limites e regras, essa questão da ditadura, pra mim, e pro meu marido passou batido. O que eu ouvi falar, realmente, é dessa ditadura violenta, essa ditadura de toque de recolher, de limite de expressão, de pessoas sumirem, de pessoas que morreram, de cortar comunicação e expressão. Então, assim, acho que está tão inserido num contexto de regras e limites que acho que a ditadura, assim, pra gente, que o pouco que ouvi falar foi isso. Essa ditadura violenta. Mas nunca assim, detalhes, como foi, como ela disse agora. Algumas pessoas sofreram, algumas pessoas vão sofrer, um grupo desapareceu, outro grupo não desapareceu. Então...

Yael: Não é o que vocês veem em ditadura de televisão, quem nem Maduro, que passa fome. Juro pra vocês, minha mãe não está aqui, mas era assim, eu não me lembro de criança e de dizer... a vida era difícil, não tinha essa facilidade de hoje de 20 mil marcas de iogurte, no mercado, era pouca bolacha, não tinha, mas não era pra só pra gente, era pra todo mundo. Era uma vida mais difícil. Porém, a gente não vê faltar as coisas como faltou. Depois que acabou a ditadura, que foi modernizando, veio a inflação, a parte econômica é realmente, mas era questão da parte econômica, que estava se adaptando à mudança. Mas até nos anos do militarismo, não. Não me lembro de falar. Tudo bem que éramos uma família de classe média, mas mesmo assim, as pessoas que eu convivia, não ouvia falar. Não via esse miserê, esse desespero que é, de falar

que a ditadura.... Não estou defendendo não, mas falar que é uma coisa tão... um período negro, que todo o país ficou submerso numa lama, não era bem assim. Quem se metia em fazer... quem se metia do lado de discutir política, de defender e ir contra, realmente, pessoal que acabou.... mas eles sabiam no que estavam se metendo.

Anita: acho que o que falta hoje é limite. Pela rigidez da ditadura e a falta de limites que existe hoje. Eu vejo que existe falta de limites. Meu filho. Professor em sala de aula, falta didática, tem que explicar pro professor, colega, tudo. Agora, quando ele está lá no meio, não sei que comportamento ele tem. Não sei se ele usa a educação que eu dou. Mas acho que está faltando sim o equilíbrio. Entre aquela rigidez toda e a falta de (?)

Caio: mas são dois extremos, né? Hoje, do ponto de vista existe uma libertinagem, uma sensualização e sexualização das crianças, por parte da TV, por parte da música, de N coisas e eu, apesar de ser um pensamento de direita, eu sou totalmente contra isso. E a libertinagem tem hoje. O que não tinha na parte econômica naquela época, hoje tem. O mercado é amplamente vasto e aberto, mas a desigualdade, no Brasil, é muito grande. Pessoas passando fome com a produção extrema que tem, no Brasil, e no mundo a nível de comida, a nível de tudo, é um absurdo. Então, são dois extremos.

Yael: eu já penso diferente, eu acho que existe, sim, a pobreza, existe. Mas contra isso aí, você tem bolsões de pobreza, mas o que acontece? O pouco acesso à economia. O Brasil, hoje, é endêmico em obesidade, não é mais desnutrido. Não é mais um país de desnutridos, inverteu-se, é um país de obesos. Está seguindo a linha dos EUA. Então, o que acontece? Houve uma mudança até no perfil de compra, então, a gente traz essa.... Tem bolsões de pobreza, no NE, a gente ainda vai ter pessoa que não vai embora, que não veio, que o governo não desenvolveu... Tá, existe, mas a maior parte da população, ela tem acesso, mesmo que seja uma renda pequena, mas ela tem, só que o que acontece? ela não consegue entender que ela tem que evitar os hábitos pra evitar a doença e tudo mais. Joga-se pra escola a responsabilidade também, de educar, de alimentar, de dar limites... ou seja, se terceiriza a responsabilidade dos pais. Eu vejo isso direto, como se estivesse terceirizando a obrigação dos pais.

Simone: eu percebo também, eu fico pensando, fazendo reflexões a respeito, sabe? Tantos os filhos quanto os pais, eles têm uma... os pais e essa falta de limite, a gente fala muito que os pais não colocam limite, os filhos estão sem limite, mas eu penso também o lado dos pais, acho que esse conflito de gerações trouxe um certo desequilíbrio pra todos. Ela falou assim: “ah, eu

ensino os meus filhos a respeitarem, na sala de aula, o professor, que é a autoridade maior”. Foi o que eu ensinei para os meus filhos, mas existem situações que os professores também não respeitam. Ficamos sabendo de histórias de professores que tinham o abuso do poder deles, é o abuso dessa autoridade sem ética. Sem profissionalismo nenhum. Não quero generalizar. Mas existem casos em separado. Então, eu penso que esse conflito atingiu a todos. Eu fico pensando que chegar e tentar uma harmonia, tanto de um lado quanto do outro é uma linha muito fina, porque, está tudo muito misturado. Eu não sei como chegou desse jeito, mas chegou. Mas existem, sim, ainda algumas pessoas que têm esses valores, que trazem essas questões, mas a gente tem que analisar os dois lados. E a gente ouviu falar, não foi uma vez de casos de professores que faltaram com a ética e profissionalismo com os alunos. Então, por um lado, você ensina que o limite é o respeito para com o professor, aí vem o professor que não exerce esse respeito. Então, a gente... é complicado. Onde se perdeu, como chegou até aqui, é difícil de saber. Mas chegou. E a gente tem que pensar sobre isso. Eu gosto... eu não gosto daquelas regras que extrapolam. Eu sempre digo assim para as minhas filhas, eu me preocupo com exageros. Sempre falo pra elas se preocuparem com os exageros, o extremo. Tudo que é extremista. Mas eu gosto de algumas regras, acho que são importantes. Acho que tudo, um pouco de respeito, ética vai ser muito importante. A gente tem que se preocupar com os extremos. Se eu sinto de um lado que é assim, de outro também não tem retorno, fica complicado. Mas esse encontro intergeracional existe, eu acho excelentes essas discussões. Eu sempre penso que se a gente cuidar, no caso dos psicólogos, a gente recebe uma criança ou um adolescente, um jovem, mas sem a família. Às vezes, você tem um ganho com ele porque a família está adoecida também. A família está desestruturada também. Se a não plantar também não faz essas discussões, não faz essas reflexões, talvez a gente não consiga chegar num movimento, né?

Caio: isso que você falou, realmente tem que ver dos dois lados e isso serve pra absolutamente tudo na vida. E a gente tem que ver o fundo disso, a causa disso e tratar na causa. E acho que uma das coisas seria o preparo e isso existe em tudo, existe na polícia também. A polícia é maravilhosa e tem que existir mesmo, tem que ter carta branca para algumas coisas, mas a polícia também tem seus exageros, por N razões. Tem corrupção, na polícia, tem policiais que se vendem por drogas, que sobe, no morro, pra ir atrás de droga, e eu tô falando de Leme mesmo, não estou falando de RJ, não. Leme mesmo. Mas assim, preparo. Se a gente for analisar a causa, se houver bom preparo, bom treinamento, um salário justo, dificilmente vai ter corrupção ali, dificilmente vai ter extremos. A gente tem realmente que tirar os extremos,

mesmo que tomar água seja muito bom pra saúde, a gente tomar no extremo disso, não vai ser bom. A gente tem que... uma coisa que o Brasil não tem é o preparo. Professor ganha muito pouco pelo que ele faz. E o preparo dele deve ser melhor, assim como o policial e outras profissões também, que tem os seus extremos. Precisamos ver dos dois lados.

Pesquisador: Vocês acreditam que essa nova geração que vocês estão colocando está preparada para desenvolver essa mudança política em que vocês acreditam?

Simone: Ah, eu penso que, se tiver essas formas mais duras de educar, se ele questionar, tiver boas reflexões, tiver boa educação, conhecer e tiver conhecimento, esforço, sim.

Yael: que não seja apenas conhecimento de internet também.

Simone: mas eles são mais reflexivos hoje, são mais questionadores.

Caio: são, mas eu vejo muito extremo. Eu digo a geração... eu tenho quase 30, eu digo 20 pra trás, 15 pra trás, e parece que é muito extremo, parece que é uma geração extremamente antenada, conectada, extremamente, aparentemente, pronta, mas é uma geração tipo... a criança, por exemplo, ela já chega peitando tudo e já sabe de tudo. Então, eu vejo muitos extremos. Tem muita gente boa nessa geração que é muito antenada, que está estudando, que está pesquisando. É uma geração de muita informação, mas, ao mesmo tempo, vem também muita informação errada, mas também tem extremos. É uma geração muito morcego, que não quer nada, que quer tudo pronto, tudo na mão. Eu vejo assim, 15 anos pra trás.

Antes de adentrarmos as memórias dos participantes dos grupos focais, faz-se necessário um breve comentário sobre a época da ditadura no Brasil. Para isso, utilizaremos o texto da Doutora Soraia Ansara (2005) – já utilizado no decorrer do trabalho –; da Doutora em história Flávia Birolo (2009) “Representações do golpe de 1964 e da ditadura da mídia: Sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa, 1984-2004” e do trabalho de Carlos Fico (2004) “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar”.

Biolo (2009) discute as representações sobre os papéis que a imprensa assumiu, no golpe de 1964, em textos publicados em jornais e em revistas brasileiras entre os anos de 1984 e 2004 e, no segundo texto, o autor discute e analisa as importantes correntes da história sobre o Golpe de 1964, confrontando questões controversas sobre a repressão política, sobre a censura e sobre plurais temas da ditadura militar.

A ditadura ocorre quando o então Presidente João Goulart¹⁹ foi tido (estrategicamente) pelos militares como um comunista que iria implantar um conjunto de mudanças, no Brasil, que incluía a reforma agrária. Essa foi a justificativa para que no dia 1º de Abril de 1964 as forças armadas aplicassem um golpe exigindo a renúncia de Goulart. As tropas militares ocuparam partidos políticos, sindicatos e outros órgãos que apoiavam as reformas. Goulart, no dia 2 de abril, refugiou-se, em Porto Alegre, e se exilou no Uruguai. Morreu, na Argentina, em 1976.

Ansara (2005) assinala, em seus estudos históricos sobre a ditadura, no Brasil, que os anos que antecederam o Golpe Militar de 1964 foram marcados por intensa mobilização popular. Os estudantes, camponeses, sindicalistas, trabalhadores da cidade, mobilizavam-se em favor das reformas de base; compartilhavam das lutas do presidente citado acima, João Goulart. A autora ressalta que havia uma polarização da sociedade, ou seja, de um lado setores populares, nacionalistas e os de esquerda e, do outro, as elites econômicas tradicionais, grupos empresariais, direita política, a maior parte da classe média e algumas parcelas populares que queriam “salvar” o Brasil da subversão e do comunismo, da corrupção e do populismo”. (p.151)

Após o Golpe Militar, houve três fases no período do regime. No dia 15 de Abril, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência, após eleição, no Congresso, dando início à primeira fase. A segunda fase, entre 1969 a 1974, caracterizou-se por uma repressão política e uma industrialização em ascensão. A terceira fase, entre 1974 a 1985, caracterizou-se pela abertura política, início da democratização do sistema político – fim de bipartidarismo – e surgimento dos movimentos sociais e greves. Ao todo, no período da ditadura, foram eleitos indiretamente cinco presidentes, entre 1964 e 1985: Humberto de Alencar Castello Branco (1964 - 1967), Arthur da Costa e Silva (1967 - 1969), Emílio

¹⁹ Segundo Fico (2004), “as razões imediatas do que (descuidadamente) chama de "revolução" derivavam da inabilidade de Goulart em "reequilibrar" o sistema político. Até 1964, teria havido no Brasil um padrão de relacionamento, entre os militares e os civis, caracterizável como "moderador", isto é, os militares somente eram chamados para depor um governo e transferi-lo para outro grupo de políticos civis, não assumindo efetivamente o poder, até porque não estariam convencidos da sua capacidade e legitimidade para governar” (s/p).

Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974 - 1979) e João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979 - 1985) (SANDOVAL, 2004).

...Além da anistia, Figueiredo estabeleceu a eleição direta para governador, em 1982, e aprovou a lei que restabelece o pluripartidarismo no país. A ARENA mudou o nome e passou a ser PDS (Partido da Democratização Social), o MDB passou a ser PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e são criados os partidos como o PDT, (Partido Democrático Trabalhista), o PP (Partido Popular), de centro-direita e o Partido dos Trabalhadores (PT) - que foi o primeiro partido organizado por núcleos de base ligados aos movimentos populares - e que, desde o princípio, teve como líder nacional Luís Inácio Lula da Silva, que também liderava os movimentos sindicais do ABC paulista. (ANSARA, 2005, p.158)

Outro ponto importante para ser ressaltado é que, no decorrer do regime militar, foram emitidos os chamados AIs (Atos Institucionais) para tentar legitimar o golpe. Ao total, foram emitidos 17 AIs que diminuíram a liberdade da população, favorecendo e instituindo a ditadura no país. O Ato institucional mais conhecido foi o AI5 (1968) – já descrito nessa dissertação – implantado pelo Governo Costa e Silva.

Em 1984, iniciou um movimento que ficou conhecido como “diretas já”, liderado pelo político Ulisses Guimarães. Esse movimento pedia eleições presidenciais diretas no Brasil. O primeiro presidente civil eleito, ainda que de forma indireta, desde Goulart, após o regime militar, foi Tancredo Neves (morreu um dia antes da sua posse, dando lugar a José Sarney).²⁰

Fico (2004), em seu artigo, diz que há vários clichês sobre o golpe de 64; entretanto, como o próprio autor diz, há uma abordagem histórica sobre a ditadura e uma memória pelas narrativas que constroem e contam a história do golpe e do regime militar. E essa memória muitos nos importa.

Como colocado, houve discrepância nas informações e nos entendimentos entre os mais jovens e os mais velhos. Alguns dos participantes viveram e sofreram ativamente o período da ditadura militar, enquanto outros tinham uma ideia diferente sobre o mesmo período e os jovens tinham certa desconfiança desse período, ou seja, será que foi tudo assim mesmo?

Os discursos se misturavam entre os que viveram o medo do regime, alguns que conheciam e escutavam sobre o regime e outros que pouco ou quase nada souberam sobre os

²⁰ Essas informações foram coletadas em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/golpe-militar.htm>; http://pt.wikipedia.org/wiki/Golpe_de_Estado_no_Brasil_em_1964> e <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>> Acesso em: 02 junho de 2019.

acontecimentos do golpe e a ditadura militar. Birolo (2009) descreve sobre a memória política e os sentidos que elas carregam. A autora descreve que,

1964, como se sabe, é um dos marcos relevantes na história recente do país. Na literatura acadêmica, aparece como ruptura ou momento de inflexão em análises que procuram, ao mesmo tempo, atribuir sentido ao fato e à crise que o engendrou. Trata-se de um evento significativo em um imaginário político que é constituído historicamente e que integra as significações sociais que “dão sentido” ao presente e àquilo que “somos”. (p. 271)

Essas significações discutidas e analisadas pela autora foram encontradas em alguns discursos dos participantes do grupo focal e, deram contornos às trajetórias de vida de alguns frente à ditadura militar no Brasil. O evento de 1964 não funda uma temporalidade em um evento chave, na construção de sentidos na atualidade política. Participa da composição da temporalidade que representa o político e o fazer social. (BIROLO, 2009)

Relatos que não se sucumbem aos que muitos chamam de “saudosos”. Relatos que carregam história de medo, de angústias, de militâncias, de tristezas, de desafios e, muitas vezes, até de sangue.

WISNIK (1992) faz um estudo sobre a música e a política, no Brasil, suas relações com as ideologias, poder e mídia sobre o singular e o coletivo. Nesse trabalho, ele discute as canções de protesto. Diz o autor, que é um processo de mover-se em conjunto para vencer obstáculos. É a possibilidade de o sujeito em manter a história nas mãos, como quem “detém as rédeas de um cavalo” (p.122). Cita o exemplo da música de Geraldo Vandré (Pra não dizer que não falei das flores), Ponteio de Edu lobo, entre outros. Ressalta que, com o AI5, houve grande silenciamento e paralisação de todo esse dinamismo que as canções de protesto produziam, exilando artistas e compositores e sufocando as canções em rádios e até na boca da população. “Em algum lugar de algum modo, a música mantém com a política um vínculo operante e nem sempre visível: é que ele atua, pela própria marca do seu gesto, na vida individual e na coletiva, enlaçando representações sociais a forças psíquicas”. (p.114)

Dessa maneira, o trabalho com as narrativas, em grupos intergeracionais, demonstra que essas memórias e muitas outras não estão escritas em livros e nem muito menos fazem parte de enredo de filmes e documentários. Essas memórias são particulares, fazem parte de um imaginário singular e coletivo; fazem parte das trajetórias de vida dos participantes que lá estiveram. Dessa forma, então,

... notamos que as lembranças significativas vão além do que contam aqueles que vivenciaram a ditadura, visto que nos relatos dos entrevistados se acrescentam suas trajetórias individuais e coletivas, os conhecimentos adquiridos através da mídia, de livros, da escola e, sobretudo de suas práticas sociais e políticas nos movimentos sociais e sindicais, que permitem a atualização do evento passado. (ANSARA, 2005, p. 356)

A memória é viva, carrega potências que conseguem transformar o que os sujeitos vivem hoje. Essa tal cronologia que conhecemos se esfarela quando se memoram as trajetórias, ela se mistura e se separa, dá e tira sentidos, ressignifica, reconstrói - e lembrar faz com que os próprios participantes consigam visualizar as suas condições no presente. Então, lembrar-se das torturas, da ditadura, das perseguições... coloca em discussão imagens e histórias que foram se perdendo com o tempo. Fico (2004) também nos lembra que

... a tortura e o extermínio eram aceitos pelos comandantes e governos militares, como hoje já se comprovou. Curiosamente, tanto para os linhas duras apenas "ideológicos" (militares radicalmente contrários à "subversão", mas que não atuavam diretamente na repressão) quanto para os pragmáticos rigorosos (supostos moderados, como Ernesto Geisel, que, no entanto, admitiam a tortura e o assassinato como necessidade conjuntural), a tortura tinha o mesmo significado: era um "mal menor" (s/p).

“Mal menor” que marca a história do Brasil e a memória de muitas pessoas que viveram essa época de chumbo. Dessa forma, memorar se torna uma ferramenta necessária para uma reconstrução do passado, uma reformulação do que se viveu. Só é possível reelaborar o passado se houver espaço para memorar no presente. Na memória da ditadura, então

... Não consideramos que 1964 seja um evento que, por si só, funda uma temporalidade. Consideramos, no entanto, que é um evento-chave na construção de sentidos para as últimas décadas e para a atualidade política, participando da composição da temporalidade que orienta o fazer e o representar social e político. (BIROLO, 2009, p. 271)

Como uma ferida aberta, lembrar traz à tona questões que ainda não foram “curadas” pelo tempo. Lembrar, em muitos momentos, tem o poder de reelaboração do passado, uma forma de narrar suas trajetórias possibilita um “olhar de novo” para aquilo que se viveu e, nessas discussões sobre a ditadura, as memórias foram se afagando e militando espaço dentro do presente das pessoas e do grupo, fazendo com que os participantes se movimentassem para reconstruir o que vivem hoje. E, “...a prática da música pelos grupos sociais mais diversos envolve múltiplos e complexos índices de identidade e de conflito, o que pode fazê-la amada, repelida, endeusada ou proibida. Sendo sempre comprometida, é uma terra-de-ninguém, ideológica”. (WISNIK, 1992, p.115)

Assim, os participantes dos grupos focais ao memorar e escutar essas memórias da ditadura – como Ansara (2005) ao entrevistar líderes sindicais, pessoas que sofreram o processo e as agruras da ditadura – traz à tona um passado que se constrói pelos esquecimentos, pelas memórias esquecidas, não contadas, gerando memórias políticas de resistência, potencializando-os a continuar a se movimentar frente às opressões da cronologia (tempo, juventude, velhices...) e injustiças; buscando sempre uma sociedade mais democrática. (ANSARA, 2005)

5.3.3 Ebulições políticas: A democracia em corda bamba?

*Infeliz da geração cujos juízes merecem ser julgados.
(Textos Judaicos)*

Pesquisador: Vocês participaram ativamente em algum movimento social, no Brasil, no decorrer dos tempos?

Simone: Bom, eu já falei um pouquinho na semana passada que eu vim de uma cultura assim, de família em que a gente votava em quem a família votava, a gente não tinha discussões, na família, sobre política, se comentava sobre outras coisas, a vida do fulano etc, mesmo porque, eu era nova, não votava e eu trouxe um pouco disso pra minha família, depois de casada e tal. Comecei a ter uma visão diferente quando comecei a cursar minha primeira faculdade e começaram a trazer muitas discussões sobre política para nós e eu comecei a ter uma visão um pouco diferente. Comecei a ser mais reflexiva quanto à política. Mas também não discutíamos muito em casa, aí ela (**Lina**) começou também a fazer faculdade, e começou também a ter outra visão da política. Eu acredito que a eleição que nós mais discutimos sobre política foi essa.

Pesquisador: Vocês discutem política na sua casa, **Lina**?

Lina: Não, foi nesse ano mesmo, porque, como minha mãe disse, ela entrou na faculdade e teve uma visão diferente, aconteceu comigo também. Então, como esse ano eu já tinha entrado nesse mundo e ela também, foi um ano em que a gente discutiu sobre. Aí, nos anos anteriores, nunca discutimos.

Pesquisador: E sua mãe nunca discutia com você, mas você lembra de algum momento histórico, no Brasil, na política ou não?

Simone: Ah, acho que eu comentei em casa sobre os Caras Pintadas.

Lina: Ela sempre fala como começou, mais isso aí mesmo.

Pesquisador: Você participou, **Simone**?

Simone: Não, só vi pela televisão.

Pesquisador: E o que você pensava naquela época, você lembra o que você pensava sobre o Movimento dos Caras Pintadas?

Simone: Ah, eu tinha uma impressão, como nunca fui de discutir política, eu tinha a impressão que alguém estava brigando por alguma coisa lá. O povo está brigando por alguma coisa, algum direito. O povo não está contente com alguma coisa. Era essa sensação que eu tinha na época, mas eu não tinha o pensamento meu, de questionamento não.

Pesquisador: Nem seus pais?

Simone: Também não. Meus pais não falavam quase nada, nada, nada de política.

Pesquisador: E por que na faculdade você mudou?

Lina: Porque eles começavam a falar um pouco sobre isso, sabe? Por exemplo, nós tínhamos Estudos Sociais, aí falava da desigualdade. Querendo ou não, envolvia. Eles passavam, na faculdade, professor falava um pouco, e fez com que eu me interessasse mais.

Simone: Interessante que nós discutimos bastante essa eleição. E pontos muito divergentes. Mas, assim, a gente tentava entender e respeitar o que o outro achava. Divergente de qual candidato. Divergente em pensamento, ideias. A gente discutia bastante. Essa acho que foi a eleição mais consciente, porque, ela, ainda com o curso passou a questionar. As outras duas falaram assim: “Mãe, em quem você votar, a gente vota”. E eu falei que não podia ser assim, tem que pelo menos pesquisar o candidato, entrar, na internet, ver a ficha dele. Pela primeira vez fiz, nunca tinha feito. Entrei pra ver a ficha (...). Você tem que ter opinião, ver o que o candidato fez e que se acha que se encaixa.

Pesquisador: A **Lina** não? Só as outras duas filhas?

Simone: Ela não, só as outras. Mas assim, mesmo assim, com esse pensamento conseguimos fazer uma discussão boa. Acho que essa foi a primeira eleição mais consciente, com mais reflexão, com mais questionamentos.

Pesquisador: Quando discutiam na sua casa, vocês duas falaram mais ou as outras duas irmãs participavam? Seu marido também?

Simone: A gente falava mais...

Lina: Só eu e ela, praticamente. Meu pai, ele fala, mas ele é muito quieto. Ela fala...

Simone: Ele é mais no padrão militar.

Lina: Eu e minha mãe, a gente já fala... “Essa é a minha opinião”

Simone: Mas foi muito bom. Foi muito enriquecedor para a gente. A gente viu quanto a gente pesa mais de consciência, de questionamento.

Bovary: 1992 foi Collor, né? Os caras pintadas.

Pesquisador: você participou?

Bovary: Participei

Eunice: eu participei, na Constituinte, aí já era com o Padre Geraldo. Eu ia entregar panfleto mesmo para movimentos sem-terra, a gente queria incluir a reforma agrária na Constituição de 88. Então, eu panfletei muito, peguei muita assinatura, na praça, panfletando, pegando assinaturas, folhas e folhas para incluir a reforma agrária na Constituição. Fiz muito. E me lembro que nós viemos aqui, em Leme, no movimento sem-terra.

Bovary: Nós viemos aqui por ocasião da morte de um boia fria. Eu estava trabalhando num livro sobre os boias frias. E justamente morreu, caiu do caminhão. Então, não podia mais transportar boia fria no caminhão. Teve que ser em ônibus, mas antes eles eram transportados em caminhões. Então, Açúcar Amargo chamava o livro. Então, ele se inspirou, no êxodo rural, o pessoal que sai da roça, vai pra cidade, mas volta pra roça pra trabalhar e leva a boia, os boias frias, leva a comida fria, na roça, e vai, naquela época, em caminhões. E sofriam acidentes com

isso. Aqui, dois operários de Leme. Nós fomos à missa. Padre Geraldo. Foi uma missa campal, nós trouxemos alguns alunos para participar.

Bovary: antes do Collor, na verdade, seguraram Tancredo pra morrer, no dia de Tiradentes, como herói, dia 21 de abril. Nesse dia, foi decretada a morte dele. Na verdade, foi isso. Nós visitamos o túmulo de Tancredo. Fazia excursão todo ano nas cidades históricas. Passávamos por São Joao Del Rey, atrás da igreja, tem o cemitério onde tem o túmulo de Tancredo Neves. É sempre muito visitado. Na verdade, não foi coincidência ele ter morrido dia 21 de abril, dia de Tiradentes. Ele estava doente, deixaram para anunciar a morte dele em 21 de abril. Deixaram pra coincidir.

Eunice: Então, a **Bovary** foi sempre atuante.

Pesquisador: Então, só pra finalizar vocês duas: **Bovary** sempre foi atuante na sua vida política?

Eunice: Muito atuante. Ela, o marido, o cunhado. Até hoje a gente vai em casa, conversa muito sobre política.

Pesquisador: E você, **Anita**, quando começou a pensar em política. O que você lembra? Participou de algum movimento social do Brasil? Quem te influenciou?

Anita: Quando teve os Caras Pintadas, eu era muito novinha também, não entendia muito de política não. Eu vim me interessar mais por política por causa da nossa cidade do que pelo país, né? Você vê prefeito cheio de processos sendo reeleito (...) isso me indignava muito, mas o que eu me interessei, eu era muito jovem, muito jovem.

Pesquisador: E você, **Caio**, qual a influência pra **Anita** sobre as questões políticas? Vocês já conversaram algum dia? Como foi esse processo?

Caio: Ah, pelo que eu me recordo, foi mais na eleição passada e nessa.

Pesquisador: 2014 e 2018?

Caio: Positivo. E, a gente, tipo assim, tem uma formação mais simples, vinda de mãe e avó. Então, nunca se falou tanto. Era cultural de eleição generalizar: “ninguém presta mesmo”. Era gozado. No dia da eleição, pegava um panfleto no chão e votava.

Pesquisador: Você fazia isso?

Caio: Não. Minha mãe e avó. E a gente ouve dizer isso, mas isso é verdade mesmo. Pela simples questão de não querer questionar ou conhecer político. Eu me lembro... em casa nunca falou. Eu me lembro, na minha adolescência, pré-adolescência, o Enéas. Eu acompanhava o horário político. Eu gostava de acompanhar. E eu admirava muito ele. Aliás, ainda admiro. E eu fui votar só com 18 anos. Quando era opcional eu não quis. E principalmente essa eleição, acho que pra todo mundo foi muito intensa. E isso tem um lado positivo. Está trazendo uma conscientização pra todos. Natural. Eu creio que consciência política deveria ser uma coisa natural pra todo mundo. E principalmente para os políticos, porque a maioria não tem essa formação, nesse interesse. Mas acredito que principalmente nessa eleição. Apesar de termos opiniões opostas em algumas coisas, de quem apoia ou não, a gente sempre conversou de maneira sadia e ela (**Anita**) sempre foi a pessoa que mais me influenciou em questão de caráter e intelecto na família. Mas política não foi sempre não. Boa parte da minha vida não.

Pesquisador: então, você começa a lembrar, a pensar em política em 2014?

Caio: Até antes, na minha pré-adolescência, eu gostava de acompanhar o horário político. Era a época que o Enéas estava vivo ainda, e a partir daquele momento eu comecei a me interessar e ver o que eles traziam, as propostas... você consegue ver a veracidade da coisa ou não.

Anita: As músicas do Legião, de protesto, que já ouvia...

Pesquisador: Você foi influenciado pelo Legião Urbana?

Caio: eu acho que tudo influencia. A arte, a música, sim influencia na questão de pensamento. Mas, nessa época, a gente não conversava. Falava pra minha mãe e ela odeia horário político. E eu falava pra ela: “Não, a senhora tem que acompanhar, analisar, tem que ver em quem a senhora vai escolher pra votar”. E ela falava que não, que era tudo igual. Ela reduzia por igual e, no dia da eleição, ela escolhia qualquer um e votava. Até que chegou certo momento que ela passou não votar mais, quando se tornou facultativo. Não mais obrigatório. Então, ela detesta eleição. Mas acho que a gente está vivendo num momento que, apesar de crises, e apesar de extremos, de conscientização, meio natural. As pessoas estão se interessando naturalmente. E isso é saudável. As pessoas dizem que o Brasil não tem jeito, mas tem sim. É mudar a cultura do povo. Se mudar, tem jeito, e está começando a mudar. O choque de realidade.

Pesquisador: E aí, lembra-se de algum momento que despertou a pensar em política? A se interessar por política?

Anita: Naquele conversar com pessoas da família, amigos e tal assim, nas eleições de 2014 pra cá. Porque eu acho que o país ficou muito dividido ali, porque foi uma eleição que a Dilma foi eleita com 52%, então, quem votou, no Aécio, não se conformou de vê-la, no governo, porque dois ou três meses antes, junho ou julho teve todo aquele negócio de ela sair, denunciar e depois o povo ainda elegeu ela. Quem não votou ficou meio que, esperando uma falha dela pra poder pedir o impeachment.

Pesquisador: e você começou a conversar com ele quando?

Anita: que a gente começou a conversar mais foi agora, porque ele é Bolsonaro e eu não.

Caio: Mas nessa época eu votei no Aécio e eu fiquei assim, inconformado.

Anita: eu também votei no Aécio, mas que a gente vem conversando mais, inclusive a nossa família dá umas 15 pessoas e só eu e ele conversa sobre política.

Pesquisador: Sobre isso?

Anita: sobre política sim. Um ou outro até tenta dar a opinião, mas eles ainda estão muito por fora do assunto. Mas assim, se é favorável ou não, e essas coisas. Mas eu e ele, a gente conversa mais, até porque assim, eu o considero um menino muito inteligente e tento entender por que ele é a favor do Bolsonaro e eu não. Eu tento encontrar os motivos dele.

Pesquisador: E você, ao contrário, é a mesma coisa? Então, o diálogo é saudável? Vocês conseguem dialogar mesmo com posições políticas diferentes?

Caio: Já me questionaram, uma amiga minha, se eu nunca briguei. Jamais. Devido ao posicionamento, ideologia, nada. Jamais. Isso deve ser respeitado sempre.

Pesquisador: E teve alguém que te influenciou, que você lembra? Pode ser um político, alguém que você conheceu, a ter pensamentos pra votar no Aécio, em 2014, votar no Bolsonaro em 2018?

Caio: Olha, gozado, o meu critério de seleção pra voto... a gente quer escolher o melhor e vem aquele negócio de o melhor dos piores. É complicado. A gente quer, tenta pegar uma qualidade, num cara que tem umas ideias que a gente concorda também, mas é difícil, principalmente na eleição de 2014. Você vai eliminando isso aqui. Eu não queria o Aécio. Mas assim, longe de mim, eu sou contra o PT e respeito quem é a favor, mas assim, pra mim, é o câncer do país. Mas, é o menos pior e votei nele. Mas quem me influenciou, eu acredito, principalmente pela genialidade dele, foi o Enéas, com certeza. Ele era um absurdo.

Pesquisador: então você escutava e gostava de ver o Enéas?

Caio: Sim, tanto que depois eu fui me interessar, buscar vídeos mais antigos ainda, vídeos do final dos anos 80, onde as pessoas debochavam dele. Um cara extremamente... O que tem de errado em ser letrado? O cara era extremamente preparado e as pessoas riam dele. Eu concordo plenamente, ele criticava o Lula porque tem que ter preparo para ser presidente. Quanto mais, melhor. O cara não tinha nada e as pessoas debochavam dele no final dos anos 80.

Yael: Não, é porque não era... Mas eles fizeram questão de votar. Minha mãe e meu padrasto com 88 anos, não precisava votar. Mas ele civicamente achava que tinha que votar, porque era um momento de mudança. Acho que essa última eleição determinou a visão de mudança, não é? A gente quer... tem alguém tentando fazer alguma coisa, porque não aguentava mais a situação. Não vai conseguir fazer muita coisa, mas, na realidade, depositou uma esperança. Então...

Pesquisador: vocês têm essa mesma sensação? De que essas eleições 2018, o que imperou foi esse espírito de mudança? Temos que mudar?

Caio: Acho que sim.

Pesquisador: e na sua casa também não discutia política? Agora, em 2018? Como que era a situação? Vocês tinham lados diferentes, pensavam parecido?

Yael: Eu acho que não tinha. Acho que ia todo mundo pelo mesmo caminho. Não tinha discussão. Acho que não era um assunto... não sei, eu não percebo, na minha vida, como segundo interesse. Pra mim não é de interesse. A priori, não é tanto interesse como para outras pessoas. Pra mim, é um assunto do dia a dia, mas nada de ficar defendendo ponto de vista. Eu

sou bem mais passiva, prefiro ser ativa em outras áreas, mas isso pra mim, pra minha formação, não faz muita diferença.

Pesquisador: mas você sentiu diferença trabalhando, no serviço público, quando era governo do PT?

Yael: sim. Sim. Eu peguei... o PT foi difícil pra gente, não foi fácil. No geral, havia boas ideias, no começo, eu achei que era o Salvador da Pátria, como hoje é o Bolsonaro, acho que o Lula foi Salvador da Pátria na hora em que ele entrou lá. Era um movimento pobre, então ele veio fomentando à beça, as coisas da camada mais baixa, mas depois, o que aconteceu, aquele monte de gente pedindo, aquela colcha de retalhos, dava um pouco pra cada um, então, os programas que eles tinham na área de saúde, ele entrou e mudou do ponto de vista, a meu ver, pra pior. Ele entrou na parte da agricultura, que é minha área de atuação, onde eles fizeram uma sacanagem alucinante, ou seja, eles fomentaram e mudou. E é o que mantém o país, o produtor. 70% é produtor familiar, eles fomentaram para os caras produzirem, o governo comprava, pagava direto. Aí foi agricultor querendo vender mais, fazendo financiamento em cima, quando chegou nesses últimos, acho que, na eleição da Dilma, cortaram os programas. Deixou o agricultor cheio de conta pra pagar, sem ter pra onde vender. Então, eles... não era pintura. Eles pintaram o horizonte que eles não conseguiram manter. No meio do jogo, eles mudaram as regras. Assim como outras coisas, entendeu? Então, por esse motivo eu fiquei muito desacorçada. Eu vi que não é o salvador. Tanta corrupção. Sempre houve, mas você percebia que havia uma ganância exacerbada, até do pessoal do baixo calão, como eu falo, eu sou do baixo calão, percebia que tinha uma ganância alucinante, mas não combinava com o clima. Então, eu fui criando o meu modo de viver, sabe? Eu não quero isso pra mim.

Pesquisador: e você começou a sentir esse distanciamento do governo PT em 2014?

Yael: Sim, sim. Estamos em 2018? Eu entrei, na Prefeitura, em 2008, então foi. Eu ainda peguei uns anos do **W**²¹, depois entrou o Paulo B²², aí foi nessa época, que trabalhando diretamente, dentro da... você vai... Num microuniverso, não tô falando Brasil, tô falando num microuniverso, mas, na realidade, um microuniverso é o reflexo dos partidos maiores. Então, tudo que você vê acontecer aqui, sabia que acontecia lá fora. E aí, por esse motivo, eu fui me distanciando. Prefiro fazer a minha parte, ter a minha opinião. Espero que esse atual presidente

²¹ Atual prefeito da cidade

²² Antigo prefeito da cidade

consiga organizar um pouquinho. Ele não vai conseguir fazer nada, porque está tudo sem dinheiro, tudo ferrado. Mas, na realidade, ele traz nessa posse dele, nesse governo, ele traz a esperança para, pelo menos, metade do país. A esperança de pelo menos tentar. Ele vai conseguir? Não, ele vai ter muita coisa contra, mas, na realidade, ele tem uma força de metade do país acreditando que seja diferente. Ele vai errar, não vai ser de uma vez, porque o próprio cidadão é corrupto, o próprio cidadão é sem vergonha. Então, a gente, não é só o governo, a gente somos corruptos. São as corrupções diárias que a gente acaba se permitindo, né? E aí, lá na frente você vai vendo. Então, ele vai se deparar com tudo isso. Mas pode ser que haja uma esperança no fim do túnel. A mudança é essa. Mas, em casa, a gente não teve discussão, de política, não me lembro.

Vários discursos entre as diferenças do que os participantes dos grupos focais viviam em passados recentes e distintos e a forma que eles vivem e enxergam hoje. Essas vivências em grupo, como coloca o sociólogo Halbwachs (1990), podem reconstruir as lembranças, criar representações das memórias sob a percepção de outros membros do grupo, fortalece a revitalização, mesmo que não seja o fato histórico puro, das memórias. O autor coloca que “a lembrança é [...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente...” (p.76).

Nesse ponto, ressaltar nesta tese, os pontos de encontro entre as memórias do grupo em temas do passado político e o que os eles vivem, no presente, potencializa nossas análises da importância da memória e as trajetórias de vida em diálogos intergeracionais.

Mesmo em discursos muitas vezes (des)conexos, eles apresentam os seus cotidianos e suas formas de fazer conexões com a sua realidade, como se tivesse criado identidades em seus pares e construído as lutas e significados de pertença. Pelas poeiras das memórias, é possível trazer à tona várias inquietudes e encontros. Um ouvido sensível para com o narrador, como descreve Bosi (2004), pode fazer com que o sujeito potencialize suas conexões e significados entre passado e o presente. Assim sendo,

... com base em suas memórias, podemos dizer que conhecer o passado aumenta o poder de intervenção, ou seja, potencializa as ações coletivas do presente, uma vez que a memória política permite reconhecer aquilo que ficou nos “subterrâneos” da história como algo perdido, velado, escondido irrompendo no cotidiano e tornando visível “a ótica dos vencidos”, comumente privada de visibilidade pela memória oficial. (ANSARA, 2005, p.355)

A vida cotidiana é dialética, há processo de dominação, porém, também há rebeldia e revolução, ou seja, não existe uma submissão perfeita, nem mesmo em uma sociedade burocratizada. É importante, então, que é nos cotidianos que os sujeitos adquirem concretude em sua existência, cria pertencimento e edifica as transformações sociais. (HELLER, 1975)

A autora acima citada traz a necessidade de homogeneização como resistência à heterogeneidade, os coletivos que se identificam para a participação política, ou seja, ampliar as veredas da nossa concentração em atividades que vão além das individualidades, esvaecendo nosso eu-particular e apoiando o conjunto, o todo, superando o processo de cotidianidade.

A construção argumentativa e as trocas, nos grupos focais intergeracionais, mostram-se como um instrumento que busca, nas frestas das falas, achar o “mercúrio” que liga uma memória com a outra, ou seja, alianças que possam proporcionar resistência e pertencimento, algo como: “Não estou falando sozinho”, ou como traz a participante Yael: *Mas ele civicamente achava que tinha que votar, porque era um momento de mudança*”. Sandoval (1994) traz a noção de “Universo simbólico” de Berger correlacionando-o à hegemonia de Gramsci e ideologia de Marx, o autor traz a ideia de “estilo cognitivo” no qual os sujeitos recorrem a um conjunto de referências que enveredam e dão base à vida ordinária divergente, ou seja, vão criando repertórios de conhecimentos que os impulsionam a avaliar as suas experiência para a hegemonia, como já citado. Portanto, as falas que vão se encontrando entre os participantes do grupo focal é uma forma estrutural que cria condições para a formação da consciência política e a oxigenação da memória política.

Vemos, então, a importância do cotidiano, na construção da consciência política, discutir os movimentos sociais e as eleições de 2014 e 2018 e os tons de esperança e de desejo de mudança fazem com que os sujeitos vão se ligando e se desligando, se estreitando ou se distanciando em possíveis realidades, pois se permanecem enclausurados em seus fazeres diários, os sujeitos tendem a naturalizar os sistemas de dominação e de poder. Quando dizemos isso, podemos pensar a relevância em construir espaços que possam gerar pertencimentos, conflitos, identidades e realidades possíveis, que possam ser problematizadas, como nos diz Sandoval (1994):

“Argumentamos neste estudo que é precisamente esse tipo de interrupção da estabilidade da vida rotineira no trabalho, na vizinhança, e nas instituições, provocada pela crise econômica e pelo desgoverno político, que aciona a mudança da consciência política”. (p. 63)

Podemos entender, então, que os obstáculos a serem enfrentados pela consciência política é o processo de fragmentação, ou seja, a fragmentação impede a ampliação e a visão das relações sociais, da entrada dos sujeitos nos campos políticos, econômicos e históricos, mantendo a classe operária benévola e pouco participativa. (SANDOVAL, 1994)

Os sujeitos dos grupos focais, em suas histórias e formas de estreitamento, nas relações e nas realidades, vão justificando as formas pelas quais vão edificando a sua identidade coletiva, suas crenças e quais injustiças levantam bandeira, e, no campo da política, vão tentando encontrar estratégias, às vezes, “messiânicas” para que as suas ideias tenham movimento e concretude, e, muitas vezes “*a gente quer escolher o melhor e vem aquele negócio de o melhor dos piores.*” (Caio), precisam se entrelaçar com sujeitos que não tenham tanta afinidade, ou, que, ao menos, se aproximam do seu projeto de realidade.

Continuamos a discutir as posições políticas e o encontro intergeracional de outros sujeitos do grupo:

Pesquisador: Agora você, **Ruti** e **Larissa**, como é a conversa entre vocês? O que você lembra, **Larissa**, sobre as conversas sobre política na sua casa? O que te recorda?

Larissa: Desde muito nova, desde que me conheço por gente, sempre ouço meu pai e minha mãe falando de política. Eles sempre falaram os assuntos que estavam decorrendo durante o momento, durante o ano. E também, na época de política, eles sempre debatiam, sempre ouvi muito eles debatendo sobre a proposta de cada político. Tanto os políticos municipais, tanto quanto presidente, governamentais. Então, sempre ouvi. Isso sempre foi muito presente na minha vida. Mas eu comecei mesmo a me interessar por política foi há uns quatro anos, acho que foi, no último que teve, onde o PT foi ganhou e depois ela sofreu o impeachment. Aí foi aí que comecei a me interessar, a entender o que era política, comecei a entender o que cada um fazia, porque até então eu só sabia que existia presidente e prefeito. Aí depois que eu fui começar a entender. Mas eles sempre falaram de política na minha casa. Sempre mesmo.

Pesquisador: Eles perguntavam muito, **Ruti**? Nessa época? Ela deveria ter 13, 14 anos. Perguntava muito sobre o que estava acontecendo no Brasil?

Ruti: Perguntava. Perguntava sim. Ela sempre esteve muito atenta, acho que essa história de mãe e filha sempre ser muito próxima, então, ela sempre queria ouvir a minha opinião. E às

vezes meu marido, pai dela, dava opinião, mas ela sempre vinha: “mãe, mas você acha isso?” Então, eu sempre procurei passar a informação de uma maneira bem... passando a informação mesmo, sem manipular os pensamentos dela. Tanto é que a gente diverge em alguns pontos. Mas ela sempre foi muito curiosa.

Pesquisador: As explicações que sua mãe te trouxe há quatro anos te auxiliou a pesquisar mais? Pensar mais sobre política? Conversar com seus amigos sobre?

Larissa: Sim, ajudou bastante, porque eu não sabia, não tinha nenhuma noção do que era política, então, quando comecei a conversar mais com ela sobre isso com a minha família eu comecei a entender um pouco mais e aí isso me fez pesquisar mais, procurar entender quais eram as propostas de um e de outro, isso me ajudou bastante.

Pesquisador: E quando você pesquisava, você pesquisava, na rede social, na internet?

Larissa: sim. Em sites, nunca pesquisei assim em livros, mas também nunca foi uma fonte só. Pesquisava em vários lugares, opiniões diferentes. E isso me ajudou bastante.

Pesquisador: Na escola, vocês discutiam política?

Larissa: Sim

Pesquisador: Os professores traziam algumas pautas para serem discutidas?

Larissa: Sim. Bastante. Ano passado, principalmente. Eu tinha uma professora de história muito boa, então, ela sempre passava todas as informações, tudo que a gente precisava saber sobre política. Passava fatos históricos de antigamente. Falou que a ditadura foi algo horrível. Como ela passava para gente que era algo horrível, que as pessoas sofreram, que tudo era regrado, que todo mundo tinha que obedecer ao governo. Só que, tipo assim, em minha opinião, na história, eles só passam os fatos... eu sei, eu concordo com tudo que ela passou, só que só as partes ruins. Então, eu penso, será que não teve nada bom, na Ditadura Militar, que pudesse também ajudar? E sempre, em história, eu nunca ouvi uma coisa boa.

Entre as várias conversações decorrentes dos temas dos Grupos Focais, a ditadura teve grande destaque; um destaque controverso, paralelo e discrepante. Flutuava por todos os assuntos e visitava a voz de alguns participantes algumas vezes. Memórias políticas, memórias

do que se ouviu e memórias esquecidas deram uma cor avermelhada de dor e uma cor esverdeada de farda.

Pesquisador: E você, **Ruti**? O que passaram para você sobre Ditadura Militar? E o que vocês conversam sobre Ditadura Militar?

Ruti: Então, eu sou filha de analfabetos. Eu falo assim, muito de boa disso, porque o que eles me ensinaram nenhuma universidade poderia me ensinar. Meus pais me passaram muita coisa boa. Porém eu sou filha de analfabetos, morava, na zona rural, então, por isso eu me preocupo em não deixar meus filhos sem respostas. Porque eu não tinha respostas. Eles não tinham respostas para me dar e eu sempre fui muito curiosa. Então, eu via alguma coisa, na TV, até tem algumas perguntas assim, que eu lembro que eu perguntava que eram tão óbvias e a minha mãe não sabia responder. Porque precisava de conhecimento, precisava um pouquinho de conhecimento, de letra, de livros e, então, eu me preocupei sempre em dar informações para os meus filhos. Mas, na minha casa, eles não tinham informação, então, a política era bem superficial. Era muito superficial. Pelo contrário, eu era muito nova e tinha que buscar informações, porque eu que ajudei a minha mãe a escrever o nome dela, para assinar o nome, então supermercado era eu quem lia embalagens, porque a minha mãe é bem mais velha que eu. Então, aí já começa o conflito geracional. E minha mãe é do tempo que a gente fazia compra em armazéns, então precisava de muita informação. Chegava pro dono do armazém, passava a lista e marcava na caderneta.

Bovary: O tempo da caderneta.

Ruti: Isso, a caderneta. Honestíssimo...

Bovary: Marcava e pagava no final do mês.

Ruti: Aquela coisa do pai dela que comprava na mesma venda que herdou para o filho e aquela coisa toda. Então, quando tinha oito ou dez anos eu que ia, no mercado, com a minha mãe, lia embalagens. Enfim, com relação à política, foi um muito superficial na minha casa. Tanto que, na época da ditadura, meus pais eram agricultores. Então, eles não viviam isso. Acho que o confronto maior em relação a isso, a ditadura foi com o meu marido. Que é o pai dela. Porque ele viveu em SP, ele era mais velho que eu, ele tem 62 anos, então ele viveu, em SP, na época

da ditadura e teve experiências boas, por incrível que pareça, ele teve experiências boas. Então, ele tentava passar para as crianças o lado bom.

Bovary: Ele era militar?

Ruti: Não. Não era. E aí tentava passar o lado bom e eu sempre falando para eles: “Busquem conhecimento, busquem conhecimento”. Acho que é por isso que eles ficam assim: “Mas teve algo bom?”, porque eles ouviram algo bom desse período. Então, aí entra todo esse início de informação, os professores, os livros, o pai...Enfim, vai formando a opinião deles.

Larissa: tinha bastante discussão na minha sala. Tinha bastante, eu via assim que, na verdade, na minha sala, a maioria das pessoas tinham o conhecimento segundo o que o professor falava. Não que eles buscavam, a conversa entre família... era o que o professor falava que eles acreditavam. E em minha opinião, a gente tem que buscar mais conhecimento. Claro que eu não discordo do professor, porque se ele está ali, ele tem capacidade suficiente de passar a informação. Mas a gente sempre tem que buscar conhecimento a mais. Então, eu via assim, que tudo que o professor falava eles concordavam. E eu sempre fui diferente. Eu concordava, mas eu buscava algo a mais para saber se realmente era isso ou se eles estavam tentando manipular a gente de uma forma diferente. Mas sempre teve debate, na minha sala, e eu sempre fui meio contrária, sabe? Eles falam uma coisa, eu falo outra. Mas, na maioria das vezes, a gente sempre concordou nos fatos.

Os participantes se encontram e desencontram em suas memórias, experiências e formas de encarar o mesmo tema. Como se ventos soprassem a favor e contra; mar calmo e às vezes bastante agitado; voz trêmula tentando respeitar a fala do outro, e, ao mesmo tempo, se segurar para dizer o que lhe trouxe dor, medo e muita resistência.

Trabalhar com as memórias envolve processos subjetivos do que cada participante tem sobre os entendimentos do tempo presente e o que se escutou e viveu no passado. Entre os processos de construção da memória, encontramos atores, testemunhos, relatos, entre outros. A história tem definições extremamente móveis, como eventos chaves e rupturas, lembranças vivas ou supervisionadas por oradores, ou memórias coletivas que vão dando contorno à história e aos fios do presente. Hobsbawm (1993) discorre que o presente é um período em que os eventos produzidos trarão necessidades dos historiadores reverem e ressignificarem o passado, dar-se conta das perspectivas e um reolhar os períodos, ou seja, utilizar das questões históricas

discutidas, hoje, para trazer luz ao passado, muitas vezes, esquecido ou deixado de ser revisitado.

Quando discutimos sobre a memória política da ditadura militar, é sentido que as falas de alguns participantes carregam dores, agruras e talvez traumas. Essas sensações confrontam e divergem entre as memórias do grupo, os documentos e a do próprio pesquisador que, em muitos momentos, se tornam o “Caronte”²³ da memória vivida para circular, no tempo presente, pois, muitas memórias precisavam ser esquecidas para que a vida pudesse continuar de alguma forma. Eles também têm o direito de esquecer.

Nesse sentido, trabalhar com as memórias políticas é um desafio para o pesquisador como para o grupo e seu andamento, é sempre importante ter um trato delicado, mas, não negligenciado, pois, os elementos que as narrativas carregam vão construindo história, consciência, assume posição, conflitua e resiste como uma memória política de militância, como nos é apresentado por Pollak (1989):

Esse fenômeno, mesmo que possa ‘objetivamente’ desempenhar o papel de um reforço à corrente reformadora contra a ortodoxia que continua a ocupar importantes posições no partido e no Estado, não pode, porém ser reduzido a este aspecto. Ele consiste muito mais na irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente. Essa memória ‘proibida’ e, portanto ‘clandestina’ ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação. O cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, urna vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades. (p.05)

Iamamoto (2017) traz que identidade e memória partilham tensões entre as narrativas pautadas e estruturadas e outras maleáveis solúveis. A memória de maneira compartilhada faz parte da base da identidade coletiva e se apresenta em muitos momentos como parte central das

²³ Caronte, filho de Érebo e da Noite, era um deus velho mas imortal. A sua função era transportar para além do Estige e do Aqueronte as sombras dos mortos em uma barca estreita, feia e de cor fúnebre. Era não somente velho mas também avaro; não recebia na sua barca senão as sombras daqueles que tinham tido sepultura e que lhe pagavam a passagem. A soma exigida não podia ser menos de um óbolo nem superior a três; por isso os parentes punham na boca do defunto o dinheiro necessário para pagar a sua passagem. <https://www.mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/caronte-o-barqueiro-do-inferno/> acesso e 18 de Junho de 2019

relações de grupo e de reconhecimento de um e de outro. Elas podem parecer conjugadas com memórias coletivas que podem projetar o futuro ou figurar dentro do presente, dando alicerce e manutenção às formas de lidar com a realidade e com os cotidianos, com princípios morais, éticos e políticos. Sobre a ditadura, o falar e relembrar os fatos ocorridos, no Brasil, no período de 1964 e 1985 – espaços como a comissão da verdade, estudos acadêmicos, músicas, documentários e filmes potencializam esse processo – faz com que os sujeitos, não apenas do grupo focal, possam criar uma política da memória e uma memória política, entretanto, para esse processo se entranhar, nas memórias sociais, faz-se necessário deixar circular para que as memórias possam ser conversadas e discutidas. Pollak (1989) diz que as memórias traumáticas deparam-se com dificuldade em interagir e entrelaçar com as memórias coletivas da nação, criando fronteiras entre o que está dito e o que ainda está por dizer, no entanto, essas memórias subterrâneas precisam e conseguem invadir o espaço público:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (p.08)

Sandoval e Silva (2016) citam que a memória influencia como o presente é apreendido e como vamos nos encaixando e nos entrelaçando nas decisões de agir coletivamente e nas participações políticas, ou seja, a memória tem um papel importante para a construção de futuro, como já nos alertado por Bosi (2003). Ela, a memória, participa do campo psicopolítico e traz pelas narrativas, uma realidade concreta e simbólica.

Ansara (2008), em sua obra sobre a memória e a luta política dos movimentos sociais populares, ressalta que as memórias se apresentam de diferentes maneiras e fazem parte de uma disputa política entre diferentes grupos, em nosso caso, em grupos intergeracionais. A autora compreende que as memórias circulam, como fios “desencapados” que se mantêm vivas por meio da sua circulação em narrativas e silêncios, silêncios esses, muitas vezes, criados para gerar uma sociedade que esquece e que constrói outras memórias com bases muito mais frágeis, então, “é necessário analisar principalmente os mecanismos que podem ter levado as pessoas ao esquecimento: traumas, propaganda ideológica, influência da mídia, na formação de opinião sobre a repressão, bem como as políticas da memória estabelecidas no período de democratização”. (p. 25)

Isso posto, podemos expor que a memória figura como meio de conscientização, e traz aos sujeitos a possibilidade de recuperação histórica que é fundamental para a construção de novos projetos sociais, rompendo com padrões estabelecidos para uma sociedade do esquecimento e ampliando a circulação de traços simbólicos de memória em diferentes gerações, como nos coloca Pollak (1989):

“A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”. (p.03)

Ansara (2008), pautada nos referenciais teóricos de Gamson e Sandoval, traz para a discussão a memória coletiva, que se apresenta como a continuidade do passado o presente, organizando dados e movimentando as movimentações do presente, levando os sujeitos a reorganizarem sua consciência política por meio das memórias e agirem coletivamente, construindo, então, uma memória política atuante e resistente ao projeto de esquecimento. A autora coloca que a memória coletiva está atravessada pela consciência política e tem implicações íntimas com o comportamento político dos sujeitos, as relações que estabelece com seu grupo social, sua classe social, valores e juízos de valores, seu pertencimento e suas formas de perceber e lidar com os cotidianos, e isso influencia a construção da sua consciência política. Como a própria autora diz:

... perpassamos pelas dimensões da consciência política proposta por Sandoval, visto que este processo nos possibilita perceber antagonismos, provocar sentimentos de justiça e injustiça, avaliar a capacidade de intervir na realidade, despertar nossa vontade de agir coletivamente e estabelecer metas de ação que possam gerar, de fato, uma ação coletiva em vistas da transformação social. (Ansara, 2008, p.60)

Nesse caso, podemos observar que, na fala dos sujeitos dos grupos focais intergeracionais, temos um misto de memórias que se chocam, dançam e se misturam, no ar das narrativas, e, ao mesmo tempo, fios de memória coletiva que não estavam conectados dentro dos campos simbólicos da construção da consciência política, fazendo com que assunto como a ditadura militar seja discrepante, nos autos da história e na experiência vivida de alguns participantes. Já em outro caso, temos alguns jovens que, pelo fato de terem convivido com a história oral da ditadura, tem outra forma de lidar com a temática e se entrelaça a esses fios da

memória coletiva e consegue trazer sua consciência política engajada em movimentos sociais que buscam não o esquecimento, mas a ampliação da memória como campo político, criando identidades coletivas, crendo e não sendo indiferente nas injustiças sociais que o passado também nos traz hoje. Claro, não podemos esquecer que o outro lado que tem uma posição diferente da ditadura militar também corrobora com memórias políticas, e, que se sustentam por fios coletivos, mas, quando trazem para circular, no grupo, há uma escassez do vivido e da narrativa da experiência, e, por vezes, um tema tão espinhoso como a ditadura militar é visto com um período fértil no qual apenas pessoas que não andavam, na linha, eram capturadas, deportadas, torturadas e, às vezes, mortas. Ou seja, nem todas as formas de memória e consciência política sugerem uma capacidade de o sujeito em intervir e sustentar uma eficácia política, e, muitas vezes, nem a vontade de agir coletivamente para ações que transformam o *socius*. Nesse ínterim, encontramos em Jelin (2002) como as memórias estão em disputas e como algumas são lembradas e outras esquecidas ao longo do tempo:

La dinámica histórica de la memoria entonces, requiere ser problematizada y estudiada. La ubicación social de los diversos actores y sus sensibilidades, la conformación del escenario político en el que están insertos, y las luchas de sentido. en las que están embarcados, son algunos de los elementos que ayudan a explicar estos cambios de sentido. [...] La cuestión de La memoria no es hay un acontecimiento, que inmediatamente, se lo esclarece un poco, y cincuenta años después mucho más. No, es la configuración que cambia. (p.70)

Seguimos com as falas dos participantes nos encontros intergeracionais e nos processos de memória e de consciência política.

5.3.4 Intergeracionalidade e consciência política: A memória como fio condutor

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
(Chico Buarque)*

Pesquisador: Cecília e Tatiana, como é a conversa política entre vocês? **Tatiana,** você tem uma memória não só recente, mas antiga, de discutir as questões políticas com a sua mãe, ou a sua mãe teve envolvimento com movimento social que despertou em você uma vontade de entender mais sobre isso?

Tatiana: assim, minha mãe falou sobre. Sou filha caçula de três e minha mãe sempre trabalhou muito, ela trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Então, eu via minha mãe, nos finais de

semana e nos intervalos desses períodos. Infelizmente, a gente se via pouco. Então, quando eu era pequena, eu não tenho memória muito nítida sobre essas questões, mas conforme eu fui crescendo, minha mãe é Professora e me deu aula inclusive, ela sempre foi muito Caxias, eu acho, cobrava muito, mas de um jeito assim velado, na escola, era minha Professora, não era minha mãe. Ela me dava aula. Eu era aluna e ela era professora. Aí chegava em casa, lógico, mãe professora. Ela falava: “eu dei aula e você vai fazer o dever”. Era bem assim, e quando tinha que falar de algum assunto específico de política, ela nunca, ela dificilmente dava a opinião dela sobre o assunto, exato assim, induzia pela opinião. Ela falava: “olha, isso é assim, assim e assim. Você precisa ler. Dá uma busca, tem livro aqui, dá uma olhada”. Ela sempre meio que falava desse jeito. Isso quando eu estava com uns 13 anos, que ela começou a me dar aula. Aí, conforme eu fui crescendo, a gente foi conversando mais sobre as coisas, discutindo mais e hoje a gente discute muito sobre política em casa. Muito, muito, muito. E, conforme eu cresci, eu fui formando opinião por outros fatores, faculdade, conhecendo pessoas e a gente acaba até divergindo em algumas opiniões hoje. Só que é uma discussão saudável, porque, querendo ou não, ela me acrescenta e eu acrescento a ela e aí a gente vai....

Pesquisador: Pensando na cronologia, você trouxe 13 anos, então, foi, em 2005, mais ou menos que ela começou a te dar aula e por que a curiosidade em discutir política com ela? O que estava acontecendo? O que você lembra?

Tatiana: a gente começou a falar um pouco sobre política, eu era bem novinha, foi antes de 2003, ela não me dava aula. Foi quando teve as torres gêmeas em 2001. Aí a gente começou a conversar um pouco. Mas ela só foi me dar aula lá pela sexta série, aí que ficou mais intenso.

Pesquisador: Você queria entender o porquê do atentado com os aviões?

Tatiana: Isso, depois disso teve a ALCA também, em 2004, e eu lembro que tinha trabalho da escola pra fazer sobre e eu falava: “Mãe, mas eu não entendo”, e ela tentava me explicar. Eu lembro que tinha que apresentar um trabalho, na escola, sobre um desenho dizendo sobre o que seria a ALCA, caso o projeto tivesse sido aprovado e tal, aí ela tentava explicar. Eram coisas meio abstratas pra mim porque eu estava na quarta-série. E ela tentava explicar e a gente já começava a discutir um pouco o que era política. Já era muita coisa porque a ALCA era complicado para uma criança. Foi assim e hoje a gente discute pra caramba, dá até briga.

Pesquisador: E hoje vocês têm mais tempo pra discutir?

Tatiana: Sim, hoje tem mais tempo.

Cecília: Porque eu aposentei do Estado, então eu tenho só um cargo agora, então dá mais tempo. Então, com relação à **Tatiana**, eu não sei se tenho influenciado os meus filhos por causa da própria vivência minha em relação a minha área de atuação profissional. Porque eu sou Professora de Geografia. E Professor de Geografia só fala em política. Então, eu me lembro que, na escola, a gente fez inclusive um teatro, duas vezes, sobre um texto que saiu, no jornal, e que foi apresentado, no dia das mães, enfim, falando sobre os muros. Começou uma discussão muito grande sobre a separação de culturas. Muro em Israel, no México, muro no RS, queriam fazer um muro pra separar a parte pobre da parte rica de uma região lá e a gente fez uma dramatização em torno de um texto que eu li, no jornal, e eu participei de movimentos sociais, sempre me envolvi com questões radicais, já fui a manifestação pra defender o direito dos professores na Paulista.

Pesquisador: Recentemente?

Cecília: Recentemente

Pesquisador: Da APEOESP, que teve violência, tropas e balas de borracha?

Cecília: Foi.

Bovary: Desde que eu ingressei, o governador era o Maluf, era o governador biônico, porque nós estávamos, na ditadura militar, e não se votava pra governador, mas o Maluf era governador de SP e eu lá, em Santo André, inocente, de 64 a 68 não existia ditadura militar, onde eu dei aula como professora substituta, o diretor apenas, em 64, em fevereiro, eu tinha 18 anos, o diretor falou: “gente, tem mais um feriado para comemorar. 31 de março agora tem que hastear a bandeira e cantar o hino nacional. Era o feriado da revolução de 64”. Mas foi uma revolução que ninguém viu, no interior principalmente, que não tinha televisão. Ficou isso, tem mais um feriado pra cantar o hino nacional, pra hastear a bandeira. Tinham professores de Pirassununga, efetivos, dois professores, lá em Porto Ferreira, mas eram de Pirassununga, onde tem o exército, AFA, nunca comentou nada sobre. Na televisão, que eu não tinha. O máximo que eu assisti, em 66, foi a Jovem Guarda na casa do vizinho. Então, eu só fui tomar conhecimento da revolução em 68, quando eu fui pra Santo André e fui fazer o cursinho, no segundo semestre. Aí que os professores que eram, de SP, estudavam na USP, que traziam as informações, quando

os alunos do Mackenzie invadiram a PUC e a USP. Quando eu estudei, em 71, já era lá nas Colmeias, na cidade universitária. Mas antes era no centro da cidade, perto da Consolação.

Cecília: Então, eu presenciei muita violência contra professores e, realmente, eu vi essa violência e paralela a ela, eu vi policiais ajudando professores a atravessarem a rua. Então, é uma coisa que choca, porque você vê que vai muito do ser humano algumas atitudes, embora reinasse violência. E grupos infiltrados, para depois sair, na mídia, que eram os professores que estavam vandalizando, mas não eram os professores, que estavam seguindo as normas, enfim, isso é uma luta para beneficiar todos os professores do Estado e muitos, inclusive colegas, acabavam entendendo que isso era uma perda de tempo, ou seja, se acomodam, aceitam tudo e acha que está certo. Então, ser resistência é uma coisa complicada, porque exige certo conhecimento e desprendimento para você lutar, inclusive, por aquele que não se move. E que ele acha que está tudo bem. Recentemente, eu fiz, lá na cidade, uma audiência pública para atualizarmos os professores sobre a BNCC, foram pouquíssimos professores, mas é de interesse para toda a categoria. Eu faço parte do conselho municipal de educação, a secretaria de educação me proibiu de divulgar a audiência pública nas escolas. Para você ver o nível, ela trabalha, na educação, e não defende o professor. E não defende o professor, então é uma situação extremamente contraditória que a gente vive na cidade. Então, você vê na sala de aula professor reclamando que está sendo explorado, que está ganhando mal, ou que a atribuição de classe não foi justa, uma série de injustiças, mas que ele não se posiciona de uma forma correta para reivindicar aquilo que considera seu direito. Isso, a meu ver, que me traz um atraso. A gente vê a parte intelectual, ela é muito dividida, essa categoria de professores. Ela é muito dividida entre aqueles que falam que isso está bom e aqueles que querem mudanças. É isso que eu tenho visto no meu trajeto sindical. Com relação à minha formação, eu comecei a trabalhar bem tarde, porque a minha vida também não foi fácil. A minha família era muito pobre, meu pai trabalhava, na indústria, e eu só pude fazer faculdade depois que eu me casei. Que eu já tinha dois filhos. Então, eu morava em Goiás, para eu estudar, na época do Collor, eu tinha que ir do sítio pra cidade na carona do leiteiro com outras pessoas, que também pegavam carona nesse caminhão de leite e voltava tarde, com alguma outra carona. Porque, era o único jeito que eu podia fazer faculdade e ainda foi bem engraçado, porque quando eu fui prestar esse vestibular lá, porque eu estava sendo extremamente infeliz com a vida que eu levava, o meu marido falou para eu esquecer que eu não ia conseguir passar. Aí eu fui tão bem, fui a décima classificada num grupo de cento e poucas pessoas. Eu ganhei Bolsa de estudo, na faculdade, que era uma fundação em Rio Verde. Aí eu comecei a estudar nessa faculdade e, no segundo ano, a

professora de didática me convidou pra dar aula na escola dela. Ela tinha uma escola particular na cidade pra sexto ano. E foi aí que eu comecei, foi na época da eleição do Collor que eu estava em Goiás e eu me lembro dele parar a avenida e a mulherada toda batendo palma, subindo no caminhão pra tirar foto, beijar e tudo e ele lá. E aquela rivalidade da eleição entre Collor e Lula. Enfim, eu passei por essa fase morando, em GO, e pela própria formação, a gente estudava política. E a minha origem, embora humilde, a minha mãe era uma pessoa que lia muito, ela era leitora, morreu leitora e ela fazia a gente, fez com que eu adquirisse esse hábito da leitura, então eu fui passando a ser, tirando as minhas próprias conclusões de tudo a partir das coisas que eu lia. Que ela me incentivava, embora ela fosse...desse meio de informação. E aí, minha vida foi essa, trabalhando a vida inteira três períodos, criando três filhos e fazendo tudo para que eles entendessem, que a gente é trabalhador, independentemente de ser professor, dentista, médico... somos trabalhadores numa sociedade de classes e que a gente tem que aprender a respeitar o próximo, a gente tem que valorizar o trabalho. Foram coisas que eu fui explicando pra eles ao longo da vida.

Pesquisador: E dentro das explicações, quando começou as manifestações a **Tatiana** não lembra do Collor, mas lembra das eleições de 98, 2002? Essa época você conversava com a **Letícia** sobre o que estava acontecendo no Brasil?

Cecília: Conversava muito superficialmente, porque eu não tinha tempo mesmo. Trabalhava três períodos, eu mal tinha tempo de comer mesmo e voltar pra escola. Mas assim, essa questão de direita e de esquerda, porque essa questão de ser liberal também ela está fazendo parte de um contexto histórico, porque quando você estuda a história da humanidade, por exemplo, você vai analisar os feitos das partes, você vai ver que é liberal, que nadou contra a nobreza, que era conservadora, mandou decapitar o rei, fez a reforma agrária, certo? Criou o banco central da França, uma moeda, construiu a indústria. Esse foi Napoleão Bonaparte. Se hoje a gente falar em reforma agrária, no Brasil, vão nos chamar de comunistas. As pessoas não entendem que a reforma agrária é uma justiça social, porque está na Constituição. Por que se admira tanto a França e os países da EU, no geral, onde predomina a pequena propriedade agrícola, inclusive com produção artesanal, enquanto que, no Brasil, se tem tudo para fazer uma reforma agrária, preservar a cultura, as tradições do povo e não se faz isso. E quando se quer fazer, esse que admira a sociedade francesa fala que brasileiro é comunista, como fizeram com João Goulart. Na verdade, essa é uma questão de justiça social, sendo que nós evoluímos de uma forma de organização de capitania hereditárias, na origem do grande latifúndio, privilegiando alguns, e

a gente faz uma comparação com as sociedades que nós consideramos modelos, como os EUA ou os países da UE onde predominam pequena e média propriedade em centros e, nos EUA, é tudo de acordo com a latitude e longitude, as delimitações das terras e todo mundo quer ser como os EUA, mas não aceita o mínimo que é fazer a reforma agrária e tirar o poder dos latifundiários. E aí quando a pessoa fala isso, ela é considerada comunista, no sentido não de fazer justiça social, porque nós temos uma grande dívida social. Comunista no sentido de querer tipo: “olha, eu vou trabalhar e todo mundo vai tomar o que é meu”. Ninguém vai tomar o que é de ninguém, e eu costumo... lá, na escola, entre os professores, tem um que tem um mercadinho numa esquina. E ele mete o pau, isso na conversa de professores lá, na sala, que “nossa senhora, sou rico”. Mas cara, você não é rico. Você tem um mercadinho na esquina. Você não é dono do Pão de Açúcar, você não tem uma multinacional. Ninguém vai tirar o que é seu. Você é pobre. Você é um trabalhador. Você tem três funcionários, no seu supermercado, só. Não tenha medo, ninguém vai tirar o que é seu, nem o seu carrinho velho. Você não vai perder. Deixa fazer justiça social, porque num país onde existe justiça social, tem muito mais paz e harmonia, diminui a violência. Então, parece que as pessoas não percebem que o caminho, se for para ser o mundo ideal, para ser de direita, o caminho passa por essa revolução, por acabar com os privilégios dos grandes conservadores. Isso é ser liberal. Agora, no BR, nunca se viu tanto um liberal conservador e um de esquerda tão liberal. É uma coisa estranha que acontece, no BR, porque aqui nada é um padrão que acontece no mundo. No BR, as pessoas desviam do que é, começando com os políticos e isso confunde a população e aí todo mundo vota e acontece o que acontece há 500 anos.

Bovary: Eles não conhecem a história, a literatura.

Tatiana: eu perguntei pra ela sobre Esquerda ou direita? O que é? O que significa? Ela explicou a história do parlamento francês. A favor da monarquia senta à direita e contra a esquerda.

Cecilia: À esquerda, então, são a favor da população, de projetos sociais, de melhorar a qualidade de vida do trabalhador. E não esquece, você é filho de trabalhador.

Ruti: Só fazer uma correção, eu me perdi nas datas. O meu marido é de 62. Ele tem 56 anos. Eu confundi as datas.

Pesquisador: última questão, **Larissa**, o que fica pra você, como sendo mais jovem no encontro intergeracional? Você ouviu várias pessoas aqui? O que você pensa que esse encontro entre

pessoas mais jovens e pessoas mais velhas possa auxiliar você na consciência política? Na questão do pensar político?

Larissa: Eu acho que conseqüentemente o mais velhos têm mais experiência, eles falam o que viveram. A experiência que eles tiveram na época. Então, cada um tem a opinião deles segundo o que eles sentiram naquele momento, então isso ajuda bastante os jovens. Que nem eu ouvi bem aqui, ela com a mãe dela, a opinião dela é super parecida com a mãe dela porque o que a mãe viveu passou para a filha. E a filha, vendo o que a mãe viveu, acaba concordando com o que ela disse. Não em tudo, porque claro, a gente nunca concorda em tudo. A gente sempre tem algo pra discordar. As duas também, elas viveram junto, na mesma época, elas têm a mesma opinião. Eu com a minha mãe, ela me passou a opinião dela, e querendo ou não, tem bastante coisa que a gente diverge, mas a maioria das coisas a gente concorda, porque a experiência da pessoa mais velha ajuda muito pra gente colocar nossa cabeça em ordem hoje em dia. Porque, hoje em dia, as coisas estão muito como ela diz. O brasileiro se confunde porque tem tanta informação, cada um é de um jeito, cada um concorda com isso, mas discorda daquilo, outro concorda só que discorda, então são tantas coisas que a gente acaba ficando um pouco meio que confundido, a gente confunde as coisas.

Cecília: Só que tem uma coisa que eu falo sempre para os meus filhos, que é importante. Você tem que saber, antes de falar qualquer coisa, ver na Constituição se está escrito mesmo e outra coisa, fatos históricos não se contestam, eles ocorreram mesmo e aquilo, por exemplo, Napoleão, todas as grandes revoltas e revoluções, muita gente para que a gente tivesse o direito de se expressar e esse direito não pode ser tirado. Porque é uma covardia em relação às pessoas que se sacrificaram para que a gente pudesse ser livre na expressão.

Pesquisador: Você, **Rute**, esse grupo intergeracional com sua filha, aqui, o que você leva de aprendizado?

Ruti: Ah, com certeza foi muito enriquecedor. E a gente aprende com a experiência do próximo e dá mais vontade de estudar ainda, mais vontade de pesquisar ainda. E eu que levo pra mim é que jamais ser intolerante com a opinião do outro. Porque existem vários historiadores, várias maneiras de se contar a mesma história. Então, eu acho que é muito bom analisar todas as formas, toda visão e pra ter sua opinião. E é isso que passo para os meus filhos. Porque querendo ou não é isso que eu passo para os meus filhos, que nós estamos dentro de um sistema manipulador. Dentro, como a gente conversou, em sala de aula, você está dentro de uma

ideologia e você vai para outra ideologia. Acho que você precisa conhecer bem as ideologias, as linhas de pensamento, para você formar a sua. E aquilo que ela citou é verdade, porque aqui, no Brasil, as coisas não são bem claras, esquerda, direita, liberal, conservador... é o que eu tenho me dedicado para estudar, tanto é que eu sou a favor da reforma agrária, eu tenho um irmão que é ativista do movimento. Então, a reforma agrária como movimento é algo que eu apoio. Eu acho super justo, mas tem que funcionar, tem que ser realmente pra todos, tem que ser realmente para o agricultor, para o homem da terra. Não defendendo os interesses de meia dúzia que sequer sabe o que é o plantio de uma terra. Diferente do meu irmão que nasceu plantando, ele é ativista da causa. Então, a gente talvez não consegue ter uma opinião muito clara do liberal, do esquerda, do centro esquerda, devido a isso, devido ao Brasil não estar tudo muito claro, os partidos de esquerda, como conversamos, em sala de aula, o PT não é de esquerda? PSDB? Como um partido de esquerda tem como vice um candidato do PMDB, que, pra mim, é de extrema direita. Então, são alianças formadas que não fica claro. E é difícil até para a gente passar para os filhos. É complicado essa educação. Mas, enfim, com certeza, aqui, falando do projeto, muito enriquecedor, sem dúvida nenhuma.

Pesquisador: E você, **Eunice**, o que você tira desse encontro, desses dois grupos que fizemos? O que você tem a dizer dessa relação de pessoas mais jovens e pessoas mais velhas pensando a questão da consciência política?

Eunice: Muito importante, porque é através da convivência com os mais velhos e os mais novos que vamos construindo a nossa história. E a pessoa sem história não vive. Então, a gente tem que ter história e a história é formada assim. Absorvendo o conhecimento dos mais antigos, dos mais velhos, absorvendo conhecimento dessa geração nova que está vindo aí, que também é muito inteligente. Eu os acho muito capazes e eu divirjo um pouco da opinião da **Larissa**, ela diz que o filho segue o pai, mas não é bem assim. Acho que eu, no meu caso, tenho quatro filhos e dois saíram a mim e dois não na política. Então, eles têm opinião própria. Eu tento passar pra eles tudo que eu vivi, mas eles têm a consciência políticas deles também a partir do contato com outras pessoas mais velhas, que influenciaram mais talvez. Então, é extremamente importante esse encontro intergeracional, a gente vai fazendo a história.

Cecília: O meu filho também tem o pensamento completamente diferente do pensamento das minhas outras filhas. Elas são extremamente politizadas, no sentido de ler, se envolver com as

coisas e ele já é mais prático, tem outro jeito de ser e não adianta falar, porque ele é assim e pronto.

Tatiana: É questão de escolha. Para a gente, são apresentados os lados e a gente escolhe um. Acho que não é muito uma posição, são escolhas.

Cecília: Acho que atualmente essa questão de impor aos filhos é muito mais difícil, porque eles têm muito mais acesso à informação, sabem várias fontes de informação. Mesmo os alunos, que eu tenho 500 alunos, Professor de Geografia dá duas aulas por semana, então você tem que dar um milhão de aulas para dar sua jornada e cada um, você pode falar o que quiser, eles são o que são. Ninguém faz a cabeça de jovem. Em nenhum momento, eu faço com que.... Tento doutrinar ninguém. Eu falo as diferenças e cada um faz o que quiser da sua vida, certo como tem que ser.

Pesquisador: Você, **Bovary**, o que você tira desse grupo? O que você pensa do encontro intergeracional? A importância dele e o que você tira desse grupo que nós fizemos?

Bovary: É, eu tiro, por mim, que de 64, quando fui descobrir, do cursinho, depois a faculdade como era mesmo, que mundo nós estávamos mesmo vivendo. Eu percebo que eu era, de 64 a 68, uma analfabeta política, segundo Bertolt Brecht. Eu ia até trazer o poema “o analfabeto político”, mas vocês podem procurar de Bertolt Brecht. Ele não sabe quando ele fala que não gosta de política, que não se mete com política, então, ele está sendo, está permitindo que os outros escolham por ele as coisas, e aí ele questiona por não saber o preço das coisas, do arroz, do feijão, ele não sabe o que se passa no mundo. Então, eu me confesso, eu era uma analfabeta política antes de 68. Estava vivendo em plena ditadura militar, mas, em Porto Ferreira, isso não estava acontecendo, principalmente no meu meio, as amigas que eu tinha minha casa, apesar de que meu pai, eu me lembro, antes de perder meu pai, não morávamos com esse meu tio aí, aí acho que não se ouvia rádio, porque o rádio era do meu tio. Aí, quando fui morar, na chácara, ele ouvia todos os dias A Hora do Brasil. Quando o Juscelino estava construindo Brasília, passava um avião e falava que Juscelino estava construindo o Brasil. Ele era analfabeto, meu pai, não sabia ler nem escrever, mas a minha mãe votava, ela fez até a quarta série. Ela não sabia nada de política. Quando ela votava, ela votava no candidato que meu pai indicava. Meu pai que falava, era Janista, votava no Jânio Quadros. Naquela simplicidade, falava, quando aquelas pessoas que vão votar, que têm estudo, têm que perguntar pro patrão qual é o candidato do patrão. Se ele falar que vai votar em tal, você vota, no outro, porque aquele lá é bom pra ele,

mas pra você não é. Então, meu pai sabia disso, que o candidato do patrão não pode ser bom para o funcionário. E foi o que eu disse ao S. Luis, amigo meu e aluno de Francês, na Wizard, no Facebook, porque ele veio todo enfezado pra cima de mim no meu facebook, porque eu era contra o Bolsonaro, ele veio com o tal do Kit Gay pra cima de mim. Ele falou: “A senhora vai votar em alguém que coloca kit gay nas escolas. A senhora não sabe o que é o Kit Gay? A senhora admitiria isso para seus filhos e seus alunos?”. Eu falei: “S. Luis, nenhum professor que eu conheço, eu fui professora, minha filha é professora e eu tenho amigas professoras que ainda estão, na ativa, ninguém nunca viu esse livro. Esse livro é de origem francesa. É de uma autora francesa que foi traduzida do mercado das letras, mas o MEC nunca adotou esse livro e nunca o distribuiu em nenhuma escola. Pode até ter, se tiver em alguma escola, na região não tem, na biblioteca dos professores para consultar, mas nunca houve, não existe. Mas o senhor está certo em votar no Bolsonaro. O senhor é empresário, fez a vida em Portugal, casou com uma bancária, o senhor está certíssimo em votar em Bolsonaro, porque ele lhe convém, o senhor é empresário e o Bolsonaro defende os empresários. Ele nunca falou nada e até agora eu não ouvi ele falar nada de nenhum projeto para o trabalhador. Só fala da Previdência pra ferrar o trabalhador. Então, pro senhor, o senhor está certíssimo em votar no Bolsonaro. Agora, Kit Gay não existe.” Ele não me respondeu nada.

Pesquisador: Tatiana, você? O que você tem pra dizer sobre esses dois grupos que vocês fizeram e sobre esse encontro de você mais nova com pessoas mais velhas? Como foi?

Tatiana: eu achei muito prazeroso que as pessoas compartilharam todas essas histórias, muitas que eu não conhecia.

Pesquisador: As da sua mãe você conhecia?

Tatiana: Não, da minha mãe eu conhecia. E é um pouco daquilo que elas falaram, né? Quem não tem história, não tem passado, não tem presente, não tem futuro. Não se situa. A pessoa que não acompanha aquilo que está, na história, não tem um rumo para frente. O Napoleão perdeu a guerra para o Império Russo, a história se repete, a gente precisa estar sempre atento pra história, não pode deixar ela de lado. Então, essas pessoas que têm mais vivência do que eu poderem compartilhar comigo isso, tudo isso que elas contaram é mais enriquecedor pra mim, para poder enxergar lá na frente alguma coisa depois, porque querendo ou não as coisas se repetem e podem estar se repetindo agora, já. É uma questão de podemos discernir o espaço. E acho que é isso.

Bovary: Se ajuda, sua irmã foi aluna minha de literatura.

Tatiana: Ela fala até hoje. As aulas da senhora.

Bovary: Porque quem é professor de literatura tem que situar a obra dentro do espaço e do contexto. Então, eu falava pra eles, por exemplo, quando falava de nordeste, falava de Gilberto Freire, Casa Grande e Senzala, que mostra a desigualdade social. Sobrados e Mucambos, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Menino do Engenho, Vidas Secas, quando o Fabiano encontra o soldado amarelo que tripudiou dele, na cidade, porque ele não se dava bem com as palavras, ele quase não falava, emitia grunhidos, e aí um dia o soldado amarelo está perdido, na região dele, na caatinga e ele poderia ter se vingado do soldado amarelo. Soldado amarelo porque a roupa do nordeste é cáqui, meio amarelada, então quando o Soldado Amarelo se viu perdido e encontrou com o Fabiano, ele perdeu um dia numa festa, foi preso, a Sinhá Vitória, os filhos, mas o Patrão que veio soltar o Fabiano. Aí ele guardou bem a cara do Soldado Amarelo. Ele poderia ter se vingado lá na caatinga, aí ele olhou bem para o uniforme dele, guardou o facão dele e falou: “Governo é Governo”. Tem que respeitar. É autoridade. Quando ele matou o porco dele e foi vender, na cidade, aí o homem da prefeitura falou que ele não poderia vender o porco e ele falou: “Por que não? Fui eu que criei, que matei.” Ele respondeu que não podia, tinha que pagar taxa na prefeitura. “Tem que pagar taxa senão o senhor não pode vender, eu vou apreender.” “Então eu vou levar pra minha casa e comer.” Se eu tenho que pagar para vender, prefiro levar pra minha família.

Pesquisador: E você, **Cecília**, o que você vê desse encontro intergeracional com pessoas mais jovens? Essa conversa toda?

Cecília: Então, eu acho importante, bem legal. A **Bovary** já conheço, é minha amiga, a gente já se conhece faz tempo. Eu gostei de ouvir o que ela falou porque acho que teve coisa que ele falou que não tinha ficado gravado na memória. E, falando, eu tenho esse encontro intergeracional todas as noites com os meus alunos e eu acho que está muito difícil de conseguir um pouco de concentração para que esses jovens prestem atenção naquilo que não é só papinho de Facebook. Está num momento difícil de trabalhar por conta dessa grande amplitude de informação. Falta leitura, eles não conseguem contextualizar as coisas como deveria ser. Mas independente disso, que eu acho até que normal, sempre aparece um ou outro, eu faço parte de um grupo, que é um movimento progressista da cidade, onde tem muitos ex-alunos e que inclusive que encabeçaram esse movimento. E tem esse movimento com 103 jovens, pessoas

de várias idades, predominantemente jovens, inclusive as minhas filhas fazem parte, e ali a gente discute política e tudo que você pode imaginar. Não é um partido político. É um movimento de conscientização. São vários os partidos, pessoas que pensam muito diferentes. Inclusive, a gente fez uma reunião recentemente, na Câmara Municipal, tinha mais de 30. Então, a gente conversa, por exemplo, sobre o que poderia ser melhor para o país, para a nossa cidade, o que a gente deveria fazer, porque a gente não concorda, por exemplo, com a política local e como a gente vai pressionar os vereadores para apoiar determinados projetos que a gente acha interessante, como o movimento negro, LGBT e as minorias da cidade. Então, eles estão todos representados nesse grupo, que é uma coisa que eu acho sensacional. E a gente vai se politizando assim, mas de vez em quando tem os dissabores, porque você fala uma coisa, a pessoa acha ofensivo, não tem diálogo. Normalmente, para alguns tipos de pensamento assim não tem argumentação possível. E aí pessoa já apela, mas aí a gente fala e vai deixando aquela alminha quietinha e ficando iluminada. Mas eu tenho essa satisfação de ter esses alunos muito atuantes na política. Dois inclusive são muito opostos. Eu tenho um aluno que está prefeito em Porto Ferreira, o Rômulo. E o Alan, que é vereador. Então, eles são o oposto. E assim, eu já discuti com esse Rômulo porque eu falei que ele é muito mimado, parar de ser criança e ver a realidade, porque ele está fazendo uns projetos para educação que está deixando todos os professores descontentes. Querendo tirar uns direitos que conquistamos, porque realmente foi conquista, e ele quer cortar, porque segunda a visão dele não está na legislação, mas foi conquista. Enfim, aí ele falou que eu estava ofendendo e enfim. Já o outro, o Alan, ele começou a se interessar por geopolítica por causa das minhas aulas, ele ia inclusive, em casa, para eu dar aula particular pra ele de geopolítica, ele queria entender como era o funcionamento das coisas, ele gosta muito, por exemplo, de oriente médio. Mas, enfim, eu tenho essa felicidade de ter, de ver esses alunos assim.

Bovary: O R²⁴ se preparou pra política. Ele estudou, na UNESP Ciências Políticas, depois ele fez Políticas Públicas na UNICAMP. Ele se preparou para fazer política. Mas ele é muito novo. Não tem maturidade. E não aproveita a maturidade das pessoas que têm vivência. Lá, na Prefeitura, quando um funcionário mais antigo tenta conversar com ele, ele diz assim: “Não te perguntei nada. Aqui eu sou o prefeito, eu mando”. Ele não ouve ninguém. Ele me decepciona.

Cecília: Ele foi um ótimo aluno, mas ele sempre foi meio petulante.

²⁴ Prefeito da cidade vizinha

Bovary: Ele é arrogante. Ele não aproveita as experiências.

Eunice: Quando ele ia se candidatar, ele veio pedir apoio. Eu disse que apoiaria, mas que ele teria certeza que eu ia cobrar muito. Passou um tempo e ele não se candidatou. Eu perguntei o porquê e ele disse que ainda não estava pronto ainda pra disputar.

Tatiana: Isso que você fez aqui, eu cresci vendo isso, porque eu sempre andei muito com a minha mãe quando era pequena e a minha mãe ia a casa delas, se reuniam. E eu sempre fui muito observadora, muito quieta. Então, eu sempre escutei esse tipo de conversa, desde pequena. Eu só absorvia, como uma esponja.

Eunice: Era o que acontecia comigo.

Pesquisador: **Simone**, como foram esses dois grupos para vocês? O que vocês tiram dessa experiência e quanto que isso significou pra questão da consciência política de vocês? Ou não?

Simone: eu sempre gosto, eu nunca fui muito envolvida. A política existe no mundo de uma forma diferente. Não aquela partidária que eu sempre imaginei. Ela existe de outra forma, então eu gosto dessas discussões, eu gostei dos dois encontros. Pra mim, sempre enriquece, gosto de ver as divergências de opiniões, pensamentos. Acho que enriquece muito. A diferença enriquece bastante. No primeiro encontro, gostei bastante. Acho que foi uma professora que trouxe bastante coisa de lá de trás, de um tempo mais antigo, coisa que eu nem tinha ouvido falar. Acrescentou bastante. Cada um com seu pensamento, seu jeitinho de entender. Eu gostei muito, eu gosto dessas reflexões, mesmo não sendo assim um assunto que tô muito ligada. É legal também que faz com que você comece a gostar um pouco mais. Que não é daquela visão estreita, que eu pensava. Então abrangeu. Foi muito rico. Muito bacana.

Lina: pra mim também, exatamente por isso, porque senti pela vivência, informação que a gente tem, se abrange. Eu vejo, eu tenho mais vontade de conhecer sobre, assuntos que eu não conhecia eu ouvi falar aqui, outras opiniões. Acho que isso.

Simone: também achei bem interessante, principalmente os olhares diferentes, das pessoas. Semana passada com a **Lívia**, e ela dando o olhar dela sobre a ditadura. Bem diferente do que eu tenho ouvido falar. Já conheço a **Lívia** do centro que eu frequento. Gostei de ouvir a opinião dela. Muito interessante. Cada pessoa tem seu olhar, seu ponto de vista. Enriqueceu-me bastante, me despertou um desejo de buscar mais. Porque nos dias de hoje, vamos dizer, da

primeira eleição do Lula pra cá eu tenho acompanhado, visto os movimentos, o que foi positivo e o que foi negativo. Agora, dali pra trás não. Conheço pouca coisa, mas me despertou um interesse de buscar informação.

Yael: eu acho o seguinte. Esses anos da minha vida, esses trinta e poucos anos de profissional que eu tenho, eu aprendi a ver a vida com os olhos dos outros. Então, eu tenho minha visão, mas eu também tenho uma visão de enxergar, eu sempre tento enxergar a vida, os fatos com olhar dos outros. Então, na realidade, quando você passa a se colocar no lugar do outro, você passa a entender. A convivência com outras pessoas que não têm a mesma opinião política, religiosa, não vai mudar. Eu penso assim, que pra mim não vai mudar. Se a pessoa não bate muito bem, você escuta, respeita e vira as costas e deixa ele com a opinião dele e boa. Então, acho que esses encontros são legais porque também é uma maneira de você ver com outros olhos. Espero que vocês tenham visto, que eu tenha conseguido mostrar uma coisa que, na realidade, a gente tem que sentar e conversar pra ver uma outra realidade. Então, quando eu chego hoje, na faculdade, com a minha turma tudo jovenzinho e eu sou a velhona, na realidade, eu estou vendo o mundo sob os olhos deles. Então, quando eu converso com vocês, vocês estão vendo um mundo que vocês não conheciam. Então, acho que essa troca é super importante, pra aprender. Então deveria acontecer. E acho que daqui pra frente, não sei, vocês vão ter uma realidade, um contato com pessoas de mais idade e perguntar como que foi naquela época, como era a vida naquela época. Porque é uma coisa que você não vai achar na internet. Na internet, você vai achar da ditadura, nego que ia preso, sumiu. Mas e as pessoas normais? É igual você ter uma série de países onde as pessoas escutam que o RJ é violento? É, super violento, mas tem milhões de pessoas que têm que trabalhar, voltar, ir, no mercado, vai passear, namorar e a vida está correndo. Tem violência, mas eles estão sobrevivendo. Então, a gente tem que aprender a ver tudo, acho que ver com outros olhos. Eu acho que esses encontros intergeracionais são legais, porque a gente tem outro olhar. Sob outro olhar. Tudo tem outro olhar. Então, a gente aprende a colocar um olhar e daí a gente se colocar e repensar numa série de coisas. Não, na política partidária, mas a própria política do nosso dia a dia. Então, acho que isso é importante.

Em vários momentos das memorações e diálogos dos participantes, nos grupos focais, apresentou-se um paralelo entre as políticas vividas, no passado, e a que vivemos hoje no presente. Por esse motivo, decidiu-se dar atenção a essas diferenças e fazer algumas

conversações da necessidade de se pensar o passado e as conexões feitas com o presente dentro do processo do exercício da memória e a construção da consciência política.

Nos discursos apresentados, pode-se perceber que, mesmo com alguns ou muitos anos (tempo cronológico) de diferença, os participantes colocam a política, no passado, como sendo “igual” a que vivemos hoje, claro, vivendo um clima tenso e ao mesmo tempo cheio de esperança. Porém, destacam que, hoje, os valores decorrentes das corrupções são exorbitantes e, por esse motivo, fizeram vários discursos sobre o assunto.

Não como uma posição estática de análise, podemos encontrar em Pollak (1992) três elementos essenciais para o fomento entre grupo e memória. O sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. Assim, é importante observar que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos advertir elementos patológicos. Portanto, podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, sendo um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Nas análises entre a consciência política, nas sete dimensões apresentadas por Sandoval (2001) e as memórias, realçamos como identidade coletiva, crenças e valores sociais estão atreladas às memórias. Ou seja, em consonância com as memórias, há um desenvolvimento de pertença e de identidade coletivo. O sujeito alicerça seus campos simbólicos em suas experiências históricas de vida e em seu meio social. Nesse sentido, quando se depara com as narrativas em grupo, o sujeito troca as suas experiências e seu universo simbólico, fomentando também a consciência política. (SANDOVAL e SILVA, 2016)

Podemos ponderar, então, que o conceito de memória se entrelaça com a noção de consciência política, tendo um destaque maior no período de sua reformulação, em 2016, quando levou em consideração o papel das emoções e das lembranças passadas em sua formação, ou seja, a memória política. Como diz a autora Ansara (2008), a memória política se relaciona de forma íntima em todas as 7 dimensões do modelo da consciência política.

Desse modo, o exercício de lembrar e de memorar em grupo permite múltiplas possibilidades de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Pela memória, no exercício de lembrar, que é parte constituinte fundamental da identidade de cada um, cria-se a ligação de inserção social e histórica de cada sujeito trabalhando firmemente na formulação da consciência política, pois, de acordo com Nascentes (2004):

[...] o mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos. À história, como processo cognitivo, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, através de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade. (p.73)

Então, como estruturar a memória frente às questões políticas, no Brasil, se há pouca generatividade nos espaços de rememoração e espaços para o processo de intergeracionalidade? Chega-se a um ponto, então, que pensarmos a memória como um processo individual e coletivo no qual, dessa mistura, podemos criar e recriar formas de existir em sociedade fomenta um reavaliar suas trajetórias. Discutir sobre política seria uma forma de existir socialmente, e, rememorar esses fatos possibilita um novo olhar para o presente em que os sujeitos se encontram. Kessel (2004) comenta que a memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada, fortalecendo-se em espaços grupais. Dessa forma, o lembrar do passado possibilita um digerir das agruras do cotidiano, ampliar os campos identitários e de pertencimento, fortalecendo a participação em movimentos sociais e a construção de novas possibilidades intergeracionais, como coloca Mancuso (2007): “a memória é a reavaliação, reconstrução da própria vida. É o reencontro, no presente, com amigos, pais, irmãos e mestres” (p.06). Entretanto, se não pudermos dispor de uma sociedade que olha e compreende as gerações como parte integral, o memorar acaba por restaurar lugares enrijecidos do que se acha certo e do que se acha errado, “guetizando” a memória. É necessário expormos as memórias, externalizar as histórias e fazer trocas com diferentes gerações, reavivar os encontros entre passado e presente. Sem as memórias, as histórias seriam apenas histórias, perdendo seu contexto de fidedignidade e encanto.

A narrativa, dentre outras funções, pode se configurar como espaço para a elaboração da consciência política, pois se remete às histórias do passado para se reconstruir no presente. Várias falas contam histórias que não estão nos livros, nas páginas da internet, nos museus, nas

aulas... contam histórias de quem viveu a época, sentiu e fez parte de vários momentos da política brasileira.

Há um discernimento grande frente às questões históricas políticas no Brasil. Os discursos acarinham o empoeirado das memórias, revivem as trajetórias de vida e, como um filme com roteiros semi prontos, já que as memórias individuais se misturam com os coletivos, tornando-se memórias coletivas, apresentam uma história que só existe pelas narrativas. Não há apenas saudosismos, há potência, militância, elaboração. Falar de política teve grandes discrepâncias, mas, entre as gerações, pudemos conversar e colocar para fora vários pontos de troca. Puderam-se reviver, pelas falas, os acontecimentos do Brasil e ir ao encontro das reflexões do que se vive hoje e uma projeção do futuro. Dessa forma, como descreve Ansara (2005), a lembrança mostra um processo de resistência aos processos de repressão impostos pela sociedade e elabora consciências políticas.

Portanto, pode-se dizer que a memória ultrapassa o limiar do tempo, trazendo à tona detalhes que (re)constroem e (re)significam o que vivemos hoje, fortalecendo os processos da consciência política. Esse relicário de memórias gera movimento aos sujeitos, sustentando-o enquanto sujeito produtor e pensante. Nesse sentido, o memorar em grupos intergeracionais se torna fundamental, pois coloca os sujeitos em contato com diversas histórias e trajetórias; promovendo cores ao monocromático das lápides sociais.

...assim, podemos falar de uma memória política fazendo uma leitura crítica do passado a partir do presente e resgatando a capacidade de compreender o futuro dos projetos políticos que a nossa sociedade implementa. Estudar a memória política da ditadura e repressão é, pois, discutir as relações de poder, as questões que dizem respeito aos direitos humanos e sociais, a conscientização política, a participação de atores sociais efetivos, que necessitam ampliar a sua capacidade de compreensão do mundo para nele poder viver e intervir politicamente. (ANSARA, 2005, p.149)

E mais, a memória

... é [também] a busca de construção e reconhecimento da identidade que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças. Na verdade, para recordar e para analisarem os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos que se constituem como elementos peculiares do reavivamento mental do passado. (NEVES, 2000 citado em NASCENTES, 2004, p.73)

Em tempos difíceis e de relações escassas, orientando a escassez também em encontros intergeracionais, percebe-se que há uma ligação e uma preocupação profunda com as trajetórias que o país está tomando. Assim sendo, estabelecer espaços de diálogos e promover possibilidades de interesses coletivos do grupo e visualizando as suas metas e repertórios de ações, pode gerar vontade de agir coletivamente, organizando espaços contextuais para a participação intergeracional em movimentos políticos para caminhos menos tortuosos na política. (SANDOVAL E SILVA, 2016)

Há um discurso, na maioria da sociedade, em que os velhos são saudosistas, que se agarram ao passado para contar suas façanhas e fazer comparações, e, muitas vezes, colocando os jovens em desvantagem frente a sua condição de participação e de inteligência, mas, o que o presente pode oferecer para as velhices? Nesse momento, há estudos – podem-se citar alguns como Bosi (2003, 2004), Mercadante (1995), Ansara (2005), entre outros – que pluralizam a forma de se olhar as velhices e utilizar a memória como ferramenta para os enfrentamentos cotidianos dos velhos. Dessa forma, trabalhar em encontros intergeracionais pode romper com esses discursos comparatistas que colocam o velho sempre como saudoso e o jovem como alguém que pouco pode contribuir com a sociedade. Como nos apresentou Tajfel (1982), esses processos separatistas geracionais podem fazer com que as diferentes gerações busquem comparações favoráveis ao seu grupo, permitindo a conclusão de que a consciência de pertença pode gerar oposição e discriminação com grupos diferentes, provocando distanciamentos e poucas possibilidades de usar espaços coletivos para a ampliação e para a elaboração da consciência política.

Halbwachs (1990) coloca que a memória permite – apoiada no “passado vivido” – a constituição do sujeito pelas suas narrativas, no contar das suas trajetórias de vida. Nesse sentido, a memória precisa ser tratada como uma ferramenta para a reconstrução do passado e também de identidades, pois está apoiada em coletivas trajetórias, mesmo sendo contada por um ou por outro sujeito.

Pollak (1992), em seus estudos sobre memória e identidade, constrói um termo sobre memória que faz referência às memórias das camadas populares, ele denominou como “memórias subterrâneas”. Para o autor, essas memórias são marginalizadas, porém abrem novas possibilidades para o trabalho e desenvolvimento da história oral. Com esse trabalho e estudo, o autor coloca que exercitar a memória pela história oral e a escuta das trajetórias de vida pelas

narrativas traz outras possibilidade de se criarem e de restaurarem identidades dos sujeitos em seus cotidianos. Dessa forma, esses paralelos que os sujeitos narram entre o passado e o presente se mostram cheios de significados para aqueles que contam.

De acordo com Halbwachs (1990), essas vivências em vários grupos durante a vida, desde a infância, são a base da formação das narrativas, das trajetórias de vida, das memórias autobiográficas e da construção do presente e de projeção do futuro. Então, mesmo os filhos e os netos vivendo em grupos pouco profícuos ao exercício das memórias, elas ainda estarão se constituindo e, nem por isso, serão menos ou mais inverídicas. O autor diz que as lembranças, com o tempo (nem sempre cronológico), seriam acionadas, na história, na medida em que fossem deixando de existir ou à medida que os grupos que as sustentavam deixassem de existir. Ou seja, será memória de outros jeitos.

Então,

... na medida em que os espaços de compartilhar narrativas vêm sendo suprimidos na sociedade contemporânea, é preciso criar espaços e situações em que as memórias possam emergir. É aí que a memória se exterioriza e passa a se articular às memórias de todos. Na forma de uma roda de conversa, por exemplo, garante-se o espaço de dizer, dividir o que pensa, se sente e se descobre. (KESSEL, 2004, p.58)

É necessário criarmos novos espaços para que “os filhos e o netos” possam também lembrar as trajetórias de vida dos pais e dos avôs. Isso é uma luta que a sociedade brasileira deve assumir e contribuir, por meio de políticas de trabalho e estudos de memórias para lutar contra os esquecimentos. (ANSARA, 2005)

Desse modo, é importante que trabalhemos com a memória dos velhos e também dos jovens, possibilitando (re)significação e (des)construção do “corpo” memorioso e suas identidades, promovendo espaços de narrativas e memórias, tanto coletivas quanto individuais, fomentando espaços de facilitação, de reconhecimento e de pertencimento como sujeitos produtivos, capazes - homem\mulher\velhos\jovens –, como Bastide (1999) coloca:

... o tempo da memória não é o tempo da morte. É o das formas e dos píncaros mais ricos da vida. É a salvaguarda deste tempo que pode permitir, à sucessão de homens e de gerações, participar de modo útil do vir a ser humano. Os velhos (e os jovens) devem sentir-se responsáveis pela memória do futuro. (p. 10)

Portanto, as dimensões pessoais e sociais das lembranças, para aquele que recorda, não existem em separado. É, por coexistirem, na matéria relembrada, que ambas se validam e se entrelaçam, para poderem ser evocadas como constitutivas de uma identidade, simultaneamente pessoal e social, permitindo a cada um reconstruir e relembrar suas singularidades, que é o produto da experiência individual da passagem do tempo e da sua ação sobre essa mesma experiência.

Dessas memórias que falam em grupos intergeracionais, conseguimos exaltar novas formas de se olhar as trajetórias de vida, criando espaços coletivos de diálogos, de pertencimento e de identidades; divergências criaram tensões, no ar, mas, foi palco para que mesmo nos processos de rivalizações, os participantes puderam exercitar a oralidade e o empoeirado das lembranças, algumas doloridas e outras potencializadoras para a potencialização da consciência política e criação de participação coletiva para novas formas de estruturar a política e os rumos, para velhos e jovens, do país.

Finalizamos os grupos intergeracionais e agradei os ricos diálogos e comprometimento dos participantes com a pesquisa.

Pesquisador: Bom, pessoal, quero agradecer a todos vocês pela colaboração, me comprometo a apresentar os dados das minhas análises e das pesquisas. Espero que vocês tenham gostado de participar desses grupos focais, e, agradeço pelo auxílio à ciência. Meu muito Obrigado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrou-se, em boa política, o segredo de fazer morrer de fome aqueles que, cultivando a terra, fazem viver os outros.
(Voltaire)

Em tempos de crises políticas e institucionais, manifestações pulsantes, greves, processos de corrupção nos cercando por todos os lados, eleições, uma democracia em vertigem²⁵, encontramos muitas vezes alicerces nas memórias para que possamos ter mais entendimento frente à instauração da confusão do entender. Isso posto, podemos ressaltar que a memória e a construção da consciência política, em muitos momentos históricos, no Brasil, tornam-se inimigos a serem combatidos, instaurando, então, a necessidade de um projeto de uma sociedade do esquecimento e do pouco agir e pensar.

Vê-se que as narrativas vêm diminuindo e diluindo frente aos excessos de informações. Walter Benjamin (1994), em seus escritos, já dizia que a narrativa era o meio de se compartilhar valores, profissões e como atuar no mundo; havia, naquela época, espaço para troca, porém, hoje, já anunciado anteriormente pelo autor, ela foi perdendo o seu valor e não se faz tão mais necessária. Dessa forma, precisamos nos preocupar com a degradação da experiência, pois se vivemos, na era da informação excessiva, compartilhar está sempre em atraso. Assim sendo, tão distribuída é a atenção que ela se torna superficial. Além disso, a mídia aposta naquilo que atrai o interesse de forma fugaz, gerando modas que passam assuntos de que as pessoas falam, mas que esquecem muito rapidamente. A divulgação está banalizada; vivemos mergulhados, muitas vezes, em informações descartáveis, posicionando-nos em opiniões que, em maioria, não são nossas, tornando-nos presas da futilidade e do esquecimento.

Além da escassez das narrativas, vemos também um falar da velhice no contemporâneo com olhares esfumados e dificuldades de futuro. É nítido o esfacelamento do homem todo dia, em seu trabalho, em sua família, em seu bairro, em sua vida. Assim, viver é esperar, “pacientemente”, o tempo organizar nossa jornada sem nossa permissão; o tempo nos apresenta e nos marca com rugas sociais. Entretanto, não podemos resumir a velhice apenas ao declínio,

²⁵ Democracia em Vertigem é um documentário de 2019 dirigido por Petra Costa. O filme acompanha o passado político da cineasta de maneira pessoal e íntima no contexto do primeiro mandato do presidente Lula até o processo que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff, analisando a ascensão e queda desses governantes e a consequente crise política no Brasil. <https://democraciaemvertigem.com/> Acesso em 03 de julho de 2019.

há outras formas de encará-la e vivê-la, e, fortalecer espaços coletivos intergeracionais de trocas de experiências, de memórias e de afetos é um deles.

Portanto, dentre todos os emaranhados de letras, sílabas, frases, questões e argumentos, alguns apontamentos se tornam fundamentais para as contribuições deste trabalho no campo científico e social. Uma delas é alertar os processos de “desmemoriação” pela qual os sujeitos estão se assujeitando, outras seriam que enquanto se reservam todas as informações dentro de redes, estamos deixando de exercitar as relações e as outras formas de partilhar as memórias e trajetórias de vida em diversas gerações, enfraquecendo as possibilidades de identidades coletivas e manutenção e ascensão de consciências políticas. Nesse sentido, produzir mais trabalhos que agreguem ao campo intergeracional fortalece a consciência política.

Nesse sentido, nos trabalhos com Grupos Focais intergeracionais, foi possível observar que possibilitar esses espaços de partilha entre os participantes de gerações próximas e distantes promovem ressignificações e novos olhares frente às questões que os sujeitos vivem no presente. Em alguns momentos, o passado, mesmo que carregado de histórias avermelhadas pelas lutas e sofrimentos, ou, opacos por olhar apenas para lados cômodos, mostra-se mais seguro. Entretanto, foi nítido o desconforto e o conforto de alguns frente às situações políticas recentes, evocando a memória não mais como um refúgio, mas, em meio intergeracional, uma ferramenta de militância e de potência política. Tempos de tecnologias de informações, muitas vezes, afastam as pessoas do convívio social, do convívio frente a frente. Nesse ponto, trabalhar e estudar a memória gera conectividade entre os tempos cronológicos (passado-presente-futuro), rompendo com os processos de esquecimento e aumentando a eficácia política.

Dessa forma, discutir o papel da memória, no processo de envelhecimento, significa, também, um subterfúgio das normatizações que se instituem sobre o envelhecer. Como colocado, no decorrer do trabalho, o envelhecer é plural e é experimentado de várias formas pelos sujeitos. Nesse ponto, organizar espaços de partilha de memória privilegia (re)construção de identidade do “ser velho” e as estratégias de afirmação nos espaços sociais, além da possibilidade de rompimento com os processos geracionais de gaveta, ou seja, também inserir o jovem nessa malha de memória para uma construção coletiva de cuidados, de afetos e de consciência com essa sociedade do esquecimento.

Portanto, os grupos focais intergeracionais promoveram um contato entre os participantes, a ponto de as memórias se misturarem e trocarem umas com as outras. A

coletividade, então, mostrou-se um palco fundamental para a partilha e o processo de rememoração, além das trocas de vivências e discussões, que, como um ouvido ávido, afetaram os participantes e potencializaram a construção de algumas dimensões da consciência política.

Essas e outras questões serviram como combustível na construção dessa pesquisa. Desse modo, lançar mão de novos espaços intergeracionais se torna fundamental para a construção de campos políticos e de afetos. O estudo confirma, então, que a memória é um agente potencializador das gerações, na sociedade, suscitando espaços para (re)significar e reconstruir seus passados, suas vivências e experiências, no cotidiano, e implementando as participações, no presente, e orientando o futuro. Precisamos caminhar rumo à construção de uma comunidade que favoreça modos de transmissão do saber e da cultura, que inclua a memória. Assim, quando não é possibilitada a memória a cumprir sua função social, não é somente ela quem sofre, mas a sociedade como um todo que adocece.

É preciso clarificar com qual projeto de sociedade e de homem estamos comprometidos; compreende-se a necessidade de concordância com a luta por uma sociedade democrática com qualidade social, que rompe com a visão tradicional adaptacionista. Nessa luta, dar voz, possibilitar consciência e criar encontros entre as gerações é um modesto, mas importante começo.

Cabe a nós, também, o esforço de criar projetos em que o espaço das narrativas seja reinstituído, pois é a partir dele que se podem tecer os fios da memória, construir vínculos e valorizar os espaços de troca, ou seja, o cuidado com a memória faz dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética e humana para com os sujeitos em sociedade, que contribuirá para a consolidação de uma consciência política mais ativa e atuante frente ao cenário político brasileiro.

Acreditamos que este trabalho, cumpriu o seu papel enquanto construção dialógica entre memória e consciência política em grupos intergeracionais. Evidente que propostas como essa são criadas para a manutenção da ciência e alargamento de práticas em várias instituições brasileiras, ou seja, a pesquisa não se perfilou para ser apenas mais um livro, na estante, tem como prática a avidez em criar espaços que possam diminuir as distâncias intergeracionais, abrir campo para as memórias e fortalecer vínculos que construam consciência política. Evidentemente, que falhas ocorreram, todavia, é inegável que os Grupos Focais produziram movimento, circulação de memória entre os participantes e produção de sentidos. Por meio do

espaço de escuta, entramos em contato com a memória e com as trajetórias dos participantes e fizemos consciência política.

É fato que se torna quase impossível esgotar esse estudo nesta tese, bem como a dificuldade em se alojar uma única posição frente ao sentido e à função da memória em grupos intergeracionais e a consciência política. Assim sendo, é necessário sempre outros estudos e maiores aprofundamentos nessas questões, para que, no futuro, a sociedade nos permita vivê-la de forma ainda mais digna e humana.

Temos um grande caminho a percorrer, grandes lutas para travar e para potencializar outras dimensões da consciência política. Historiadores, cientistas políticos, psicólogos políticos e tantos outros estudiosos que se debruçarem a estudar o atual momento político brasileiro terão grandes dificuldades. O momento sugere luta e esclarecimento das ideias, e essa luta não se trava apenas com gerações estanques, é necessário construirmos lugares profícuos para as trocas geracionais para talvez pensarmos e criarmos outros sistemas de governos, e, quem sabe, outra forma de se fazer política no Brasil. A democracia resiste.

Termino esta tese com uma sugestão de uma das participantes:

*O Analfabeto Político, de Bertolt Brecht*²⁶

*O pior analfabeto é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o
custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do
remédio dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a
política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor
abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o
corrupto e lacaio dos exploradores do povo.
Nada é impossível de Mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E
examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em
tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer
impossível de mudar.
Privatizado, privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de
pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário. E agora não*

²⁶ Nota: Autoria não confirmada. O texto é atribuído a Bertolt Brecht pela primeira vez em Terra Nossa: Newsletter of Project Abraço, North Americans in Solidarity with the People of Brazil, Vols. 1-7 (1988, p. 42).

*contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só à
humanidade pertence.*

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARA, S. **Memória Política da Ditadura Militar e Repressão no Brasil: Uma Abordagem Psicopolítica**. Tese de Doutorado apresentada no programa de Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). 2005, p. 406.

_____. **Memória política: construindo um novo referencial teórico na psicologia política**. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2008, vol.8, n.15, pp. 31-56. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2008000100004&script=sci_abstract>. Acesso em 10 jan 2019.

ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. **Grupo Focal – Estratégia Metodológica Qualitativa: Um ensaio Teórico**. *Cogitare Enfermagem*, Vol. 9, No 1. 2004.

ANTONUCCI, T. **Social relations: an examination of Social Networks, Social Support, and Sense of Control**. *I A. T. C. Handbook of Psychology of Ageing*. New York: Academic Press; 427-453, 2007.

AVRITZER, L. Sociedade Civil e participação no Brasil democrático. In: AVRITZER, L. (org.) **Experiências nacionais de participação popular**. São Paulo: Cortez, 2009. pp. 27-54.

BASTIDE, P. A., A idéia do tempo e envelhecimento. In: **A terceira idade**, Ano X, n.16, p. 3-11, maio, 1999.

BAUMAN, Z. (1998). **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (2007) "Between us, the generations", in J. Larrosa (ed), **On generations. On coexistence between generations**, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Original, 1970.

BECKER, H. S. (2005) **Outsider: Estudo Sociologia do Desvio**. 1a edição 1963. Paris, A. M. Metaillié.

BENGSTON, V.; GIARRUSSO, R.; MABRY, J.; SILVERSTEIN, M. **Solidarity, conflict, and ambivalence: Complementary or competing perspectives on intergenerational relationships?** *Journal of Marriage and Family*, 64, 568-576. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00568.x, 2002.

BENGSTON, V.; KUYPERS, J. **Generational difference and the developmental stake**. *International Journal of Aging and Human Development*, 2, 249-260. doi:10.2190/AG.2.4.b, 1971.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; V.1). Original 1935.

BIROLO, F. Representações do golpe de 1964 e da ditadura da mídia: Sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa, 1984-2004. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 25, nº 41: p.269-291, jan/jun 2009.

BOURDIEU, P (2007). **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre, Edusp/Zouk.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BORDO, S. Reading the slender body. In: WOODWARD, K. **Identity and difference**. London: The Open University, 1997.

BORGES, C. D.; SANTOS, M. A.; **Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites**. Rev.SPAGESP, v.6, n.1, 2005.

BOSI, E. **Memórias e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: companhia das letras. 2004.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRANDÃO, V. M. A. T. **Memória (auto) biográfica como prática de formação**. *Revista@mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: <http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html>. Acesso em: 12 jan. 2011.

Brandão, J., Mahfoud, M.; Gianordoli-Nascimento, I. **A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens**. *Paidéia*, 21 (49), 263-271, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>.

BRASIL, Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 (2003). **Estatuto do Idoso**. Diário Oficial da União. Brasília, DF.

BRASIL, V. V., **Uma Experiência de Desnaturalização da Morte no Contexto da Aids: a Clínica do Acontecimento**. Em: Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas. [con] vivendo com HIV/Aids. Vol. 13, n.32, p. 109-129, set.-dez, 2002.

BRUNO, F.; SAIMAIN, E. **Retratos da velhice: Memória e fotografia**. Em: A terceira Idade. v.15, n.30, p. 24-35, São Paulo, maio, 2004.

CALDAS, C. P. Memória, Trabalho e Velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores. Em: Veras, R. P. (org.) **Terceira Idade: Desafios para o terceiro milênio**. p.121-142. R. Janeiro: UNATI/VERJ, 1997.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigação sobre o abuso de substâncias. *Rev Saúde Pública*, v.30, n.3, p.285-93, 1996.

CAVALLI, A. (1994). "**Generazioni**", *Enciclopedia delle Scienze Sociali*, Vol. IV, pp. 621-635.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000

CIAMPA, A. C. **A história do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1986

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 3ª reimpressão da 13ª edição de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2001. pp. 58-75.

Comissão das Comunidades Europeias (CCE). (2005). **Livro verde: Uma nova solidariedade entre gerações face às mutações demográficas**. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

CORTE, B. COUTO, E. S. Colonização tecnológica do corpo/urbano: a remodelagem da vida. **Revista Kairós**, São Paulo, n.2, pp 9-26, 1999.

DEBERT, G. G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guíta Grin. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: M. M. L. Barros (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. p. 49-67. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

_____. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e processo de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo; Edusp/FAPESP, 1999.

DEMO, P. **Sociologia uma Introdução Crítica**. São Paulo: Atlas S. A. 1983.

DESLANDES, S. F., NETO, O. C., GOMES, R., MINAYO, M. C. S., (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

DIAS, R. M. **Nietzsche e a Música**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DÖPPENSCHMITT, E. Velhice e Memória em Copacabana. In: GUSMÃO, N. M. M. de (org.) **Cinema, velhice e cultura: Cinedebate**. Campinas: Alínea editora, 2005.

DOURADO, M. A velhice e seus destinos. In: **A terceira idade**. v.17, n.37, p.7-15, São Paulo, out., 2006.

EWALD, F. **Foucault a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 1993.

FEIXA, C. LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Em: **Soc. estado**. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010.

FERRAZ, F. A. F.; SOUZA FILHO, H. O.; SILVA, M. R. M.; SOUZA, M. A. **Defensoria Pública do Estado de São Paulo: aperfeiçoamento dos mecanismos de participação social**. Dissertação de Mestrado em Gestão e Políticas Públicas. Fundação Getúlio Vargas, 2011.

FERREIRA, M. L. M. (1998) “Memória e Velhice: do lugar da Lembrança”, in Barros, M. L. (ed) **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**, Rio De Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações**. 2. ed. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2010.

_____. **Conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária**. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FICO, C. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro. In: **Revista Brasileira de História**. Vol, 24, no.47. São Paulo, 2004.

FIGUEIREDO, R. (2000). **O marketing político: entre a ciência e a falta de razão**. São Paulo, Fundação Konrad Adenauer.

Focus Group Research. **Quantitative Methods in Public Administration**. Disponível em: <<http://faculty.chass.ncsu.edu/garson/PA765/focusgroups.htm>> Acesso em: 12 jan. 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 15ª edição, 1979.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e punir. Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

FRAIMAN, A. P. **Coisas da idade**. São Paulo: Editora Gente, 1995.

FRANCA, L. H. F. P.; SILVA, A. M. T. B. **Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio De Janeiro, 2010; 13(3):519-531.

FRANÇA, L.; SILVA, A.; BARRETO, M. **Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-532, 2010.

FRANÇA, L.; SOARES, D. **Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida**. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29(4), 738-751, 2009.

FRANÇA, L. & STEPANSKY, D. **Educação permanente para trabalhadores idosos – o retorno à rede social**. *Boletim Técnico do SENAC*. 31(2), 47-55, 2005.

FRANK, J.; LANDEIRA FERNANDEZ, J. **Rememoração, Subjetividade e as Bases Neurais da Memória Autobiográfica**. *Psicologia Clínica*: V.18 N.1 Rio de Janeiro, 2006.

GAGNEBIN, J. M. "O que significa elaborar o passado?" In: PUCCI, B. et al (Org.), **Tecnologia, cultura e formação ... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 35-44.

GARCIA, M. T. G. Auto-imagem na aposentadoria: mito e realidade. In: **A Terceira idade**. Ano X, n.16, p.35-45, maio, 1999.

GASTALDO, D. **É a educação em saúde “saudável”?** Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 147-168, jan.-jun., 1997.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIBBS, A. Focus Groups. In: *Social Research Update*, nº. 19, 1997. Disponível em: <<http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

GODELLI, M.R.C.S; MIRANDA, M.L.J. **Avaliação de Idosos Sobre o Papel e a Influência da música na Atividade Física**. Rev. Paul. Educ, Fís, nº16(1). Jan-jun - São Paulo. 2002. p. 86-99.

GOERRES, A.; TEPE, M. **Age-based self-interest, intergenerational solidarity and the welfare state: a comparative analysis of older people's attitudes towards public children in 12 OECD countries**. European Journal of Political Research, 49(6), 818-851. doi: 10.1111/j.1475-6765.2010.01920.x, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. **Epsitemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. Em F. González Rey (org.), **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia** (pp. 27-51). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

GROPPO, L. A. MPB e Indústria Cultural nos anos 60. In: **Impulso**. V.13. n.30, p.133-148, Piracicaba, set., 2002.

GUSMÃO, N. N. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

HADDAD, E. G. de M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez editora, 1986.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. (L.L. Schaffter, Trad.) São Paulo: Vértice; Revista dos tribunais. 1990, (Original publicado em 1950).

HELLER, A. 1972. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 121 p.

HEWSTONE, M. **La Atribucion Causal: Del Proceso Cognitivo a las Creencias Colectivas**. Ediciones Paidós, 1992.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Martin Claret. São Paulo. 2001.

HOBSBAWM, E. The New Threat to History, **New York Review Of Books**, December 16, 1993.

HOGERBRUGGE, M.; KORNTNER, A. **Solidarity and ambivalence: comparing two perspectives on intergenerational relations using longitudinal panel data**. The Journal of

Gerontology, Series B. Psychological Sciences and Social Sciences. doi: 10.1093/geronb/gbr15, 2012.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONE, M.C.; **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção de saúde.** Rev. Esc. Enf. USP São Paulo, v.35, n.2, p.115-21, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2013). **Síntese dos indicadores sociais, estudos e pesquisas.** Rio de Janeiro.

JELIN, E. (2003). State Repression and the Struggles for Memory. **Social Science Research Council.**

_____. **História y memória social.** Madrid: SIGLO XXI de España Editores S.A., 2002.

KLANDERMANS, B. The social construction of protest and multiorganizational fields. In: MORRIS, D. A.; MUELLER, C. M. **Frontiers in social movement theory.** New Haven: Yale University Press, 1992.

KESSEL, Z. Lembrar, Contar, Compartilhar: A memória como caminho para o diálogo intergeracional. In: **A terceira idade.** v.15, n. 30, p. 68-79, São Paulo, maio 2004.

KIND, L. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais.** Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.10, n.15, p.124-36, 2004.

KITZINGER, J. **The Methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants.** Sociology of Health & Illness. v. 16, nº.1, p. 103-121, jan. 1994.

LACERDA, W. **Solidariedade entre irmãos e relações intergeracionais na construção de percursos escolares de excelência.** Revista Educação em Perspectiva, 1(1), 82-102, 2010

LEITE, S.; FRANÇA, L. H. F. **A Importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos.** Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 831-853, 2016.

LIMA, C. R. **PROGAMAS INTERGERACIONAIS: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações.** Tese de mestrado em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas. P. 43, 2007.

LIMA, V. A. (1998). Sociedade da Informação, Comunicações e Democracia. **Revista São Paulo em Perspectiva. Comunicação e Informação.** São Paulo, v.12, n. 4.

LINDAMAN, K. L. (Ed.). **Direct democracy: the struggle for democratic responsiveness and representation.** New York: Idebate Press NY, 2011.

LOWENTHAL, D. **El pasado es un país extraño.** Madrid: Akal, [1985] 1998.

LUZ, M. C. **A Educação Musical na Terceira Idade: uma proposta metodológica de Sensibilização e Iniciação à Linguagem Musical.** Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2005, 111 páginas.

MACHADO, M. B. **Ideologia, socialização política e dominação**. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

MAGNANI, J. G. C. **Antropologia e Educação Física**. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Orgs.). Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-26

MANNHEIM, Karl. “**Das Problem der Generationen**”, in idem, *Wissenssoziologie* [introdução e organização: Kurt H. Wolff], Neuwied, Luchterhand, 1964, pp. 509-565.

MALDONADO, A. M.; OLIVA, A. V. H. **El proceso de construcción de La identidad colectiva**. *Convergencia Revista da Ciencias Sociales*. UAEM, nº. 53, mayo-agosto, 2010, pp. 229-251.

MANCUSO; M. I. R. **A cidade na memória de seus velhos**. Em: **A terceira Idade**. V.11, n.20, p.05-18, agosto, 2000.

Mannion, G. **Intergenerational education**: The significance of reciprocity and place. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(4), 386-399, 2012.

MATOS, M.I.S. História e Oralidade: a Música nos Territórios de Adoniram Barbosa. Em: **História e Oralidade**. São Paulo. Educ. 1981. P.259-275

MELUCCI, A. ‘The Process of Collective Identity’. Pp. 41–63 In: JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. **Social Movements and Culture**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

MENDES DOMINGUES, E., PRÓCHNO C. C. S. C. Corpo e Novas formas de subjetivades. In: **Psyshé**, Jul.-Dez.; Ano\Vol. VIII, Número 014. Universidade São Marcos. São Paulo, Brasil. p. 147-156.

MERCADANTE, E. F. **A construção da identidade e subjetividade do idoso**. São Paulo: PUC-SP / Mimeo, 1997.

MINAYO, A. M. S. R. de. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco. 1999.

MIRANDA, M. L. de J.; GODELI, M. R. S. **Avaliação de idosos sobre o papel e a influência da música na atividade física**. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, V16, n.01, jan/jun.2002. p.86-99.

MONTERO, M. Paradigmas, Corrientes y Tendências de la Psicología Social Finisecular. In: **Psicologia e Sociedade**, vol.8, nº1. Janeiro/Junho, 1996. p.102-119.

MOORE, J. H. **A MEASURE OF STRUCTURAL CHANGE IN OUTPUT**. The review of income and wealth, vol 24, issue 1, pp 105-118, 1978.

MORGAN, DL. Focus group as qualitative research. Sage university paper series in: **Qualitative research methods**. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5ª Ed. São Paulo: Vozes, 2003.

MOTTA, E. Homenagem: Reflexos da aposentadoria sobre a questão social do idoso. In: **A Terceira idade**. Ano X, n.13, p.61-70, abril, 1998.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NAFFAH, N., A. **A Escuta musical como paradigma possível para a escuta psicanalítica**. Percurso, São Paulo, N.33, p. 53-60, 2004.

NASCENTES, C. Memória, velhice e pesquisa. In: **A terceira idade**. v 15, n.29, p. 68-79, São Paulo, jan, 2004.

NETTLETON, S. Governando o perigoso self: como ter saúde, dinheiro e sabedoria. In: PETERSEN, A. BUNTIN, B. **Foucault health and medicine**. London: Routledge, 1997. p.175-209.

NOGUEIRA, C. **Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Gênero. Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social**. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho: 1997.

NOGUEIRA-MARTINS, M.C.F; BOGUS, C.M.; **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. Saúde e Sociedade, v.13, n.3, p.44-57, 2004

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Active aging: a policy framework**. Geneva: OMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

PANHOCA, I.; BONINI, L. M. M. **RESPONSIVIDADE E CONSCIÊNCIA POLÍTICA: posicionamento de universitários brasileiros diante de temas como pagamento de impostos e obtenção de melhorias: R. Pol. Públ., São Luís, v. 18, n. 1, p. 205-215, jan./jun. 2014.**

PALASSI, M. P. 2011. **Ações coletivas e consciência política no mundo do trabalho: dilemas subjetivos da participação nos processos de privatização**. Curitiba, Juruá, 308 p.

PALASSI, M. P.; MARTINS, G. F.; PAULA, A. P. P. **Consciência política e participação cidadã de estudantes de administração: um estudo exploratório em uma universidade pública no Brasil**. *REAd. Rev. eletrôn. adm. (Porto Alegre)* [online]. 2016, vol.22, n.3, pp.435-461. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-23112016000300435&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 11 dez 2018.

PASSY, F.; GIUGNI, M. **Social Networks and Individual Perceptions: Explaining differential Participation in Social Movements**. Sociological Forum, 2001.

PEIXOTO, C. A. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... p. 69-84. In: BARROS, M. M. L.(Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PEROSA, CT.; PEDRO, E.N.R.; **Perspectivas de jovens universitários da região norte de Rio Grande do Sul em relação à paternidade.** Rev. Esc. Enf. USP. v.43, n.2, p. 300-6, 2009.

POLLAK, M. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 15 nov 2018.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

Quintana, M. (1973). **Caderno H.** Rio de Janeiro: Ed. Globo.

REBOREDO, L. D. **Eu e Tu a Nós:** o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. Prefácio de Silvia T.M. Lane. Piracicaba: Ed. Unimep. 2ª ed. 1995.

RESSEL, L. B.; BECK, C. L. C.; GUALDA, D. M. R.; HOFFMANN, I. C.; SILVA, R. M.; SEHEM, G. D.; **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa.** Texto Contexto Enferm, v.17, n.4, p. 779-86, 2008.

RIBA-HERNANDEZ, E.; CHICARELI, S. Memória política: ressignificação da luta e resistência contra a violência de Estado na ditadura militar do Brasil. **Rev. psicol. polít.** vol.11 no.21 São Paulo jun. 2011. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000100013>. Acesso em 18 mai 2019.

ROSE, N. (1998). **Inventing Our Selves: Psychology, Power and Personhood.** Cambridge: Cambridge University Press.

SAES, D. A. M. **A questão da evolução da cidadania política no Brasil.** Estudos Avançados, 15, 42, 2001, p. 377-410.

SÁEZ, J. Hacia la educación intergeneracional: Concepto y posibilidades. In SÁEZ, J. (Coord.), **Pedagogía social y programas intergeneracionales: Educación de personas mayores** (pp. 99-112). Málaga: Aljibe. (2002).

SALGADO, M. A. Aposentadoria e ética social. In: **A Terceira idade**, Ano 2, n.2, p.4-8, outubro, 1989.

SANDOVAL, S. A. M. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: SPINK, Mary. J. (org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **The crisis of the Brazilian labor movement and the emergence of alternative forms of working-class contention in the 1990s.** *Revista de Psicologia Política*, São Paulo: v.1 nº.1, p. 173-195, jan/jul 2001.

_____. A Psicologia Política da crise do movimento sindical brasileiro dos anos 1990: uma análise da consciência política num momento de desmobilização. In: SILVA, A. S.; CORRÊA, F. (orgs.) **No interstício das disciplinaridades: a psicologia política.** Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 176-217

_____. **Os Trabalhadores Param – Greves e Mudança Social no Brasil: 1945-1990.** São Paulo: Ática, 1994.

_____. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. A. M.; SILVA, A. S. O modelo de análise da consciência política como contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In: HUR, D. U.; LACERDA JR., F. **Psicologia, políticas e movimentos sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. pp. 25-57.

SILVA, R. L. B. A influência da memória coletiva na história de um idoso. **Revista Kairós,** São Paulo, 7(2), pp.169-195, 2004.

SAWAIA, B. B. Psicologia e Desigualdade Social: Uma Reflexão Sobre Liberdade e Transformação Social. In: **Psicologia e Sociedade;** 21 (3): 364-372, 2009.

SILVA, A. C. S. **Consciência política e participação juvenil na região metropolitana de Curitiba.** 2008. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24366_11898.pdf. Acesso em 13 jan. 2019.

SILVA, A. S. A psicologia política: ser/estar no interstícios das disciplinaridades. In: SILVA, A. S.; CORRÊA, F. (orgs.) **No interstício das disciplinaridades: a psicologia política.** Curitiba: Editora Prismas, 2015. pp. 13-38.

_____. **Consciência e participação política: uma abordagem Psicopolítica.** Interações, vol. 6, n.º 12, Universidade São Marcos. São Paulo. Julho-dezembro, 2001, pp. 69-90. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35461204>. Acesso em 08 de novembro de 2016.

SILVA, T. T. **A política e a epistemologia do corpo normalizado.** Informativo técnico do INES, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1997.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte, Autêntica, p. 03- 128, 2000.

SIMSON, O. R. M. V. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento.** Revista Acadêmica, v. 1, n. 6, p. 14-18, 2003.

SCHULKIND, M. D. WOLDORF, G. M. **Emotional Organization Of Autobiographical Memory.** Memory & Cognition, Vol 33(6), 2005. 1025-1035.

SOUZA, J. Senso comum e justificação da desigualdade. In: SOUZA, J. (org.). **A ralé brasileira, quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009, pp. 41-48.

SOUZA, R. F. **George Herbert Mead: contribuições para a História da Psicologia Social.** Psicologia & Sociedade, Florianópolis, v. 23, n.º 2, Ago 2011, p. 369-378. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n2/a18v23n2.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2016.

SOUZA, L. V. S.; PALASSI, M. P.; LEITE DA SILVA, A. R. **Consciência política e participação no Orçamento Participativo em Cachoeiro de Itapemirim (ES, 2009-2012).** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 2, p. 161-172, mai/ago 2015.

SUZIGAN, G. Música e Política no Brasil (A Travessia Interrompida). In: **Bossa Nova: Música, Política e Educação no Brasil**. São Paulo: Clam – Zimbo Centro de Aprendizagem Musical e Edições Ltda. 2º Ed, p.9-15, 1989.

SWANNISAN, J. **Preserving Memories: Using Reminiscence Techniques**. Vol. 10, nº12. Nursing & Residential Care, 2008.

TAJFEL, H. Grupos **Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia Social**. Vol I: Livros Horizonte: 1982.

TEIGA, S. A. M. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E AS SOCIEDADES ENVELHECIDAS - **Envelhecer numa sociedade não Stop – O Território Multigeracional de Lisboa Oriental**. Tese de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico De Lisboa - Escola Superior De Educação De Lisboa, p. 10-33, 2012.

TOURAINÉ, A. **La raison d'être d'une sociologie de l'action**. *Revue Française de Sociologie*, 7/4, p. 518-527, 1966.

VAN STEKELENBERG, J. V.; KLANDERMANS, B.; DIJK, W. V. Context Matters: **Explaining How and Why Mobilization Context Influences Motivational Dynamics**. *Journal of Social Issues*, 2009.

_____. Fitting Demand and Supply: **How Identification Brings Appeals and Motives Together**. *Social Movements Studies*, v. 13, n. 2, pp. 179-203, 2014.

VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social. In: **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, pp. 11-28.

VILLAS-BOAS, S.; OLIVEIRA, A.; RAMOS, N.; MONTERO, I. **Elaboração de Programas Intergeracionais – O desenho do perfil comunitário**. *Elaboração de Programas Intergeracionais. O desenho do perfil comunitário*. *Educação, Sociedade & Culturas*, 44, 2015, p. 31-47.

WAZLAWICK, P. Significados e sentidos construídos nas histórias de relação com a música. In: **Anais – IV Fórum de pesquisa científica em arte**. Escola de música e belas artes do Paraná, 2006, p. 22-32.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Ediouro, Tradução e Adaptação LISPECTOR, C. 2006. Original, 1890.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG. _____, com este documento, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) do trabalho da disciplina Psicologia Social, sob a responsabilidade do pesquisador: Joel Fernando Borella, sob supervisão e orientação do Prof^o Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente que:

Participo de uma pesquisa para Doutorado no programa de Pós graduação em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), tel. (11)3670-8520, sendo esta pesquisa parte da aprovação da tese de Doutorado.

O objetivo principal desta pesquisa é realizar um estudo sobre memória e consciência política em diálogos intergeracionais, fomentando, além da aproximação, engendramento e pertencimento dos idosos, por meio da articulação e fala das suas memórias em outros espaços sociopolíticos, uma análise sobre a troca dos sujeitos em encontros intergeracionais e o processo de construção da consciência política e a memória política como ferramenta psicopolítica.

Permito que o pesquisador nos grupos focais, faça as gravações em vídeos para as posteriores transcrições e análises.

Comprometo-me a participar dos grupos focais de forma sincera e honesta, assim como, reservo-me no direito de omitir as informações que achar pertinente. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação nessa pesquisa.

Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos a partir da pesquisa serão usados apenas para os objetivos do trabalho, expostos a cima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo telefone (19) 98152-8566 ou e-mail borella72@yahoo.com.br

Atenciosamente;

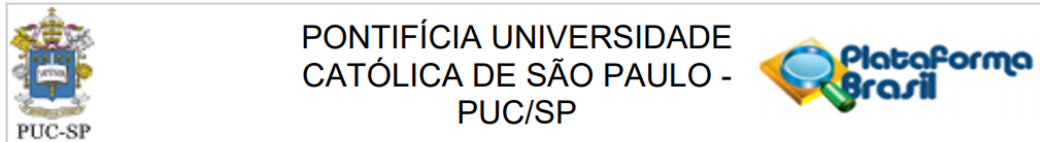
Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e a outra com o pesquisador responsável.

Leme, ____ de _____ 2018.

Voluntário(a)

Pesquisador: Me. Joel Fernando Borella
ANEXO II

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise da consciência Política de Jovens e Velhos em um encontro intergeracional de Grupo Focal

Pesquisador: Joel Fernando Borella

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 09045018.9.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Centro Universitário Anhanguera de Leme -Centro Universitário Anhanguera de Leme

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.330.716

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia: Psicologia Social (PEPG em PSO), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Joel Fernando Borella, sob a orientação do Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

A proposta informa resumidamente que "(...) A pesquisa tem a proposta de contribuir para a construção de análises da consciência política de jovens universitários em um encontro intergeracional. Como o encontro ou não com idosos que participaram de movimentos sociais no Brasil, fortalecem ou aumentam a eficácia da consciência política de jovens frente a política nacional. Além dessas questões, poderemos estudar os encontros das memórias como um campo político dentro da Psicologia para a formação da consciência política, bem como a o fortalecimento do papel do idoso nessa sociedade. Trabalharemos com 4 grupos focais, metodologia consolidada dentro da Psicologia Social. Em primeiro momento trataremos jovens que não tiveram acesso as memórias dos idosos para pensar a política nacional, em segundo momento, jovens que tiveram acesso com idosos que discutiram pelas memórias os movimentos sociais do Brasil e em último momento faremos um encontro entre os três grupos para discutir a memória como uma

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

possibilidade de aumento da eficácia da consciência política na política nacional. Faremos análises de conteúdo com os dados coletados, criando categorias de análises, e, posteriormente traremos elucidações para fortalecer o encontro intergeracional e promover um diálogo da consciência política como potência as mazelas políticas sociais que temos enfrentado no Brasil.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a consciência política dos jovens universitários no encontro intergeracional, fomentando, além da aproximação, engendramento e pertencimento dos idosos, por meio da articulação e fala das suas memórias, em outros espaços sociopolíticos, nesse caso, utilizando os grupos focais como ferramenta de pesquisa, a produção de diálogos que possam esclarecer e fomentar discursos mais conscientes e eficazes para ambas gerações presentes nos grupos focais frente a política nacional, bem como a possibilidade de desenvolvimento de outras formas de atuação do psicólogo na intergeracionalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são de fato baixíssimos.

Os benefícios são de valor científico e acadêmico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 3.330.716

5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 3.330.716

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1183197.pdf	30/01/2019 19:25:46		Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	30/01/2019 19:25:17	Joel Fernando Borella	Aceito
Outros	oficiodeapresentacaoanexoiii.docx	21/11/2018 21:59:31	Joel Fernando Borella	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo.doc	14/11/2018 20:41:40	Joel Fernando Borella	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	JBDOUTORADO.doc	14/11/2018 20:41:16	Joel Fernando Borella	Aceito
Folha de Rosto	JoelBorella_PlataformaBrasil.pdf	14/11/2018 16:47:17	Joel Fernando Borella	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 17 de Maio de 2019

Assinado por:

Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))